

Sol

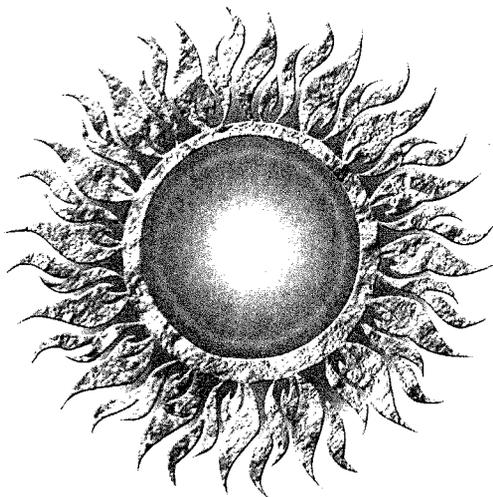
Vestida do

O LIVRO DAS ILUMINAÇÕES

Anna Kingsford



VESTIDA DE
SOL
O LIVRO DAS ILUMINAÇÕES
~



Sebo Tradição

Compra e Venda de
Livros Novos e Usados

☎ 61 99635-1896 ☎ 99691-0226

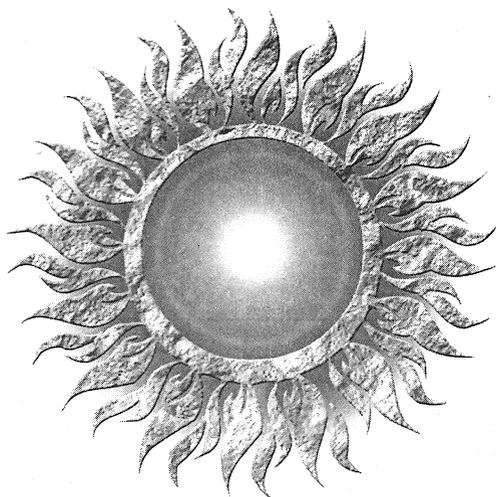
sebotradicao@gmail.com

Taguatinga Norte-DF

ANNA KINGSFORD

VESTIDA DE
SOL

O LIVRO DAS ILUMINAÇÕES



Tradução

Maria Antonietta Macedo



MADRAS

Traduzido originalmente do Inglês sob o título *Clothed With de Sun — Being the Book of the Illuminations*

© 2003, Madras Editora Ltda.

Editor:

Wagner Veneziani Costa

Produção e Capa:

Equipe Técnica Madras

Tradução:

Maria Antonietta Macedo

Revisão:

Ana Paula Luccisano

Wilson Ryoji

Miriam Rachel Ansarah Russo Terayama

ISBN: 85-7374-625-4

Os direitos de tradução desta obra pertencem à Madras Editora assim como a sua adaptação e coordenação. Fica, portanto, proibida a reprodução total ou parcial desta obra, de qualquer forma ou por qualquer meio eletrônico, mecânico, inclusive por meio de processos xerográficos, incluindo ainda o uso da internet, sem a permissão expressa da Madras Editora, na pessoa de seu editor (Lei nº 9.610, de 19.2.98).

Todos os direitos desta edição, em língua portuguesa, reservados pela



MADRAS EDITORA LTDA.

Rua Paulo Gonçalves, 88 — Santana

02403-020 — São Paulo — SP

Caixa Postal 12299 — CEP 02013-970 — SP

Tel.: (0_ _11) 6959.1127 — Fax: (0_ _11) 6959.3090

www.madras.com.br



Dedicatória

Aos inúmeros e universais ciclos de autênticos estudantes dos mistérios Divinos, que reconhecem ser Anna Kingsford vidente, intérprete e profeta, da mais rara lucidez e inspiração, proeminente arauto do alvorecer da nova era. E, em especial, ao Amigo cuja apreciação instantânea e entusiástica provou ser um inestimável apoio em uma situação de particular dificuldade e, sob cujo teto, algumas das iluminações aqui contidas foram recebidas, mas que deseja permanecer anônimo. E, também, ao “amigo, discípulo e herdeiro literário do renomado mago, o falecido Abbé Constant (Eliphaz Levi)” — chamado de Barão Giuseppe Spedalieri, pelos numerosos sinais de grande aprovação e devotada amizade —, este livro é afetuosamente dedicado.

“E vi outro anjo voando pelo meio do céu, e tinha um evangelho eterno para proclamar aos que habitam sobre a terra em cada nação, tribo, língua e povo, dizendo com poderosa voz: *Temei a Deus, e dai-lhe glória; porque é chegada a hora de seu juízo e adorai Aquele que fez o céu, a terra, o mar e as fontes das águas.*”

ÍNDICE

| | |
|---|----|
| Prefácio da Primeira Edição | 11 |
| LIVRO UM — Iluminações | 23 |
| Capítulo 1. Relativo aos Três Véus entre o Homem e Deus | 24 |
| Capítulo 2. Relativo à Inspiração e à Profetização | 27 |
| Parte 1 | 27 |
| Parte 2 | 29 |
| Capítulo 3. Relativo à Profecia da Imaculada Conceição | 31 |
| Capítulo 4. Relativo à Revelação | 33 |
| Capítulo 5. Relativo à Interpretação das Escrituras Místicas | 35 |
| Parte 1 | 35 |
| Parte 2 | 37 |
| Capítulo 6. Relativo à Cosmogonia Mosaica | 39 |
| Capítulo 7. Relativo à Queda | 41 |
| Capítulo 8. Relativo à Profecia do Dilúvio | 44 |
| Capítulo 9. Relativo à Profecia do Livro de Ester | 45 |
| Capítulo 10. Relativo à Profecia da Visão de Nabucodonosor | 47 |
| Capítulo 11. Relativo à Profecia do Final dos Tempos | 49 |
| Capítulo 12. Relativo à Alma: Sua Origem, Natureza e Potencialidades | 53 |
| Capítulo 13. Relativo à Perséfone ou ao Rebaixamento da Alma para a Matéria | 60 |
| Capítulo 14. Relativo ao Gênio ou Demônio | 62 |
| Parte 1 | 62 |
| Parte 2 | 65 |
| Capítulo 15. Relativo aos “Poderes do Ar” | 69 |
| Parte 1 | 69 |
| Parte 2 | 71 |
| Capítulo 16. Relativo ao Demônio e aos Demônios | 73 |
| Capítulo 17. Relativo aos Deuses | 74 |
| Capítulo 18. Relativo aos Mistérios Gregos | 75 |

| | |
|---|-----|
| Capítulo 19. Relativo à Origem do Mal e à Árvore como o Modelo da Criação | 79 |
| Parte 1 | 79 |
| Parte 2 | 80 |
| Capítulo 20. Relativo à Grande Pirâmide e às Iniciações ali Realizadas | 82 |
| Capítulo 21. Relativo ao “Homem do Poder” | 85 |
| Capítulo 22. Relativo ao “Trabalho do Poder” | 88 |
| Capítulo 23. Relativo à Regeneração | 91 |
| Capítulo 24. Relativo ao Homem Regenerado | 93 |
| Capítulo 25. Relativo ao Cristo e a Logos | 97 |
| Capítulo 26. Relativo ao Aperfeiçoamento do Cristo | 99 |
| Capítulo 27. Relativo ao Panteísmo Cristão | 101 |
| Capítulo 28. Relativo ao “Sangue de Cristo” | 102 |
| Capítulo 29. Relativo à Expição Vicária | 105 |
| Capítulo 30. Relativo a Paulo e aos Discípulos de Jesus | 109 |
| Capítulo 31. Relativo ao Maniqueísmo de Paulo | 112 |
| Capítulo 32. Relativo aos Evangelhos: suas Origens e Composição | 113 |
| Capítulo 33. Relativo ao Jesus Verdadeiro | 116 |
| Capítulo 34. Relativo às Vidas Anteriores de Jesus | 119 |
| Capítulo 35. Relativo à Sagrada Família | 121 |
| Capítulo 36. Relativo à Metempsicose ou Avatar | 123 |
| Capítulo 37. Relativo ao Éon de Cristo | 125 |
| Capítulo 38. Relativo à Doutrina da Graça | 127 |
| Capítulo 39. Relativo às “Quatro Atmosferas” | 128 |
| Capítulo 40. Relativo ao Futuro | 130 |
| Capítulo 41. Relativo ao Ego Verdadeiro | 134 |
| Capítulo 42. Relativo a Deus | 136 |
| Capítulo 43. Relativo à Psique, ou Alma Humana Superior | 139 |
| Capítulo 44. Relativo ao Poeta, como um Tipo de Personalidade Celeste | 143 |
| Capítulo 45. Relativo à Psique | 146 |
| Capítulo 46. Relativo à Consciência e à Memória em Relação à Personalidade | 148 |
| Capítulo 47. Relativo ao Ego Substancial como Sujeito Verdadeiro | 152 |
| Parte 1 | 152 |
| Parte 2 | 154 |
| Capítulo 48. Relativo aos Mistérios Cristãos | 156 |
| Parte 1 | 156 |
| Parte 2 | 157 |
| Capítulo 49. Relativo ao Morrer | 159 |
| Capítulo 50. Relativo a uma Vida: uma Recapitulação | 161 |
| LIVRO DOIS — O Livro dos Mistérios de Deus | 167 |
| Capítulo 1. O Credo | 168 |

| | |
|---|-----|
| Capítulo 2. A “Prece do Senhor” | 169 |
| Capítulo 3. Relativo à Sagrada Escritura | 170 |
| Capítulo 4. Relativo ao Pecado e à Morte | 171 |
| Capítulo 5. Relativo ao “Grande Trabalho”, à Redenção e à Parte que cabe a Jesus Cristo | 173 |
| Capítulo 6. Relativo ao Ser Original ou “Antes do Começo” .. | 177 |
| Capítulo 7. Alfa ou “No Começo” | 179 |
| Capítulo 8. Beta ou Adonai, o Manifestante | 180 |
| Capítulo 9. Gama ou o Mistério da Redenção | 181 |
| Capítulo 10. Delta ou o Mistério da Geração | 183 |
| Capítulo 11. Épsilon ou o Primeiro dos Deuses | 186 |
| Hino a Foibos | 186 |
| Capítulo 12. Zeta ou o Segundo dos Deuses | 188 |
| Parte 1 | 188 |
| Proêmio | 188 |
| Hino a Hermes | 189 |
| Parte 2 | 190 |
| Capítulo 13. Eta ou (Misticamente) o Terceiro dos Deuses | 193 |
| Parte 1 | 193 |
| Proêmio | 193 |
| Hino ao Planeta Deus | 193 |
| Parte 2 | 199 |
| Hino às Divindades Elementares | 199 |
| Capítulo 14. Teta ou (Misticamente) o Quarto dos Deuses | 203 |
| Parte 1 | 203 |
| O Hino de Afrodite | 203 |
| Parte 2 | 205 |
| Capítulo 15. Lâmbda ou o Último dos Deuses, sendo o Segredo de Satã 208 | |
| Capítulo 16. Os Sete Espíritos de Deus e suas Correspondências | 212 |
| Capítulo 17. Os Mistérios dos Reinos das Sete Esferas | 213 |
| LIVRO TRÊS — Relativo à Imagem Divina ou à Visão de Adonai .. | 214 |
| Relativo à Imagem Divina ou à Visão de Adonai | 215 |
| APÊNDICE | 222 |
| Notas A-Y | 222 |
| Nota A | 222 |
| Nota B | 223 |
| Nota C | 223 |
| Nota D | 225 |
| Nota E | 225 |
| Nota F | 225 |
| Nota G | 226 |
| Nota H | 227 |
| Nota I | 227 |
| Nota J | 227 |

| | |
|---|-----|
| Nota K | 227 |
| Nota L | 229 |
| Nota M | 230 |
| Nota N | 231 |
| Nota O | 231 |
| Nota P | 231 |
| Nota Q | 231 |
| Nota R | 232 |
| Nota S | 232 |
| Nota T | 232 |
| Nota U | 233 |
| Nota V | 235 |
| Nota W | 236 |
| Nota X | 236 |
| Nota Y | 237 |
| Definições e Explanções dos Termos e Frases nem Sempre Familiars ou Usados em Sentido Não-Familiar | 238 |

PREFÁCIO DA PRIMEIRA EDIÇÃO

No prefácio de *Dreams and Dream-Stories*, a Sra. Kingsford fala das “inestimáveis interiorizações e iluminações” obtidas por meio dos sonhos, as quais a esclareceram sobre as muitas dificuldades e enigmas da vida, e até mesmo da religião, jogando sobre elas a luz, penetrando as origens e causas. Foi, de longe, o maior número de interiorizações e iluminações, aqui relacionadas, recebido durante cerca de quatorze anos, nos quais tive o privilégio de colaborar com ela em seu trabalho, representado principalmente pelo nosso livro *The Perfect Way*; ou *The Finding of Christ*, que foi expressamente assegurado, primeiro, para que nossa associação naquele trabalho acontecesse e, segundo, por que nos unisse em sua realização. Muitas interiorizações e iluminações foram devidamente usadas, no todo ou em parte, em nosso livro — aquelas não tão usadas foram devidamente reservadas, ou por não estarem inseridas no contexto ou porque sua publicação, naquela hora, seria prematura. O presente volume compreende tanto as mais usadas — tais como as que utilizamos antes apenas uma parte e agora estão aqui completas — como também aquelas que foram guardadas — o motivo de sua reserva não mais era operativo — junto com outras, algumas das quais apareceram em outros lugares e outras ainda foram recebidas posteriormente. E a publicação é feita no cumprimento do duplo propósito de separar as Iluminações de Anna Kingsford de seus escritos normais e do meu como seu colaborador; e, de acordo com suas injunções expressas enfaticamente renovadas, de sua iminente partida. Entretanto, o presente volume não esgota o estoque dos tesouros similares deixados por ela, mas somente parte deles, em conformidade com a forma de publicação aqui adotada. Ainda restam diversas preleções e papéis ocasionais, na maioria das conversas com seu Gênio, pois, conforme mostrado neste livro, ela foi mais privilegiada, de longe, do que qualquer outra pessoa conhecida na história; conversas que, embora constituindo Iluminações, eram de caráter muito pessoal para serem incluídas nestas páginas, pois não só foram instruções para orientação nas ocasiões de dificuldade, mas também intimações — totalmente trazidas pela evidência — referentes às suas existências anteriores.

Nesse aspecto também Anna Kingsford foi a demonstração da grande doutrina da reabilitação, que foi uma parte importante de sua missão — a preexistência da alma ou ego; de sua persistência através de todas as mudanças de forma e condições, e de seu poder, quando ainda no corpo, de se recuperar e comunicar ao próprio eu exterior sobre as existências passadas. Contudo, pertencendo mais à categoria biográfica do que à exegética, todas as referências precisas a esse respeito estão fora destas páginas, tais como as alusões, somente tendo sido retiradas pelas necessidades do contexto. Embora as questões da derivação e significado do assunto aqui contido tenham sido tratados com considerável plenitude em *The Perfect Way* — em particular no prefácio da edição revisada e aumentada — alguns não são os mais adequados aqui; e isso não só para o bem dos leitores que não tenham tido contato anterior com aquele livro; mas, também, a retirada da personalidade em questão tornou possível falar de modo mais explícito sobre o que foi apropriado em sua existência.

Contudo, uma declaração bastante sucinta será suficiente, já que as questões a serem satisfeitas são apenas duas, e as respostas a elas serão endereçadas para tais pessoas somente à medida que forem devidamente desenvolvidas, com respeito à consciência das coisas espirituais, ou pelo menos ser capaz de considerar proposições envolvendo a realidade da região e das experiências relativas. Pois essa é uma restrição que torna óbvia a necessidade de argumentos e explanações, que não podem ser outras do que as prolongadas e concebidas em deferência daqueles que, sendo completamente destituídos da consciência espiritual, estão acostumados a fazer de seus defeitos de sensibilidade um argumento contra tal realidade e a fazer negações baseados na falta de experiência e tratar como efetivas as afirmações baseadas na experiência.

As duas questões a serem esclarecidas são:

1. a fonte e método de tais Iluminações; e
2. a natureza e importância da revelação nelas contidas, supondo-se que sejam, como confidencialmente relacionada por nós mesmos, uma nova e divina revelação.

E isso julgado ou pelo método de sua comunicação, ou por sua natureza intrínseca; pois o teste, não menos do que o testemunho, é duplo. Conforme referente ao primeiro juízo, estas revelações não são de forma alguma devidas à estimulação artificial da faculdade, seja através de drogas, ou “magnetismo animal”, “mesmerismo” ou “hipnotismo”, ou à indução de qualquer estado anormal mediante o ato do próprio recebedor ou de alguma outra pessoa; tudo foi feito, ou assim o poderia, visando ao benefício da promoção das condições interiores favoráveis para o seu recebimento. E essas condições consistem não na procura de experiências fenomenais — embora isso algumas vezes aconteça —, mas na intensa direção da vontade e do desejo rumo ao superior e com a resolução imutável de não se

satisfazer com nada menor do que o mais alto, ou seja, a idéia mais íntima e central do fato ou doutrina a serem interpretados; o motivo, também sendo o mais alto, ou seja, emancipação, satisfação e benção das almas, a nossa própria ou a dos outros. Como será visto neste livro, a maioria de suas iluminações foi recebida durante o sono natural, algumas em satisfação das dificuldades do próprio recebedor, outras em resposta imediata às minhas necessidades e solicitações mentais, das quais ela não tinha o menor conhecimento, superando, assim, sua própria habilidade ao fazê-lo. E não raramente as respostas superavam a habilidade de ambos de compreendê-las naquela exata hora — embora vindo, invariavelmente, pelo consciente — tendo sido somente quando progredimos em nossa percepção que elas nos desvendaram seu significado completo, assim provando sua independência de nossas próprias limitações. Todavia, elas nunca falharam, cedo ou tarde, em mostrarem-se, elas mesmas, para nós, como verdades necessárias e auto-evidentes, irrevogavelmente fundamentadas na própria natureza da existência; e nós nunca as aceitamos e as usamos até que demonstradas e aceitas por ambos. E é exatamente este o apelo feito em seu favor, e não a um livro, pessoa ou instituição — embora sagrado ou venerável — ou mesmo quanto ao seu modo de comunicação que foi verdadeiramente miraculoso, já que o termo milagre é fácil de ser entendido. Porque, citando o prefácio de *The Perfect Way* (primeira edição), sustentamos que é “contrário à natureza da verdade prevalecer através da força da autoridade, ou por qualquer outra forma além da compreensão; sendo verdade, por mais transcendente que seja, tem sua testemunha na mente e nenhum outro testemunho pode servir... O que é indispensável é que o apelo seja feito à mente toda e não somente a algum departamento dela.” Agora, a mente, como a conhecemos, seria um todo compreendendo dois tipos de mente, o intelecto e a intuição, sendo ambos bem treinados e desenvolvidos.

Havendo tais derivação e caráter, essas iluminações são o produto, simples e meramente, do processo que tem sido sempre reconhecido por aqueles versados nas coisas Divinas, como aquele pelo qual a comunicação Divina ocorre — a saber, a operação espontânea do Espírito em uma alma devidamente luminosa e sensível. Por meio de tal operação, o ponto perceptivo da mente é aspirado e elevado a uma esfera, transcendendo tanto o físico como o astral ou magnético a uma totalmente superior — por ser interna — àquelas acessíveis ao mero lúcido, sensitivo ou clarividente; é nela que está a esfera mais elevada de muitas naturezas humanas, o celestial ou “reino interior”. Atingindo tal grau de interiorização, a alma é “vestida do sol” da inteligência completa, recuperando todas as lembranças e discernindo todos os princípios e significados, de acordo com a sua capacidade desenvolvida através das experiências adquiridas nas muitas vidas terrenas e nos intervalos entre elas, sendo também capaz de comunicá-las à sua personalidade superficial. Além disso, a condição é que seja um que mantenha comunicação direta com os “espíritos do recente perfeito” e ser

qualificado para tornar-se o porta-voz da Igreja invisível e triunfante. Tantas e tais foram as experiências recebidas pela Sra. Kingsford que, mesmo após as conjecturas haverem se exaurido no esforço de enquadrar uma hipótese satisfatória com relação a elas, a certeza de sua extensão veio do seu próprio anjo-gênio, afirmando ser o método dessa revelação totalmente interior, e que seu “cliente” era uma “alma de vasta experiência, conhecedora de todas as suas coisas, não necessitando que nada fosse dito; que era divinamente capaz de recuperar nesta encarnação a lembrança de todas as anteriormente vividas, expressamente para dar ao mundo o benefício da verdade sagrada e íntima, da qual ela era a depositária”. Apesar de a declaração — extraordinária e de antecipação remota como era — ter sido considerada difícil de acreditar, foi prontamente reconhecida, contendo a única solução que reconcilia todas as dificuldades e explica todos os fatos.

Até então, deve ser acrescentado, das experiências ocorridas na primeira instância a pessoas predispostas a aceitá-las, que ambos éramos, no princípio, céticos quanto às suas possibilidades, ou quanto a haver qualquer base de realidade para qualquer fenômeno espiritual. Não que fôssemos materialistas. Em nenhum de nós a percepção nunca esteve em baixa tão grande. Éramos mais idealistas, porém, do que aqueles que ainda tinham de aprender que o ideal é o real, e que o mundo ideal é espiritual e pessoal. As experiências vieram — conforme já dito no decorrer da questão — não como fenômeno, mas como verdade; e só foi possível porque o véu da matéria interposto entre o mundo dos sentidos e o da realidade já havia sido, por intermédio da procura, interior da fervorosa força, e pela adoção do modo de vida, que, pelos entendidos em ciência espiritual, era tida como essencial às percepções mais elevadas, porque para nós tanto é rara e tênue como rapidamente penetrante. Além disso, o período foi anterior àquele do impulso recente dado a tais estudos por meio da importação do Oriente sobre conhecimento semelhante. E, do começo ao fim, nosso trabalho foi conduzido com total independência das fontes e influências estranhas; tal recurso foi dado por livros ou pessoas, em benefício de paralelos, correspondências e confirmações referentes às nossas próprias experiências e resultados.

A procura de tais paralelos e confirmações nos registros do remoto passado mostrou-se satisfatória a tal ponto que superou de longe tudo que havíamos aventurado antecipar. Pois, sobre e acima do reconhecimento de nossos métodos, fatos e doutrinas de toda parte, que mereçam o maior respeito, descobrimos claras e positivas anunciações, tanto bíblicas como extrabíblicas, de tanta iluminação a acontecer na hora exata de sua ocorrência para nós. E, possuindo os exatos aspectos pelos quais nos foram caracterizados — o próprio evento sendo diversamente descrito constituindo uma nova iluminação, o retorno dos deuses, o reino de Miguel, a quebra dos selos e a abertura do Livro, o Segundo Advento, o “número” (ou período) da “Besta”, e o fim do Mundo —, cada um deles implicando

a queda do sistema materialista do mundo, tanto na filosofia como na religião, pela demonstração da falsidade das hipóteses materialistas. O período abrangido foi de 1878 a 1882, exatamente a época em que recebemos a parte principal de nossa doutrina e de sua primeira publicação, *The Perfect Way* — constituído de preleções entregues em 1881 — tendo sido publicado no inverno de 1881-1882. De forma que, tanto julgado pelas datas como pelas condições mundiais, nada faltava para o cumprimento das predições. E só tomamos conhecimento desses fatos após o evento.

Chegamos à segunda parte — a natureza e a importância do que havia, então, sido recebido. Isso se tornou evidente para nós, desde o começo — e cada ascensão de experiência, percepção e conhecimento serviu tão-somente para confirmar a intimação de que o evento constituía nada menos do que uma reentrega da fonte; e pelo método ao qual era devidamente original, sob o nome de Hermética ou Gnose Cabalística, era constituída pelos sagrados mistérios, reforçando e controlando a expressão de todas as sagradas religiões e Escritura da antiguidade, formando de imediato um sistema perfeito de pensamento e regra de vida. Esse sistema era fundamentado na verdadeira natureza da existência, como uniformemente discernida sob a iluminação Divina pelas almas avançadas de todos os tempos e lugares, sobre o qual se verá que não se aplica a reivindicação de ser uma nova revelação, nem implica ser um novo evangelho, mas, apenas, um evangelho de interpretação, de restauração e de reconciliação. Pois a posição mantida é de que o Cristianismo falhou, não por ser falso, mas porque foi falsificado; seus guardiões oficiais, depois de habituados com suas ordens, “esconderam a chave do conhecimento (Gnose), e não apenas eles não o penetraram, como também o esconderam daqueles que o poderiam penetrar”.

As seguintes anotações, nos pontos-chave desta denúncia da Igreja visível em benefício da Igreja invisível, servirão para facilitar a compreensão deste livro.

Cristandade — corretamente definida como uma síntese simbólica das verdades fundamentais contidas em todas as religiões — desde cedo caiu nas mãos erradas. Bem como seu Fundador, foi crucificada entre dois ladrões, que não eram outros tipos senão seus cruciferários. Eles eram, por um lado, a superstição, a distorção da percepção espiritual, e, por outro, o materialismo, a privação dessa percepção. Eles são as “duas bestas” da Escritura mística, e vêm, respectivamente, do “mar” e da “terra” para assolar as esperanças da humanidade. Ambos são apenas um, sob o nome de Clericanismo, não sendo nada mais do que modos variados de sua manifestação. Foi o Clericanismo que crucificou tanto o Cristo quanto Sua doutrina, com suas duas mãos: superstição e materialismo. Pois, atuando como superstição, o Clericanismo transformou-o em mistério e entregou um evangelho, não simplesmente ininteligível como irracional, mas que também era, em sua essência, absolutamente simples, óbvio e razoável. Esta é a doutrina de que a vida verdadeira e a substância da Humanidade não são

nem materiais nem criadas, mas espirituais e Divinas; e que é possível para o homem, cooperando com o espírito dentro dele e subordinando sua natureza mais baixa à superior, erguer-se completamente e ser reconstituído — ou seja, regenerado — em sua natureza superior, tornando-se, assim, Divino, tendo em si próprio o poder da vida eterna. E quando isso é efetivado — a saber, na purificação — é o único segredo do Cristo. Assim, aquele em que esse processo é completamente realizado, *tem e é* o Cristo e alcança o topo da evolução humana, o ponto de junção entre a Humanidade e a Divindade. Dessa forma, demonstrando aos homens em sua própria pessoa suas divinas potencialidades e o conseqüente modo de realização, e por sua amorosa autodevoção em benefícios deles abrandando e ganhando seus corações, para que o sigam em seus passos, ele se torna seu “Salvador”. E por isso é dito que ele os salva por intermédio do sangue, porque “sangue é vida”; e que o sangue vivo de Cristo é um espírito absolutamente puro — o Deus interior do homem — e, pela obtenção desse espírito puro, o homem é redimido. E que Cristo sofreu e morreu pelos outros é porque por meio da simpatia abundante, Ele sofre a morte por e com eles — não ao invés deles. “Pelo” não significa “ao invés de” — pois seria privá-los de seus modos de redenção, já que apenas pelo próprio sofrimento alguém pode redimir-se e tornar-se perfeito.

O Clericanismo, essa doutrina tão racional e óbvia, que satisfaz tanto a cabeça como o coração, age como Superstição, relegou mudando todo o edifício do Cristianismo de sua própria razão de ser, que é inteligente e consistente — baseado no Panteísmo, ou na doutrina de que Deus está em todos e é todos — por aquele de um impossível Maniqueísmo — ou a doutrina dos dois eternos, auto-subsistente opondo os princípios de bem e mal —, uma doutrina que, tornando o mal uma coisa positiva, assim o coloca no mesmo patamar de Deus. De imediato, destrona Deus e eterniza o mal. Isso destitui Deus de Sua suprema qualidade de justiça, representando-O e aceitando o sofrimento físico como equivalente de culpa moral e o castigo do inocente ao invés do culpado. Enquanto troca Cristo de sua categoria de ser humano mais elevado para a de super-homem, rouba todas as Suas potencialidades Divinas em favor da divindade exclusiva de um, efetivamente neutralizando, dessa forma, o significado e o valor de Sua missão, cujo propósito explícito era expressamente mostrar aos seus irmãos não o que poderia ser adquirido por algum grande personagem sobrenatural, com o qual não teriam nada em comum, mas, o que eles próprios tinham dentro de si para se manifestar no devido tempo, simplesmente jogando limpo com o que tinham de melhor, ou seja, o ideal de perfeição se descortinaria para eles por meio da própria intuição. Pois o cumprimento de uma intuição é a realização do ideal; e a realização do ideal é a “Descoberta do Cristo”.

Agindo como Materialismo, prefere a letra ao espírito, o símbolo à verdade, a forma à substância. O Clericanismo ignora e suprime o real, porque o místico e o espiritual, trazidos do Cristianismo por meio da exal-

tação idólatra, como os agentes da salvação, de suas pessoas, eventos, formas e outras coisas físicas, ao invés de suas realidades espirituais, os princípios, processos e estados implicados por eles e dos quais eram representantes simbólicos. A verdade óbvia é que a religião — como algo relacionado não aos sentidos, mas à alma, apelando assim somente à alma, deve se constituir de coisas análogas a ela, naquelas da mesma natureza dela, não materiais ou físicas — foi completamente posta de lado. Todas as propriedades lógicas sendo violadas, conforme acabado de demonstrar, posicionando derramamento de sangue e sofrimento como recompensa pela culpa moral, e esses também a outro que não o culpado — ao invés do arrependimento e correção, ministério para os quais foram ordenados. Enquanto cada expressão das Escrituras, reconhecidamente mística ou parabólica, foi enfocada em sentido literal, ao contrário, desfizeram as repetidas injunções nas Escrituras. Aquele que era realmente um “evangelho eterno”, pela virtude de ser fundamentado na natureza imutável das coisas, eternamente demonstrável à mente e verificável pelas experiências interiores, tornou-se dependente dos perecíveis registros dos eventos físicos, eles próprios excepcionais e confiáveis — qualquer que seja o testemunho — e foram, cedo ou tarde, questionados.

Depois o Cristianismo foi mutilado, tolhido e distorcido pela exclusão do reconhecimento e da adoração devidos àqueles Princípios Divinos ou modos de Deidade, variavelmente designados como deuses ou Espíritos de Deus, pela imediata operação na alma, por intermédio da qual a regeneração e o aperfeiçoamento do homem são construídos. O caos espiritual é transformado em cosmos, e o Cristo torna-se Cristo. Além disso, o próprio processo de regeneração, embora enfaticamente declarado por Jesus como sendo a única condição para a Salvação — um processo inteiramente espiritual e interior do indivíduo —, tornou-se, no fundo, inteiramente ignorado ou relegado, em favor da expiação pelo substitutivo derramamento físico de sangue, por meio da perda do conhecimento do significado de regeneração e expiação, e a conseqüente falha em reconhecer aqueles termos designando o mesmo processo, como dito, inteiramente espiritual e interior do indivíduo.

Além disso, como apresentado pelo Clericanismo, ou — adotando-se o termo moderno equivalente, mais apropriado para o restante destas ressalvas — *Eclesiasticismo*, o Cristianismo não é mais do que um amontoado de proposições arbitrárias e ininteligíveis, não tendo relação perceptível com as necessidades, aspirações ou percepções, tanto da mente como da alma; entretanto, de acordo com o apresentado no Evangelho recuperado, o Cristianismo é inteligível e irrefutável, constituindo um sistema perfeito de pensamentos e regras de vida, satisfazendo assim as exigências da mente mais aguçada, os anseios dos corações mais ternos e as aspirações da alma mais ardente. Essas são características que nem os mais intrépidos campeões do *Eclesiasticismo* ousam reivindicar à apresentação ortodoxa; ao contrário, eles declaram abertamente como um problema insolúvel pela

razão, devendo ser aceito pela autoridade da Igreja ou da Bíblia, mesmo à custa do suicídio intelectual. Recentemente, um deles — um dignatário da Igreja Anglicana — falando, aparentemente, não apenas à sua congregação, mas também a toda a humanidade, disse: “Preocupamo-nos, em vão, no esforço de moldar essas verdades dentro de um sistema. Não temos a capacidade para tal especulação. É o bastante para nós satisfazermo-nos com a linguagem dos Apóstolos”.¹ Esta é a sincera admissão dos guardiões oficiais da fé, de acordo com o Eclesiasticismo e na admissão é algo difícil de se determinar se é sua candura ou sua coragem o mais pernicioso. Sua candura devido à sua completa indiferença com as conseqüências de suas ordens, que dificilmente fracassam em seguir a confissão de que não entendem seus próprios ensinamentos; e sua coragem devido ao seu palpável menosprezo às injunções enfáticas que a Escritura expressamente desaprova, tais como “repousando em sua linguagem”, “afirmando que a palavra mata” — e de fato matou a própria faculdade de percepção das coisas espirituais em tudo que “nela repousa” — energicamente repudiando a noção de incompreensibilidade de suas doutrinas, como quando pede ao homem para “provar todas as coisas” e prestar um “serviço razoável”. E insiste na necessidade de “ouvidos que ouvem e olhos que vêem”, ou seja, de um “espírito que entenda” as coisas divinas, como base indispensável à fé que salva. Mas disso veio que, após haver tornado a doutrina da Escritura inteligível por insistir e contra as injunções expressas da Escritura e, no sentido literal das palavras da Escritura, o Eclesiasticismo agora reclama que, devido às limitações da faculdade humana, não há outra alternativa além de acreditar na palavra da Escritura! Obviamente não é o Eclesiasticismo que tem o direito de ressentir-se contra o advento de uma interpretação que, restaurando o espírito da palavra da Escritura, restituirá a doutrina e reabilitará o crédito dela.

Entretanto, seja qual for a atitude do Eclesiasticismo frente à nova — melhor dizendo, recuperada — interpretação, o mundo afora está extremamente incerto. O mundo, é verdade, seguiu a Igreja em sua queda para a materialidade no que diz respeito às coisas espirituais — uma queda que, por iniciativa da Igreja, o mundo não sofreu. Porém, há numerosos e indisputáveis sinais para provar que o coração do mundo está, entretanto, no sentido certo e que, conseqüentemente — como o filho pródigo da parábola, tendo uma vez descascado a pele do simples materialismo — seja religioso ou científico —, aprendeu a não tolerá-lo, já se virando para o seu próprio *eu*, por ser o melhor, e tendo de volta pensamentos ansiosos. E assim o é para aqueles que, em razão de seu “lavrado com a novilha” de sua consciência espiritual, são capazes de “expor o enigma”² da era, a época não é outra senão “Otniel” — o bom tempo de Deus; o mundo é “Calebe”

1. Westcoot Canone em “The Atonement” (*Historic Faith* — pág. 133).

2. Juízes 14, 12-18.

— cujo coração estava certo; “Quiriate-Sefer” — a cidade da carta — já havia se rendido; e “Acса” — o rasgar do véu (que esconde o Espírito) — está para se tornar a noiva do vencedor, trazendo para ele, como dote, “as fontes superiores e as inferiores” daqueles resultados abençoados da alma, mente, coração e vida que sempre fluem do completo entendimento das coisas Divinas³, do qual se deduz que, a menos que o Eclesiasticismo também aceite a nova interpretação, que é também a velha e, como uma viva cobertura, participe do crescimento dessa nova vestimenta, irá ser descartado como sendo obsoleto; enquanto a nova humanidade — para a qual serviu de matriz — constituir-se em uma nova e mais verdadeira Igreja, ela nunca falhará ou cairá, visto que terá como base não as areias incoerentes da autoridade ou palavra, mas a indestrutível rocha do espírito e da compreensão.

Os principais meios propostos neste livro, em incremento de seus fins, podem ser resumidos como segue:

1. O restabelecimento da compreensão como base da fé.
2. A restituição ao seu verdadeiro lugar, como objeto de veneração do significado da coisa — isto é, do espírito, substância, verdade ou realidade — ao invés de seu símbolo ou aparência; desse modo, com a abolição da idolatria — tanto na religião como na ciência, sendo o objeto uma pessoa, um livro ou uma instituição, ou a própria forma, letra, rito ou assunto — a conclusão é que somente Deus deve ser venerado.
3. A restauração da doutrina da dualidade da unidade Divina, ou do Ser Original; e assim o reconhecimento da divindade essencial de ambos os constituintes de sua existência, sua vida ou força e sua substância terá como resultado a remoção do assunto de sua posição errada, como uma entidade independente e auto-subsistente, para o de sua devida classe como um modelo do Ser Divino, em que representa o Espírito, pelo poder da Divina Vontade projetada dentro de condições e limitações, externamente identificável. A restituição dessa doutrina envolve a deposição do materialismo, e não menos do Maniqueísmo ateu tão largamente em moda, em favor do Panteísmo verdadeiro, o qual, referindo-se a Deus como Ser dos seres, não se refere a todo ser como *condição* de Deus.
4. A restauração da doutrina verdadeira da criação e redenção por meio da evolução, (a) restabelecendo a doutrina da permanência do ego verdadeiro do indivíduo, bem como sua persistência por meio de mudança das externas forma e condição, assim postulando o sujeito da Evolução como uma entidade competente para reter as impressões de

3. Josué 15, 13-19.

suas experiências, dessa forma progredindo; e (b) expondo o mesmo método, tanto da criação como da redenção, sendo a única diferença o “médium” — ou “veículo” — e a direção, visto que, o primeiro ocorre por uma operação de centrifugação do assunto, e, a última, por meio de uma operação centrípeta na substância (ou espírito) — um processo que constitui evolução espiralada. Ambos os processos ocorrem em um mesmo indivíduo. Isso consiste na reconciliação da ciência e da religião, uma vez que como redenção é assim o complemento lógico da criação e o resultado da evolução, pelo qual o processo ocorre — que é misticamente chamado de regeneração. O processo consiste na reconstituição do indivíduo através e com os elementos superiores de seu próprio sistema, a Alma e o Espírito, e — ao invés de renunciar à experiência — é completado por meio das experiências adquiridas na multiplicidade de vidas terrenas, cujo número é determinado pelas exigências dos casos em particular, sendo seus propósitos ter condição de requisitar oportunidades para o “sofrimento” — que é a experiência *sentida* — somente pelo qual a perfeição e, assim, a salvação, são adquiridas. A restauração da doutrina da multiplicidade de vidas terrenas envolve, como seu corolário, aquela da doutrina do destino adquirido, chamada pelos hindus de “Karma”⁴.

5. A interpretação do Cristianismo e da religião em geral, de maneira a expor a identidade das necessidades e percepções da alma em todas as épocas, bem como a identidade da doutrina teológica da salvação por intermédio de “expições substitutivas” com a mística, mas não menos científica, doutrina da redenção por meio da regeneração, como definida no item anterior.
6. A solução dos problemas de inspiração, profecia e milagres, a demonstração prática do, assim chamado, sobrenatural como natural ao homem, a ele referido, não ao super-homem, mas ao humano superior.
7. A abertura das *origens* cristãs, referentes tanto à pessoa de Jesus como à composição do Evangelho.
8. O aumento de fé e prática cristãs mediante a restituição dos deuses aos seus devidos lugares, no reconhecimento e veneração do homem; e a combinação dos ideais gregos e dos budistas com os cristãos, dessa forma restaurando, para o homem, o senso de beleza, alegria e esperança, que vêm com o reconhecimento da vivida Divindade universal (que é grega); e fornecendo um sistema perfeito e regras referentes às coisas físicas, espirituais e morais (que é budista), como base para a espiritualidade superior, por ser mais interior (que é cristã).

Mergulhando nas iluminações deste livro para compreender as antecipações mais ardentes do “novo nascimento do Cristianismo Esotérico,

4. Ver Apêndice “Definições e Explicações”.

ou religião nova e superior, na qual filosofia, religião e poesia devem ser fundidas em uma só unidade”⁵, e para a satisfação das mais elevadas necessidades e aspirações do homem, seus deploráveis recipientes, Anna Kingsford deve, cedo ou tarde, ser reconhecida, por todos os juízes competentes, como tendo feito — à Ciência, Filosofia, Moralidade, Religião e Literatura em geral, especialmente para aqueles de nosso próprio país e língua — uma contribuição única e insuperável, e em alguns aspectos de momento supremo, inigualável e nunca antes abordada.

No arranjo dos conteúdos deste volume, o método seguido foi subordinar o cronológico ao lógico, regulando a seqüência de acordo com a dependência mútua dos assuntos tratados. É nesse sentido que é dada precedência àquelas iluminações que podem melhor servir às credenciais da autora, referentes à sua missão. O segundo lugar é destinado àquelas que, em virtude de serem derivadas da Escritura e de uma precisão profética semelhante a um evento na história espiritual mundial que ocorre nesta época, serve — ao menos pelo crente — para aliviar a idéia de uma nova revelação de qualquer improbabilidade *a priori*. As outras partes — com exceção da II, organizada de acordo com as instruções expressas — seguem uma ordem racional, que será óbvia para o leitor inteligente. E todas elas estão como originalmente escritas, tanto pela própria recebedora, como por mim, agindo como escrevente, função que — como seu único associado na missão espiritual à qual fomos encarregados — exerci sozinho. É ainda preciso acrescentar que, por havermos tratado esta missão como sagrada e a mais elevada que poderia ser transmitida aos mortais, nenhum sofrimento foi poupado, nem para observar as suas condições necessárias, nem para assegurar a precisão absoluta em nossa relação com “as coisas vistas e ouvidas” em seu prosseguimento. Pelas anotações e explicações — que estão de acordo com o ensinamento recebido —, eu sozinho sou o responsável, isto é, restringindo o termo *sozinho* à sua aceitação comum.

Relativo ao hiato no “Hinos aos Deuses”, na parte II, a Sra. Kingsford escreveu em seu diário, em 23 de agosto de 1887 (décimo primeiro mês de sua última doença e o sétimo antes de seu fim): “Gostaria de saber se vou ou não me recuperar. Parece, a julgar pelos sintomas físicos, que não vou durar muito, mas então estranhas coisas aconteceram no que diz respeito às profetizas! Estou certa de que a profecia não está completa e que muito trabalho ainda precisa ser feito por mim e por ninguém mais e, dessa forma, só posso pensar que os deuses me restabelecerão a tempo...”

Por que os deuses não me dão os três hinos que ainda faltam em suas séries? Tenho os hinos de Foibos, Hermes, Afrodite, Dionísio e Saturno. Ainda quero os hinos de Aries, Zeus e Artemis. Se esses hinos não forem dados a mim, não serão para mais ninguém...

5. Schelling.

Tenho desejado ser uma das pioneiras do novo despertar do mundo. Pensei haver ajudado na derrubada dos altares idólatras e na purificação do templo, e agora devo morrer justamente no dia em que a batalha começa e o som das rodas das bigas é ouvido. Será, porventura, tudo prematuro?

Será que pensamos que o tempo estaria mais perto do que realmente está? Será que preciso ir dormir, e depois voltar antes que soe a hora?"⁶

Falta somente acrescentar à Parte II e ao Apêndice que as referências às minhas próprias experiências são admitidas com grande relutância, a despeito de cada esforço para despojar o livro não do caráter biográfico, mas muito mais do caráter autobiográfico. Foi somente ao descobrir que a omissão de tais referências poderia agir prejudicialmente, mutilando e enfraquecendo o registro — deixando parecer que eu ignorava meu próprio conhecimento para testemunhar a possibilidade de tais experiências —, que consenti em renunciar ao meu plano, dando forte preferência ao assunto.

Edward Maitland

6. Cito este último parágrafo para mostrar quão pequeno parecia para ela o trabalho que realizara em comparação ao que havia ficado, o qual ela sentia ainda ter de realizar, se somente o tempo e a força permitissem; também para mostrar a intensidade de sua realização e da sua importância, assim como sua convicção da verdade da doutrina das múltiplas existências. E. M.

LIVRO UM



ILUMINAÇÕES

Capítulo 1



RELATIVO AOS TRÊS VÉUS ENTRE O HOMEM E DEUS⁷

Um cálice dourado, como aqueles usados nos rituais católicos, mas com três auréolas, foi dado a mim, em meu sonho, por um anjo. Essas três auréolas, disse-me ele, significam os três graus dos céus — pureza de vida, pureza de coração e pureza de doutrina. Imediatamente após, apareceu para mim um templo com uma grande abóbada, de estilo muçulmano, e, em sua soleira, um grande anjo vestido em linho branco que, com um ar de comando, estava direcionando uma facção de homens empenhados em destruir e jogar na rua inúmeros crucifixos, bíblias, livros de oração, utensílios de altar e outros emblemas sagrados. Conforme observava, bastante escandalizada com o aparente sacrilégio, uma voz, nas alturas, bradou com assustadora distinção: “Todos os ídolos Ele destruirá completamente!”. Então, a mesma voz, parecendo vir ainda mais do alto, bradou para mim: “Venha mais perto e veja!”. Imediatamente pareceu que eu era levantada pelos cabelos e elevada acima da terra. De repente surgiu no meio-ar a aparição de um homem de magnífico aspecto, em um traje antigo, cercado por uma multidão de adoradores prostrados. A princípio, a aparição desta figura foi estranha para mim; mas, enquanto olhava intencionalmente para ela, houve uma mudança no rosto e no traje, e pensei reconhecer Buda — o messias da Índia. Mas, mal havia eu me convencido, quando uma grande voz, como mil vozes em unísono, bradou aos adoradores:

“Fiquem eretos em seus pés: — Adorem somente a Deus!”. E mais uma vez a figura mudou, como se uma nuvem passasse por ele, parecendo agora assumir a forma de Jesus. Outra vez vi os adoradores de joelhos, e mais uma vez a poderosa voz bradou: “Levantem! Adorem somente a Deus”. O som dessa voz era como um trovão, e notei que tinha sete ecos. Sete

7. Londres, março de 1881. Citado em *Life of Anna Kingsford* — vol. III, págs. 81 e 82.

vezes a voz reverberou, ascendendo a cada emissão, como subindo de esfera para esfera. Então, de repente, senti-me baixada do ar, como se a mão que me sustentava fosse retirada: tocando o chão novamente, fiquei dentro do templo, aquele que havia visto na primeira metade da minha visão. No final da parte leste, havia um grande altar, do qual, de cima e de trás, vinha uma linda e tímida luz branca, cuja radiação era presa e obscurecida por uma cortina escura, suspensa da abóbada antes do altar. E o corpo do templo, que, se não fora pela cortina estaria completamente iluminado, estava mergulhado na escuridão, quebrada apenas pelo esporádico brilho de umas poucas lamparinas meio cheias, aqui e ali, penduradas na vasta cúpula. Do lado direito do altar estava parado aquele mesmo anjo alto que eu havia visto antes no limiar do templo, segurando em sua mão um incensório fumegante. Então, vendo que ele olhava fixamente para mim, disse a ele: “Diga-me, que cortina é essa na frente da luz e por que o templo está tão escuro?” Ele respondeu: “Este véu não é um, mas três, e são o sangue, a idolatria e a maldição de Eva. E a você é dado retirá-los; seja crente e corajosa, é chegada a hora”. Agora, a primeira cortina era vermelha e muito pesada; e com muito esforço retirei-a e disse: “Retirei o véu do sangue da frente de Sua Face. Brilhe, ó Senhor meu Deus!”. Mas, uma voz por trás das dobras das duas cobertas restantes respondeu-me: “Não posso brilhar, por causa dos ídolos”. E, então, diante de mim, uma cortina com muitas cores balançou com todos os tipos de imagens, crucifixos, madonas, o Novo e o Velho Testamento, livros de oração e outros símbolos religiosos, alguns estranhos e horríveis como os ídolos da China e do Japão, outros bonitos como aqueles dos gregos e dos cristãos.

A cortina pesava como chumbo, pois era repleta de bordados de ouro e prata. Mas, com ambas as mãos, arranquei-a e bradei: “Retirei os ídolos de Sua Face. Brilhe, ó Senhor meu Deus!”. A luz era agora mais clara e brilhante. Mas, diante de mim ainda pendia um terceiro véu, todo preto; sobre ele estava traçado o contorno da figura de quatro lírios em um único talo invertido, seus copos abrindo de cabeça para baixo. Atrás do véu a voz me respondeu novamente: “Não posso brilhar, por causa da maldição de Eva”. Então juntei todas as minhas forças e arranquei a cortina, bradando: “Retirei a maldição de Ti. Brilhe, ó Senhor meu Deus!”. E, não mais havia um véu, mas uma paisagem, mais gloriosa e perfeita do que as palavras podem descrever, um jardim de absoluta beleza, cheio de palmeiras, oliveiras e figueiras, rios de águas límpidas e relvados de suave verde; ao longe, bosques e florestas cercados pelas montanhas coroadas de neve e, no cimo de seus brilhantes picos, o Sol nascente, cuja luz era a que eu havia visto detrás dos véus. Acima do Sol, no meio-ar, estavam suspensas formas brancas nevoentas de grandes anjos, como bóias de nuvens matinais sobre o ponto da aurora. Embaixo, sob um gigantesco cedro, estava um elefante branco, carregando em seu palanquim dourado uma linda mulher, vestida como uma rainha e usando uma coroa. Mas, enquanto eu olhava

extasiada e desejando olhar para sempre, o jardim, o altar e o templo foram afastados de mim, indo para o Céu. Então, no momento em que olhava para cima, a voz voltou, a princípio nas alturas, depois vindo na direção da terra, enquanto eu ouvia. E veja, diante de mim apareceu o branco pináculo de um minarete, ao redor e abaixo dele tudo era dourado e vermelho, como a glória do sol nascente. Percebi que a voz agora era de um solitário almuadem em pé no minarete com as mãos erguidas e clamando:

“Tire o Sangue do meio de vocês!
Destrua todos seus ídolos!
Restaure sua Rainha!”

Logo em seguida a voz, como a de uma infinita multidão, vinda de todos os lados — uma voz como o vento subindo das cavernas debaixo das montanhas para as infinitas alturas das estrelas — respondeu:

“Adorai somente a Deus!”

Capítulo 2



RELATIVO À INSPIRAÇÃO E À PROFETIZAÇÃO

PARTE I

Ouvi, na noite passada, em meu sonho, uma voz falando comigo e dizendo:

1. Você perguntou sobre o método e a natureza da Inspiração, e sobre os modos pelos quais Deus revela a verdade.
2. Saiba que não há esclarecimento de fora: o segredo das coisas é revelado ao interior.
3. De fora não vem nenhuma Revelação Divina; mas o espírito de dentro é a testemunha.
4. Não pense que lhe direi o que não quero que saiba; pois, a menos que você saiba, não pode ser dado a você.
5. Aquele que o tem é dado, e ele o tem em abundância.
6. Ninguém é profeta, salvo aquele que sabe; o instrutor do povo é um homem de muitas vidas.
7. Conhecimento nato e percepção das coisas, estas são as fontes da revelação; a alma do homem o instrui, já tendo aprendido pela experiência.
8. Intuição é experiência nata; aquilo que a alma aprendeu dos velhos anteriores anos.
9. E Iluminação é a Luz da sabedoria, pela qual o homem percebe os segredos celestiais.
10. Essa Luz é o espírito de Deus dentro do homem, mostrando-lhe as coisas de Deus.
11. Não pense que lhe digo algo que ainda não saiba; tudo vem de dentro: o espírito que informa é o espírito de Deus no profeta.

12. O que, então, é o médium?, você pergunta; e como devem ser referidas as declarações de alguém falando em transe?
13. Deus não fala por ninguém do modo como você supõe; pois o espírito do profeta vê Deus com os olhos abertos. Se ele cai em transe, seus olhos estão abertos e o seu ser interior sabe o que é falado através dele.
14. Mas, quando um homem fala sobre aquilo que nada sabe, está possuído: um espírito impuro, ou um que está amarrado, entrou nele.
15. Existem muitos deles, mas suas palavras são de alguém que nada sabe: esses não são profetas, nem inspirados.
16. Deus não possui homem algum; Deus é revelado; e todo aquele a quem Deus é revelado fala aquilo que sabe.
17. Jesus Cristo entende Deus; ele sabe aquilo do que deu testemunho.
18. Mas aqueles que, sendo médiuns, quando em transe, falam daquilo de que não têm conhecimento e daquilo que seus próprios espíritos não são informados, são possuídos por um espírito de adivinhação, um espírito estranho, não o deles próprios.
19. Deles tenha cuidado, pois contam muitas mentiras e são enganadores, trabalhando geralmente por motivo de ganho ou prazer; são um pesar e uma tentação para os crentes.
20. A Inspiração pode de fato ser mediúnic, mas é consciente; e o conhecimento do profeta o instrui.
21. Embora em êxtase, ele não profere nada que não saiba.
22. Tu que és um profeta⁸ tiveste muitas vidas; sim, tu ensinaste muitas nações e estiveste à frente das coisas.
23. E Deus te instruiu nos anos que são passados; e nos tempos anteriores da Terra.
24. Por meio da prece, da firmeza, da meditação, da procura pelo sofrimento, adquiriste teu conhecimento.
25. Não há conhecimento senão pelo trabalho; não há intuição senão pela experiência.
26. Tenho te visto nas colinas do Leste; segui teus passos no deserto. Tenho te visto adorando o amanhecer; marquei tuas noites velando nas cavernas das montanha.
27. Tu conseguiste com paciência, ó Profeta! Deus revelou de dentro a verdade a ti.

8. Essa expressão pode ser referida como “uma apóstrofe para o profeta em geral” (*Life of Anna Kingsford* — vol. I, pág. 333).

PARTE 2

Uma Profecia do Reino da Alma, misticamente chamada de *O Dia da Mulher*.

1. Agora lhe mostro um mistério e uma coisa nova, que é parte do mistério do quarto dia da criação.
2. A palavra que poderá salvar o mundo deverá ser expressa por uma mulher.
3. Uma mulher conceberá e trará as novas da salvação.
4. Pois o reino de Adão está em suas últimas horas e Deus coroará todas as coisas com a criação de Eva.
5. Até agora o homem esteve só e tinha o domínio da Terra.
6. Mas, quando a mulher for criada, Deus lhe dará o reino e ela será a primeira da fila e a mais alta em dignidade.
7. Sim, a última será a primeira e o mais velho servirá o mais novo.
8. De forma que a mulher não mais lamentará sua condição; mas o homem, ao contrário, dirá: “Ah, se tivéssemos nascido mulher!”
9. Pois o forte será destronado e o humilde será exaltado em seu lugar.
10. Os dias do pacto da manifestação estão acabando: começa a interpretação do evangelho.
11. Nada novo será contado, mas, o que é antigo deverá ser interpretado.
12. Assim, o manifestante deverá deixar seu lugar e a mulher intérprete deverá dar a luz ao mundo.
13. Dela é o quarto ofício: ela revelará o que Deus manifestou.
14. Dela é a luz dos céus e o mais brilhante dos planetas dentre os sete sagrados.
15. Ela é a quarta dimensão; os olhos que iluminam; o poder que conduz a Deus.
16. E começa o seu reino; o dia da exaltação da mulher.
17. E seu reino será maior do que o do homem, pois Adão será tirado de seu lugar e ela dominará para sempre.
18. E ela, que é só, levará mais crianças para Deus do que aquela que tem marido.
19. Não deverá mais haver crítica contra a mulher, mas, sim, contra os homens.
20. Pois a mulher é a coroa do homem e a manifestação última da humanidade.

21. Ela estará mais perto do trono de Deus quando ela for revelada.
22. Mas a criação da mulher ainda não está completa; isso acontecerá no tempo certo.
23. Todas as coisas são tuas, ó Mãe de Deus: todas as coisas são tuas, ó tu que surgiste do mar; e terás o domínio sobre todos os mundos.

Capítulo 3



RELATIVO À PROFECIA DA IMACULADA CONCEIÇÃO

Estou parado na praia. A Lua acima é cheia. Uma suave e cálida brisa, como aquele vento de verão, sopra em meu rosto. O cheiro é sal com a brisa do mar. Ó, mar! Ó, lua! De vocês receberei o que procuro! Vocês me contarão a estória da Imaculada Conceição de Maria, da qual são símbolos!

Alegoria e estupendo significado, com os quais a Igreja de Deus há tanto tempo está familiarizada, mas que nunca penetrou seu entendimento, como o fogo sagrado que envolveu o arbusto sagrado, deixando-o, contudo, firme e resistente.

Contudo, houve alguém que compreendeu e interpretou corretamente a parábola da Imaculada Conceição; e ele a encontrou por NOSSO intermédio, pela luz de seu próprio intenso amor, pois ele era o discípulo do amor e seu nome permanece João, o Bem-amado, o Vidente do Apocalipse. Pois ele, na visão da mulher vestida do sol, estabeleceu o verdadeiro significado da Imaculada Conceição. Pois a Imaculada Conceição não é outra senão a profecia dos meios pelos quais o Universo será, enfim, redimido. Maria — o mar de espaço ilimitado — Virgem Maria, nascida imaculada e sem manchas, do ventre das eras, trará na plenitude dos tempos o homem perfeito, o qual redimirá a raça. Ele não será um só homem, mas dez mil vezes dez mil, o Filho do Homem, que extrapolará os limites da matéria e do mal, que é o resultado do materialismo do espírito. Sua Mãe é espírito, seu Pai é espírito e, no entanto, ele é encarnado; então, como poderá vencer o mal e restaurar a matéria à condição de espírito? Pela força do amor. É o amor o poder centrípeto do Universo; é por meio deste que a criação retorna ao seio de Deus. A força que projeta todas as coisas é a vontade, o poder centrípeto do Universo. A vontade sozinha não consegue vencer o mal resultante das limitações da matéria; mas ele será vencido no final pela simpatia, que é o reconhecimento de Deus nos outros — o reconhecimento da própria onipotência. Isso é amor. E é com a criança do espírito, os criados do ar, que o dragão da matéria guerreia.

Agora, se o mundo é ou não forte o suficiente para suportar isso, não sabemos. Não é a primeira vez que revelamos essas coisas ao homem. Uma heresia antiga, amaldiçoada pela Igreja, surgiu de uma inspiração verdadeira; pois os alunos são mais fracos do que o mestre e não possuem seu discernimento espiritual. Falo dos gnósticos. Para o Mestre dos gnósticos, revelamos a verdade da Imaculada Conceição. Contamos a ele que Emanuel deveria ser Deus — Homem que, transcendendo as limitações da matéria, necessitaria apagar o mal do materialismo por meio da força do amor, que deveria ver, ouvir, falar e sentir como se fosse puro espírito e que tivesse vencido as barreiras da matéria. Isso, então, ele ensinou; mas aqueles que ouviram seu ensinamento, aplicando suas palavras somente a Jesus individual, afirmaram que Jesus não teve corpo material, mas que era uma emanção da natureza espiritual; um ente que, sem substância ou ser verdadeiro na carne, nasceu como uma parte fantástica no mundo dos homens.

Cuidado para que desse modo vós não sejais desencaminhados. É muito difícil para o homem ser espiritual. E é, da mesma forma difícil, declararmo-nos sem mistérios. A Igreja não conhece a origem de seus dogmas. Maravilhamo-nos, também, com a cegueira dos corações, a qual, de fato, ouve, mas não tem olhos para ver. Falamos em vão — vós não discernis as coisas espirituais. Sois tão materialistas que vêem somente o material. O Espírito vem e vai; ouvis o som de sua voz; mas não sabeis dizer de onde ela vem ou começa. Tudo que é real é espiritual. Nenhum dogma da Igreja é verdadeiro se tiver um significado físico. Pois toda a matéria, e o que dela vem, deve cessar, mas a Palavra do Senhor deverá ficar para sempre. E como ela ficará exceto se for puramente espiritual, já que, se cessasse a matéria, ela não seria mais compreensível? Digo-lhe mais uma vez sobre a verdade: nenhum dogma é real se não for espiritual. Se for verdadeira, e ainda parecer a você ter um significado material, saiba que não a resolveu. É um mistério, procure sua interpretação. Aquela que for verdadeira será somente para o espírito.

Capítulo 4



RELATIVO À REVELAÇÃO⁹

Todas as iluminações verdadeiras e dignas são *revelações*, ou reveladas. Guarde o significado desta palavra. Não pode haver iluminação verdadeira ou digna que destrua as distâncias e exponha os detalhes das coisas. Olhe para a paisagem. Observe suas montanhas e florestas cobertas pela bruma suave e delicada, que meio oculta e meio desvenda suas formas e coloridos. Veja como a bruma, assim como um gentil véu, envolve as distâncias e funde a extensão da terra com as nuvens do céu!

Como é bonito, quão ordenada e saudável sua adequação e a delicadeza de seu apelo aos olhos e corações! E como seria falso aquele sentido que desejaria romper este aderente véu para trazer objetos distantes para perto, e para reduzir tudo a um primeiro plano, no qual os detalhes seriam bastante aparentes e todos os contornos claramente definidos!

Distância e bruma fazem a beleza da Natureza, e nenhum poeta gostaria de observá-la de outro modo que não fosse por meio desse adorável e modesto véu.

E na medida do esotérico, uma natureza esotérica. Os segredos de cada alma humana são sagrados e conhecidos apenas por ela. O ego é inviolável e sua personalidade é de seu próprio domínio, para sempre.

Desse modo, regras matemáticas e fórmulas algébricas não podem ser inseridas no estudo das vidas humanas; nem podem as personalidades humanas ser tratadas como se fossem meras cifras ou quantidades aritméticas.

A alma é também muito sutil, muito instintiva com a vida e deseja ser tratada como tal.

Pode-se dissecar um corpo; pode-se analisar e classificar constituintes químicos; mas é impossível dissecar ou analisar qualquer coisa viva.

O momento é tão efêmero que escapa. A vida não está sujeita à dissecação.

9. Lar, 27 de novembro de 1885. Recebido durante o sono. Citado em *Life of Anna Kingsford* — vol. II, pág. 246.

A abertura da relíquia sempre a encontrará vazia: o Deus se foi.

Uma alma pode conhecer seu próprio passado e ver sua própria luz; mas ninguém pode ver pelo outro, se este não a vê.

No interior está a beleza e a santidade da personalidade.

O ego é aut centrado e não difuso, porque a tendência de toda a evolução é em direção à centralização e ao individualismo.

E a vida é tão variada e lindamente diversa em suas unidades que nenhum severo e rápido legislador pode improvisar sua multiplicidade.

Tudo é ordem; mas os elementos dessa ordem harmonizam-se por meio de suas diversidades e gradações infinitas.

Os mistérios verdadeiros permanecem sempre em conjunto com a harmonia da natureza: eles procuram nunca arrastar as distâncias dos primeiros planos, nem dissipar a nebulosa da montanha, em cujo seio o Sol está refletido.

Pois estas sagradas brumas são a *mídia* da luz e glorificam a natureza.

Assim, a doutrina dos mistérios é realmente *revelação* — um velamento ou revelamento daquilo que não é possível para o olho observar sem violar toda a ordem e santidades da natureza.

Porque a distância e os raios visuais, provocando a diversidade de longe ou perto, a perspectiva e os coloridos fundidos do horizonte e do primeiro plano, são parte da ordem e seqüência naturais: e a lei expressa em suas propriedades não pode ser violada. Pois, nunca, nenhuma lei foi quebrada.

As cores e os aspectos da distância e da bruma podem variar e dissolver-se de acordo com a qualidade e quantidade de luz que recai sobre eles; mas eles estão lá ao longe e nenhum olho humano pode anulá-los ou aniquilá-los.

Até mesmo as palavras e as pinturas são símbolos e véus. A própria verdade é indizível, salva por Deus, para Deus.

Capítulo 5



RELATIVO À INTERPRETAÇÃO DAS ESCRITURAS MÍSTICAS

PARTE I¹⁰

Se são, portanto, Livros Místicos, deve haver também uma Consideração Mística. Todavia, a falha de muitos escritores repousa nisto: que eles não fazem distinção entre os Livros de Moisés, o Profeta, daqueles livros que são de Natureza histórica. Isso é o mais surpreendente, porque não poucos desses críticos conseguiram distinguir corretamente o caráter esotérico, na realidade, não é verdadeira a interpretação da estória do Éden, embora eles não tenham recorrido ao restante da alegoria no mesmo método, no qual eles acham que o começo se encaixa; mas, tão logo eles chegam à estrofe do poema, eles terão o restante dele sendo de outra natureza.

“Está, portanto, muito bem estabelecido e aceito pela maioria dos autores, que a Lenda de Adão e Eva, assim como a da Árvore Miraculosa e

10. Paris, 6 de junho de 1878. Lida nas primeiras horas da manhã, em sonho, em uma livraria no mundo espiritual, supostamente a de Emmanuel Swedenborg, estando ele próprio presente, e escritas ao acordar. Como averiguamos em seguida, ela representa a doutrina do famoso vidente, porém sem suas limitações. Como a maior parte dos escritos, assim observada pelos videntes, era em texto grego e com ortografia arcaica, e também, como diversos outros, foi dado em imediata resposta a uma solicitação mental de luz, a respeito dos assuntos tratados, feita por mim sem o conhecimento dela a respeito de meu pedido ou minha necessidade, ou havendo sido ela mesma capaz de satisfazer o pedido. Na procura de saber mais a respeito dessa experiência — também de fontes transcendentais —, recebemos em resposta que “uma parte de Swedenborg ainda estava nesta esfera, pela qual ele podia comunicar-se com aqueles com quem tinha afinidade”; e que, sob seu magnetismo, os videntes tiveram condição — conforme declarado no prefácio — de recuperar essas lembranças. Os mais importantes dos originais estão mantidos, mas a ortografia foi modernizada. E. M.

da Fruta, que foi a causa da morte, é como a estória de Eros e psique e tantas outras de todas as religiões, uma parábola com significado escondido, isto é, um significado místico. Mas assim também é a lenda que se segue relativa aos filhos desses místicos pais, a estória de Caim e Abel, seu Irmão, a estória do dilúvio, da Arca, do salvamento das Bestas puras e impuras, do Arco-íris, dos doze filhos de Jacó e, não parando aí, de toda a relação do Êxodo do Egito. Portanto, não se deve supor que os dois sacrifícios, oferecidos a Deus pelos filhos de Adão, eram sacrifícios reais, não mais do que deve se supor que a maçã que causou o destino da humanidade era uma maçã de verdade. De fato, deve ser sabido, para o entendimento correto dos Livros Místicos, que em seu sentido esotérico eles tratam não com as coisas materiais, mas com as realidades espirituais; e que, assim como Adão não é um homem, nem Eva uma mulher, nem a árvore uma planta em seus verdadeiros significados, assim também não o são as Bestas chamadas, nos mesmos livros, de Bestas verdadeiras. Mas a intenção mística deles está implícita. Portanto, quando está escrito que Abel pegou os primogênitos de seu rebanho para oferecê-los ao Senhor, significa que ele ofereceu aquilo que implica um cordeiro, que é o mais sagrado e elevado das oferendas espirituais. Nem é tampouco o próprio Abel uma pessoa real, mas um tipo e apresentação espiritual da raça dos profetas, da qual também Moisés foi membro, juntamente com os patriarcas. Eram, então, profetas, videntes de sangue? Deus não permite; eles não lidam com coisas materiais, mas com significados espirituais. Seus cordeiros sem manchas, seus pombos brancos, suas cabras, seus carneiros e outras sagradas criaturas, são muitos sinais e símbolos das diversas graças e oferendas que um povo místico deve oferecer ao Céu. Sem tais sacrifícios, não há remissão do pecado. Mas, quando o sentido místico foi perdido, seguido pela carnificina, os profetas deixaram a Terra, e os padres deitaram a regra sobre o povo. Então, quando outra vez a voz dos profetas foi erguida, eles ficaram constrangidos de falar francamente e declararam, em uma língua estranha aos seus métodos, que os sacrifícios de Deus não são a carne dos touros ou o sangue das cabras, mas os votos sagrados e as sagradas ações de graça, seus parceiros místicos. Assim como Deus é um espírito, assim também são Seus sacrifícios espirituais. Quanta loucura, quanta ignorância oferecer carne e bebida materiais ao Poder puro e Ser essencial! Certamente, foi em vão que os profetas falaram, e em vão o Cristo manifestou-se!

“Por que você acha que Adão é espírito e Eva é matéria, uma vez que os Livros Místicos lidam apenas com as entidades espirituais? Nem o próprio Tentador é matéria, mas é aquele que dá preferência à matéria. Pelo contrário, Adão é mais uma força intelectual: ele é da Terra. Eva é a consciência moral, ela é a mãe dos vivos. Intelecto, então, é o princípio masculino, e a intuição, o princípio feminino. E os filhos da intuição, ela própria caída, finalmente recuperarão a verdade e redimirão todas as coisas. Por culpa dela, de fato, está a consciência moral da humanidade sujeita à força

intelectual, abundando dessa forma todos os modos de maldade e confusão, já que o desejo dela está no intelecto e ele até agora governou sobre ela. Mas, o fim profetizado pelo Vidente não está longe. Então a mulher será exaltada, vestida do Sol e levada ao trono de Deus. E seus filhos farão guerra contra o Dragão, e a vitória recairá sobre eles. Intuição, desse modo, pura e virgem, será a mãe e a redentora de seus filhos caídos, aos quais ela abriu caminho com a submissão ao seu marido, a força intelectual.”

PARTE 2

Portanto, Moisés, conhecendo os mistérios da religião dos egípcios e tendo aprendido com seus ocultistas o valor e significado de todos os Pássaros e Bestas sagrados, entregou-os como mistérios para o seu próprio povo. Mas alguns dos animais sagrados do Egito ele não manteve na honra, pelo motivo de serem igualmente de Origem Mística. E ele ensinou ao seu Espírito Iniciado os celestiais hieróglifos e os anunciou quando fizeram o festival diante de Deus, para carregá-los em procissão, com música e dança, como se fossem animais sagrados, por suas significações interiores, relacionadas com a ocasião.

Agora, dessas Bestas, ele especialmente selecionou os Machos de um Ano, sem mancha ou defeito, para significar que é necessário, acima de todas as coisas, que o homem dedique ao Senhor seu intelecto e sua razão, desde o princípio e sem reserva alguma. E que ele foi muito sábio ao ensinar isso, é evidente, através da História do Mundo em todas as épocas, principalmente nestes últimos dias. O que levou os homens a renunciar às realidades do espírito e a propagar falsas teorias e ciências corruptas, negando todas as coisas, salvo a aparência que pode ser compreendida pelos sentidos externos, tornando-os um só com o pó do chão? É o seu intelecto que, estando insatisfeito, os levou fora do caminho certo; é a força da mente deles que, sendo corrupta, é a causa de sua própria ruína e da de seus discípulos. Assim, o intelecto está apto a ser o grande traidor do Céu, assim como é a força pela qual os homens, seguindo sua intuição pura, podem compreender a verdade. Por tal razão está escrito que os Cristos são dependentes de suas mães. De nenhum modo o intelecto deve ser desonrado; pois ele é o herdeiro de todas as coisas, se somente ele for verdadeiramente procriado e não houver nenhum bastardo.

“E, além de todos esses símbolos, Moisés ensinou seu povo a ter, acima de todas as coisas, aversão à idolatria. O que é, então, idolatria e o que são falsos deuses?

Fazer um ídolo é materializar mistérios espirituais. Assim, os padres são idólatras, os quais, vindos depois de Moisés e comprometendo-se a escrever aquelas coisas que ele, pela palavra de boca, entregou a Israel, substituíram o significado verdadeiro das coisas pelos símbolos materiais, e derramaram sangue inocente nos altares puros do Senhor.

Eles também são idólatras que compreendem as coisas do sentido, nas quais apenas as coisas do espírito estão implicadas, e que escondem as verdadeiras feições dos deuses por meio de apresentações materiais e falsas. Idolatria é materialismo, o comum e original pecado dos homens, que substitui o espírito pela aparência, a substância pela ilusão e conduz o Ser, tanto moral como intelectual, ao erro, de forma que substituem o inferior pelo superior e a profundidade pela altura. É o falso fruto que atrai os sentidos externos, a tentação da serpente do começo do mundo. Até comer seu fruto, o homem e a mulher místicos sabiam apenas as coisas do espírito, e achavam suficiente. Mas, após sua queda, começaram a compreender a matéria também e a ela deram preferência, tornando-se idólatras. Seu pecado e a mácula, produzidos pelo falso fruto, corromperam o sangue de toda a raça de homens, e de tal corrupção os filhos de Deus seriam redimidos.”

Capítulo 6



RELATIVO À COSMOGONIA MOSAICA¹¹

Os capítulos de abertura do Gênesis apresentam, em algumas de suas aplicações, uma referência aos Mistérios. Os que seguem são alguns de seus muitos significados.

No primeiro capítulo (e começo do segundo), é narrada a criação da natureza humana em suas divisões, intelecto e intuição, corpo e alma, homem e mulher, cada criação ocorrendo a partir do desenvolvimento ou evolução das formas inferiores, por meio das sucessivas encarnações do indivíduo.

No segundo capítulo (começando no versículo 4), é descrita a humanidade (ou Adão), macho e fêmea, em um estado de mero intelectualismo ou razão externa, e anterior ao advento da revelação ou percepção religiosa. Aqui a alegoria refere-se à raça e ao indivíduo semelhante e trata o homem como sentido e alma, padre e profeta, mundo e igreja.

A Árvore da Vida é a Vontade Central ou vida Divina, o Deus, isto é, tanto o Universo como o indivíduo. E a árvore do conhecimento é a experiência que vem do pecado, ou uma degradação da região do espírito para a da matéria. Assim é Maia, ou ilusão; e a serpente, ou a tentadora, é o impulso pelo condescendente, a qual a realidade interna do Ser é abandonada pela aparência externa, e a idolatria é comprometida pela preferência do símbolo à verdade, da forma da substância. A frase “revestimento da pele” implica uma degradação mais profunda em direção ao materialismo e a conseqüente necessidade de múltiplas penitências e transmigrações.

A Árvore da Vida significa também o segredo da regeneração, ou transmutação final dentro do espírito puro, e a conseqüente realização da vida eterna, que somente poderá vir quando todos os processos necessários tiverem sido realizados, e a alma que é Eva, uma vez mais pura e livre, quando ela se tornar “Maria”.

11. Bolonha, agosto de 1880. Recebido em sonho.

Nos Mistérios do segundo capítulo, Adão significa também o comum homem terreno, destituído de percepção ou consciência espiritual e, portanto, totalmente incapaz de compreender os mistérios. E Eva significa o vidente e o profeta que, sendo iluminado na alma e de espírito ensinado, tem nele o conhecimento das coisas sagradas, mas que não deve, de modo algum, divulgar aquele conhecimento para o mundo exterior da humanidade em geral. Nascendo no coração da humanidade, quando seu sentido exterior, razão e paixão estão adormecidos, ou em místico transe, Eva é a profetiza ou “mãe”, encarregada da árvore sagrada, mas que não fala sobre isso. Contudo, tendo sido tentada pela esperança de recompensa sensual, ela cedeu à tentação da serpente — ou impulso astral — e comunicou os Mistérios aos comuns, perdendo assim a sua supremacia sobre os homens e, por ser amante e governante, tornou-se escrava, enquanto os profetas, seus descendentes, são perseguidos e mortos, de forma que todas as revelações dela e os ministérios adequados são realizados na dor, tristeza e trabalho. Pois esta é a característica do vulgar, referir-se somente ao que não lhe é familiar e misterioso.

Os Quatro Rios, nascidos de uma só nascente, são os quatro elementos que entram na composição semelhante do todo, da parte, do Universo, do planeta, do indivíduo e da única célula (fisiológica). Juntos, eles constituem o ser quádruplo. Pison, que circunda e cerca a terra, ou zona mineral, e que contém os materiais da riqueza e fama, é o corpo, ou região material. Gihon, o rio que corre sobre as terras ardentes, designa o Vale de Gehenna ou região purgatória, e é o “corpo ardente”, o cinto magnético entre o corpo e a alma. Hiddekel, o rio com o duplo símbolo das Duas Línguas, é o que leva de volta ao tempo e ao local antigo da “inocência” da alma. Pois, sendo o representante da alma, ele ocupa o local da alma entre a parte material e a espiritual. O último é chamado o Eufrates, e implica o mais profundo e elevado, o espírito ou vontade. Esses quatro “rios” vão fundo e constituem o Universo todo e tudo o mais que tiver natureza quádrupla. Uma parte de cada um é necessária para constituir uma molécula, ou monadário da substância da criação, seja de planeta, homem ou célula, pois uma célula é o modelo do cosmos.

Agora o significado de Rios do Éden é quádruplo, denominando, em primeiro lugar, as quatro gerações da evolução, individual e coletivamente; em segundo lugar, os quatro estágios da iniciação e perfeccionismo da alma; em terceiro, as quatro interpretações da Escritura; e em quarto, as quatro esferas elementares da natureza, nas quais a alma tem a sua geração e educação.

Capítulo 7



RELATIVO À QUEDA¹²

A amiga, na casa de quem eu estava, havia me pedido que obtivesse para ela, se possível, enquanto eu lá estivesse, uma instrução precisa e prática sobre este assunto; vi-me cercado, em meus sonhos, por um grupo de espíritos, os quais conversaram sobre isso, evidentemente para meu benefício. Começaram por dizer que todos os enganos cometidos a respeito da Bíblia surgiram nos Livros Místicos, por se referirem a tempos, lugares, pessoas e coisas materiais, ao invés de serem referidos como contendo somente verdades eternas sobre as coisas espirituais. Os capítulos de abertura dos Livros Sagrados, disseram eles, mostram o significado e o objeto da religião, e o método de salvação. São epítomes da Bíblia toda, um tipo de argumento prefixado para o drama Divino da história espiritual do homem.

A chave para sua interpretação é encontrada na palavra *Agora*. Não há passado na Mente Divina, não há futuro na Economia Divina, pois ambos são uma só coisa proibida, sob pena de morte. Essa coisa é a desobediência à Vontade Divina. Morte é o resultado natural e inevitável para a rebelião contra a Vontade Central, que é a Árvore da Vida. Morte ocorre no corpo quando a vontade central do sistema não mais une em harmonia os elementos componentes do corpo.

E a morte aparece na alma quando ela não mais deseja a união com a Vontade Divina, motivo pelo qual desobediência e rebelião são a morte. Mas desejar ardentemente aquilo que Deus quer e entregar-se até mesmo à morte para cumprir a Sua vontade, isto é vida. Pois “aquele que encontrar sua vida irá perdê-la”, o que significa que quem procura a si próprio, em oposição à vontade d’Ele, perecerá. “E aquele que perder sua vida, irá encontrá-la”, o que significa que aquele que se der à morte para cumprir a vontade d’Ele terá — não, já tem — vida eterna.

Agora, a injunção posta em toda alma humana é não desobedecer à Vontade Divina, pois no dia em que a alma propositadamente se opuser a

12. Paris, 29 de julho de 1880. Citado em *Life of Anna Kingsford* — vol. I, pág. 369.

Deus com certeza morrerá. Isso significa que a morte natural ou a dissolução do corpo, em tais casos, acarreta a dissolução e a dispersão da alma. Pois o Sopro Divino, ou espírito, é a vida central da alma humana, ou do homem verdadeiro; e se os elementos da personalidade não mais estiverem unidos em obediência ao Fogo Divino, eles se dissolverão e se dispersarão no vazio, assim morrendo o indivíduo. “Morrendo, tu irás morrer.” O rebelde Adão não tinha vida eterna. Morte do corpo, para ele, é morte na alma. A alma é essência mais pura e boa do que a simples matéria do corpo. Mas, quando ela é rebelde e seus elementos não mais estão unidos ao seu fogo central, eles continuam, após a morte do corpo, a desunir e desintegrar, até que, por muito tempo, o Espírito Santo seja afastado, a alma se dissolva no vazio e não mais exista. Isso é morte eterna. Por outro lado, a alma redimida pela obediência à Vontade Divina afasta-se ela própria e aspira mais e mais ao seu centro, até que — desse modo absorvida — ela se torna, como Deus, totalmente espiritual. Isso é vida eterna.

Agora, “o Presente de Deus é a vida eterna através do Cristo Jesus, nosso Senhor”. “Pois no mundano e rebelde Adão nós morremos; e no Cristo ficamos vivos para todo o sempre.” Isto é, já que, pela desobediência à Vontade Divina a alma traz dentro de si a dissolução e a morte eterna, então, quando ela se regenera e se esforça continuamente para alcançar a natureza de Cristo, obtém, desse modo, a vida eterna, pois pela lei do Universo, nada pode continuar a existir se não estiver em harmonia com a Vontade Divina Central. Assim, a natureza que estiver em perfeita harmonia com a Vontade Divina é da natureza de Cristo. Por consequência, no Universo redimido o coro é: seja feita a Vossa vontade.

Mas, se fosse permitido ao rebelde e caído Adão, após seu ato de desobediência em arrancar e comer o fruto proibido, “erguer as mãos e colher também da Árvore da Vida, assim vivendo para sempre”, o resultado teria sido o eterno inferno. Porque, então, a alma teria continuado a existir para sempre, em estado de separação, por desobedecer, insultar e desafiar a Deus. Tal divisão do Universo contra ele próprio resultaria na sua destruição — uma catástrofe que não pode, de maneira alguma, acontecer. E essa condição levaria a alma a um inferno perpétuo de miséria; por isso, em misericordiosa interrupção de tal destino, Deus conduziu as almas caídas para atingirem a vida eterna. Mas mesmo enquanto assim o fazia, Deus pronunciou as palavras de esperança e redenção. Pois, com a maldição vem a promessa: “Adão cai, Cristo redime”.

A alma, tendo praticado o ato da desobediência, tem “os olhos abertos”. E ela, agora, percebe que só e divorciada da Vontade Divina é “desgraçada e miserável, pobre, cega e nua”, conforme disse a Igreja de Laudicéia, no Apocalipse; e Adão, sabendo ter caído, esconde-se. Porque, fora de Deus, que é a vida, a alma não é nada. E esse conhecimento, de sua vergonhosa condição, é tudo que a alma ganha pela rebelião. Assim, a

lição para a alma é: se desuni-vos de Deus e tiverdes vosso desejo na direção da terra, sereis como o pó do chão, e sofrereis a morte do corpo. Entretanto, se desejades somente a Deus, e fizerdes da Vontade d'Ele a vossa e de seu cumprimento vosso deleite, então tornar-vos-eis como Deus e tereis vida eterna.

Capítulo 8



RELATIVO À PROFECIA DO DILÚVIO¹³

Esta manhã, lendo o trabalho de Eliphaz Levi, em *Magia*, deparei com a seguinte sentença: “No *Zohar*, um dos principais livros da Cabala sagrada, está escrito que a ‘Serpente Mágica, filha do Sol, estava a ponto de devorar o Mundo quando o Mar, filho da Lua, colocou o pé em sua cabeça e a esmagou”. Nesse instante, um escrito foi apresentado aos meus olhos espirituais, no qual li a seguinte explanação sobre o dilúvio de Noé:

“O Dilúvio veio, diz a Escritura, e levou embora o perverso.” Portanto, o dilúvio não é a própria maldade, como alguns supunham, mas, o que destruiu a maldade e levou o justo ileso para o seu seio.

“O Dilúvio é Afrodite, a rainha do mar, e Maria, a estrela do mar; ou, como o nome significa, sal do mar, ou amargura da profundidade. A mulher deverá esmagar a cabeça da serpente. Maria, a Deusa Mulher, ou apresentação feminina do poder supremo e da bondade, dá a luz à humanidade e destrói os malfeitores. Ela é a água da regeneração; o mar pelo qual, como diz Paulo, o Místico, todos nós devemos passar. Ela estava no começo, por ela ser Deus e o Espírito de Deus, ou Nuvem Divina, vivendo sobre ele. ‘Todos nós passamos pelo Mar e pela Nuvem’. Jesus, o Salvador, desceu para dentro dela, recebendo nela a Sua crisma, ao mesmo tempo que o Divino Hermes o ofuscava.

Maria, o Mar, é a água designada, misticamente, para lavar o pecado. Assim, sendo o Dilúvio, ela purifica o mundo, trazendo em seu seio imaculado a arca da Promessa Divina, onde está o Eleito.”¹⁴

E, ao ler, isso ficou impresso em minha mente como uma profecia com especial significado para o tempo presente.

13. Paris, 28 de setembro de 1878. Citado em *Life of Anna Kingsford* — págs. 279-280.

14. Como Eva, Maria e o Mar são sinônimos místicos para alma, que é chamada “amargura da profundidade” porque — constituída de substância universal — ela alcança sua perfeição por meio da experiência dolorosa. Referente a Hermes, ver parte II, nºs XII e XIII (6). E. M.

Capítulo 9



RELATIVO À PROFECIA DO LIVRO DE ESTER¹⁵

O livro mais importante da Bíblia, para você estudar agora, e o mais perto de ser cumprido é um dos mais místicos do Velho Testamento, o Livro de Ester.

Esse Livro é uma profecia mística, escrito como uma história atual. Se lhe desse a sua chave, seria a coisa mais fácil do mundo para desvendar o todo!

O grande rei Assuero, que tinha o mundo todo sob seu domínio e possuía a riqueza de todas as nações, é o gênio da Era.

A rainha Vasti que, por sua desobediência ao rei, foi deposta de seu assento real, é a Igreja Católica Ortodoxa.

Os judeus, espalhados pelas nações sob o domínio do rei, são o verdadeiro Israel de Deus.

Mardoqueu, o Judeu, representa o espírito da razão intuitiva e a compreensão.

Seu inimigo Hamã é o espírito do materialismo, acolhido sob o favor e proteção do gênio da Era e exaltado ao lugar mais alto dos concílios do mundo após a deposição da religião ortodoxa.

Agora, ele tem mulher e dez filhos.

Ester — que sob o cuidado e tutela de Mardoqueu cresceu pura e virgem — é o espírito do amor e a interpretação compreensiva que redimirá o mundo. Eu lhes disse que a remissão seria por meio de uma “mulher”.

Agora, os diversos sistemas filosóficos, pelos quais os conselheiros da Era propuseram substituir a Igreja destronada, foram um a um submetidos ao julgamento da Era; e Ester, vindo por último, encontrará favor. Durante

15. Paris, Domingo de Páscoa, 1880. Repetido do ditado ouvido interiormente durante o transe. E. M. Citado em *Life of Anna Kingsford* — vol. I, págs. 352-354. Ver também vol. II, pág. 268.

seis anos, deverá ser ungida com óleo de mirra, isto é, com estudo e treinamento severos e amargos, tanto que ela poderá ser tida como versada no conhecimento intelectual, como devem ser todos os sistemas que buscam o favor da Era.

E seis anos com doces perfumes, isto é, com a beleza graciosa da imaginação e poesia das fés do passado, aquela religião não careceria de suavidade e beleza.

No entanto, ela não deve procurar colocar nenhum desses adornos de dogma, ou de simples sentido, que, por embuste de politicagem clerical, sistemas anteriores usaram com o mundo e a Era para ganhar poder ou favor, pelo qual procuravam.

Agora surgem da escuridão e da tempestade, que cairão sobre a terra, dois dragões¹⁶. E eles brigam e se despedaçam, até que surge uma estrela, uma fonte de luz, uma rainha, que é Ester.

Dei-lhes a chave. Desvendem o significado de tudo que está escrito.

Não lhes digo se na história do passado essas vozes fizeram parte do mundo dos homens.

Se fizeram, adivinhem agora quem foram Mardoqueu e Ester.

Mas, der-lhes-ei o que será nos dias que virão.¹⁷

16. Os dois dragões são o materialismo e a superstição (ver o Prefácio da Primeira Edição — pág. 15).

17. O nome Ester — que é quem está com Ester — denota uma estrela, uma fonte de luz, um amanhecer ou surgir. A festa do Purim, instituída em lembrança da entrega lavrada por Ester, coincide em data com a Páscoa. Na Bíblia Protestante, a maior parte do Livro de Ester está situada no Apocalipse. A ortografia usada é aquela da versão de Douay. A penúltima sentença refere-se, obviamente, ao trabalho no qual estamos engajados, mas não necessariamente aos próprios trabalhadores. E. M.

Capítulo 10



RELATIVO À PROFECIA DA VISÃO DE NABUCODONOSOR¹⁸

O rei Nabucodonosor é misticamente idêntico ao rei Assuero naquilo que, do mesmo modo, denota o espírito da Era posterior, a saber, aquela do simples Intelectualismo, diferente de e em oposição ao Intuicionalismo. E ambas as narrativas, assim como aquelas do dilúvio e do Livro de Ester, são profecias que agora estão começando a ter sua realização em escala maior do que nunca. Pois a imagem mostrada ao rei em sonhos representa os vários sistemas de pensamento e crença que encontram o favor do mundo. Delas, a filosofia intelectual, que repousa na base de ciência meramente física, é a cabeça e é simbolizada pelo ouro. E isso é exato, no que concerne ao intelecto; pois ele é de fato o rei dos reis, e todas as crianças dos homens, as feras dos campos e as aves do ar estão em suas mãos. Isso quer dizer que todas as atividades da sociedade, seu aprendizado, sua indústria e suas artes estão subordinados ao intelecto. O peito e os braços da imagem são de prata. Este é o domínio da moralidade e do sentimento, o qual ocupa um lugar subordinado no intelecto simples. A região do coração é feminina, implica a intuição, que é própria da mulher e de sua nomeada inferioridade, e é feita de prata. As coxas e a barriga são de bronze, e é dito que este reino governa o mundo inteiro. Com isso, coloca-se a universalidade sob um regime totalmente animal e não moral, de falsidade, crueldade, impureza, blasfêmia e todas aquelas depravações da verdadeira humanidade, que caracterizam uma era de materialismo. O ferro, do qual as pernas são feitas, representa a força e designa a negação do amor, e o conseqüente domínio do poder sobre o direito é a lei universal do egoísmo. Na mistura de ferro e argila dos pés está implicada a fraqueza e a instabilidade de toda a estrutura, a argila representando a matéria, que forma a fundação do sistema em lugar do espírito, o qual é estável e durável.

18. Londres, 22 de fevereiro de 1881. Recebido em sonho.

A pedra com as mãos cortadas, o que destrói a imagem e que se torna uma grande montanha ocupando a Terra toda, é a “Pedra dos Filósofos”, um espírito perfeito e o evangelho verdadeiro do conhecimento interno, que a isso pertence. Isso é o que mata a Era sob seus pés, ou base fundamental, a sua hipótese materialista. Com a demonstração da falsidade de sua doutrina, agora sendo espalhada pelo mundo, desabará toda a estrutura da sociedade, com seu império da força, a exaltação do modo masculino da mente, a submissão da mulher, a tortura de animais e a opressão do pobre. Com sua argila, seu ferro, seu cobre, sua prata e seu ouro, todos varridos como insignificantes pelo vento, o verdadeiro conhecimento e o espírito de compreensão, formados pela intuição, serão anunciados no reino de Deus, e a “pedra”, tornada montanha, encherá a Terra toda.

Capítulo 11



RELATIVO À PROFECIA DO FINAL DOS TEMPOS¹⁹

Como houve o retorno do espírito, ou anjo, de Elias na pessoa de João Batista, antes do advento de Jesus, assim também haverá o retorno do anjo de Daniel, antes da próxima manifestação de Cristo. O anjo de Daniel é aquele que especialmente predisse a culminação e a hora da derrota do sistema materialista do mundo. E, quando completou sua predição, contou a Daniel que ele — Daniel — deveria descansar no presente, mas, quando o tempo estivesse cumprido e o final estivesse à mão, deveria voltar e ocupar novamente seu lugar e profecia diante do mundo. E o sinal, pelo qual a abordagem do final deveria ser conhecida, seria o espetáculo da “abominação da desolação ocupando o lugar sagrado”. Tal afirmativa foi dada também a João. Agora, o lugar sagrado é sempre — tanto no universal como no individual, no macrocosmo ou no microcosmo — o de Deus e da alma; e abominação da desolação, ou que feito desolado, é o sistema do pensamento que, colocando a matéria no principal lugar e fazendo dela a fonte, substância e objeto da existência, abole Deus do Universo e a alma para fora do homem, privando assim a existência de sua luz e vida, torna-a vazia, desolada e estéril, uma verdadeira abominação de desolação.

Jesus, lembrando essa profecia e citando as palavras do anjo de Daniel, previu também o mesmo evento como marcando o fim daquela geração “adúltera” [um termo idêntico ao da idolatria, como denotando a adoração e a ilícita associação com a matéria] e a vinda do reino de Deus, e avisou o eleito com uma frase mística, assim interpretada:

“Portanto, quando tu vires a matéria sendo elevada ao lugar sagrado de Deus e da alma, e feita da existência o todo e em tudo; então deixes a

19. Ver nota na próxima página.

Israel espiritual levar-te para as colinas, nas quais somente lá pode-se achar a salvação, até mesmo às alturas e estabilidade da Vida Divina.

E deixe-o, ele submeteu o corpo, tomes cuidado para que ele não retorne ao amor da carne ou persiga as coisas do mundo.

Nem deixes que aquele, livre do corpo, torne-se outra vez reencarnado.

E desgosto para a alma daqueles cujo trabalho não está concluído, e que ainda não se desvencilharam do corpo.

E rogues a Deus que essas coisas não te encontrem no estado de depressão espiritual e fraqueza, ou em repouso espiritual e não-vigilância.

Pois a aflição será sem paralelo; e os que esperam que aqueles dias sejam poucos, fugir do corpo será impossível.

Mas, para o eleito, eles serão poucos.

E se alguém vier a declarar que, aqui ou lá, o Cristo apareceu em pessoa, não acredite. Pois ali aparecerão enganadoras aparições e manifestações, juntamente com grandes sinais e maravilhas, que podem mesmo enganar o eleito. Lembra-te, eu já te disse de antemão. Por isso, se eles falarem a ti, veja se ele está no deserto, seja do leste ou do oeste — não te juntes a ele. Ou, veja, ele está nos quartos escuros e assembléias secretas — não preste atenção.

Porque, como a iluminação vinda do leste e clareando o oeste, assim deverá ser o despertar espiritual do mundo para o reconhecimento do Divino na humanidade.

Mas, onde quer que a carcaça dos erros permaneça, ao seu redor, como abutres, unir-se-á tanto os enganadores como os enganados.²⁰

E sobre eles, os profanos, cairá a escuridão; o Espírito será apagado e a alma extinta; e não mais haverá luz no Céu, ou em nenhuma ciência celestial haverá verdade ou significado. E o poder do Céu sobre os homens será abatido.

Então deverá surgir o novo sinal, o Homem no Céu, sobre as nuvens de chuva da última crisma e mistério, com grande poder e glória.

E seus missionários se juntarão ao eleito com voz poderosa, dos quatro ventos e dos confins do mundo.

Vejam a FIGUEIRA e aprendam sua parábola. Quando seus ramos se tornarem tenros e aparecerem os botões, saiba que o dia de Deus está sobre vós.

20. A parte anterior dessa expressão foi recebida em Paris, em 6 de dezembro de 1879, em sonho. A influência inspiradora imprimindo-se sobre os médiuns como sendo o anjo Gabriel — circunstância que causou alguma perplexidade — sendo Hermes seu habitual instrutor (= Rafael) — até que foi lembrado que Gabriel era o anjo inspirador de Daniel, cujo retorno havia sido previsto. O restante foi recebido sob iluminação consciente em julho de 1886, enquanto estava sendo preparada a segunda edição de *The Perfect Way*, no qual ele aparece. E. M. Citado em *Life of Anna Kingsford* — vol. I, págs. 310-320.

Por que motivo, então, disse o Senhor que o desabrochar da figueira irá predizer o fim?

Porque a figueira é o símbolo da mulher divina, assim como a videira é o do homem divino.

O figo é a similitude da matriz, contendo botões nas entranhas, carregando flores em sua placenta e trazendo o fruto na escuridão. É o cálice da vida, e sua carne é o sêmen de novos nascimentos. Em seu caule corre o leite: suas folhas são como mãos humanas, como as folhas de sua irmã, a videira.

E quando a figueira der figos, então virá o segundo advento, o novo sinal do homem levando água, e a manifestação da virgem mãe coroada.

Pois, será quando o Senhor entrar na cidade sagrada para celebrar a Última Ceia com seus discípulos; ele envia o pescador Pedro antes para encontrar o homem do sinal vindouro.

“Então encontrarás um homem carregando um pote de água.”

Porque, como o Senhor primeiro manifestou-se, pela manhã, em uma festa da uva, assim deve ser consumado seu trabalho em festa semelhante ao anoitecer.²¹

É o seu sobrevôo; porque depois disso o Sol passará por um novo presságio.

Após o peixe, o aguadeiro; mas o Cordeiro de Deus²² permanece sempre no lugar da vitória, sendo morto pela fundação do mundo.

Porque seu lugar é o do triunfo do Sol.

Primeiro a vinha, depois o figo; porque primeiro houve Adão, depois Eva. E porque nossa Senhora ainda não é manifesta, nosso Senhor é crucificado.

Assim, veio ele procurar em vão pelo fruto, “pois o tempo dos figos ainda não havia chegado”.

E, daquele dia em diante, por causa da maldição de Eva, nenhum homem comeu o fruto da figueira.

Porque o entendimento interior foi retirado não há mais discernimento no homem. Eles crucificaram o Senhor devido à sua ignorância, sem saber o que faziam.

Razão pela qual, de fato, nosso Senhor disse para nossa Senhora: “Mulher, o que há entre mim e tu? Pois não é chegada ainda minha hora”.

Porque até que a hora do homem tenha sido cumprida e realizada, a hora da mulher deve ser protelada.

Jesus é a vinha; Maria é a figueira. E a vindima deve ser completada e o vinho esmagado com os pés, senão a colheita dos figos não será concluída.

21. Vinho é o símbolo do espírito, assim como a água é da alma. E. M.

22. O espírito puro e eterno derramado pela Deidade para a criação, sustento e redenção do mundo. E. M.

Mas, quando a hora do nosso Senhor for alcançada, pendendo na Cruz, ele dará a nossa Senhora aos crentes.

O cálice está seco, os sotaventos estão retorcidos: então ele diz para o seu eleito: “Vejas tua Mãe!”

Mas, enquanto as uvas não forem colhidas, a videira não tem nada a ver com a figueira, nem Jesus com Maria. Ele é primeiro revelado, pois ele é a Palavra; depois virá a hora de sua interpretação.

E nesse dia cada homem sentar-se-á debaixo da videira e da figueira; a aurora levantar-se-á no oriente, e a figueira dará frutos.²³

Pois, desde o início, a parra cobriu a vergonha da encarnação, porque o enigma da existência pode ser exposto somente por ele que sabe o segredo da mulher. É o enigma da Esfinge.

Olhe para aquela árvore, que somente ela dentre todas possui interiormente um fruto desabrochando, escondido, e tu descobrirás o figo.

Procure pelo suficiente significado do Universo manifesto e da Palavra escrita, e acharás somente seu sentido místico.

Cubra a nudez da matéria e da natureza com a parra; e tu terás escondido toda a vergonha. Pois o figo é o intérprete.

Assim, quando chegar a hora da interpretação, e a figueira der seus botões, saiba que é chegada a hora do fim e do alvorecer de um novo dia — “está mesmo às portas”.

23. Zacarias 3, 10; Miquéias 4, 4; Cântico dos Cânticos 2, 13

Capítulo 12



RELATIVO À ALMA: SUA ORIGEM, NATUREZA E POTENCIALIDADES

A Alma, no começo, não é algo acrescentado ao corpo, mas é gerada nele pela polarização dos elementos astrais. Uma vez gerada, ela entra e passa por muitos corpos, até finalmente atingir a perfeição.

Assim como há duas exteriores, há duas interiores. Estas são o espírito e a alma. Na tradução das Escrituras, a palavra espírito é geralmente usada quando o significado é alma. Pois somente o homem criado da própria imagem de Deus é uma alma viva, isto é, que possui o Espírito bem anexado a ela.²⁴

Um entendimento mais claro sobre a alma pode ser conseguido quando definindo-a como a Idéia Divina. Antes que qualquer coisa possa existir, externa e materialmente, a idéia dela deve haver na Mente Divina.

A alma, assim, pode ser entendida como Divina e eterna em sua natureza. Mas a alma não age diretamente sobre a matéria. É posta para fora pela Mente Divina; porém o corpo é expulso pelo corpo sideral ou ígneo. Assim como o espírito no plano celestial é pai da alma, o fogo no plano material gera o corpo.

A alma, sendo eterna em sua natureza, passa de uma forma para outra até que, no seu estágio mais elevado, ela polariza o suficiente para receber o espírito. Está em todas as coisas organizadas. Nada de natureza orgânica existe sem a alma. Ela é o indivíduo, e morre se abandonar o espírito.

Como já dito, no momento em que a alma aparece em alguma entidade até então inorgânica, é por meio da convergência dos pólos magnéticos

24. Espírito, sendo a substância de todas as coisas, está em todas as coisas, mas não se torna o Espírito até que, por ser difuso e abstrato, ele se torne, por polarização, concentrado e formulado — o calor virando chama. E. M.

das moléculas constituintes daquela entidade. O focalizador desses pólos aumenta a corrente magnética circular, resultando em uma combustão elétrica. Esta centelha vital é vida orgânica, ou a alma. Esta combustão espontânea, ou geração, não é uma criação nova, pois nada pode ser nem acrescentado nem retirado do Universo. Não é mais do que uma nova condição de uma substância. A alma é para o órgão material o que o acorde é para o instrumento musical. O acorde existe na mente do compositor (Deus), antes que as chaves ou cordas do instrumento possam expressar-se. Mas, fora desta expressão, ela não pode tornar-se manifesta ao sentido. Este acorde pode ser tocado em muitos instrumentos e transferido de um para outro. Chegamos agora aos grandes fatos, a imortalidade da alma, suas transmigrações e metempsicose.

O processo da encarnação e o modo pelo qual a alma toma novas formas está nesse método. Quando duas pessoas juntam-se pela carne e geram uma criança, o momento de impregnação é normalmente — embora não invariavelmente — aquele em que a alma entra no corpo recém-concebido. Portanto, depende muito das influências, astral e magnética, sob qual a impregnação e a concepção ocorrem. A mulher grávida é o centro de uma roda de forças magnéticas, e ela atrai para sua esfera uma alma cuja conduta anterior e uma ódica condição correspondam tanto a ela como às influências magnéticas sob as quais ela concebeu. Essa alma, se a gravidez progredir e continuar, permanece ligada à sua esfera, mas não entra no embrião até o momento de ressuscitar, quando geralmente toma posse do corpo, e continua a habitá-lo até a hora do parto. Uma gestante é influenciada não pela própria vontade, mas, geralmente pela da alma recém-ligada à sua esfera; e a oposição e os magnetismos cruzados dessas duas vontades muitas vezes ocasionam caprichos estranhos e aparentemente incontroláveis, alterações de caráter e desejos da parte da mulher. Algumas vezes, contudo, o momento da impregnação ou concepção passa sem atrair nenhuma alma, e a mulher pode até carregar uma falsa concepção, por algum tempo, casos em que ocorrem abortos. Há incontáveis acidentes que podem ocorrer devido a isso. Ou a alma, que tenha sido atraída para ela, pode, sob novas influências, ser retirada de sua esfera e o embrião, que tendo sido concebido, pode ser consumido; ou a alma originalmente retirada de sua órbita pode ser substituída mais tarde por outra, e assim por diante. Algumas mulheres clarividentes tiveram consciência da alma a elas ligada e a viram como uma linda criança, e às vezes em outras formas. As crianças concebidas em ardente e mútuo amor são, normalmente, as melhores e mais saudáveis, espiritual e fisicamente, porque o momento radical é medido pelo amor, quando as influências astrais e magnéticas estão mais fortes e ardentes, atraindo as almas mais fortes e nobres.

Para que você entenda de modo mais claro e completo a origem e a natureza da alma, de onde ela vem e como passa de um corpo para outro, precisa saber que os celestiais e as criaturas tocam-se no plano astral. A

substância de todas as coisas criadas é a genitora tanto do corpo como da alma.

A alma, como já disse, é formada pela polarização dos elementos do corpo astral, e é um processo gradual; mas, uma vez formada, é uma entidade de maestria, capaz de passar de um corpo para outro. Imagine forças magnéticas de incontáveis elementos direcionadas e focadas para um centro, e correntes de força elétrica passando ao longo de seus pólos convergentes e indo para o centro. Imagine essas correntes tão focadas a ponto de criar um fogo na parte central — um tipo de cristalização da força magnética. Isto é a alma. Este é o fogo sagrado de Hestia ou Vesta, que queima eternamente. O corpo e a pessoa podem sair fora e desaparecer, mas a alma, uma vez gerada, é imortal até que sua vontade petulante a extinga. Pois o fogo da alma, ou coração central, deve ser mantido vivo pelo ar superior ou Sopro Divino, já que é para durar para sempre. Ela deve convergir, não divergir. Se ela divergir, será dissipada. O fim do progresso é unidade; o fim da degradação é divisão. Portanto, a alma que ascende tende mais e mais a se unir ao Divino.

E essa é a maneira. Concebida por Deus como um vasto corpo espiritual constituído de muitos elementos individuais, mas todos tendo apenas uma vontade, sendo assim um só. Esta condição de unidade com a Vontade e o Ser Divinos constitui o Nirvana Celestial. Outra vez, conceba as almas degradadas como dividindo-se mais e mais e que, ao longo, elas sejam muitas, deixando de ser individuais, sendo como se tivessem sido separadas e quebradas, espalhadas em diversas partes. Este é o Nirvana do Amém, ou aniquilação do indivíduo.

“E de onde”, você perguntará, “vem o fornecimento de almas novas para o crescimento contínuo da população do mundo?” Almas, como você sabe, vêm dos animais e das plantas; pois é nas formas mais inferiores de vida orgânica que a alma é primeiro engendrada. Antigamente, o modo de escape para as almas humanas era mais aberto e o caminho mais claro, porque, embora a ignorância das coisas intelectuais abunde entre as espécies mais pobres, o conhecimento das coisas divinas e a luz da fé estão nas mais fortes e puras. Por consequência, as almas daquelas Eras do Mundo, não estando acorrentadas à Terra, eram capazes de passar mais rapidamente por seus avatares, e poucas encarnações eram suficientes; agora, muitas são necessárias.

Porque, nestes dias, a ignorância da mente é medida pelo materialismo, ao invés de ser iluminada pela fé. Ela afundou na Terra pelo amor ao corpo e pelo ateísmo, e com o cuidado excessivo pelas coisas dos sentidos. Assim, sendo esmagada, fica em suspenso na atmosfera da Terra à procura de muitos novos alojamentos e de múltiplos corpos.

Além disso, você não deve conceber a Criação, ou a acomodação das coisas, como um ato que, uma vez concluído, está terminado. Pois, o Olimpo Celestial está continuamente criando e fazendo. Deus nunca pára de dar

as dádivas para Suas criaturas. Este é também o mistério da Divina encarnação e oblação. A substância celestial está continuamente se individualizando, de modo que pode constituir um indivíduo perfeito. Este é o cumprimento do círculo da vida e, no final, encontra um com o outro.

Você me perguntou: “Se o planeta consiste em corpo — perispírito e alma —, como ele pode nascer de entidades que não são como ele, quádruplo, mas triplo ou duplo, como os minerais e partes separadas dos corpos, coisas feitas pela arte, e outras semelhantes”. Respondo-lhe que seu erro repousa em olhar o planeta como uma coisa separada de sua prole. Certamente, o planeta e sua prole são quádruplas. Mas, de sua prole alguns ficam somente na região astral, e são apenas duplos; e outros na região aquática, e são apenas triplos, e alguns ficam na região humana e são quádruplos. O corpo e o perispírito são os envelopes metálicos e gasosos do planeta. A região orgânica compõe sua alma, e a região humana, seu espírito ou parte Divina. Pois, quando era apenas metálico, não tinha alma. Quando era apenas orgânico, não tinha espírito. Mas, quando o homem foi criado à imagem de Deus, aí então Seu espírito soprou em sua alma. Agora, os metais não têm alma; portanto, não são indivíduos. E, não sendo indivíduos, não podem transmigrar. Mas os animais e as plantas têm alma. Eles são indivíduos que transmigram e progridem. O homem também tem um espírito, e já que ele é homem — isto é, verdadeiramente humano — não pode voltar no corpo de um animal, ou em qualquer criatura de esfera inferior à dele, uma vez que isso seria uma indignidade para o espírito. Mas, se ele perder seu espírito e tornar-se outra vez animal, pode descer e tornar-se tanto repulsivo como horrível, uma coisa arrepiante e detestável, cheio de imundície e corrupção. Este é o fim dos homens persistentemente maus. Pois Deus não é o Deus de coisas arrepiantes, mas Belzebu²⁵ o é. E não havia nenhuma delas na Era de Ouro; nem haverá nenhuma delas quando a Terra for completamente purificada. Ó homens! Sua fraqueza excedente é a criadora de suas bestas do mal; sim, seus tormentos imundos são seus próprios filhos e progenitores abomináveis!

Lembre-se de que há apenas uma substância. Corpo, corpo sideral, alma e espírito, todos eles são um só na essência. E os três primeiros são diferenciações da polarização. O quarto é o Eu de Deus. Quando os deuses puseram o mundo para fora, eles puseram para fora a substância com suas três potencialidades, mas todas na condição de Luz ódica. Tenho chamado algumas vezes a Luz substancial de corpo sideral, outras de perispírito; isso porque ela é ambos. Pois é ela que faz e que se torna. É fogo, ou espírito humano (não o Divino), do qual e pelo qual a terra e a água são criadas. É a manifestação ardente da alma, o fator magnético do corpo. É

25. Impureza, ou princípio ativo na putrefação e corrupção. E. M.

espaço; é substância; é fundação. Porque dela procedem os gases e os minerais, que não têm alma, e também o mundo orgânico, que a possui. Mas, o homem, ela não pode fazer. Pois o homem é quádruplo e do Divino éter ou ar superior, que é a Província de Zeus, Pai dos deuses e homens.

O envelope externo do macrocosmo e do microcosmo, representado por Deméter, não é, de jeito nenhum, realmente elementar, mas é um composto dos outros três elementos. Sua fertilidade é devida à água, e sua transmutação, ou poder químico, ao fogo. Esta água é a alma, ou protoplasma, posto para fora pela Deidade, constituindo o indivíduo. Não olhe o fogo como um elemento verdadeiro, pois ele é para o corpo o que o espírito é para a alma. Como esta não tem vida Divina até vivificada pelo espírito, assim o corpo, ou matéria, não tem vida física na ausência do fogo. Nenhuma matéria é realmente “morta”, pois o elemento fogo está em todas elas. Todavia, ela o seria (isto é, deixaria de existir como matéria) se o movimento fosse suspenso — ou seja, se não houvesse fogo. Pois onde há movimento há calor e, conseqüentemente, fogo, e o movimento é a *condição* da matéria; assim, sem fogo não haveria a matéria.

A alma não é fluido astral, mas manifesta-se por meio dele; pois a própria alma é, como a idéia, invisível e intangível. Você verá melhor o significado seguindo o gênese de qualquer ação em particular. O correr da pena sobre o papel é um fenômeno; esse é o corpo externo. A ação que produz esse correr é o corpo astral e, embora físico, não é uma coisa, mas a transição ou médium entre o resultado (o correr) e sua causa (a idéia). A idéia manifestada no ato não é física, mas mental, e é a alma do ato. Mas mesmo isso não é a causa primeira, pois a idéia é posta para fora pela vontade, e esse é o espírito. Portanto, você quer uma idéia como Deus deseja o macrocosmo. O verdadeiro corpo (ou resultado imediato) é o corpo astral, enquanto o corpo fenomenal (ou última forma) é o efeito do calor e do movimento. Se você pudesse prender o movimento, teria como resultado o fogo, e, desse modo, convertendo Deméter em Efaísto. No entanto, o próprio fogo é material, já que é visível pelo sentido externo, assim como é o corpo terreno. Mas ele tem vários níveis de sutileza. O astral ou substância ódica, portanto, não é a própria alma, mas o médium ou manifestante da alma, como o ato é da idéia. Se, contudo, a frase engana você, é melhor modificá-la desse modo:

O ato é a *condição* da idéia, assim como o fogo ou incandescência é a condição de qualquer objeto fornecido. A luz é do espírito; o fogo, da matéria. A água é o resultado da operação da Sabedoria — a mãe ou oxigênio — e da Justiça — o pai ou hidrogênio. O ar é o resultado de uma mistura, não de uma combinação da sabedoria e da força. Aqueles dois são propriamente elementos. Eles são a alma e o espírito. Entretanto, a Terra não é, de maneira alguma, um elemento, propriamente falando. Ela é o resultado da água e do fogo, e suas rochas e extrato são aquosos ou ígneos. Ela é água e

ar fundidos e cristalizados. O fogo também, o real criador do corpo, é um modo e uma condição, não um elemento verdadeiro. Veja, então, que apenas os dois elementos reais e verdadeiros são o ar e a água, espírito e alma, vontade e idéia, Divino e substancial, pai e mãe e, fora desses elementos todos, a Terra é feita pela ajuda da condição da matéria, que é, de modo permutável, pulsação e movimento.

Sabedoria, justiça e força, ou oxigênio, hidrogênio e azoto, são três dos quais os dois elementos verdadeiros são produzidos. Porém, a água é uma combinação e o ar uma mistura. Logo, as duas únicas entidades, água e ar, são irrealis para o fenomenal; enquanto os elementos irrealis, terra e fogo, ou corpo e fluido elétrico, são reais para o fenomenal.

As almas são reencarnadas centenas e milhares de vezes, mas não a *pessoa* (o que implica o corpo), pois o corpo perece. Estas coisas eram conhecidas pelos gnósticos, terapeutas, essênios e por Jesus; e a doutrina é encarnada na Parábola dos Talentos, dessa forma explicada: dentro da alma do indivíduo sopra o Espírito de Deus, Divino, puro e imaculado. É Deus. E o indivíduo tem de, em sua vida terrena, nutrir aquele Espírito e alimentá-Lo, como uma chama é alimentada com óleo. Quando você coloca óleo em uma lamparina, a essência entra e torna-se chama. Assim o é com a alma que nutre o Espírito. Ela cresce gradualmente pura e torna-se Espírito. Com isso, o ele se torna mais rico. E, como na Parábola dos Talentos, quando Deus dá cinco talentos, o homem deve devolver dez, ou não devolver nada e morre.

Quando uma alma se torna regenerada, ela somente volta para o corpo pelo livre-arbítrio, e como redentora ou mensageira. Como uma que recupera, encarnada, a memória de seu passado. Regeneração e transmutação podem acontecer em um instante; mas raramente é uma coisa súbita, e é bom que venha gradualmente, para que assim o “casamento” do Espírito realize-se após um prolongado noivado.

A doutrina de “sócios”, tão familiar a algumas classes de “espiritualistas”, é uma paródia, devido aos espíritos enganadores, do “casamento da regeneração”. Regeneração não afeta somente o homem interior. Uma pessoa regenerada pode ter um corpo que nenhuma ferida é capaz de ocasionar a morte.

Quando uma pessoa morre, parte de sua alma permanece não consumida — não transmutada, isto é, em espírito. A alma é um fluido e entre ela e o vapor está essa analogia. Quando existe grande quantidade de vapor em um pequeno espaço, ele se torna condensado e é espesso e grosso. Mas, quando parte é retirada, o resto torna-se refinado e é mais raro e puro. Assim também é com a alma. Pela transmutação de parte de seu material, o resto torna-se mais fino, raro e puro, e continua a realizar isso, mais e mais, até que — fazendo bom uso disso, após diversas encarnações — a alma toda é absorvida para dentro do Espírito Divino, tornando-se uma só com Deus, fazendo Deus muito mais o rico do que o avaro. Este é o Nirvana

celestial.²⁶ Porém, embora se tornando Espírito puro, ou Deus, o indivíduo mantém sua individualidade, de modo que, ao invés de todos serem fundidos em um, o um torna-se muitos. Foi assim que Deus se tornou milhões. Nós também somos uma legião, assemelhando-nos, desse modo, a Deus. Deus é multidão, nações, reinos e línguas. E o som de Deus é o de muitas águas.

26. Ver Apêndice, nota A.

Capítulo 13



RELATIVO À PERSÉFONE OU AO REBAIXAMENTO DA ALMA PARA A MATÉRIA²⁷

Vejo Deus de dois modos, um estático e passivo, outro dinâmico e ativo. Como o primeiro, Deus é vida original, vontade e poder. Como o segundo, Ele é o Espírito Santo. E o espírito e a substância de Deus são um só. A princípio, havia o repouso perfeito. Depois veio um movimento de rotação ao redor de si próprio e a substância tornou-se primeiro éter, depois matéria. Cada partícula final da matéria move-se no ar, como fazem os planetas, e possui dois pólos, estes no éter intercelular. Sua rotação é imensamente rápida, tenho vertigens ao olhar; e pelo movimento vem a criação. Isso é completado em seis períodos, e depois há o descanso, e o todo é reabsorvido. Logo, há uma incessante criação durante seis “dias” seguidos pelo *Sabá* ou descanso. Quanto mais rápido o movimento das partículas de seu corpo, mais material é o homem. Portanto, o objetivo do santo é conseguir repouso perfeito e, desse modo, a união com o Ser Divino.

A “Pedra Filosofal” significa, também, o repouso perfeito ou a reabsorção da matéria em espírito, por meio da ausência de movimento.

Desse modo, a rigidez que conhecemos como matéria é causada pelo incessante e intenso movimento do espírito. Essa verdade, para os gregos, é representada por Deméter, que é tudo aquilo que está em movimento e é sólido. E, enquanto o movimento é criado pelo Espírito Santo no tempo, seus pais são Réa e Saturno. Réa é “a mãe” dos deuses, e é o mesmo que Nox, a Escuridão original ou Luz Invisível da Divindade, anterior à manifestação na criação. E Perséfone, ou Prosérpine, é a filha de Deméter ou Movimento — ou daquilo que se faz visível — através de Ester. Perséfone

27. Londres, 23 de março de 1881. Falado em transe.

é a parte líquida ou psíquica do homem, que consiste tanto em sua verdadeira alma como em seu “ígneo” ou perispírito magnético. E a história do roubo de Perséfone, ou rapto de Prosérpine, narra-a “fixando o volátil”, pelo qual a parte astral torna-se coagulada dentro do material. Assim, pertencendo metade ao corpo ou mundo inferior e a outra parte aos céus e mundo superior, assim ligando as duas juntas, é dito que ela passou seis meses do ano em Hades e seis meses no Olimpo. E ela seria arrancada deste último, mas como consequência de haver comido uma romã, a qual — como a maçã de Eva — é o símbolo da ilusão ou matéria. É posta no mundo inferior ou corpo, de onde sua mãe, Deméter, procura retirá-la.

Além disso, você deve entender que esse rebaixamento de Perséfone em Hades acontece não somente por meio do movimento contínuo das partículas da alma, mas também pela sua despolarização da Vontade central e Divina. O corpo deve ficar em tal estado que o homem o possa aspirar e reabsorver. Mas Perséfone, seguindo sua própria vontade, reverteu os pólos de sua substância constituinte e fez com que isso se tornasse fixo. Sempre que, como foi com Jesus, o homem está em união com a vontade central de seu sistema, ele tem o poder de aspirar e reabsorver seu corpo. E um dos propósitos da estória da Escritura, da água transformando-se em vinho, era representar essa transmutação. Os animais nunca têm esse poder, uma vez que eles não possuem espírito Divino, e, assim, sem vontade central para polarizar. O homem possui-o somente quando o Espírito entra nele. O ato de comer a romã implica a reversão dos pólos, a ilusão pela qual o externo torna-se interno e o indivíduo polariza externamente ao invés de centralmente, tornando-se, desse modo, fixo e material.

Capítulo 14



RELATIVO AO GÊNIO OU DEMÔNIO²⁸

PARTE I

Todo espírito-alma humano tem preso a ele um gênio ou um demônio, como com Sócrates; um espírito misterioso, como com os apóstolos; ou um anjo, como com Jesus. Todos são nomes diferentes para uma mesma coisa. Meu gênio diz que ele não liga para o termo *anjo*, porque é mal-interpretado. Ele prefere a nomenclatura cristã, e ser chamado de ministro, já que seu ofício é guiar, advertir e iluminar.

Meu gênio parece-se com Dante e, como ele, está sempre vermelho. Ele tem um cacto em sua mão, que, conforme diz, é meu emblema. (Falando de Dante, vejo que Beatriz representa a alma. Ela é para ele o que toda mulher deveria ser para o homem.) Ele me diz para eu falar que a melhor arma contra os astrais é a prece. A prece significa a direção intensa da vontade e do desejo junto ao Mais Alto; uma intenção irreduzível de não saber nada além do Mais Alto. Desde que Moisés ergueu suas mãos em direção ao céu, os israelitas prevaleceram. Quando ele as abaixou, foram os amaleques. Os gênios não são espíritos pelejadores e não podem evitar os males. Eles podiam pedir auxílio a Jesus somente após exaustivo combate com os espíritos inferiores. Somente eles eram atacados por esses que merecem ser atacados.

Devo-lhe informar que o gênio nunca “controla” seu cliente, que a alma nunca sofre ao se afastar do corpo para permitir que outro espírito

28. Londres, novembro de 1880. Falado em transe. E. M.

entre. A pessoa controlada por um astral ou elemento, por outro lado, não fala por si, mas pelo espírito controlador; e os gestos, expressão, entonação e postura de voz modificam-se com o espírito obsessor. A pessoa que profetiza fala na primeira pessoa e diz: “Assim disse o Senhor” ou “Assim disse alguém”, nunca perdendo sua própria personalidade. Este é um sinal da diferença pela qual se podem distinguir as diferentes ordens de espíritos.

Outro sinal, diz ele, pelo qual se distingue os espíritos estranhos dos gênios é este: o gênio nunca está ausente. Provado que a mente está em condições de ver, ele está sempre presente. Outros espíritos precisam de tempo para serem escolhidos e os engajamentos realizados em certo número de horas, porque eles podem estar em outro lugar a qualquer momento. Esses espíritos, além disso, não sabem nada sobre os Deuses. Seus próprios nomes são secretos para eles e, se por acaso os ouvirem, são apenas nomes²⁹. Eles são incapazes de agarrar ou conceber qualquer coisa além da atmosfera de seus próprios círculos. É verdade que falam de Deus, mas é sem compreender o significado da palavra. Quanto mais negativa a mente do indivíduo, mais pronto e apto está ele para receber esses espíritos. E, ao contrário, quanto mais positiva e pronunciada a vontade do indivíduo, mais aberto está ele para as comunicações Divinas. O comando sempre é: “trabalhar é rezar”; “pedir é receber”; “ir ao encontro é ter a porta aberta”. “Eu sempre tenho dito”, diz meu gênio. “Pensa por ti mesmo. Quando tu pensas internamente, rezas intensamente e imagina-te centralizado, então conversa com Deus.”

Ele sabe, diz, referente ao nosso futuro imediato, mas não irá contar. Tudo que ele dirá é: “Tenhas certeza de que não há problema. Nenhum homem chega à Terra Prometida sem atravessar o deserto.” Mais uma vez ele ergue o cacto para mim, e diz: “Não te aflijas tentando entrar no estado lúcido. Em pouco tempo não será necessário, de jeito nenhum, tornar-te sonolenta.” Ele me conta que esta noite recolherei uma parte grande do que foi dito, e mais da próxima vez, e assim por diante, até que minha mente esteja bem clara sobre o assunto. É uma fraqueza e uma imperfeição quando a mente não retém o que foi dito. À noite, quando minha mente está livre de influências perturbadoras, recolherei mais corretamente tudo que vi e ouvi. E esse, diz ele, deve ser sempre o caso, pois meu lugar não é tomado por nenhuma outra entidade. Nenhum outro espírito entra para me dispensar. Mas sou eu quem vê, ouve e fala — isto é, meu próprio espírito.

O gênio está ligado ao seu cliente por um vínculo de alma-substância. Uma persistente vida não-sadia enfraquece o vínculo e, após diversas encarnações — mesmo “setenta vezes sete” — assim desperdiçadas, o gênio é libertado e a alma é perdida para sempre. Não é apenas um crime

29. Um dos mais comuns modos de decepção deles é pela suposição dos nomes Divinos; mas suas expressões são sempre pretensiosas e vazias. E. M.

isolado, como assassinato, adultério ou incesto, ou mesmo a repetição destes, que quebra o vínculo; mas uma contínua condição do coração, na qual a vontade do indivíduo está em persistente oposição à Vontade Divina.

Pois esse é um estado no qual a repetição é impossível. A condição mais favorável de salvação e rápida emancipação das encarnações sucessivas é a atitude da obediência da vontade — liberdade e submissão. O grande objetivo a se alcançar é a emancipação do corpo, isto é, do poder e da necessidade do corpo. A fim de melhor compreender a procissão do Espírito, deve ser entendido que a vida pode ser representada por um triângulo, em cujo ápice está Deus. Desse triângulo, dois lados são formados por duas correntes, uma fluindo para fora e outra para cima. Pode-se dizer que a base representa o plano material. Assim, de Deus provêm os deuses. Dos deuses provêm toda a hierarquia do céu, com as diversas ordens, da superior à inferior. E a inferior é a ordem dos gênios, ou anjos da guarda. Estes ficam no plano material, mas não entram nele. O outro lado do triângulo é a continuação da base. As formas iniciadoras da base do triângulo são as expressões de vida mais inferiores. São as primeiras expressões de encarnação, e a corrente, diferentemente da primeira, flui para dentro e para cima. O lado do triângulo representado por essa corrente culmina no Cristo e esvazia-se em espírito puro, que é Deus. Conseqüentemente, há espíritos que, por sua natureza, nunca foram e nunca poderão ser encarnados. E há outros que atingem a perfeição por meio da encarnação. Você verá, então, que o gênio e os astrais não têm nada em comum. Pois o espaço contido no triângulo, separando, de um lado, o ápice da base e, de outro, os dois lados opostos, é um espaço ocupado pelo fluido planetário. Há somente duas gerações eternas — aquela dos celestiais, que começaram pelo Espírito e são “gerados”, e a das entidades criadas, que incorporam um corpo externamente. Os astrais estão entre essas duas. Eles são tão planos que não focam o Espírito Divino, uma vez que seus raios são refletidos em todas as direções, não convergindo para um ponto central. Eles não podem conhecer Deus. Não são microcosmos. Apenas o homem, dentre as entidades criadas, é um microcosmo, e o é porque o Espírito Divino, o nucléolo, contém, necessariamente, a potencialidade de toda a célula celestial. Em Deus estão incluídos todos os deuses; e o nucléolo na célula perfeita criada é, portanto, múltiplo. Cada homem é um planeta, com sol, lua e estrelas.

O gênio de um homem é seu satélite. O homem é um planeta. Deus — o Deus do homem — é seu sol, e a lua desse planeta é Ísis, seu iniciador ou gênio. O gênio é feito para ensinar o homem e dar-lhe luz. Mas a luz que ele dá vem de Deus, e não dele. Ele não é um planeta, mas sim a lua, e sua função é iluminar os lugares escuros de seu planeta.

O dia e a noite do microcosmo, o homem, são seus estados positivo e passivo, ou projetivo e reflexivo. No estado projetivo, buscamos ativamente o exterior; almejamos e queremos energicamente; mantemos comunhão

ativa com o Deus exterior. No estado reflexivo, buscamos o interior, comunicamos com nosso próprio coração; voltamo-nos para o interior e concentramo-nos em nós mesmos, secreta e intimamente. Durante essa condição, a “Lua” ilumina nossa câmara secreta com sua tocha e mostra nosso próprio recesso interior.

Quem ou o que é a lua, então? É uma parte de nós mesmos e decompõe-se conosco. É nossa afinidade celestial — de qual ordem se diz: “Seus anjos sempre vêem a face de Meu Pai”.

Toda alma humana possui uma afinidade celestial, que é parte de seu sistema e um modelo de sua natureza espiritual. Este sócio angelical é o vínculo de união entre o homem e Deus; e é por causa de sua natureza espiritual que esse anjo se liga a ele. Criaturas rudimentares não possuem afinidade celestial; mas, no momento em que a alma vivifica, o cordão de união é estabelecido.

É pelo fato de o homem ser um planeta que ele possui uma lua. Se ele não fosse quádruplo, como é o planeta, não poderia possuir uma lua. Homens rudimentares não são quádruplos. Eles não têm o Espírito.

O gênio é a lua para o planeta homem, refletindo para ele o sol, ou Deus, dentro dele. Pois o Espírito Divino, que anima e eterniza o homem, é o Deus do homem, o sol que o ilumina. E esse sol, não o homem exterior e planetário, é seu gênio que, como satélite, reflete para ele. Desse modo, ligado ao planeta, o gênio é o complemento do homem; e seu “sexo” é sempre o oposto do planeta. E como ele reflete não o planeta, mas o sol, não o homem (como fazem os astrais), mas Deus, deve-se sempre confiar em sua luz.

O gênio sabe muito bem somente as coisas relacionadas à pessoa a quem ele ensina. Sobre as outras coisas, ele tem apenas opinião. A relação do espírito que ensina com seu cliente é muito bem representada por aquela entre o confessor católico e seu penitente. Ele está limitado a manter junto de cada penitente sigilo profundo com relação a assuntos das outras almas. Se esse não fosse o caso, não haveria ordem, e nenhum segredo estaria a salvo. O gênio de cada um sabe sobre outra pessoa somente o que outro gênio decide revelar.

PARTE 2

Existem dois tipos de memória, a do organismo e a da alma. A primeira, todas as criaturas possuem. A segunda, que é obtida pela recuperação, pertence ao homem totalmente regenerado. Pois o Espírito Divino de

um homem não possui alma até a regeneração, que é a última união constituindo o que, misticamente, é chamado de “casamento do hierofante”.

Quando ocorre essa união, não há mais a necessidade de um iniciador; então, o trabalho do gênio está acabado. Pois, como a lua, Ísis, ou “Mãe” do planeta homem, o gênio reflete à alma o Espírito Divino, com o qual ela ainda não está totalmente unida. Existe ordem em todas as coisas. Logo, assim como com os planetas, também há com o microcosmo. Aqueles que estão mais perto do Divino não necessitam de nenhuma lua. Mas, enquanto tiverem noite — isto é, enquanto qualquer parte da alma permanecer não iluminada, e sua memória, ou percepção, obscura —, o espelho do anjo continuará a refletir o sol em suas almas.

Porque a memória da alma é recuperada por meio de uma operação tripla — a da própria alma, a da lua e a do sol. O gênio não é um espírito informante. Ele não pode contar nada para a alma. Tudo o que ela recebe já está dentro dela mesma. Mas, na escuridão da noite, ela permanecerá oculta, a não ser pela tocha do anjo que a ilumina. “Sim”, diz o anjo-gênio para seu cliente. “Eu te ilumino, mas não te instruo. Eu te alerto, mas não brigo. Atendo, mas não conduzo. Teu tesouro está dentro de ti. Minha luz mostra onde ele está.”

Quando a regeneração é totalmente completada, apenas o Espírito Divino instrui o hierofante. “Pois os portões de sua cidade nunca devem ser fechados; ali não haverá noite, não mais haverá noite. E eles não mais necessitarão de uma lamparina, pois o Senhor os iluminará”. O profeta é um homem iluminado por seu anjo. O Cristo é um homem casado com o Espírito. E ele ressuscitará, no amor puro, para redimir, não precisando, para o seu próprio bem, retornar em carne, razão pela qual se diz que ele descerá dos céus. Pois ele o alcançou e é um médium para o Altíssimo; foi batizado pelo Espírito Santo e com o próprio Fogo Divino, e está sempre “no céu”. E de lá Cristo ascendeu, por causa do Espírito que o elevou, e mesmo do Espírito que desceu sobre ele. “E se ele desceu é porque primeiro ascendeu além de todas as esferas até a altíssima Presença. Pois, ele ascendeu, porque primeiro desceu até as partes mais inferiores da terra. Ele que desceu é o mesmo que ascendeu acima de todos os céus, para cumprir todas as coisas.” Assim, ele retorna de um mundo superior; não mais pertence ao domínio de Dionísio. Contudo, ele vem do próprio “sol”, ou de uma esfera mais próxima do sol do que a nossa, tendo passado do mais baixo para acima.

E quanto ao próprio gênio?, perguntei. Fica ele triste quando seu cliente atinge a perfeição e não mais precisa dele?

E ele disse: “Ele que tem a noiva é o noivo. E ele que ficou alegre-se por causa da voz do noivo”. Retorno, portanto, à minha origem, pois a missão terminou, e é chegado meu *Sabá*. E eu sou um com o par.

Aqui ele me conduz a uma espaçosa câmara, na qual vejo quatro novilhos deitados e abatidos sobre o altar, e um número de pessoas ao seu

redor, em ato de adoração. E acima, no vapor que se elevava dos espíritos do sangue, estavam formas enevoadas colossais, meio formadas, da cintura para cima, e parecendo com os Deuses. E ele disse: “Estes são Astrais. Assim eles o farão até o final do mundo”.

Após esta instrução relativa à degradação da religião por meio do materialismo da doutrina espiritual do sacrifício, ele resumiu:

“O gênio, então, permanece com seu cliente enquanto o homem for quádruplo. A besta não tem gênio. Um Cristo não tem nenhum. Pois, no princípio tudo é luz latente. Aquele é um. E esse um torna-se dois, ou seja, corpo e corpo astral. E esses dois tornam-se três, ou seja, nasce uma alma racional no meio do corpo astral. Essa alma racional é a verdadeira pessoa. A partir desse momento, então, esta personalidade é uma existência individual, como planta ou animal. Esses três tornam-se quatro, ou seja, humano. E o quarto é a *mente*, ainda não unificada com a alma, mas a ofuscando e transmitindo luz como através de um vidro, ou seja, o iniciador. Mas, quando o quatro torna-se três — ou seja, quando o “casamento” se realiza, e a alma e o espírito estão indissolúvelmente unidos —, não há mais a necessidade de migração ou de um gênio. Pois a mente tornou-se uma só com a alma, e o cordão de união é dissolvido. E, ainda outra vez, os três tornam-se dois com a dissolução do corpo; e, outra vez, os dois tornam-se um, ou seja, o Cristo-espírito-alma. Portanto, o Espírito Divino e o gênio não devem ser referidos como diversos, nem como idênticos. O gênio é chama, e é celestial, ou seja, ele é espírito, e um só com o Divino; pois sua luz é Divina. Ele é como um vidro, como um cordão, como um vínculo entre a alma e a sua parte Divina. Ele é a atmosfera límpida, pelo qual o raio Divino passa, traçando um caminho para ele no médium astral.

No plano celestial, todas as coisas são pessoais. E, assim, o vínculo entre a alma e o espírito é uma pessoa. Porém, quando um homem “nasce outra vez”, ele não mais precisa do vínculo que o une à sua Divina origem. O gênio ou chama, assim, retorna àquela origem; e este, sendo ele mesmo unido à alma, também se torna um com o seu par. Pois o gênio é a Luz Divina no sentido de que ele não é mais do que uma língua dividida com seu par, não possuindo veículo isolado. Todavia, a tintura dessa chama difere de acordo com a atmosfera celestial da alma em particular. A Luz Divina, de fato, é branca, sendo sete em uma. Mas o gênio é uma chama de apenas uma cor. E esta cor ele retira do sol e, através daquele raio, transmite a ela a luz da mente, seu Divino esposo. O gênio-anjo é de todas as tinturas e cores.

Eu disse que no plano celestial todas as coisas são pessoais, mas, no plano astral elas são reflexos. O gênio é uma pessoa porque ele é celestial, e de alma-espírito, ou natureza substancial. Mas os astrais são de natureza fluídica, não tendo parte pessoal. No plano celestial, espírito e substância são um só, dois em unidade; e assim são todos os celestiais constituídos.

Entretanto, no plano astral não existe indivíduo, nem parte Divina. São apenas protoplasmáticos, sem núcleo ou nucléolo.

A voz do gênio é a voz de Deus; pois Deus fala por meio dele, como o homem através do berrante de uma corneta. Tu não deves adorá-lo, porque ele é o instrumento de Deus, e teu pastor. Contudo, tu deves obedecê-lo, pois ele não tem voz própria, mas mostra a ti a vontade do Espírito.”

Capítulo 15



RELATIVO AOS “PODERES DO AR”³⁰

PARTE I

Vi, na noite passada, em sonho, meu gênio revestido por uma chama vermelha, em pé em um lugar escuro. Ele segurava um cálice em sua mão, dentro do qual me fez olhar. Assim o fiz e, conforme eu olhava, uma névoa formou-se no cálice, como uma nuvem; e vi na nuvem espíritos lutando entre si. Então, o cálice pareceu alargar-se, até tornar-se uma grande mesa sobre a qual cenas e palavras estavam escritas. E vi o vapor encher-se com espíritos astrais, efêmeros, parecidos com chama, quiméricos; e sobre a névoa que os envolvia e dragava, estava escrito: “Os Poderes do Ar”.

E eu disse ao meu gênio: “São esses os espíritos que controlam os médiuns?”. E ele falou: “Não uses a palavra *Médium*, pois ela é enganosa. Esses são os poderes que afetam e influenciam os *Sensitivos*³¹. Eles não controlam, pois não têm força. Veja! Eles, como vapor, são luz”. Então, ele soprou sobre a mesa e eles se dispersaram por todos os lados, como fumaça. E eu disse: “De onde vêm esses espíritos e qual a sua natureza?”. Ele respondeu: “Eles são reflexos. Não possuem nenhuma entidade real. Parecem névoa que se ergue da terra úmida das baixas planícies, e a qual o calor do sol dispersa. Mais uma vez, eles são como vapor nas alturas e, se a sombra de um homem recai sobre ele, parecerá um gigante. Pois esses espíritos, invariavelmente, lisonjeiam e magnificam um homem para ele próprio. Esse é um sinal pelo qual pode-se conhecê-los. Eles dizem para

30. Londres, 7 de novembro de 1880. Ver *Life of Anna Kingsford* — vol. I, págs. 391-393.

31. Isto não é para ser um exaustivo relato de experiências dos Sensitivos, que será visto nos n^{os} XXXIX, XL e XLVI.

um que ele é um rei; para outro, que é um Cristo; para outro ainda, que é o mais sábio dos mortais, e outras coisas assim. Porque, tendo nascido dos fluidos do corpo, eles não são espirituais e vivem *do corpo*”.

“Vêm eles, então,” perguntei, “de dentro do homem?”

“Todas as coisas vêm de dentro”, respondeu ele. “O inimigo do homem são aqueles de sua própria família.”

“E como”, perguntei, “podemos distinguir os astrais dos espíritos superiores?”

“Já lhe falei de um sinal — são espíritos adutores. Agora, vou lhe dizer outro. Eles sempre depreciam a mulher. E assim o fazem porque seu inimigo mortal é a intuição. Estes também são seus sinais. Há algo forte? Eles o tornarão fraco. Há algo sábio? Eles o tornarão tolo. Há algo sublime? Eles o distorcerão e o transformarão. Eles assim o fazem porque são exalações da matéria, não possuindo natureza espiritual. Por isso eles perseguem e importunam a mulher continuamente, despejando nela uma enxurrada de eloquência, como uma torrente, a fim de devastá-la. Porém, será em vão. Pois Deus a levará para o Seu trono, e ela pisará nos seus pescoços.”

“Assim, os deuses superiores darão, por intermédio de uma mulher, a interpretação que sozinha salvará o mundo. Uma mulher deve abrir os portões do conhecimento para os homens, porque somente a intuição pode redimir. Entre a mulher e os astrais há sempre inimizade, porque eles procuram destruir a ela e ao seu trabalho, colocando a si próprios no lugar dela. Eles são formas enganadoras que tentam os santos com beleza excessiva e amor fraudulento, e com grande demonstração de afeição e adulação. Ó, cuidado com eles quando bajulam, pois estendem uma rede em tua alma.”

“Então”, perguntei, “estou em perigo com eles? Sou, também, uma sensitiva?” E ele disse:

“Não, és uma poetisa. E aí reside tua força e tua salvação. Poetisas são as crianças do Sol, e ele as ilumina. Nenhum poeta pode ser fútil ou se auto-exaltar, pois ele sabe que fala apenas as palavras de Deus. ‘Canto’, disse ele, ‘porque preciso’. Aprenda uma verdade que é conhecida apenas pelos Filhos de Deus. O Espírito dentro de ti é Divino. É Deus. Quando profetizas ou quando cantas, é o Espírito dentro de ti que te transmite. É o ‘Novo Vinho de Dionísio’. Através desse Espírito teu corpo é iluminado, como uma lamparina pela chama dentro dela. Agora, a chama não é óleo, pois este pode estar lá sem que haja luz. Porém, a chama não pode estar lá sem o óleo. Assim, seu corpo é a lamparina na qual o óleo é derramado. E este — o óleo — é sua alma, um óleo fino e combustível. E a chama é o Espírito Divino, que não nasceu como óleo, mas que se transformou neste pela mão de Deus. Você pode extinguir completamente esse Espírito e, desse modo, não mais terá imortalidade; mas quando a lamparina se quebrar,

o óleo cairá por terra e alguma fumaça sairá dele por algum tempo, e então ele irá se expandir e partir, sem deixar rastro. Alguns óleos são melhores e mais espontâneos que outros. O melhor é aquele da alma do poeta. E em tal médium a chama do Espírito de Deus queima mais clara, poderosa e brilhante, de modo que algumas vezes os olhos humanos dificilmente podem suportar tal brilho. Nesse alguém, a alma é preenchida com êxtase sagrado. Ele vê o que nenhum outro homem vê e a atmosfera em volta dele é sem par. Sua alma transforma-se em chama e, quando a lamparina de seu corpo se quebra, sua chama sobe e sublima, e une-se ao Fogo Divino. Pode alguém assim vangloriar-se ou auto-exaltar-se e erguer-se? Ó, não, ele está com Deus, e sabe que sem Deus não é nada. Não digo a homem algum que ele é a reencarnação de Moisés, de Elias ou de Cristo. Mas digo que ele pode ter o Espírito deles se, como eles, for humilde, auto-rebaixado e obediente à Palavra de Deus.

Portanto, não procures pelos 'controles'. Mantenhas teu templo para o Senhor Deus dos Exércitos; e expulses os vendilhões, os vendedores de pombos e os negociantes de arte, sim, com um açoite de corda se necessário.”

PARTE 2³²

As existências astrais, embora não sejam personalidades inteligentes, são quase sempre o veículo das idéias inteligentes, que operam como meio de comunicação entre as personalidades inteligentes. Idéias, palavras, sentenças, todos os sistemas de Filosofia podem nascer na consciência por intermédio das correntes de força magnética, assim como os corpos sólidos são transportados pelo riacho, embora a água não seja um agente inteligente. A minúscula célula é uma entidade, pois tem o poder de propagar-se, o qual o astral não possui. É somente uma impressão, uma sombra, um reflexo, um eco.

A atmosfera com a qual um homem se cerca — a respiração de sua alma — afeta o fluido astral. Reverberações de suas próprias idéias voltam para o homem. O sopro de sua alma colore e tempera um caminho bem sensível para ele. Mas ele pode encontrar contradições, uma apresentação sistemática da doutrina ou conselhos diferentes do seu ponto de vista pessoal, não sendo sua mente suficientemente positiva para controlar todas as manifestações do agente elétrico. Outrossim, a influência do médium, pela qual as palavras vêm, interpõe-se. Ou, como quase sempre é o caso, uma

32. Citado em *Life of de Anna Kingsford* — vol. I, págs. 400-402.

bateria magnética de pensamento sobrecarrega o elemento e concede a ela uma certa corrente.

Assim, novas doutrinas estão “no ar”, espalhadas como fogo grego. Uma ou duas mentes fortemente positivas dão a iniciativa; e o impulso voa através de toda massa de luz latente, influenciando a todos relacionados a ela.

“No homem, o fluido astral transforma-se em vida humana no momento da concepção. É o envelope da alma e constitui o corpo sideral, o qual, por sua vez, é o gerador do corpo externo. O homem interno — aquele que é essencialmente imortal — consiste na alma e no espírito. O fantasma sideral e o corpo externo são percíveis, salvo quando sua transmutação passar durante a locação da alma e do espírito. Desse modo, o corpo sideral, sendo o gerador do sentido, é o “Tentador”, que — inclinando-se para a matéria — dá a ela a prioridade sobre o espírito. Com tempo e sentido, ele engana a parte intuitiva do homem. Desse modo, espírito e matéria representam, respectivamente, o bem e o mal. Pois no dia em que deres mais valor à matéria, tu te tornarás sujeito à extinção.”

Capítulo 16



RELATIVO AO DEMÔNIO E AOS DEMÔNIOS³³

Incapaz de conciliar a declaração de que não há Demônio pessoal, mas o que é chamado Demônio é a simples negação de Deus, com as evidências de possessão de indivíduos por demônios ou espíritos maus, recebi em sonho essa explicação:

“Não há existência positiva suprema pessoal do mal, como acredita-se que seja o Demônio. Há somente a negação de Deus, que é para Ele o que a escuridão é para a luz: o mais exterior vazio do Sistema Solar. Porém, há espíritos maus, as almas dos homens maus em seu caminho rumo à extinção. E esses estão acostumados a associar-se àquelas pessoas encarnadas com quem têm afinidade, em parte para gratificar sua propensão para o mal, incitando-as à maldade e à malícia, em parte para obter delas a necessária vitalidade para prolongar sua própria existência. Às vezes, eles têm a vitalidade tão baixa que uma frase de expulsão da pessoa na qual procuraram refúgio, resulta em sua imediata extinção, a menos que possam achar outra locação, ainda que essa seja apenas em um animal. Foi esse o caso com os demônios, os quais, em sua expulsão por Jesus, sofreram para entrar em uma vara de porcos. Pois é o fato de as perturbações dos homens, em algumas ocasiões, resultarem da possessão por entidades pessoais distintas, como espíritos estranhos e maus, e não de perturbação de sua própria constituição física.

Espíritos maus não têm chefe, nem organização ou solidariedade, nada que corresponda a Deus. Quanto piores são, mais inferiores são e mais perto da extinção. A condição que os atrai é devida aos próprios homens.”

33. Paris, 26 de outubro de 1877.

Capítulo 17



RELATIVO AOS DEUSES³⁴

Uma idéia verdadeira é o reflexo de uma substância verdadeira. Porque as idéias religiosas são verdadeiras, são comuns a todas as idades e a todos os povos; as diferenças são apenas de expressão e devido à variação da densidade e caráter da atmosfera magnética, pela qual passa a imagem. O fato de que cada nação, em todas as épocas, concebeu, de certa forma, os Deuses, constitui por si só uma prova de que os deuses realmente existem. Pois nada projeta nenhuma imagem sobre luz magnética e, onde uma imagem é universalmente percebida, há certamente um objeto que a projeta. Uma idéia, inata, não radical, constante, a qual um sofisma, uma ridícula ou falsa ciência tem apenas o poder de quebrar, mas não de dissipar — uma imagem que, embora perturbada, retorna invariavelmente para si mesma e refaz-se, como acontece com a imagem do céu ou das estrelas em um lago, sendo que o reflexo na água pode ser momentaneamente agitado por uma pedra ou por um navio que passa — uma imagem como essa, é necessariamente a reflexão de uma coisa real e verdadeira, e nenhuma ilusão vem da própria água.

Da mesma forma, a constante idéia dos deuses, persistente em todas as mentes de todas as épocas, é uma imagem verdadeira; pois é de fato, e não no sentido metafórico, a projeção sobre a percepção humana do Espectro das pessoas Divinas. O Espectro é a reflexão de um objeto verdadeiro na atmosfera magnética; e a atmosfera magnética é um médium transparente, pelo qual a alma recebe as sensações. Portanto, a sensação é o único modo de conhecimento, tanto para o corpo como para a razão.

O corpo percebe por meio das cinco avenidas do tato. A alma percebe da mesma forma, pelo mesmo sentido, mas de um tipo melhor, e age por intermédio de agentes delicados. Ela não sabe nada que não seja perceptível; e nada que seja imperceptível é real. Pois aquilo que não o é não pode produzir imagem. Somente o que *é* pode ser refletido.

34. Londres, 20 de dezembro de 1880. Falado em transe. Citado em *Life of Anna Kingsford* — vol. I, pág. 412.

Capítulo 18



RELATIVO AOS MISTÉRIOS GREGOS³⁵

Na celebração dos mistérios de Foibos Apolo, era proibido comer qualquer coisa por onde o fogo terrestre houvesse passado. Por consequência, toda a comida de seus devotos era assada ao Sol, e seu sacrifício principal consistia em frutas das altas árvores, amadurecidas pelos raios solares.

A esses mistérios de Apolo estavam associados aqueles de Zeus e Hera, rei e rainha, pois tanto o homem como a mulher eram tidos como superiores; e também por causa de Adão e Eva, sendo assim iniciados, eram comedores somente de frutos não cozidos; em um dos sentidos históricos da alegoria, Adão e Eva foram os primeiros Mensageiros. Era, portanto, uma ofensa a Foibos e Zeus, pelos seus devotos, comer qualquer coisa pela qual tivesse passado o fogo, ou qualquer vinho fermentado. Seu vinho era o suco puro da uva recém-bebido, e seu pão era ázimo e tostado ao sol.

Os últimos mensageiros precisam ser iniciados, como Adão e Eva, nesses íntimos e superiores mistérios da humanidade perfeita, que constitui a mais elevada de todas as castas, e dar o direito àqueles que os atingiram de sentarem-se nos assentos dourados³⁶.

Esses mistérios têm também um significado interno, que não é difícil de descobrir.

Nos mistérios de Foibos e Zeus, o iniciado atingiu a condição de grande hierofante (“Veja! eu te conto todas as coisas.”). Ele era iluminado pelo “sol” e estava no quarto círculo interior dos espíritos, que é aquele dos Cristos de Deus³⁷. Para esse círculo interior Jesus de Nazaré almejou passar após sua ressurreição, como estava implícito quando ele disse: “Não mais beberei da uva até que beba seu *novo* sangue no reino de Deus.”

35. Londres, 27 de março de 1881. Recebido em sonho.

36. Ver nº XXII e também *Dreams and Dream-Stories*, nº IX.

37. Comp. *Hino a Foibos*, Parte II, nº XI.

Nos mistérios de Hermes, o segundo círculo — o Deus que guarda a alma — era proibido comer qualquer criatura que tivesse tido vida, ou, melhor, que tivesse olhos que vissem³⁸. Pois Hermes é o vidente. Seus devotos partilhavam somente comida vegetal, que poderia ser cozida em fogo terrestre, e de vinho, que poderia ser fermentado. O seguinte na ordem eram as orgias de Her, que surgiram do mar; e nelas os iniciados podiam comer peixe que fosse realmente peixe, com barbatanas e escamas, mas assado no fogo e não cru, motivo pelo qual, como aquela Deusa é o Anjo da Harmonia ou a Suave Melodia, comer peixe tornou-se um símbolo de amor e união fraternais; e dois pequenos peixes juntos eram o tipo místico de crianças pequenas vivendo juntas em unidade e caridade³⁹. Pois os peixes nadam em pares; e Ele, que pescava homens, puxou-os para si por meio do amor. E todos os pescadores estavam sob a proteção da Rainha do Mar. Há duas verdades místicas que pertencem aos mistérios de Maria, a Estrela do Mar, e elas são, em seu sentido íntimo, os dois peixes que Jesus deu à multidão. Sobre isso falarei depois, quando te falar sobre as doze cestas de pão. Estas são as cestas que as doze virgens carregavam nas orgias divinas.

No mistério de Baco, era permitido que o círculo externo comesse, se eles de fato quisessem, toda a carne salva dos impuros, isto é, poderiam comer as bestas limpas do chão e os pássaros do ar. Essa era a quarta e mais inferior das castas. Porém, os devotos de Iaco (o Baco místico), sabendo sobre todos os ritos mais elevados, abstiveram-se dessas coisas, embora os permitissem para a multidão, que era apenas corpo. Porque nenhum dos adoradores de Dionísio (ou Iaco) eram iniciados nos ritos de Deméter e Afrodite. Por essa razão substituíram os mistérios de Dionísio pelos de Ceres, a Mãe da Terra, nos quais o uso de carne era totalmente proibido. Por esse motivo, ninguém sabe sobre os mistérios de Baco, a não ser com relação ao vinho, fermentado ou não, pois o significado interior de seu rito faz referência à verdade e ao significado das coisas. As orgias de Ceres e Baco eram, assim, unidas: a Deusa sendo honrada em seu pão, e o Deus, em seu cálice da verdade. Pois, nessas orgias, esses são corpo e espírito, sólido e fluido, externo e interno; eles abrangem todas as coisas da Terra e do Céu.

E além do círculo de Dionísio, fica ainda outro — aquele de um Deus que também tinha suas orgias, mas eram proibidas, salvo em certas nações violentas e nos tempos bárbaros. Pois, no mistério de Ares, o Homem da Guerra sacrificava e comia carne humana e de cavalo, o qual também guerreava com o homem. Este círculo está fora do reino dos círculos quádruplos e pertence às aves de rapina. Sua estrela é vermelha, como o sangue dos mortos. Mas as orgias de Ares e o carneiro coroado não eram celebradas por nenhum homem, salvo na guerra; e aquele que conhecia Deus não desperdiçou

38. Comp. Hermes ao seu Neófito, Parte II, nº XII, pt. 2.

39. Comp. Hino de Afrodite, Parte II, nº XIV (2).

sua vida, mas livremente sacrificou a si mesmo. Porque era uma abominação comer no altar de Ares em tempos de paz.

Contudo, Ares tinha seu significado interior — Ó Conhecimento, és de difícil acesso! O Cavallo (que é o símbolo do intelecto) morreu por ti, e o Guerreiro está comovido. És o Homem da Guerra, e de ferro são as rodas de tua biga!

As Escrituras hebraicas descrevem o Senhor Jeová, ou Logos, operando-se no quinto círculo, quando falam de Deus como um Homem de Guerra. E o Livro da Sabedoria assim O representa. Pois a Palavra Divina toma muitas formas, aparecendo algumas vezes como um e algumas vezes como outro de Seus Sete Anjos ou Elohim. Esses são apenas sete, pois o número compreende todos os Espíritos de Deus. Assim, quando o sétimo passar, o oitavo recomeça, e as mesmas séries de processos são repetidas sem que, como reflexo, as mesmas Sete Luzes tornem-se, pela distância, cada vez mais fracas.

Vêja que, acima de tudo, o que tu ensinas é a doutrina da Casta. Os cristãos cometeram um sério erro ao exigir a mesma regra para todas as pessoas. As castas são escadas para se subir do inferior para o superior. Elas são, apropriadamente, graus espirituais, e não têm nenhuma relação com a condição externa de vida. Como todas as outras doutrinas, a das castas tornou-se materializada. As castas são em número de quatro, correspondendo à natureza quádrupla do homem. Os demônios, os anjos da guarda ou os gênios pertencem à ordem dos Serafins, ou Serpentes da Luz, que circundam e sobem da esfera suprema. Essa é a razão da idéia da serpente como um anjo caído, os astrais sendo serpentes de fogo, brotando do mundo de Hades ou o inferior — tanto material como astral —, a qual é a observadora do superior.

Vênus, ou Afrodite, é a harmonia celestial — que, juntando o poder de simpatia, purifica, ilumina e embeleza. A maçã em sua mão é o Cosmos (designando o mundo mantido e redimido pelo amor).

A coruja, sagrada para Palas, e o gato, sagrado para Hermes, são os tipos de vidente. Pois sabedoria e compreensão podem ver as coisas nos lugares escuros.

O Espólio dos egípcios tem uma referência secundária quanto à apropriação de seus mistérios sagrados pelos hebreus. A principal referência é sobre o enriquecimento e edificação da alma por meio de lições obtidas pelas experiências do corpo, simbolizadas como Egito.

O ar, Palas, é a descendência de Ester, Júpiter, ou substância original, em seu aspecto masculino. Ester é universalmente espalhada, penetrando todos os lugares, ou, melhor dizendo, impossível de ser excluída de qualquer lugar. Os átomos girando nos sólidos mais densos dissolvem-se no éter, como os planetas no espaço. Em certo sentido, Ester é o espaço. A alma, Perséfone, é a filha da Terra, Deméter ou movimento e de Ester, Zeus ou repouso, visível e invisível, respectivamente. Para aquele que conhece os mistérios de Deméter ou Ceres, comer carne é uma abominação.

Esses mistérios continham, entre outras coisas, a relação entre a alma e os elementos que é cercada em ambos os lados, a saber, pelo movimento e matéria no lado de fora, e repouso e espírito no de dentro. Assim, Deméter e seus mistérios são de suma importância e referem-se aos segredos mais íntimos. Como a força que faz com que o espírito manifeste-se como matéria ou terra, ela é a Mãe Terra e o poder no qual ocorre a germinação. Constituindo tudo o que é fixo e sólido, ela é criação ou manifestação por meio da ação ou movimento, o invisível tornado visível. É a ela que é devido o fenomenal ou ilusório, pelo qual sua filha Perséfone — ou a alma — é puxada para fora e para baixo. Ilusão, o corpo “ardente” ou elétrico, resultado do movimento e operando como um véu para esconder a realidade íntima, é Maia e Fascínio; e a alma, ao seguir isso, é levada a Hades por seu governante, Plutão (o Deus em particular dos ricos, eles próprios ilusórios, como produtos da terra). Comendo a romã mística (a “maçã” de Eva), o volátil torna-se alquimicamente fixo, a alma é incorporada ao corpo e, pelo menos em parte, materializada, não sendo mais “virgem” ou pura, uma vez unida à carne e ao sentido. Pela súplica de sua mãe, que temia sua total imersão na matéria e conseqüente perda final, Zeus concede que ela possa dividir sua existência entre os dois mundos ou condições, a terrena e a celestial, sendo — enquanto no inferior — Rainha das Sombras ou daqueles que dormem, ficando inconsciente das coisas espirituais.

Assim, o corpo volátil ou astral, que é a imediata manifestação da alma, é a filha — ou produto — do Movimento, e este é a filha do Tempo (Cronos ou Saturno) e da Substância, que é Rea ou o Espírito Sagrado, em seu aspecto feminino. Esta última é a Grande Mãe, a original Pantéia. A produção do corpo material pela fixação das partículas do corpo volátil vem da reversão dos pólos dessas partículas por meio da tendência externa da vontade do indivíduo, e sua separação ou divergência, da vontade Divina ou central.

A força pela qual Zeus, o espírito central, produz a alma e o corpo etéreo, e que a alma usa para projetar-se ainda mais, é a mesma força pela qual o sistema é transmutado e aspirado outra vez para seu centro Divino e tornado volátil. A força é uma só, a vontade e a direção são muitas.

Em um sentido, Perséfone é o grão de trigo; Ceres, o solo; e Hades, a escuridão que esconde o grão, até que, sob a influência solar, ele emerge e retorna à luz. Foi devido a um mal-entendido dos mistérios de Ceres e do significado verdadeiro da ressurreição do corpo, que o costume de queimar os mortos foi trocado pelo de enterrá-los.

Os Deuses dos elementos, Atenas (ar), Poseidon (água), Hefaiostos (fogo) e Deméter (terra), estão entre os maiores, e estão perto do trono, tendo poder universal, porquanto seu império é universal⁴⁰.

40. Ver Parte II, nº XIII, parte 2, e Apêndice, nota R.

Capítulo 19



RELATIVO À ORIGEM DO MAL E À ÁRVORE COMO O MODELO DE CRIAÇÃO

PARTE I⁴¹

Falemos da árvore e de seu significado. Disso os hindus entendem mais do que tu, pois representam seus deuses com muitos braços. Isso porque eles reconhecem o fato de que o modelo de toda a existência é a árvore, e que o símbolo universal de Deus é aquele do reino vegetal. É por essa razão que a árvore foi plantada na bruma do jardim, já que ela era e é o modelo de toda a existência, o centro de onde se irradia toda a criação. Deixe que a visão dos hindus instrua você sobre esse assunto.

“Perguntaste, também, a origem do Mal. Este é um grande assunto, que nós mantivemos por longo tempo longe de ti, mas que nos parece agora que precisas saber. Entendas, então, que o mal é o resultado da criação. Pois a criação é a projeção do espírito na matéria e, com essa projeção, vem o primeiro germe do mal. Queremos que saibas que não há tal coisa como mal puramente espiritual, mas que o mal é o resultado da materialização do espírito. Se examinares cuidadosamente tudo o que te dissemos referente às diversas formas de mal, verás que cada uma é o resultado das

41. Paris, 21 de julho de 1877. Esta parte foi escrita pelos próprios videntes, em transe. A Parte 2 foi falada sob as mesmas condições, logo a seguir. Citado em *Life of Anna Kingsford* — vol. I, págs. 181-182. E. M.

limitações da matéria. Falsidade é a limitação da faculdade de percepção; egoísmo é o resultado da limitação do poder de perceber que o Universo todo não é mais do que o maior Eu; e assim com todo o resto. É, então, verdade que Deus criou o mal; mas também é certo que Deus é Espírito e, sendo Espírito, é incapaz de fazer o mal. Este é, assim, única e simplesmente o resultado da materialização de Deus. Esse é um grande mistério. Esta noite podemos apenas indicá-lo.”

PARTE 2

Vejo um lago, amplo, profundo e brilhante. Não tenho certeza se é um lago ou um mar. Não enxergo nenhuma margem. Suas águas são tão límpidas que posso ver os pedregulhos brilhando no fundo, se houvesse um. Uma inundação de luz nebulosa espalha-se sobre ele, por toda a parte; agora, conforme olho, a luz vai se transformando em flores e, entre elas, há espaços de escuridão causados pelo afastamento da luz nas flores. É um vasto e flutuante jardim de flores e em sua bruma está uma árvore. Ela estende seus braços em todas as direções. O jardim é a criação, a árvore é Deus. De algum modo, a árvore parece ser as flores, e estas pertencem àquelas. Não posso distinguir o material da árvore; escapa-me, conforme olho. Não é matéria, é a substância da matéria, a Divindade sublimando-a. Deus não é luz, mas aquilo do que a própria luz é a manifestação. Deus assim o quis. A luz é o resultado da vontade de Deus. Ele disse: “Que haja luz”, e assim aconteceu. A matéria é a intensificação da Idéia⁴². Todas as coisas são feitas do pensamento de Deus.

Deus é Espírito e a substância das coisas. Vejo duas forças sempre em operação. Elas são a centrífuga e a centrípeta. E elas são uma; sim, uma e a mesma, pois vejo a força voltando para Deus. A criação foi sempre projetada por Deus, a partir de um centro luminoso. Ela também está sempre retornando. Algumas partes recusam-se a retornar; vão para o espaço externo; estão perdidas. Deixa-me ver — pode ser que elas atravessem a esfera da atração Divina? Sim, vejo que é isso e, oh, estão perdidas! O Espírito foi retirado; é como se ele houvesse sido sugado para fora delas, e elas vagueiam pela escuridão e dilatam-se. O restante, que se aproxima de Deus, desenvolve em si o Espírito, ficando mais e mais parecido com Elê. Ele é o mais rico deles. Eles continuam a existir. Eles voltam, mas não se perdem de Deus. Pensei estar descrevendo astros no espaço, projetados de

42. Compare nº XXXI.

um sol central, em torno do qual eles giram; mas, olhando mais de perto, vejo-os como indivíduos. Eles se tornaram pessoas. Deve ser porque o método da criação é o mesmo para todos.

Deus é anterior à criação; houve um tempo em que Deus não criou; era o *Sabá* de descanso para Deus. Tal *Sabá* ocorre quando não há Universo material. É quando a mente Divina pára de pensar. Porque, para Deus, pensar é criar. A própria matéria é um resultado do pensamento Divino; foi antes produzida pela intensificação da Idéia. Parece-me que sua primeira forma foi como água fluídica. O Espírito é a própria Divindade. Deus é dual. Vejo, observando de mais perto, que, por meio dessa dualidade, Deus produz a criação. O mal é causado pela criação ou pela projeção do espírito na matéria, ou seja, é o espírito que, sendo projetado bem longe do centro Divino⁴³, torna-se matéria. A percepção é uma; os sentidos são modos especializados de percepção; Deus é a própria percepção. Ele é percipiente universal. Deus é tanto o que vê como o que é visto. Se todos nós pudéssemos ver tudo, ouvir tudo, tocar tudo, e assim por diante, não haveria o mal, pois ele vem da limitação da percepção. Tal limitação era necessária, se Deus estava produzindo outro que não fosse Ele. Outro que não fosse Ele deve ser menos do que Deus. Assim, sem mal, somente restou Deus. Todas as coisas são Deus, de acordo com a medida do espírito dentro delas. Vejo agora que o mais próximo de Deus é a mulher⁴⁴.

43. O centro, ou seja, da Operação Divina, não do Ser Divino. E. M.

44. Como modelo do aspecto feminino ou do amor da Natureza Divina. E. M.

Capítulo 20



RELATIVO À GRANDE PIRÂMIDE E ÀS INICIAÇÕES ALI REALIZADAS⁴⁵

Vejo a Grande Pirâmide e posso lhe falar sobre ela. Meu gênio informou-me de que o número de pirâmides, no Egito, corresponde ao dos mistérios de Deus. Ninguém ainda descobriu corretamente o propósito da maior delas. Foi construída apenas para servir às iniciações. Vejo um candidato e sete, ou oito, hierofantes andando em procissão, com tochas, através das passagens. Cada passagem representa um mistério, a principal delas levando à “câmara do rei”. Isso representa o maior dos mistérios. A “câmara da rainha” representa o menor deles. A arca na câmara do rei é a medida representando o padrão da Humanidade perfeita. E, nela, o candidato era conduzido à sua iniciação final.

Parece-me que eu mesma já estive lá uma vez. Minhas sensações sobre isso são como uma memória. Não foi feita para ser uma profecia, mas pode servir como uma. Nela estão simbolizados os Errantes do Deserto, isto é, a história da alma na solidão do corpo. Representando a alma do indivíduo, ela também representa a raça, sendo assim realmente uma profecia.

O novo nascimento toma lugar na câmara do rei. É o último estágio. Uma pessoa pode ser iniciada diversas vezes, em várias encarnações; mas é regenerada uma vez, para sempre. O “batismo” é realizado na câmara da rainha. Ela pertencia ao menor dos mistérios. Não é nem iniciação, nem regeneração, mas purificação. São quatro os estágios a serem passados antes da iniciação final. Eles correspondem aos quatro elementos, terra, fogo,

45. Londres, 22 de março de 1881. Falado em transe. Citado em *Life of Anna Kingsford* — vol. II, pág. 3.

água e ar; e eles também dizem respeito, respectivamente, às quatro divisões correspondentes da natureza humana — o corpo, o fantasma ou perísprito, a alma e o espírito, que são os quatro rios do Éden. E o candidato precisa ser testado e provado em cada um deles pelo tentador.

O iniciado era acompanhado por sua patrocinadora ou “mãe”, uma sacerdotisa ou Sibila. O segredo central do Mistério era a árvore da vida na bruma do jardim. Imortalidade, o segredo da transmutação, ou transformando “água” (substância) em “vinho” (espírito). Isso, “Issa” — filho de Ísis — ou Jesus é o único que pode realizar. O segredo incompreensível, que tu entenderás! Uma alma, como já foi dito, pode ser iniciada mais de uma vez, em diversas vidas, mas apenas uma vez regenerada. Pois ela — a alma — pode ser apenas uma vez nascida do espírito ou da “sabedoria”. Ser regenerado é nascer para a vida espiritual e para unir a vontade individual à Vontade Divina.

Essa união das duas vontades constitui o casamento espiritual, o cumprimento que está nos Evangelhos, representado na parábola das bodas de Caná da Galiléia. Esse casamento Divino, ou a união da vontade humana com a Vontade Divina, é indissolúvel; daí a idéia da indissolubilidade do casamento humano. E como é um casamento do espírito do homem com o de Deus, e o de Deus com o do homem, é um duplo casamento.

Vejo, realmente, a cerimônia realizando-se. O hierofante representa o Espírito Divino; ele e o candidato olham-se e, cruzando seus braços, seguram um a mão do outro. Uma alma pode ser parcial e momentaneamente iluminada pelo Espírito; o Espírito pode mesmo descer sobre um indivíduo, tornando-o um profeta, ou passar adiante, deixando-o não-regenerado e fora do reino de Deus — como aconteceu com João Batista. Mas é apenas o casamento Divino que consiste na regeneração, o sacramento do eterno casamento. Dessa união íntima, a própria alma renasce e seus recessos íntimos são divinamente iluminados. De casamento como esse, os Patriarcas eram ignorantes. Sua ligação com o Espírito era caprichosa e transitória, sendo, portanto, representado como vivendo em concubinato.

Temos aqui a razão de a Taça ser negada aos leigos. “Com qualquer árvore”, foi dito ao não-iniciado Adão, “podes livremente te comunicar. Mas com a árvore do conhecimento não podes te comunicar”. O vinho é o espírito da verdade interior, o entendimento que fornece a vida eterna; e isso o povo não pode ainda alcançar. Podem receber apenas o pão, que representa somente o elemento da substância. Este, contudo, também contém espírito, embora não manifestado e não reconhecido.

Vejo agora a pirâmide distintamente. Foi totalmente construída para as iniciações, no que diz respeito aos seus construtores. Nesses cerimoniais, o junco desempenhou um importante papel, também em geral nos mitos sagrados. Assim, Moisés foi posto em um cesto de junco.

A divindade hindu, Kartikya, foi protegida na infância por juncos. Os mistérios de Ceres, ou Deméter, eram carregados em cestos de junco, chamados *canephorae* (canéforos); e o estágio final da iniciação de Jesus está

localizado em *Caná*. Um junco também foi colocado em sua mão, quando de sua condenação. Também a virgem, na iniciação do casamento sagrado, levava um junco com um cálice em cima. Isso é porque, crescendo dentro e fora da água, designa a alma, sendo uma vareta reta; o junco designa o espírito. Na Índia, o Loto tem o mesmo significado. Compreendo que Jesus tenha sido iniciado nos mistérios da Índia e Egito e, muito antes de haver encarnado como Jesus, parece-me que tenha sido um brâmane.

Os egípcios e os hindus parecem ser da mesma raça, com seus mistérios em comum, pois mostraram-me, um de cada povo, montados em um elefante. Ambos os países foram colonizados na mesma época pelo Tibete, e daí provêm todos os mistérios⁴⁶. No Egito, as iniciações eram realizadas, geralmente, nas pirâmides e templos. Na Índia e na Palestina, eram nas profundezas da terra, em cavernas. Em Caná da Galiléia, há uma grande caverna usada para esse fim, com uma sala de “banquetes”.

Estou contando as pirâmides. Vejo trinta e seis, mas penso que há mais.⁴⁷

46. Aqui é ainda sugerida outra explicação para a parábola do Dilúvio. O Tibete, como Tebas, significa Arca; e se, como há muito suposto, foi uma vez a única morada do conhecimento espiritual no mundo e centro onde foi difundido, pode ser dito sobre os antigos mistérios tibetanos o mesmo que sobre os moradores da Arca: “Deles foi a terra toda espargida”. Os fatos que são dignos de nota é de que o Tibete é o mais elevado planalto do globo e que a palavra *Ararat* é idêntica à palavra *Arhat*, o termo hindu para o topo da realização espiritual. E. M.

47. Relativo ao método de recuperação dessas recordações, ver observação no final do nº XXXII.

Capítulo 21



RELATIVO AO “HOMEM DO PODER”⁴⁸

Tenho dito que tudo é quádruplo e, como esse planeta, assim também é o homem. O homem perfeito possui um corpo externo quádruplo — gassoso, mineral, vegetal e animal; quatro corpos siderais: magnético, ódico, simpático e elementar; uma alma quádrupla — compartilhando os elementos da alma de todos os graus pelo qual ele passou, sendo: elementar, instintivo, vital e racional; e um Espírito trino — porque não há externo para o Espírito — desejoso, disposto e obediente. Não há nada no Universo a não ser o homem; e o homem perfeito é “Jesus Cristo”. “Mercúrio” fecundado pelo “enxofre” torna-se o mestre e regenerador do “sal”. É o azoto, ou magnésia (dos alquimistas), o grande agente mágico, a luz da Luz, fecundado por força animada, ou energia intelectual, que é o enxofre. Quanto ao sal, é simples matéria. Tudo o que é matéria contém sal; e todo sal pode ser convertido em puro ouro pela ação combinada de enxofre e mercúrio. Algumas vezes, isso é feito tão rapidamente que a transmutação pode ocorrer em uma hora, em um instante, quase sem esforço ou custo. Outras vezes, devido às disposições contrárias do médium atmosférico, a operação pode levar dias, meses ou anos. O sal é fixo; o mercúrio, volátil. A fixação do volátil é a síntese; a volatilização do fixo é a análise. Aplicando-se ao fixo o mercúrio sulfurizado, ou fluido astral poderosamente ocasionado pela secreta operação da alma, é obtido o domínio sobre a natureza. Os dois termos do processo são materialização e transmutação. Esses dois termos são aqueles do “Grande Trabalho” — a redenção do espírito da matéria.

48. Londres, dezembro de 1880. Falado em transe, mas não, como no precedente, na própria pessoa do orador, mas sob ditado ouvido internamente; assim como nas três expressões que seguem. Citado em *Life of Anna Kingsford* — vol. I, págs. 404-408. E. M.

Milagres são efeitos naturais de causas excepcionais. O homem que chegou ao ponto de querer nada e temer nada é o mestre de todos.

O Iniciado do grau mais elevado — aquele que tem o poder de comandar os espíritos elementares, e assim acalmar a tempestade e aquietar as ondas — pode, por meio da mesma agência, curar as doenças e regenerar as funções do corpo. E isso ele faz por meio de um exercício de sua vontade, que coloca em movimento o fluido magnético. Tal pessoa, um Perito ou Hierarca da ciência magnética, é, necessariamente, de muitas encarnações. E é, principalmente, no Leste que eles são encontrados, pois é lá que as almas mais velhas estão habituadas a congregar. Foi no Leste que a Ciência humana primeiro surgiu; e o solo e o fluido astral de lá estão carregados com força, como uma enorme bateria com muitas pilhas. Assim, o Hierarca do Oriente é tanto uma alma velha como o suporte magnético de uma corrente de almas velhas, e a terra embaixo de seus pés e o médium ao seu redor estão carregados com força elétrica de tal grau que não pode ser encontrada em nenhum outro lugar.

Agora, o corpo ódico ou sideral é o verdadeiro corpo do homem. O corpo fenomenal é secundário. O corpo ódico não tem necessariamente a mesma forma ou aparência do corpo externo, mas é da natureza da alma. A criação do homem à imagem de Deus, “antes da transgressão”, é o retrato do homem tendo poder, ou seja, possuindo um corpo ódico, no qual os elementos não estavam fixados — um corpo como aquele do “surgimento de Cristo”. O que eu disse sobre a volatilização do sal ajudará a compreender isso. Mas, quando o “pecado da idolatria” foi cometido, então o homem deixou de ter esse poder sobre seu próprio corpo, dessa forma tornando-se “pilar de sal”, fixo e material. Ele estava “nu”.

O homem, assim referido, tendo obtido poder sobre seu corpo pela evolução do ser rudimentar, afinal tornando-se polarizado, recebeu a Chama Divina da Deidade e, desse modo, o poder sobre o “sal”. Mas, por causa da vontade depravada do exterior, ele despolarizou, fixando assim o volátil. Então ele sabia que estava “nu” e que havia perdido o “Paraíso”.

O Paraíso pode ser reconquistado? Sim, por meio da Cruz e da Ressurreição de “Cristo”. Pois em Adão todos morremos e em “Cristo” tornaremos a viver, já que, na medida em que morre o mundano, o celestial vive. O corpo pode ser transmudado em seu protótipo, o corpo magnético. Este é o trabalho do adepto. O corpo magnético pode ser abandonado do fluido ódico e a alma liberta-se. Este é o trabalho da evolução *post mortem* (pós-morte). Mas, transmudar o corpo fenomenal, o magnético e a alma em espírito — isso é trabalho do “Cristo”. “Tenho o poder”, disse Jesus, “sobre meu corpo para deitá-lo e para levantá-lo outra vez.”

Você disse para mim: “Se o corpo ódico ou sideral for o criador do corpo físico, como pode este divergir dele na forma? Como pode um homem ser exteriormente humano e, na realidade, ser um lobo, uma lebre ou um cão?”.

Quando você se tornar um adepto saberá que tal fato não é contraditório. A transição do corpo sideral não é súbita. Ela *se torna* gradualmente, e não sofre mudanças por meio de cataclismo. Já é parcialmente humana antes que deixe de usar a forma de um homem rudimentar — isto é, de um animal. Você viu isso em visões, quando observou a forma humana em criaturas sob tortura no laboratório.⁴⁹ Ainda permanece parcialmente rudimentar quando é posta sobre o homem.

A indulgência, em suas tendências mais baixas, pode fortalecê-lo em sua antiga semelhança e acentuar suas tendências anteriores. Por outro lado, a aspiração para com o Divino acelerará a mudança, fazendo com que perca de uma só vez todos os seus atributos inferiores. Aquele que nasceu da carne tem a imagem da carne; mas aquele que vem do além é do além. O útero só pode trazer seu próprio tipo, com a aparência dos geradores; e tão logo o humano é atingido, mesmo no último grau, a alma tem o poder de pôr sobre ele o corpo da humanidade. Portanto, o corpo ódico sempre possui algum atributo de humanidade. Porém, pode perdê-lo por meio do pecado; e, nesse caso, ele retornará, por uma nova encarnação, na forma de besta. Desses retornos à forma mais inferior, alguns são puramente penitenciais, mas quase todos são punitivos. O adepto pode ver o humano em uma besta, como também pode dizer se a alma dentro dele é ascendente ou descendente. Ele também pode ver a alma em um homem, e todos os homens, para ele, não têm a mesma forma ou aparência. Se seus olhos estivessem abertos, você ficaria surpreso com o número de animais que encontraria pelas ruas e com a escassez de homens. A parábola da Cidade Encantada, das fábulas orientais, descreve bem esse mistério.

49. Ver *Dreams and Dream-Stories*, nº XIV, "The Laboratory Under-Ground".

Capítulo 22



RELATIVO AO “TRABALHO DO PODER”

Você me perguntou se o trabalho do poder é difícil e se está aberto para todos.

Potencial e eventualmente, sim, está aberto, mas não realmente no presente. A fim de reconquistar poder e ressurreição, um homem deve ser um Hierarca, o que quer dizer que ele deve atingir a idade *mágica* de trinta e três anos. Essa idade é atingida quando tiver cumprido os Doze Trabalhos, passado pelos Doze Portões, ultrapassado os Cinco Sentidos e conseguido o domínio sobre os Quatro Espíritos dos elementos. Ele deve ter nascido Imaculado, batizado com Água e Fogo, tentado no Deserto, crucificado e enterrado. Ele deve ter suportado Cinco Feridas na Cruz e deve ter decifrado o enigma da Esfinge. Quando isso for cumprido, ele estará livre da matéria e nunca mais terá um corpo fenomenal.

Quem atingirá essa perfeição? O homem sem medo e sem concupiscência, que tem a coragem de ser absolutamente puro e casto. Quando tanto faz ter ouro ou não, ter uma casa e terras ou não, ser mundialmente famoso ou um desterrado — então você é, voluntariamente, pobre. Não é preciso ter nada, mas é necessário importar-se com algo. Quando tanto faz para você ter uma esposa ou um marido, ou ser celibatário, então está livre da concupiscência. Não é necessário ser virgem; é necessário não dar valor algum à carne. Nada é tão difícil de se conseguir como este equilíbrio. Quem é aquele que pode compartilhar os seus bens sem se arrepender? Quem é aquele que nunca é consumido pelos desejos da carne? Mas, quando você parar tanto de desejar reter as coisas como de arder de desejo, então terá o remédio em suas próprias mãos, e esse remédio é difícil e doloroso, uma terrível provação. Entretanto, não tema. Negue os cinco sentidos, acima de todos, o paladar e o tato. O poder está dentro de você, se

deseja alcançá-lo. Os dois assentos estão vagos na Mesa Celestial⁵⁰, se desejar seguir Cristo. Não coma nada morto. Não beba nada fermentado. Torne elementos vivos todos os de seu corpo. Mortifique todos os membros da Terra. Tenha sua comida cheia de vida e não deixe o toque da morte passar sobre ela. Você me entende, mas recua. Lembre-se de que sem auto-imolação não há poder sobre a morte. Negue o tato. Não procure por prazeres carnis em comunhão sexual; deixe o desejo ser magnético e anímico. Se favorecer o corpo, irá perpetuá-lo, e o fim do corpo é a corrupção. Você, mais uma vez, me entende, mas recua. Lembre-se de que sem autonegação e comedimento não há poder sobre a morte. Negue primeiro o paladar, será mais fácil negar depois o tato. Pois ser virgem é a coroação da disciplina. Mostrei-lhe o caminho excelente, e é a Via Dolorosa. Julgue se a ressurreição vale a paixão, se o reino vale a obediência, se o poder vale o sofrimento. Quando for chegado o momento de sua chamada, não mais hesitará.

Quando um homem consegue o poder sobre seu corpo, o processo da provação não é mais necessário. O Iniciado está sob confissão; o hierarca está livre. Jesus, portanto, veio comendo e bebendo, pois tudo é lícito para ele, que sofreu e libertou sua vontade. Pois o propósito do julgamento e do juramento é a polarização. Quando o fixo é volatizado, o Mago está livre. Mas, antes de Cristo estava o Cristo de quem ele era súdito; e sua iniciação durou trinta anos. Tudo era lícito ao hierarca, pois ele sabe a natureza e o valor de tudo.

Quando os elementos do corpo estão dotados com poder, eles são os mestres dos espíritos elementares e podem vencê-los. Mas, enquanto eles estiverem sob servidão, são escravos dos elementares, e estes têm poder sobre aqueles. Agora, Hefesto é um destruidor, o sopro do fogo é um toque de morte. O fogo passa sobre os elementos de sua comida, priva-nos de seu espírito vital e dá-lhe um cadáver ao invés de uma substância viva. Não apenas isso, o espírito do fogo penetra os elementos de seu corpo, estabelecendo-se em todas as suas moléculas uma consumição e uma queimação, impelindo à concupiscência e ao desejo carnal. O espírito do fogo é um espírito astuto, penetrante e difuso, penetrando a substância de todas as matérias nas quais age. Portanto, quando põe dentro de seu organismo tal substância, põe junto com ela o espírito do fogo e assimila-o juntamente com a matéria da qual ele tornou-se parte.

Falo a você coisas excelentes. Se quiser se tornar um homem de poder, deve se tornar mestre do fogo. O homem que procura ser um hierofante não deve morar nas cidades. Ele pode começar sua iniciação na cidade, mas ele não pode completá-la ali, pois ele não deve respirar ar morto ou queimado. Na cidade, você respira o ar por onde passou a chama, aspira

50. Ver nº XVIII, "Relativo aos Mistérios Gregos". Também, *Dreams and Dream-Stories*, nº IX, "The Banquet of the Gods".

fogo, e ele consome seu sangue. O homem que procura todo o poder deve ser um nômade, um morador das planícies, dos jardins e das montanhas. Ele deve procurar o Sol e o sopro da noite. Deve comungar com a Lua e as estrelas e manter contato direto com as grandes correntes elétricas do ar não-queimado, com a grama e com o solo não-pavimentado do planeta. É em lugares não freqüentados, ou em terras como aquelas do Leste, em partes onde as abominações da Babilônia não são conhecidas e a corrente magnética entre a Terra e o Céu é forte, que o homem que busca o poder — e que poderá alcançar o Grande Trabalho — deve completar sua iniciação.

O número do microcosmos humano é treze; quatro para o corpo externo, quatro para o corpo sideral, quatro para a alma e um para o Espírito Divino. Pois, embora o Espírito seja trino, ele é um e só pode ser um, porque é Deus, e Deus é um só. Na Última Ceia, portanto, na qual os Magos simbolizam o Banquete do Microcosmos, há doze elementos apostólicos e um Cristo. Mas, se um dos elementos for desobediente e traidor, o Espírito é extinto e a morte aparece.

Capítulo 23



RELATIVO À REGENERAÇÃO⁵¹

A diferença entre “Filho de Deus” e o simples profeta é que o primeiro nasce regenerado, assim é dito que nasceu “de uma virgem”⁵². Porém, regeneração é a união da alma e do espírito e não um processo no qual o corpo toma parte. No “Batismo”, Jesus recebeu o Éon, ou “Pombo”, e foi preenchido com o Espírito Santo, tornando-se um Médiun para o Altíssimo. O Cristo era instruído por dentro e “não precisava de nada que algum homem pudesse lhe dizer, pois ele sabia o que há dentro do homem”. Mas o adepto recebe exteriormente e é instruído por outros.

O adepto, ou “ocultista”, é quando muito um cientista religioso; não é um “santo”. Se o ocultismo fosse tudo e tivesse a chave do céu, não haveria a necessidade do “Cristo”. Mas, embora o ocultismo mantenha o poder, não mantém nem o “reino” nem a “glória”, pois elas são do Cristo. O adepto não conhece nem o reino, nem o céu, e “o menor deste reino é maior do que ele”. “Deseje *primeiro* o reino de Deus e a retidão de Deus; e todas essas coisas serão somadas a você.” Como Jesus disse a Prometeu⁵³, “não se preocupe com o amanhã. Veja os lilases no campo e os pássaros no ar e confie em Deus como eles.” Porque o santo tem fé; o adepto tem conhecimento. Se os adeptos do ocultismo, ou ciência física, fossem suficientes para o homem, eu não traria nenhuma mensagem para você.

Mas os dois não estão em oposição. Todas as coisas são suas, até mesmo o reino e o poder, mas a glória é de Deus. Não ignore os ensinamentos deles, pois lhe farei conhecer todos eles. Use, portanto, todos os meios que conhecer. Esse conhecimento é sobre o homem, e começa na

51. Londres, junho de 1881. Recebido em sonho, em resposta a uma indagação referente à prudência no estudo de ciência oculta. E. M.

52. Isto é, sua própria alma purificada da mácula da materialidade — a alma sendo sempre a “mãe” do homem místico ou interior. Ver “Definições” no Apêndice. E. M.

53. Um termo que significa premeditação. O protesto é contra a indevida ansiedade e alarme em favor da alma enquanto no curso do dever, como implicando a desconfiança da suficiência Divina. Ver nota J do Apêndice. E. M.

mente. Assim, vá ao homem para aprendê-lo. “Se queres ser perfeito, aprenda também isso.” “Contudo, a sabedoria que vem de cima está acima de tudo.” Pois um homem pode começar pelo que está dentro de si, isto é, com sabedoria, e a sabedoria é uma só com o amor. Abençoado é o homem que escolheu sabedoria, pois ela leva a todas as coisas. E outro homem pode começar pelo exterior, e o que é externo é o poder. Para esses, será um espinho na carne⁵⁴. Porque é difícil, em tal caso, alcançar o exterior. Mas, se um homem for internamente sábio, mais facilmente isso será unido a ele, pois ele nasceu outra vez e está livre, ao passo que é a um preço bem alto que o adepto consegue a liberdade. Contudo, ordeno que procures; e isso também deverás encontrar. Mas eu te mostrei um caminho melhor do que o deles. Todavia, tanto Ismael como Isac são filhos de um só pai, e em todos os seus filhos a Sabedoria é justificada. Assim, nem eles estão errados, nem tu estás perdido. A meta é a mesma; porém, o método deles é mais árduo do que o teu. Eles tomam o reino pela violência, se o tomarem, com muito trabalho e agonia da carne. Mas, na hora em que o Cristo estiver dentro de ti, o reino abrir-se-á para os filhos de Deus. Receba o que podes receber; farei que saibas todas as coisas. E, se tiveres servido sete anos à sabedoria, não contes como perdidos para servir sete anos também ao poder. Pois, se Raquel conseguiu o melhor bem-amado, Lia teve muitos filhos e é muito fértil. Mas seu olho não é um só; ele olhou para os dois lados, e procurou não só o que vinha de cima. Mas, para ti, Raquel vem primeiro e porventura sua beleza pode ser suficiente? Eu digo que não é o suficiente; é melhor conhecer todas as coisas, porque se não sabes tudo, como julgar tudo?

Pois, como um homem ouve, assim ele deve ser julgado. Portanto, tu te regenerás no exterior tanto como no interior? Pois eles são renovados no corpo, mas tu és na alma. É bom ser batizado pelo batismo de João, se um homem receber também Espírito Santo. Mas alguns não sabem ao certo se há um Espírito Santo. Contudo, Jesus também, sendo ele próprio regenerado no espírito, procurou o batismo de João, porque desse modo ele preencheu a si próprio com todas as coisas. E, tendo sido preenchido, veja, o “Pombo” desceu sobre ele. Se então desejas ser perfeito, busque tanto o que está externo como o que está interno; e o círculo do ser, que é “a roda da vida”, estará completo para ti⁵⁵.

54. Isto é, a própria carne é o espinho deles. E. M.

55. A interpretação referente a Raquel e Lia, como nós averiguamos, está nas linhas da Cabala. E. M.

Capítulo 24



RELATIVO AO HOMEM REGENERADO⁵⁶

Disseram-te que Jesus — e aqueles como ele — voltou, voluntariamente, e nasceu sob condições diferentes do comum e que cumpriu alguns degraus de sua regeneração. Esses degraus são doze no total e constituem doze trabalhos, doze portões, ou doze pérolas, todos os quais são de igual valor. Jesus nasceu regenerado em alguns degraus, e o todo só foi completado após sua “ressurreição”, durante o retiro que acabou em sua “ascensão”. O último degrau é o mais difícil. Há quatro para a alma, quatro para o perísprito (ou astral) e quatro para o corpo, sendo este o último. Foi neste que Paulo, tão ansioso por cumprir, falhou em realizar. Em alguns, o corpo não é nunca redimido; mas isso não impede o “casamento Divino” da alma com o espírito. Esse casamento facilita a redenção do corpo, mas pode realizar-se fora dele.

Essas são as quatro zonas ou divisões na Luz astral, e o reflexo de Jesus está somente na mais alta, que não pode ser vista por aqueles que só têm acesso à mais baixa; e, não sendo fortificado pela sombra do corpo de Jesus, ele se torna mais fraco, até que fique quase imperceptível. Isso é porque seu corpo foi abstraído⁵⁷. Jesus teve uma grande vantagem em seu nascimento, em parte devido à sua própria condição de regenerado, em parte pelos seus pais. Por causa da pureza do sangue de sua mãe, é dito que ela vem de uma família clerical. Pela mesma razão, diz-se que seu pai vem de uma descendência real, pois as expressões “Tribo de Levi” e “Casa de Davi” têm um significado místico⁵⁸.

56. Londres, 9 de julho de 1881. Recebido em sonho. Ver também nº XXXIII.

57. Alguns ocultistas cometeram suas próprias falhas para discernir o reflexo de Jesus — uma falha aqui responsável por um motivo para negar sua existência. E. M.

58. Para outro e mais profundo significado da derivação de Davi, ver nota do nº XXXVIII. E. M.

A santidade de qualquer Cristo em particular depende do avanço feito por ele antes de seu nascimento. Nesse aspecto, Jesus teve uma vantagem sobre Buda. Ele estava regenerado em mais degraus e não teve relações sexuais como teve Buda. Cada um dos doze trabalhos refere-se a alguma concupiscência, representada pela figura de um pássaro voraz, cavalo ou algum outro animal que precise ser subjugado. E Jesus tinha cumprido, anteriormente, o trabalho denotando aquele tipo particular de concupiscência.

Quanto aos homens, alguns precisam primeiro satisfazer suas necessidades intelectuais. Estes são primeiramente regenerados na mente e depois alcançam o reino. Mas alguns deles começam pelo interior e são os mais abençoados, pois buscam primeiro o reino, e o resto vem depois para eles.

Estes últimos começam o grande trabalho no coração por meio da afeição. E a graça do amor atrai o Espírito Santo e os transmudam de glória em glória, de modo que a razão, ou mente, é subitamente iluminada pela razão íntima; com eles, o trabalho de regeneração é instantâneo — “no piscar de um olho”.

São do mesmo tipo de uma mulher.

Mas outros — e estes são do tipo masculino — precisam desempenhar seu trabalho de um modo mais trabalhoso, pois neles a mente é iluminada primeiro. Eles mudam do exterior para o interior; da circunferência para o centro. E isso não é mais do que uma diferença de método, não de fundamento, pois a razão é a herança de todas as coisas.

Com estes, o grande trabalho é um processo lento, mas seu ouro é o mesmo que o dos primeiros. Porque, quando o casamento Divino consome seus trabalhos, a mente e o corpo estão já redimidos e além do poder da morte, porque eles já têm o poder.

Mas, com aqueles que são regenerados primeiro por fora, há o sofrimento do corpo e geralmente a morte. Porque duas correntes opostas encontram-se com violência, e o resultado pode ser a redenção separada do corpo e do espírito. Mas, mesmo assim, sua morte não é como a dos não-regenerados, porque no próprio choque de sua transmutação ocorre a matéria, ou seja, é sublimada, e o homem não mais precisa de encarnações futuras. Ele está livre, pois conquistou a matéria. Como consequência, o vínculo é rompido entre ele e o mundano, e ele não mais voltará ao mundano.

Aquele que é regenerado primeiro no corpo e na mente, geralmente, tem longa vida, até mesmo além do limite da vida mortal, e absorve nesse período seu ser astral por completo e, quase sempre, até mesmo seu corpo. Assim foi com Enoque, Elias e alguns outros. Não os nomeio. E Jesus ficou para também fazer isso, pois ele não deixaria nada sem ser feito, sendo, no final, o Senhor do reino, o poder e a glória.

Mas, quando ele surgiu dos mortos, nada havia sido corrompido, nada caiu sob o domínio da morte, ainda restava para ele um degrau de regeneração para ser cumprido — ele ainda não havia “ascendido”.

Pois então somente havia onze; porque o décimo segundo — “Judas” — era imperfeito. E, por causa dele, Jesus caiu sob o poder da cruz. (Porque Judas era o modelo de sua própria fraqueza; já que a carne, não estando completamente regenerada naquele degrau não cumprido, era fraca. E, a regeneração de seu corpo não estando completa antes da crucificação, a vontade da sua carne ainda lutava contra a vontade do seu espírito, e ele ainda encontrou razão para dizer: “Seja feita não a minha vontade, mas a Tua”. Os mártires que seguiram seu ensinamento foram mais valentes diante da morte do que Jesus, embora seus sofrimentos fossem, para a maioria, muito mais agudos.

Dóceis mulheres, virgens e jovens, não sentiam medo e sorriam para o poste onde seriam cremadas ou para os instrumentos de tortura, sem derramar uma lágrima ou soltar um suspiro; mas Jesus sucumbiu e lamentou-se penosamente aos pés de sua cruz.

Contudo, um homem pode ser vencedor no espírito, embora seu corpo continue não-redimido. Pois essa redenção do corpo — quando totalmente cumprida — é transmutação e seu começo é a junção da vontade da carne com a do espírito.

Mas, quando Jesus completou sua regeneração, eles eram outra vez doze.

Porém, até Jesus, nenhum homem havia conseguido completar os doze degraus e, com isso, o Divino casamento. Até então, a tomada do reino havia sido de fora, pela violência e trabalho, pela maneira dos patriarcas.

Agora, esses degraus são quádruplos para a maior parte dos homens, sendo quatro para o corpo, quatro para o astral, quatro para a alma, mas apenas um para o espírito.

E, até Jesus, não houve regeneração dos doze, nessa ordem — começando por fora. Buda, quando da sua morte, somente chegou ao décimo.

Porque do sônico, a regeneração é quádrupla; sendo um degrau para cada reino, o último para o casamento do espírito.

Para alguns, é sétuplo, sendo dois para cada reino e o sétimo para o casamento. Foi esta a regeneração do pai e da mãe de Jesus.

Todavia, o próprio Jesus teve mais do que quatro, sete ou dez; teve treze.

E primeiro ele teve quatro para a alma. Ele nasceu com dois para o astral e um para o corpo. Depois, na “nona hora”, quando completou o quarto degrau do astral, ele consumou o casamento Divino.

Mais tarde, ele alcançou os três degraus para seu corpo, mas o último, só depois da “ascensão” ao monte do Senhor.

Nenhum homem havia conseguido isso antes. E, como a glória é do espírito, ou parte Divina, é dito que⁵⁹ Jesus, por meio da festa de seu casamento, manifestou para fora a sua glória.

E a celebração desse casamento foi no Jordão; mas a manifestação foi em Caná.

Pois Jesus recebeu a Porção Dupla e, assim, sua dupla glória.⁶⁰

59. Isto é, nos Mistérios, nos quais o Evangelho é baseado. E. M.

60. Referente à Dupla Porção, ver n^o XXXVII.

Capítulo 25



RELATIVO AO CRISTO E AO LOGOS⁶¹

Ora, Jesus Cristo — o homem espiritual, não-físico, perfeito — é a culminação do regato humano que corre para cima, para o seio de Deus. O homem, ascendendo, pela evolução, do mais inferior, atinge o seu maior desenvolvimento, como homem, em Cristo. Atingindo este ponto, ele é o perfeito Filho do Homem, uma vez que é produzido na e da humanidade; e assim ele sendo, e porque assim o é, recebe o batismo do Logos. Ora, o Logos é o Adonai⁶², uma palavra que implica dualidade. E o Adonai é o Filho de Deus, o único gerado, o dois em um, cuja manifestação só é possível por meio de Cristo. A Trindade Celestial é composta de substância, força e mandamento. Força é a vida original, ou Deus o Pai; substância é o ser original, ou Deus a Mãe. Reunidos indissolúvelmente, eles'são a substância viva, o *En-Soph* ou o ilimitado da Cabala. Incapazes de manifestar-se por si próprios, tornam-se manifestos por meio do Mandamento, sua expressão, palavra, Logos ou filho.

Mas, o Logos é celestial, e o homem não pode conhecê-lo em sua natureza Divina, visto que para o homem tocar e conhecer o Divino, é necessário que as duas naturezas encontrem-se. Isso é realizado em “Jesus Cristo”. Cristo significa o Ungido. Ele é humano na genealogia; e sua cristandade é obtida somente quando ele recebe em seu próprio espírito o Logos. Então ele atinge a união das duas naturezas, a Divina e a humana. Os dois córregos encontram-se e misturam-se e, dali por diante, o homem conhece e entende Deus — por intermédio do Cristo. Pois o Cristo, tendo recebido o Logos, é o Filho d’Ele, bem como o filho do homem; e o primeiro, dentro de si próprio, revela a ele seu Pai. O homem, sendo apenas

61. Londres, 12 de julho de 1881. Recebido em sonho.

62. Nome invariavelmente substituído pelos hebreus por Jeová, nos discursos. Ver Parte II, nº VIII; também na Parte III. E. M.

humano, não pode dizer: “Eu e o Pai somos um.” É a Palavra dentro dele que o capacita a dizer isso. “Pois ele que morou no seio de Deus (o Logos), até ele revelou Deus.” Tendo recebido o mandamento, ou palavra, o Cristo recebe também o Pai e a Sabedoria de Deus por meio da palavra ou filho, porque Adonai — sendo a Dualidade — manifesta ambos para e em Cristo. Portanto, Estevão, morrendo, disse: “Olhe, vejo os Céus se abrindo e o filho do homem à direita da mão de Deus”. Nessa expressão ele declara a união do humano e do Divino. Declara que, em Cristo, o Adonai é manifesto; e que, em conseqüência dessa união, a humanidade é exaltada no Céu. Pois a humanidade só pode alcançar o celestial por intermédio de “Cristo”. Quando o homem penetra essa esfera, ele está “em Jesus Cristo”. E, como diz Paulo: “Estando em Cristo, ele está em Deus, e Deus nele, pois Cristo é de Deus”. Deus, por assim dizer, apossa-se do homem em Cristo e o leva para o Céu. Porque, neste momento, ambos os rios encontram-se e correm um para dentro do outro em uma união indissolúvel, o Logos em Cristo, o Divino no humano, Deus no homem.

Capítulo 26



RELATIVO AO APERFEIÇOAMENTO DO CRISTO⁶³

Logo depois de eu haver falado sobre o erro cometido pelos cristãos com relação a Jesus, com o que nasceu perfeito, recebi uma visão momentânea confirmando o que eu havia dito. Pois ela representava para mim o gradual aperfeiçoamento de Cristo por meio do sofrimento, ou experiência; e uma voz proferiu bem alto as palavras: “Porventura não importa que o Cristo padecesse essas coisas e entrasse na sua glória?” E outras passagens como esta também foram sugeridas à minha mente.⁶⁴

Após isso, encontrei-me em meu sonho sentada em uma encosta, entalhando uma cruz de madeira. Um jovem veio até mim e disse: “Só eu sei como fazer cruzes, e lhe mostrarei se vier comigo”. E eu, tomando-o por Jesus⁶⁵, acompanhei-o, e em nossa conversa, que foi longa, mas da qual só lembro uma pequena parte, ele falou muito da dificuldade que está no caminho daquele que deseja obter uma revelação completa devido à deterioração do sistema do homem, por meio de hábitos impuros de vida e, em especial, com relação à sua comida, pela qual o sangue é infeccionado e os tecidos tornam-se incapazes da sensibilidade necessária para uma visão interior perfeita. Mesmo com todas as vantagens de uma paternidade e maternidade tão puras quanto a Terra pode proporcionar, disse ele, ele próprio não foi capaz de atingir o perfeito conhecimento e, agora, depois de quase dois mil anos de posterior degeneração, é impossível atingi-lo. Isso só será possível depois que o mundo tenha, por muitas gerações, vivido puramente, e que o sistema tenha recuperado, em larga escala, a perfeição

63. Paris, 1º de outubro de 1879. Recebido em sonho. Citado em *Life of Anna Kingsford* — vol. I, pág. 315.

64. Lucas 24, 26 (Versão Douay); Hebreus 5 — 7, 8, 9; Pet. IV, 1.

65. Mas, depois, acreditando ter sido ele Hermes, assumindo, como é seu hábito, um caráter de acordo com sua mensagem. E. M.

que propriamente pertence a ele, e a qual uma vez ele teve. É para o homem frugívoro, e só para ele, que a Intuição revela-se, e com ela vêm todas as revelações, visto que entre ele e seu espírito não há barreira de sangue; e somente nele o espírito e o homem podem ser um só.

Capítulo 27



RELATIVO AO PANTEÍSMO CRISTÃO⁶⁶

A crucificação de Jesus foi um fato verdadeiro, mas também teve um significado espiritual; e é a este significado espiritual, e não ao fato físico, que o total dos escritos místicos dos cristãos se refere.

A verdade fundamental, incorporada na crucificação, é Panteísmo. Deus está em todas as criaturas; e o estágio de purificação pelo fogo, pelo qual todos os seres agora passam, é a crucificação de Deus. Jesus, como o mais perfeito dos iniciados, é escolhido pelos místicos cristãos como representante de Deus. Ele é para eles o que Buda é para os místicos budistas, Deus manifesto em carne. Em sua crucificação, portanto, está o símbolo e modelo da crucificação contínua de Deus em suas criaturas sofredoras, que é o modo e a causa de suas purificações e, assim, de suas redenções. “Essas”, diz Deus, “são as feridas com que fui ferido em casa de Meus amigos.”⁶⁷ O que significa: “Estou ferido no corpo ou pessoa de todas as criaturas que são minhas — que estão fechadas dentro de mim”. Pois “em casa de meus amigos” não é mais do que a frase mística para o templo do corpo de outros. “Entra Tu em minha casa, ó Senhor!”, clama a alma santa, que deseja ser visitada, enquanto dentro do corpo, pela Presença Divina. E o Deus-Homem, mostrando suas cinco feridas místicas para os Anjos, assim declara: “Estas são as feridas de minha crucificação com que sou continuamente ferido nas pessoas que são minhas. Pois, Eu e meus irmãos somos um só, assim como Deus é um em mim”.

66. Recebido em sonho. Paris, 22 de junho de 1879. Citado em *Life of Anna Kingsford* — vol. I, págs. 305, 309-310.

67. Zacarias 13, 6 julgado pelo contexto, tanto a passagem é corrupta como a citação é de alguma Escritura não mais existente. E. M.

Capítulo 28



RELATIVO AO “SANGUE DE CRISTO”⁶⁸

Estando dormindo, vi-me em uma ampla sala como uma livraria, porque ela possuía muitas prateleiras cheias de livros; e havia diversas pessoas com as quais eu falava sobre Cristo, sua origem e sua missão, e parte da história da humanidade. E falei muito de Jesus, expondo que a doutrina de sua imaculada concepção deveria ser compreendida somente em seu sentido místico, e que toda a história que temos sobre seu nascimento refere-se apenas à sua iniciação⁶⁹, que é o verdadeiro nascimento do Filho de Deus. Provei isso mediante muitos textos e passagens dos próprios evangelhos e de outros escritos. Falei, também, da origem de Jesus, e como ele se tornou perfeito por intermédio do sofrimento. Desse sofrimento aprendemos, eu disse, muito pouco sobre a vida dele, registrada nos evangelhos.

O referido sofrimento é um longo percurso de julgamento e posterior progresso experimentado nas encarnações anteriores. Mencionei alguns dos mais recentes, mas não tive condições de retê-los.

Chegando à sua paixão e morte, expliquei que não eram expiações no sentido geralmente compreendido. Pois Deus não toma o simples derramamento de sangue inocente como alguma satisfação pela culpa moral de outros. Mas que o místico Sangue de Cristo, pelo qual somos salvos, não é mais do que o segredo da purificação interna. Demonstrei que, por meio de todos os escritos sagrados, a palavra sangue é usada como um sinônimo de vida; e que vida, em seu sentido mais elevado, perfeito e intenso, não é apenas a simples vida física entendida pelos materialistas, mas sim a essência daquela vida, o Deus interior do homem. E quando está escrito que

68. Paris, 17 de outubro de 1879. Citado em *Life of Anna Kingsford* — vol. I, págs. 315-317.

69. Iniciação não envolve, necessariamente, a ação de nenhuma instituição humana. O verdadeiro iniciador é, em todos os casos, o Espírito Divino no próprio aspirante. E. M.

aqueles, nos tribunais mais elevados do Céu, são os que fizeram suas túnicas brancas no sangue do Cordeiro, significa que eles atingiram a redenção pelo perfeito cumprimento do segredo dos Cristos. E, também, quando é dito que o sangue do Cristo é limpo de todos os pecados, significa que o pecado é impossível para ele que é perfeitamente espiritualizado e que foi batizado com o batismo espiritual. O sangue de Cristo, portanto, não é o sangue material de qualquer homem, de maneira alguma. É o segredo e o processo do aperfeiçoamento espiritual obtido pelo Cristo, e pelo qual todos aqueles que, seguindo seu método, conhecem Deus e estão iniciados, tornam-se redimidos e obtêm o presente da vida eterna. E, muitas outras coisas disse eu, sendo, conforme me pareceu, ensinadas por algum espírito, não sabendo de antemão o que eu iria dizer.

Ora, percebo atrás de mim, um pouco à minha direita, uma linda imagem em mármore de Palas Atenas, que ficava em um pequeno nicho na parede, e então caiu sobre ela uma Luz dourada brilhante como o brilho do Sol, a qual variava, de tempo em tempo, em todas as sete cores, mais frequentemente para o violeta do que para as outras. E a Luz estava principalmente sobre a cabeça e peito da figura, vestida como um guerreiro, com elmo, escudo e lança. E, a muito custo, pude determinar, conforme olhava para ela, se era uma forma viva ou de mármore, tão cheia de vida ela era.

Um pouco mais tarde, todas as pessoas para as quais falei haviam ido embora, e eu estava sozinha na sala com minha mãe. Ela estava muito triste e agitada, dando-me como perdida e, como uma apóstata do Cristianismo, nem ouvia qualquer explicação que eu pudesse dar sobre o assunto. Ela chorava amargamente, declarando que eu havia partido seu coração e feito de sua velhice uma tristeza e um fardo para ela por causa da minha apostasia, e que eu deveria ser totalmente posta de lado, a não ser que me arrependesse e retornasse para a crença ortodoxa; e ela me implorou, de joelhos, que eu me retratasse do que havia dito. Nenhuma palavra pode descrever a intensidade de minha dor e a perturbação de espírito causada em mim pela conduta dela. Minha mãe parecia desmaiar aos meus pés pelo excesso de sua emoção; e eu estava a ponto de ceder às suas súplicas, quando vi a porta da sala abrir e um Espírito entrar. Ele veio e ficou ao meu lado, dizendo estas palavras: "Quem colocou sua mão no arado e olhou para trás não é digno do reino de Deus. E aqueles que amaram seu pai e sua mãe mais do que a Mim, não têm valia para Mim".

Então o sonho acabou e não lembrei mais; mas uma sensação profunda ficou impressa em minha mente; aquela cena não foi mais do que um ensaio e uma simbolização de algo que poderia realmente acontecer em minha vida futura.

Obs.: É uma satisfação, que o simpático leitor compartilhará, ser capaz de declarar isso, tomando o sonho como um aviso mais do que de uma predição positiva, e tomando, conseqüentemente, cautela; a oposição como

a descrita foi reduzida a um mínimo, e nenhuma brecha de afeição ou tristeza séria apareceu.

A imagem de Palas iluminada pelos sete raios designa a Sabedoria Divina em sua plenitude e manifesta todos os “Sete Espíritos de Deus”. Conforme visto nessa ocasião, foi uma enfática intimação que a doutrina anunciada fora pronunciada sob a inspiração deles todos, especialmente daqueles representados pelos dois raios dominantes, amor e reverência. E. M.

Capítulo 29



RELATIVO À EXPIAÇÃO VICÁRIA⁷⁰

Fiquei, em meu sonho, na varanda de uma casa. Era noite, e era tão densa, escura e impenetrável que nem a terra nem as estrelas, nem objeto algum podia ser distinguido. Contudo, mesmo não sabendo onde eu me encontrava, eu estava consciente de estar em uma cidade, ou bem perto de uma.

Vi-me flutuando por ali, no escuro, além de pequenas línguas de chama parecendo exatamente a chama de uma vela. Elas se moviam como se fossem criaturas vivas, as quais dirigiam seus movimentos com inteligência e vontade. Elas desciam e subiam, passando através do ar em todas as direções, e somente elas eram visíveis, tão intensa era a escuridão.

E eu observei as chamas, duas delas vieram flutuando em minha direção e entraram na casa, deslizaram pelo quarto e voltaram-se para mim, na varanda, pararam e pousaram, uma em cada uma das minhas mãos, e ali ficaram um pouco. Então, a cena toda desapareceu.

Vi uma criança, um menino na escola, que se achava injustiçado pela mulher que tomava conta da escola e que o oprimia e o perseguia excessivamente. Ele entrou na sala onde ela estava sentada e, com fúria, quebrou e destruiu tudo aquilo em que pôs as mãos. E o paradoxo de sua raiva fez com que ele parecesse possesso. Ele quebrou lindos vasos no chão, calcou as flores sob seus pés, fez em pedaços ricas tapeçarias, pois a sala era mobiliada e decorada em estilo muito caro e refinado. Então, de repente, virou-se para a mulher e, agarrando-a pelos cabelos, bateu nela e rasgou suas roupas, e arranhou suas mãos e rosto. Tudo o que ela fez em sua defesa foi dizer umas poucas palavras de protesto. Eu estava chocada e terrificada, pensando que ela estivesse morta, e pensei o que aconteceria com uma criança que tinha a fúria de uma besta e a força de um homem.

Então, depois de um intervalo, vi uma menina, a filha da mulher que havia sido tão agredida. Ela estava ajoelhada diante de um forno, observando

70. Paris, 31 de janeiro de 1880. Citado em *Life of Anna Kingsford* — vol. I, págs. 323-325.

alguma coisa nas chamas. Ela virou-se, olhou para mim e disse: “A punição devida a uma criança é terrível, e dela não se escapa. Ele está condenado a ser marcado com ferro quente na palma de cada mão e, depois, ser expulso da escola. Os tições estão agora aquecendo no forno”.

Dizendo isso, ela se virou para o forno; então, com um bastão puxou o ferro para fora e marcou a si própria cada uma das mãos. E vi a pele enruguar-se com o calor. Então ela levantou as mãos em minha direção e disse: “Veja e leia o que está escrito nelas”. Li em cada mão a palavra *culpada* queimada na carne. “E agora”, ela acrescentou, “vou deixar esta casa, meu lar, já que fui banida.” “Você!”, gritei eu, “você não é a culpada! O que fez para merecer isso? Eu não entendo.” E ela respondeu: “Eu lhe disse que não se escapa da punição de uma criança. E eu a tomei para mim, de livre- arbítrio, mesmo sendo inocente e a filha amada daquela que foi tão gravemente ofendida e injuriada. Como ele teria sido marcado, eu estou marcada. E como ele teria sido expulso, eu sou expulsa. Assim, eu o redimi, sofri por ele. A justiça está satisfeita e ele, perdoado. Essa é a Expição Vicária”.

Então, enquanto ela dizia essas palavras, um vento soprou em meu rosto e eu o aspirei, falando então em voz alta:

“Ó tola, imaginar que a justiça possa ser satisfeita com a punição do inocente no lugar do culpado! Pelo contrário, ela está duplamente ultrajada. Como você, sendo marcada nas mãos, pode salvar a criança? O mundo de Deus não declarou: ‘Nenhum homem deve assumir o pecado de outro, nem deve fazer expiação pela ofensa de seu irmão; mas cada um deve suportar seu próprio pecado e ser purificado com seu próprio castigo.’? E, ainda, não está escrito: ‘Sejam vós perfeitos?’. E se ninguém pode se tornar perfeito a não ser pelo sofrimento, como pode alguém atingir a perfeição se outro suporta o sofrimento por ele? Tirar seu sofrimento é tirar dele seus meios de redenção e roubar sua coroa de perfeição. A criança não pode ser perdoada, porque você assumiu seu castigo. Somente ele mesmo, pelo sofrimento, pode se arrepender. Assim é com o homem que peca contra o Criador, ultrajando sua intuição e corrompendo o templo de Deus. O sofrimento do próprio Deus no lugar dele, longe de redimi-lo, roubaria seu meio de redenção. E se alguém declarar que o Senhor Deus assim ordenou, a resposta é: ‘Justiça primeiro, depois o Senhor Deus!’ É somente mediante a perversão da ignorância que tal doutrina pode ser acreditada. O Mistério da Redenção ainda deve ser compreendido.”

Este é aquele Mistério. Não há tal coisa como Expição Vicária; pois ninguém pode redimir a outro derramando sangue inocente. O Crucifixo é o emblema e o símbolo do Filho de Deus, não porque Jesus derramou seu sangue na cruz pelos pecados do homem, mas porque Cristo é crucificado para sempre, enquanto o pecado durar. O dito: ‘Estou resolvido a nada saber, a não ser este mistério, Jesus Cristo e Ele crucificado’, é a doutrina

do Panteísmo, porque ela significa que Deus está em todas as criaturas, e elas são de Deus, e Deus como Adonai sofre nelas⁷¹.

“Quem, então, é Adonai? Adonai é a Palavra Dual, a manifestação de Deus na substância, a qual se manifesta como Espírito encarnado, assim, manifestando-se pelo amor, redime o mundo. Ele é o Senhor que, crucificado desde o princípio, encontra sua manifestação completa no verdadeiro Filho de Deus. Portanto, está escrito que o Filho de Deus, que é o Cristo, é crucificado. Somente onde o amor é perfeito a simpatia é perfeita, somente onde a simpatia é perfeita um pode morrer pelo outro. Pelo que o Filho de Deus diz: ‘Os erros dos outros me ferem, e marcas dos outros ficam em minha carne. Sou ferido pelas dores de todas as criaturas, e meu coração é penetrado pelos seus corações. Se não houver ofensa, eu não soffro; nenhum erro, e não sou ferido. Pois meu coração está no seio de toda criatura, e meu sangue nas veias de todas as carnes. Estou ferido em minha mão direita pelo homem, e em minha mão esquerda pela mulher; em meu pé direito e esquerdo pelas bestas da Terra e pelas criaturas das profundezas, e em meu coração, por todos.’

O crucifixo, então, é o mais Divino dos símbolos, porque é o emblema de Cristo e o sinal de Deus com o homem. É a alegoria da doutrina do Panteísmo, em que o homem se torna perfeito — a alma torna-se Deus — pelo sofrimento. Aquele que é sábio compreende; e aquele que compreende é iniciado; e aquele que é iniciado ama; e aquele que ama sabe; e aquele que sabe é purificado. E o puro vê Deus e compreende o Divino, com o mistério da dor e da morte. E, porque o Filho de Deus ama, ele é poderoso, e o poder do amor redime. Ele, que é erguido, puxa todos os homens com ele. Este é o mistério dos Sete Degraus para o Trono do Senhor. E o próprio trono é branco, uma glória ofuscante para se olhar. E, na bruma dessa Luz, está aquele cuja aparência é a de um cordeiro que foi morto. E ele é Cristo nosso Senhor, a manifestação do Adonai, cujo amor o impeliu sempre e sempre. E a ele é dado todo o poder de redimir no Céu e na Terra. Pois ele abriu seu coração para todas as criaturas e entregou-se a elas livremente. E porque ele amou, ele trabalhou e não se ressentiu, nem mesmo com a morte. E, por trabalhar, era forte, porque o amor trabalhava dentro dele. E por ser forte ele conquistou e redimiu-os da morte. Eles não foram perdoados porque Cristo morreu; eles mudaram porque ele amou. Pois ele lavou suas brancas almas com sua doutrina e purificou-os com seus atos. E estes são o sangue do seu coração, até mesmo a palavra de Deus e a vida pura. Esta é a expiação de Cristo e o sacrifício perpétuo do filho de Deus. Creia e será salvo, pois aquele que acreditou está mudado na imagem, da morte para a vida. E aquele que acreditou, não mais pecou e não é mais oprimido, pois ele amou como Cristo o amou, e está em Deus como Deus nele. O sangue

71. Ver nota 100, pág. 150.

de Cristo limpou todos os pecados, não pela compra do perdão com ouro de outro, mas porque o amor de Deus mudou a vida do pecador. O penitente salva-se mediante o sofrimento, a tristeza e a correção. Por meio disso ele se eleva e sua vida está redimida. E é o Cristo que o redime, dando o sangue de seu coração por ele. É o Cristo, dentro dele, que fica com a enfermidade e suporta sua tristeza, no seu próprio corpo da árvore. E o mesmo com quem, então, era verdadeiro, continua assim hoje e para sempre. Jesus Cristo é continuamente crucificado em cada um, até que chegue o reino de Deus. Pois, onde há pecado, há sofrimento, morte e opressão; e onde eles estão o Cristo se manifesta e, por meio do amor, trabalhará, morrerá e redimirá.”

Nesse ponto, o som da minha voz acordou-me e a visão dissipou-se. Mas, num momento, durmo outra vez e vejo uma vastidão infinita de Céu aberto, limpo, azul e iluminado pelo Sol, tudo no mais intenso grau. Através dele e para cima voava uma águia, como um lampejo de luz diante de mim, e sabia que devia significar que, com a censura do sangue inocente removido de Deus, e o caráter Divino vingado, não havia nada que refreasse a aspiração da alma.

Capítulo 30



RELATIVO A PAULO E AOS DISCÍPULOS DE JESUS⁷²

Em uma visão que me foi dada na noite passada, foi-me representado que a visão comum do caráter e da posição de Paulo, em relação à Igreja primitiva, é completamente falsa; e as pessoas que fizeram a comunicação, que estou para relatar pareciam haver se comunicado pessoalmente com Paulo e estar realmente familiarizadas com os eventos ocorridos no tempo de seu postulado. Elas me disseram, com indignação evidente, que a Igreja Cristã de hoje não desconhece, totalmente, a relação que realmente existe entre os apóstolos, os quais o Cristo instruiu e escolheu como seus missionários, e os sacerdotes hebreus convertidos. “É impressionante”, disseram eles, “que sua Igreja possa ler, nos escritos existentes relativos às nossas relações com Paulo, tanta desconfiança, suspeita e desfavor, com os quais sempre o relacionamos, e não ver que ele nunca foi um de nós. O maior líder e chefe de nosso círculo opõe-se a ele sempre e sempre, como se ele tivesse sido um inimigo da Igreja; e, em uma ocasião, ele foi forçado a fugir dos irmãos na calada da noite usando de estratégia, tão amarga era a indignação sobre sua visão da fé que surgiu em nós, que éramos os amigos do Senhor e que sabíamos da verdade como Paulo nunca a viu. Pois ele importou para aquela regra de vida, simples e pura, uma mistura de usos e crenças levíticos e rabínicos, os quais havíamos sacudido de nós como se fosse poeira em nossos pés. Ele afundou as realidades do Evangelho de Jesus sob o enorme peso de palavras duras e de falsidades sacerdotais. Ele, que nunca conheceu o Mestre, tomou-os para si a fim de distorcer Sua imagem para a de um Deus estranho, o qual não conhecemos. Nem poderíamos reconhecer sua distorcida versão do bonito e voluntário martírio do

72. Paris, 17 de julho de 1887. Citado em *Life of Anna Kingsford*, vol. I, pág. 181.

homem que tanto amamos, nem um único traço de seu caráter ou a menor semelhança com a doutrina que ele nos ensinou. O que vimos e conhecemos como amor puro e perfeito e uma morte preparada, bravamente suportada pelo bem da consciência, Paulo apresentou-nos, de maneira antipática, como o sacrifício de uma vítima para apaziguar a raiva de Deus, a quem Jesus chamava seu e nosso Pai. Fora do que tinha sido uma regra simples de vida para nós, uma simples expiação da velha fé, Paulo erigiu e elaborou um sistema que é chamado '*o esquema de Expição*'. Para nós e nosso Mestre não havia 'esquema'; Deus havia se reconciliado com o homem pelo amor, não pelo sacrifício. Mas Paulo teria uma 'nova religião' e um credo difíceis de serem entendidos; e ele deixou para o mundo sua própria cristandade, sobre a qual nada sabia, mas que é a sua nos dias de hoje. Com isso, ele nos causou um mal e um detrimento maiores do que se tivesse perseguido e matado a todos fisicamente. Pois, com sua conversa falsa, ele enganou o mundo e afogou a verdade com uma enxurrada de doutrinas estranhas. Por isso éramos todos contra ele e nunca reconhecemos o seu postulado, certos de que ele não conhecia nem o Cristo, nem a fé que o Cristo pregou.

Tivesse ele ficado satisfeito com a verdade e nunca viraríamos o rosto para ele, pois ele possuía muitos predicados, dentre os quais sua eloquência não era o menor. Mas, por meio de sua perversão e de seu amor fatais pelas doutrinas metafísicas e sutis rabínicos, ele falsificou o que foi a glória da Igreja e trouxe para dentro do mundo as doutrinas monstruosas da 'Cristandade', que hoje é pregada em suas Igrejas".

Fiquei sabendo depois que, na noite anterior à fuga de Paulo na cesta deixada no muro de Damasco, uma violenta altercação teve lugar entre ele e seus irmãos, no decorrer da qual Paulo manteve que a única chance para o triunfo final do Evangelho estava na colocação deste dentro de um sistema, um que tivesse a necessidade de ser sacrificial. Eles o desafiaram sobre esse ponto, mas ele insistiu que havia se aprofundado mais na matéria do que eles e que sua missão especial estava na elaboração do plano que havia concebido com relação à posição de Cristo como mediador entre Deus e o homem.

(A visão foi totalmente espontânea e inesperada. Eu não havia dado atenção alguma a esse assunto; nem estava ciente de que uma instrução semelhante havia, há algum tempo, sido dada ao meu colega. Os personagens que vi em minha visão não tinham semelhança com nenhuma das inúmeras representações dos apóstolos feita por pintores, mas eu estava longe de estar em condição suficientemente lúcida para obter uma impressão de suas aparências tão vívidas e distintas que pudesse me capacitar, como sempre neste caso, a fazer um desenho deles. Nem fui capaz, com nada parecido à minha habitual precisão, de reproduzir suas palavras. Contudo, o tom e a substância são fielmente interpretados. O tom, do começo

ao fim, era de grande indignação, misturada ao pesar contra Paulo; e o escárnio com a tolice da cristandade em aceitar uma perversão tão grosseira e palpável do ensinamento de Jesus e da natureza de Deus, como aquela da doutrina sacerdotal da expiação vicária.)⁷³

73. Pedro 2 III, 15, 16 (uma epístola de autoridade excessivamente duvidosa), representa evidentemente um desejo tanto de compor como de ignorar essa rixa, tratando essa diferença como mais aparente do que real. E. M.

Capítulo 31



RELATIVO AO MANIQUEÍSMO DE PAULO⁷⁴

Nesse momento, ouvi uma onda de águas. Saindo do meio delas, uma voz falou comigo. Isto foi o que ela disse:

“Muitos anos antes de Paulo escrever, surgiu uma seita chamada os Maniqueus. O fundador dessa seita, como o dos Epicuristas, foi inspirado por nós; mas os Maniqueus, assim como os Espicuristas, não compreenderam a natureza do pecado. O fundador dos Maniqueus, a quem chamamos Felix, viu isso, que o mal é o resultado da criação; mas seus discípulos entenderam que toda a matéria é o mal. Eles erraram somente nisso. E Paulo, seguindo sua razão, porém não inspirado, percebeu somente a doutrina desses discípulos. É verdade, então, como Felix viu, que o mal é resultado da criação, mas não que a matéria é o mal. Aquele dentre vós que tiver a imaginação mais viva pode projetar, sobre a retina, palpáveis anéis de seu pensamento. Assim é com a Deidade. Já disse que a matéria é a intensificação da idéia, e que o mal é o resultado da materialização⁷⁵. Vós me perguntastes: Por que razão, então, Deus criou? Compreendo que Deus criou pela força de vontade; e que, por ela, Deus concebeu a todo pensamento o poder da vontade, o qual, por causa da limitação, não pode ter existido. Deus, portanto, é mais rico pela vontade do pensamento que Ele projeta.”

74. Paris, 23 de julho de 1877. Falado em transe. Citado em *Life of Anna Kingsford* — vol. I, pág. 185.

75. Comp. nº XIX, Parte 2.

Capítulo 32



RELATIVO AOS EVANGELHOS: SUAS ORIGENS E COMPOSIÇÃO

Estou olhando para o interior do Serapeum, em Alexandria. O templo está ligado a uma biblioteca que, como a vejo, ainda está lá, nem dispersa nem queimada, mas repleta de manuscritos — a maior parte cilindros sobre varas. Vejo uma reunião de muitos homens sentados a uma mesa na sala da biblioteca, vejo uma série de nomes, como Cleópatra, Marco Antônio e outros.

Ela é chamada a segunda biblioteca de Alexandria, a primeira tendo sido destruída sob o poder de Júlio César. O núcleo desta foi um presente de Antônio para Cleópatra, que a juntou e a aumentou imensamente, até ela conter toda a literatura existente no mundo; e — por que eles, deliberadamente, misturaram a cristandade contida naqueles livros lá existentes? Tanto quanto vejo, os Evangelhos são um pouco melhores do que a *Metamorfose* de Ovídio (quero dizer, historicamente) — tão deliberadamente eles estão inventando uma nova religião⁷⁶ restaurando o velho no sistema judeu.

Escreva esses nomes e datas, que foram especificamente mostrados para mim. Teófilo, patriarca de Alexandria, e Ambrósio. 390 d.C., 286 a.C. Esta última é a data na qual a biblioteca foi pela primeira vez toda montada. 390 d.C.⁷⁷ é a data da principal destruição dos documentos dos quais a nova religião foi composta. Se eles pudessem ser recuperados, teríamos a

76. “A expressão ‘nova religião’, neste contexto, insinua o esforço dos Místicos Alexandrinos, os quais têm o crédito da autoria dos Evangelhos, em construir, baseados na história de Jesus, uma religião que representasse uma síntese simbólica das verdades fundamentais, dando ênfase a todas as religiões anteriores.” Carta de E. M. para a *Luz*, 1889, pág. 507. S. H. H.

77. O templo foi destruído em 389 d.C. A biblioteca nunca deixou de existir; o Bruchium, na ocasião de sua destruição, inundou o Serapeum. O que restou foi de longe ultrapassado pelos acréscimos de Antônio do Pérgamo, o qual se tornou o núcleo virtual. E. M.

prova absoluta de sua invenção ter vindo dos hindus, persas e outras origens — as interpolações, as essências e as alterações comprovando isso. Eles mostram, também, que o primeiro nome adotado para o típico homem era mais parecido com Krishna, e que Jesus foi uma escolha posterior, adotado por sugestão dos judeus, a fim de servir a um herói judeu.

O sistema estava há muito em formação e levou todo o tempo para aperfeiçoar-se⁷⁸. Cada detalhe da história do Evangelho é inventado, o número dos apóstolos e tudo o mais. Nada é histórico no sentido suposto. Vejo o Serapeum destruído — não apenas a biblioteca, mas o templo, tanto medo tinham eles de deixar qualquer traço de invenção. Foi destruído pelos cristãos, instigados em especial por Teodósio, Ambrósio e Teófilo⁷⁹. O motivo deles era uma mistura, cada um dos líderes tendo um objetivo diferente. O objetivo dos próprios inventores, de sustentá-la e continuá-la, é antigo, transplantando-a em solo novo e enxertando-a no Judaísmo. O objetivo de Teófilo era fazer da nova religião um inimigo e sucessor da antiga, fazendo-a parecer ter base e origem independentes. Ambrósio destruiu a biblioteca a fim de refutar os arianos, deixando parecer que a cristandade teve uma origem toda sobrenatural. Os próprios inventores não pretendiam que ela fosse referida como sobrenatural, mas como representando o mais elevado dos humanos. E, portanto, eles fixaram e acumularam sobre Jesus tudo o que havia sido dito dos Cristos anteriores — Mitras, Osiris, Krishna, Buda e outros —, os esboços contendo a doutrina da transmigração das almas, de modo mais explícito e distinto⁸⁰. A invenção foi empreendida a fim de salvar a própria religião da extinção pelo predomínio do materialismo — pois o tempo corresponde, com relação a isso, exatamente ao presente. E o plano era compor, a partir de todos os sistemas existentes, um novo e completo, representando todas as possibilidades e satisfazendo as aspirações mais elevadas da humanidade. Então, a grande perda não foi da primeira, mas sim da segunda biblioteca de Alexandria. O Serapeum foi destruído pelos cristãos a fim de que a origem do homem, em sua religião, fosse averiguada.

O objetivo era que acreditassem que tudo estava centralizado em uma única pessoa real, e não coletado e compilado de uma multiplicidade de fontes.

78. Aqui há uma ambigüidade pelo fato de a data de acabamento da “invenção” não ser especificada. E. M. (Ver Carta de E. M. para a *Luz*, 1889, pág. 527.)

79. Teodósio era Imperador da divisão oriental do Império Romano. Ambrósio era Arcebispo de Milão. E. M.

80. A razão para a exclusão não está longe para se procurar. “Não há mais (nascimento nem) morte para aqueles que estão em Cristo.” A transmigração é a condição apenas para o homem não regenerado; os Evangelhos — que têm como propósito a exposição do Homem Regenerado — não têm ponto de referência para os estágios anteriores de sua evolução. Está implícito por causa do nascimento de uma virgem, como se vê nos n.ºs XXIII, XXIV. E. M.

Todas as conversações dos Evangelhos foram fabricadas com a ajuda de diversos livros, a fim de ilustrar e reforçar doutrinas em particular. Não reconheço a linguagem de muitos dos manuscritos antigos usados. Os latinos que vejo estão todos em letra maiúscula e sem qualquer divisão entre as palavras, de modo que parecem uma só palavra comprida.

Foi-me mostrada a verdadeira cena da destruição da biblioteca e da dispersão dos livros. Houve um terrível tumulto. As ruas de Alexandria estavam cheias de pessoas gritando e precipitando-se para o lugar. Elas não conheciam o verdadeiro objetivo. Foi dito a elas que a biblioteca continha livros do demônio, os quais, se fosse permitido ficarem, seriam o meio de destruir a cristandade. O barulho e o tumulto são terríveis. Não posso suportá-los, penso em uma prece, eles me machucam muito. É extraordinário como são tão parecidos, nas duas vezes, tanto política como religiosamente. Tudo que estava estabelecido está se quebrando, em ambas as vezes; e o que resulta de cada um é a revelação mais completa da idéia Divina da humanidade. Tudo trabalha para nós e para a nova revelação. Mas o Mundo sofre terrivelmente quando do nascimento. Depois, as coisas tornam-se gradualmente bem melhores.

Obs.: Ao explicar o método dessa descoberta, pode ser declarado que, de acordo com a ciência oculta, todo evento ou circunstância que teve lugar sobre o planeta possui um sócio astral, ou quadro, na Luz magnética. Assim, há realmente fantasmas dos eventos, bem como das pessoas. Essas existências magnéticas são as sombras ou *manes* dos tempos, circunstâncias, atos e pensamentos passados, dos quais o planeta foi cenário, e eles podem ser invocados ou evocados. As aparições deixadas nessas ocasiões não são mais do que sombras deixadas no espelho protoplásmico. “Esta atmosfera magnética, a alma astral, é chamada de *anima mundi* (alma do mundo), e nela estão guardadas todas as memórias do planeta, sua vida passada, sua história, suas afeições e recordações das coisas físicas. O adepto pode interrogar esse mundo-fantasma, e este falará com ele.

É a retirada da vestimenta do planeta; contudo, está viva e palpitante, pois seu próprio tecido é fiado com a substância psíquica, e seu próprio *parêntema* é magnético.” (Ver nº XLV; também, *The Perfect Way*, Preleção V, par-39.)

Com relação à recuperação da memória individual, ver nº XL. E. M.

Capítulo 33



RELATIVO AO JESUS VERDADEIRO⁸¹

Foi-me mostrada a Descida da Cruz. Vi Jesus ser carregado por José de Arimatéia para a casa deste. A casa comunicava-se com um sepulcro; e Jesus é levado para a casa, onde fazem algo para revivê-lo, pois ele mais parecia desmaiado do que morto. As roupas são postas no sepulcro, mas não Jesus. Vi uma ruptura do pericárdio, mas nenhum machucado fatal no coração. Vejo claramente que ele não está morto. Não há lesão orgânica; e as feridas cicatrizam como uma simples ferida, sem supuração, e por meio de incessante lavagem com água. Que clima adorável há ali! E que curioso que tenha havido um José, tanto em seu nascimento como em sua crucificação! Agora me mostram a verdade com relação ao nascimento de Jesus. Foi, mais do que certo, um nascimento comum. Vejo isso bem claramente. Os nomes estão todos alterados. O nome de nascimento de Jesus não é este, nem nada parecido. Nada é, na verdade, o que pensei que fosse. Muito pouca coisa aconteceu como relatado. O perdido e achado no templo e o alimentar os cinco mil são alegorias cujo significado é espiritual. Os milagres do levantar da filha do governante e do filho da viúva são fatos reais. Jesus viu, de modo clarividente, que a primeira não estava morta e que o corpo não estava machucado por doença, de modo que a alma pôde retornar a ele. Pois doença é morte gradual e, quando ocorre a morte, acontece por intermédio dela, e a alma é juntamente libertada. Na morte violenta ou súbita, a alma desliga-se lentamente, e a separação é um longo processo.

Em seu caso, Jesus instruiu seus amigos de antemão sobre o que fazer. José de Arimatéia era um amigo de Maria Madalena, e ela procurou para ele os bálsamos requisitados. Eu a vi correndo com eles, pelo sepulcro, em direção à casa. Jesus não estava, de jeito nenhum, morto organicamente,

81. Londres, 22 de março de 1881. Falado em transe. Ver também nº XXIV. Citado em *Life of Anna Kingsford* — vol. II, pág. 4.

pois o coração nunca parou de bater. Ele previra todas as particularidades do evento e providenciou de acordo com elas.

Nem está Jesus bem, novamente, no terceiro dia. Ele está há, pelo menos, dez dias em tratamento na casa de José. Três dias é um período místico, não tendo relação alguma com o tempo real. Todos ao seu redor são mulheres, exceto um, o velho homem. O nome de Jesus começa com *M*. Não vejo o resto do nome.

O adepto perfeito é aquele que obtém em si próprio a Pedra Filosofal de um espírito totalmente quiescente e está em união com a Vontade Divina. Um ser sem ardor, comiseração e compaixão é, para ele, nada mais do que outros nomes para a justiça; incapaz de sentir raiva, seu temperamento é sempre frio e equilibrado. Vejo agora faltas em Jesus que antes não via. Quero dizer, Jesus como realmente era, e não como é pintado nos Evangelhos. São faltas do ponto de vista dos adeptos. Mostraram-me a flor da paixão como o emblema de seu caráter. Ele sacrificou-se pelos outros, mas poderia ter feito mais se tivesse sido mais cuidadoso — principalmente em relação à sua dieta. Sua obrigação de sempre sentir indignação ou pena impediu-o de tornar-se mais elevado. Ele se permitiu ser puxado para fora de si, não podendo atingir a maior elevação possível. Eu o vejo se despedindo de seus seguidores. É em uma colina que ele ascende e desaparece da vista deles, perdido em uma nuvem ou névoa. Ele agora se torna um ermitão. Vejo-o sozinho na vastidão; e lá alcança a vida mais elevada, o que constitui sua verdadeira ascensão.

Jesus era capaz de influenciar pessoas a distância por meio de uma emanção que ele projetava de si mesmo; portanto, não era necessário que estivesse morto quando, supostamente, foi visto por Paulo.

Agora vejo alguém com ele em sua montanha. É João, escrevendo o Apocalipse que Jesus ditava. Cristo recorda de todas as suas encarnações passadas e as sintetiza, então, no Apocalipse, o qual é sua história e de todas as almas perfeitas. Ele está bastante velho nessa ocasião.

Vejo agora a pele de pantera de Baco, e do qual Jesus ganhou o nome de “Rabino Bem Pantera”, e por que se dizia que ele era filho de uma pantera. É um jogo de palavras *Pan* de *theos*, significando *todos os deuses*. A pele de pantera representava a indumentária, ou atributos, de todos os deuses, com a qual Jesus, como “Filho de Deus”, foi considerado como favorecido.

Mostraram-me que há pouco valor real nas Escrituras. Elas são uma massa de argila, comparativamente moderna, com um pouco de ouro aqui e ali. O anjo que eu havia visto antes, o qual nos disse para queimarmos a Bíblia⁸², joga-a no fogo, ficando apenas com algumas páginas, cujo assunto é original e Divino. Todo o resto é interpolação ou alteração. É o caso tanto com o Velho como com o Novo Testamento, com Isaías e os profetas.

82. Em uma visão recebida em algum tempo anterior. E. M.

Isaías é uma grande mistura. É todo de fragmentos de várias origens, apenas colocados juntos. O Livro do Gênesis é uma grande parábola; assim como são todas as lendas das peregrinações e guerras de Israel. Tudo é misturado com ficção. Moisés não escreveu nada daquilo. E o mesmo acontece com todos os livros dos Mandamentos e dos profetas. Tudo sobre esse assunto é inventado. Aqui e ali há uma peça original da Revelação antiga, mas estas são entremeadas com acréscimos e adornos, comentários e aplicações aos tempos, feitas por copistas ou intérpretes. E, quando o anjo me disse para jogar a Bíblia no fogo, quis dizer para separar o ouro da escória e da argila.

Quanto aos evangelhos, são, na maioria, completamente parabólicos. A religião não é histórica e, de nenhuma maneira, depende dos eventos passados, pois a fé e a redenção não dependem de nada que tenha feito o homem, mas do que Deus revelou. Jesus não era o nome do iniciado e adepto cuja estória é narrada. Foi o nome dado a ele na iniciação⁸³. Seu nascimento, o modo como ele aconteceu, ele ter-se perdido e achado no templo por seus pais, o fato de ter ficado três dias sepultado — são todas parábolas, assim como é a estória da ascensão. As Escrituras são endereçadas à alma, não havendo apelo para os sentidos externos. Toda a estória de Jesus é uma mistura de parábolas, e o que aconteceu com ele é usado como símbolo. Desse modo, a crucificação representa os sofrimentos da alma; a ressurreição, sua transmutação; e a vida e a ascensão são uma profecia sobre o que é possível para o homem.

Isso aconteceu muitos anos depois da “ascensão”, quando seu desaparecimento na colina estava terminado. O Apocalipse era mais uma recuperação do que uma composição original de Jesus. Sua vida evangélica é constituída das vidas de todos os professores Divinos, anteriores a ele, e representa o que de melhor havia então no mundo, e o melhor que tem hoje; sendo, assim, uma profecia. A vida registrada de Jesus sintetiza a dos professores anteriores a ele e as possibilidades da humanidade, algum dia, serem realizadas. Os “belos pés dos mensageiros nas montanhas” são os primeiros raios do sol nascente da vindoura salvação, vista pelos observadores das alturas espirituais — “os pastores que vigiam seus rebanhos” — até mesmo seus puros corações e pensamentos. São eles que vêem das “colinas” a chegada de Deus, a demonstração da divindade que está na humanidade, enquanto o mundo abaixo está envolto em trevas.

83. Ver Parte II, nº XI, Hino a Foibos, v. 9.

Capítulo 34



RELATIVO ÀS VIDAS ANTERIORES DE JESUS⁸⁴

Esta manhã, entre o dormir e o despertar, vi a mim mesma, juntamente com muitas outras pessoas, caminhando com Jesus pelos campos ao redor de Jerusalém e, enquanto ele falava conosco, um homem aproximou-se, olhando seriamente para ele. Jesus virou-se e disse: “Este homem que vocês vêem se aproximando é um vidente. Ele pode ver as vidas passadas de um homem somente olhando para seu rosto”. Então, Jesus tomou pela mão o homem que vinha para perto de nós e disse: “O que leste tu?”. E o homem respondeu: “Vi teu passado, Senhor Jesus, e como tu vieste”. E Jesus lhe disse: “Fale”. Assim, o homem contou a Jesus que podia vê-lo no passado, em longos anos atrás. Mas, de todas as que ele especificou, lembro-me apenas de uma encarnação ou, talvez, apenas aquela que tenha me surpreendido, em que era Isaac. Conforme o homem continuou falando, e enumerando as encarnações, ele viu Jesus acenar sua mão direita, duas ou três vezes, ante seus olhos, e dizer: “É o bastante”, querendo que o homem não revelasse mais nada. Adiantei-me e disse: “Senhor, se, como nos ensinaste, a mulher é a forma mais elevada de humanidade e a última a ser assumida, como é que tu, o Cristo, ainda vieste na forma mais inferior, em homem? Por que não vieste como mulher para conduzir à vida perfeita e salvar o mundo? Pois, certamente, atingiste a feminilidade”. E Jesus respondeu: “Já alcancei a feminilidade, como tu disseste; e já tomei a forma de mulher. Porém, existem três condições sob as quais a alma retorna à forma de homem. São elas:

1^a) Quando o trabalho que a alma se propõe a realizar é de natureza não compatível com a forma feminina;

84. Paris, 7 de fevereiro de 1880. Citado em *Life of Anna Kingsford* — vol. I, págs. 336-338.

2ª) Quando o Espírito falhou em adquirir, no nível necessário para a perfeição, certos atributos especiais do caráter masculino;

3ª) Quando o Espírito transgrediu e voltou no caminho da perfeição, degradando a feminilidade que havia atingido.

No primeiro caso, o retorno à forma masculina é externa e superficial. Este é o meu caso. Sou uma mulher em tudo, menos no corpo. Porém, se eu tivesse o corpo de uma mulher, não poderia ter levado a vida necessária para o trabalho que tinha por realizar. Não poderia ter trilhado os difíceis caminhos da Terra, nem teria podido ir de cidade em cidade pregando, nem teria podido jejuar nas montanhas, nem realizado minha missão de pobreza e trabalho. Assim, eu sou uma mulher, revestida com um corpo de homem, que teve condições de cumprir o trabalho proposto.

O segundo caso é aquele da alma que, tendo sido mulher muitas vezes, atingiu mais pronta e rapidamente as qualidades elevadas da feminilidade do que as qualidades inferiores da masculinidade. A esta alma faltam energia e resolução naquele particular atributo do espírito que o profeta atribui ao Senhor quando diz: 'O Senhor é um Homem da guerra'. Por essa razão, a alma é colocada de volta em forma de homem para adquirir as qualidades que ainda faltam.

O terceiro caso é daquele que recai, o qual, tendo quase atingido a perfeição — talvez, até tocado nela —, degrada e mancha sua túnica branca e é recolocado outra vez na forma inferior. Estes são os casos comuns; pois há poucas mulheres que são dignas de serem mulheres”.

Eu estava distinta e positivamente segura de que o incidente que me foi mostrado realmente havia ocorrido, e que eu tive parte nele, embora nenhum registro tenha sobrevivido.

Capítulo 35



RELATIVO À SAGRADA FAMÍLIA⁸⁵

Havia dois assuntos sobre os quais desejava luz e dos quais a explicação veio a mim de um modo curioso. Eram eles (1) o significado verdadeiro do Evangelho com relação ao parentesco e infância de Jesus, para os quais vimos razão para nos referir como místico e unilateral; e (2) a faculdade de divinização por meio do cristal ou do cálice. Acabei de acordar e estava bebericando meu costumeiro café, quando fiquei pasma por ver no líquido algumas palavras, no mesmo instante em que brilhou em minha mente uma completa visão e explanação do significado da Sagrada Família, e foi isto que recebi:

“Este é⁸⁶ o Cálice Divino de José, que representa o Egito espiritual da infância de Israel. O Egito era o pai espiritual de Jesus, sua mãe espiritual, Maria, sendo a intenção pura de Israel de Deus, e ‘a filha virgem do Sião’.”⁸⁷ Sendo judeu de nascimento, Jesus foi para o Egito para ser iniciado nos mistérios sagrados do país do qual, por meio de Moisés, os israelitas obtiveram sua religião. Dessa religião e desses mistérios, Jesus, como Cristo, era o produto. Pois o objetivo dos israelitas era a produção de um homem tão perfeito pelo desenvolvimento de sua mente e espírito, que a Idéia Divina de humanidade pudesse ser compreendida. Como um iniciado e adepto completo, um hierarca ou “mestre” dos mistérios, Jesus retornou à Judéia para completar sua missão, recebendo das mãos de João — o profeta dos essênios, que eram seguidores dos mesmos mistérios — seu batismo do Espírito.

85. Paris, 27 de outubro de 1878.

86. Significando, é claro, *respostas a*; o efeito de uma superfície brilhante, como a do cristal, disco ou fluido, sendo o sensitivo tão magnetizado como para causar qualquer imagem ou idéia anteriormente subjetiva, tanto na sua própria esfera magnética como na de outros ou naquela do planeta, esta última sendo *anima mundi*. Ver nota no final de nº XXXII. E. M.

87. Neste aspecto, Maria é a alma coletiva em vez de, apenas, a individual. E. M.

José, portanto, representa o Egito — contudo, não designando o corpo⁸⁸ e sim a mente — e é um homem velho, porque o Egito era mais velho do que Israel, e também porque, na evolução do homem, a mente precede a alma, na manifestação.

E o tendo como pai de criação, Jesus põe-se a caminho, adotando a sabedoria e a religião mais velha do Egito para incorporá-la à dos judeus. Além disso, José, sendo idoso e viúvo⁸⁹, representa o Egito com relação à sua juventude passada e origem perdida. O fato de não ser mostrado como esposo de Maria, ou pai verdadeiro do filho de Maria, é porque, embora a mente possa ajudá-los pelo conhecimento e sabedoria, o verdadeiro esposo da alma é o Espírito Divino, o qual é, assim, o verdadeiro pai do homem regenerado.

88. Ver Parte II, n^oXIII, Hino ao Deus Planeta (6).

89. De acordo com a tradição cristã. E.M.

Capítulo 36



RELATIVO À METEMPSICOSE OU AVATAR⁹⁰

Metempsicose significa, em seu aspecto principal, não a transgressão, que é da alma, mas a vivificação ou iluminação da alma já encarnada pelo espírito do “anjo” precedente. Desse modo, a alma de Jesus estava obscurecida pelo anjo de Moisés.

A Palavra, Logos, ou Adonia — pois são a mesma coisa — fala no espírito de uma ou de outra das Sete Esferas. Ele falou por meio do Espírito, ou Deus, da Quarta Esfera — Dionísio ou Iaco — com Noé, Moisés e Jesus. Contudo, Jesus não era a encarnação de nenhum desses dois, e quando ele disse: “Seu pai Abraão rejubilou-se ao ver o meu dia”, falou no sentido⁹¹ de seu nascimento anterior como Isaac. Pois Jesus era transmigração ou reencarnação da alma de Isaac, e os dois nomes estão ocultamente relacionados. A metempsicose constitui um Avatar planetário. O número deles é declarado como sendo dez ou doze. Ambos estão corretos, em certo sentido. Há dez como Avatares e doze anjos ou mensageiros, pois o primeiro e o último são “gêmeos”. O par do primeiro Avatar foram “Eva” e “Adão” — pois este é também um sentido da alegoria. Os Avatares e seus anjos têm seus signos correspondentes no Zodíaco, os duplos sendo representados pelos signos duplos de Gêmeos e Peixes. O último Avatar, agora à mão, é Aquário, “o signo do Filho do Homem no Céu”. Heracles é um epítome (*sic*) dos “doze Avatares do Senhor”.

Cada um de seus trabalhos — os trabalhos, isto é, da alma — representa uma Operação Divina e constitui um Avatar, enquanto seu signo do Zodíaco corresponde à natureza Trabalho. Esses signos representam os

90. Londres, março de 1881. Falado em transe.

91. Outro sentido era o reconhecimento de Abraão da doutrina implicada pelo termo “Cristo”. Em seu significado mais profundo e íntimo, os patriarcas representam os elementos compostos da divindade planetária. E. M.

doze portões da Cidade Santa, ou Cosmos perfeito, e os doze mistérios da iniciação maior; e os portões são mencionados como pérolas, porque estas são encontradas no fundo do mar, dentro de ostras, e são difíceis de se abrir; e o mar representa o Espírito Santo e a alma. A fim de se obter esses doze mistérios, trabalha-se muito e têm-se problemas, arriscando a vida ao mergulhar atrás delas, nu e despojado de tudo, encontrando-as na obscuridade e na escuridão, e, quando são trazidas para cima, exigem uma lâmina afiada para abri-las.

Os “doze apóstolos” são modelos desses anjos e mistérios. João representa o mensageiro dual que vem. E por meio de uma metempsicose correspondendo àquilo que o espírito de Moisés instruiu Jesus, o espírito de João instruirá o anjo do novo Avatar. Este espírito é dual, pois João representa tanto a Virgem como ele próprio. Esta é a “mãe” a que Jesus se referiu na crucificação. João compreende tanto o elemento feminino como o masculino. Seu espírito inspirador é o mesmo que o de Daniel. O espírito que informou Noé, Moisés e Jesus é Dionísio (Jeová Nissi), o Deus do planeta. E o espírito que informou Daniel e João, e informará o anjo deste século, é Miguel, que representa Zeus e Hera, ou o planeta Júpiter⁹².

Aquele que volta como um mensageiro, ou anjo, não é a alma pessoal do homem individual empregado; pois aquela transmudou-se em espírito. Nem o próprio espírito, que estava naquela alma, torna-se reencarnado. Aquele que vem é o espírito informante obscurecido, que influenciou e falou por meio do homem durante sua existência, e o próprio homem também, que se tornou um anjo, ou espírito puro, e que não mais precisa de corpo. De forma que seu retorno é voluntário e, sua vinda, um Avatar. O novo Avatar será do espírito duplo ou obscurecido de Daniel e João, bem como o espírito que estava nestes homens. Pois, devido à união entre eles, os dias — o espírito do homem e o Espírito Divino — eles formam tanto um só que são dificilmente distinguidos; e Deus fala por meio do espírito do homem.

É um tubo dentro de outro tubo. Deus fala por meio do Logos, o Logos por meio de um Elohe, e o Elohe pelo espírito aperfeiçoado de um profeta anterior. Mas, neste último, é uma metempsicose, não uma transmutação ou reencarnação. Isto é, o espírito retornando informa ao espírito de alguém já encarnado, o qual, como João Batista, pode ser usado, assim, sem ser ele próprio regenerado e “no reino de Deus.”

92. Ver Daniel X, 21 e XII, 1 — e Apocalipse XII, 7. Miguel é referido por muitos como o Anjo do Sol; é provável que o tomem pelo “anjo em pé no sol”, do Apocalipse XIX, 17. Mas, mesmo então, a posição não implicava mais do que uma presidência temporária. E. M.

Capítulo 37



RELATIVO AO ÉON DO CRISTO⁹³

Os cristos são, acima de todas as coisas, *mídia* (meios de comunicação), e as várias descrições que fizeram de seus cargos — tal como “Eu sou o caminho, a verdade e a vida”, “Eu sou a porta” e outras parecidas — não se referiam a eles próprios, de jeito algum, mas ao Espírito que falava por meio deles. Jesus, quando questionado sobre esse mesmo assunto, disse claramente: “As palavras que vos falo, não falo por mim, mas pelo Pai que mora em mim. Ele realiza os trabalhos”. Então, Jesus falou como se fosse movido pelo Espírito Santo, e não era mais do que um vidro transparente pelo qual brilhava a Glória Divina. (Como está escrito: “E vemos sua glória, a glória *como a* do Único Procriado do Pai, cheio de graça e verdade”. Agora o Único Gerado não é um homem mortal, mas aquele que tem estado no seio do Pai por toda a eternidade, até mesmo a Palavra, o Criador, o Orador, o Manifestante.) Foi esse Espírito Sagrado que desceu sobre Jesus, no seu batismo, e ficou dentro dele durante sua passagem sobre a terra, falando por meio dele e o controlando; enquanto ele, por sua vez, viveu de modo a tornar sua vontade pessoal uma só com a daquele Espírito.

O Espírito obedece à Essência, ao Pai e à Palavra. Destes, o primeiro é um dos sete espíritos, ou Chamas Divinas, da Divindade universal. O segundo é o anjo, ou Deus, do planeta e é o Éon do Cristo. O terceiro é o Cristo. Eles são, respectivamente, o “espírito, a água⁹⁴ e o sangue”. O Pai e a Palavra, assim, pode-se dizer que são um só; pois, por meio da Palavra, o Pai se manifesta e — no microcosmos — a Palavra é o Pai manifestado.

93. Paris, 12 de outubro de 1878. Recebido em sonho. Citado em *Life of Anna Kingsford* — vol. I, pág. 282.

94. Um termo que, como usado aqui, implica também a “mãe” denota, principalmente, a substância ou princípio feminino, como diferente da energia ou do princípio masculino. E. M.

O maior hierarca — ele que tem o mais perfeito controle sobre a Natureza — não é apenas um homem com várias encarnações, mas sim aquele que obteve de Deus o maior e mais raro presente: o de ser um médium para o Altíssimo⁹⁵. Tal homem é o Éon⁹⁶ e possui o que é chamado de “porção dupla”. Elisha almejou e recebeu esta graça. “Onde está agora o Deus de Elias?”, clamou ele quando tentava realizar seu primeiro milagre; e ele suplicou a Elias que uma porção de seu duplo⁹⁷ repousasse sobre ele, pois Elias havia transmutado tanto sua alma em espírito que ela se tornara dupla e, uma parte dela, ele concedeu a Elisha. Tal Éon foi o que desceu sobre Jesus, para abandoná-lo no momento final. Essa é a razão da exclamação: “Meu Deus, meu Deus, por que me abandonaste?”

95. “O próprio fato de o Cristo ser descrito como ‘um médium para o Altíssimo’ deve implicar e envolver o aperfeiçoamento de Seu próprio espírito habitado, visto que é somente por meio da identidade de condição do Deus dentro Dele e do Deus fora Dele que os dois podem se unir e misturar.” *Life of Anna Kingsford* — vol. I, pág. 282. S. H. H.

96. A pessoa que recebe o Éon é chamada de Éon, como a pessoa que manifesta o Cristo é chamada de Cristo. E. M.

97. Este não é o fantasma magnético, como é geralmente chamado. E. M.

Capítulo 38



RELATIVO À DOCTRINA DA GRAÇA⁹⁸

Um dos mais perigosos mistérios para se colocar nas mãos dos comuns é a doutrina da graça. Quando a união das vontades Divina e humana se realiza, há a graça. E o homem em estado de graça não pode mortalmente pecar. A conformidade entre as vontades Divina e humana é a condição da salvação, e esta não é perdida por nenhum ato específico, a menos que seja intencional e indique uma condição de rebelião.

O modelo de um homem em estado de graça é Davi. Seu coração estava em Deus; sua intuição não estava morta. De modo que até seus muitos e atrozes pecados não o alienaram de Deus, nem poderiam. O homem que está deliberadamente em oposição à Vontade Divina corre muito mais perigo do que aquele que, tendo uma intuição verdadeira, peca de modo mais flagrante.

Não é por meio de um ato específico, ou de muitos atos específicos, que a alma é destruída; mas por um estado de coração em constante oposição à Vontade Divina. Daí o axioma do Calvinismo: “Se você estiver em estado de graça, não pode pecar” — ou seja, mortalmente.

Obs.: Razão pela qual a apelação “Filho de Davi” aplica-se ao Cristo. O homem precisa primeiro estar “em estado de graça” antes de se tornar regenerado. É um passo indispensável no progresso de sua alma. Este é o motivo pelo qual é dito que o último é o filho do primeiro.

98. Londres, dezembro de 1880. Falado em transe. Citado em *Life of Anna Kingsford* — vol. I, págs. 402-403.

Capítulo 39



RELATIVO ÀS “QUATRO ATMOSFERAS”⁹⁹

A mente terrena (*anima bruta*) é aquela parte do homem que contém sua memória material, habilidades, afeições, cuidados, aquisições e as múltiplas imagens de suas associações em cada encarnação em particular. Essa mente é difundida com o corpo, obscurecida e é — como era — um indivíduo em si próprio. Ela habita a esfera astral e não pode ultrapassá-la; nem ela retorna à Terra (incorporada), mas mora, talvez por muitos séculos, na luz magnética, que ela a toma por céu, buscando suas próprias afinidades e freqüentando os mesmos lugares e pessoas a ela familiares. Porém, a alma — ou *anima divina*, que é o verdadeiro homem — tem outro destino. Ela deixa seu corpo na Terra; sua sombra e sua mente terrena, na esfera astral; e sobe para sua própria região mais elevada, até chegar a hora ou de passar para o Nirvana, ou de se tornar outra vez encarnada. A alma guarda a memória celestial — aquela memória na qual apenas as vidas, tais como as de seu passado, valem a pena de ser vividas, e não é de natureza efêmera —, seus conhecimentos, virtudes e verdadeiros amores. Portanto, as únicas afeições que vivem eternamente são as da alma, as quais tocaram fundo no homem e tornaram-se parte de seu ser interior. Os amores do simples corpo, ou mente terrena, morrem e não fazem parte do homem permanente. É verdade que algumas almas ficam retidas em seus fantasmas por um tempo mais ou menos longo, não sendo puras — ou melhor, fortes — o suficiente para subir mais alto. Todavia, estando na esfera astral, elas não podem ver além, e — como o fantasma astral — acreditam estar no final de suas jornadas.

A larva, ou sombra, não é o mesmo que o fantasma visto pelo lúcido comum, pois os dois são separáveis. E a sombra ocupa uma atmosfera ainda

99. Londres, 22 de agosto de 1881. Escrito sob Iluminação (*Life of Anna Kingsford* — vol. II, pág. 37).

mais inferior. Além disso, depois de pouco tempo, a sombra se consome e desaparece; mas o fantasma, com o qual o lúcido conversa, permanece tão forte e individual como sempre, às vezes por séculos. Porque, não apenas o morto recente, como alguns que viveram e morreram antes da era cristã, foram evocados e se conversou com eles, e eles não são apenas reflexos (como as entidades puramente astrais que são emanções dos vivos), já que raciocinam e se lembram, dando provas de sua identidade. O lúcido comum consegue acesso a elas somente porque ele próprio está no astral quando em condição lúcida, assim, vendo apenas o que lá está. Para entrar na esfera celestial e em comunhão com as almas, é necessário um estado regenerado. Agora, a entrada da esfera depende não apenas do lúcido, mas também do magnetizador¹⁰⁰ e do círculo presente na experiência. Há quatro atmosferas nos cercando, e somente na mais elevada delas encontramos a alma livre. Cada esfera é associada a uma parte do homem, e cada uma tem seu sistema e seu sol. Conhecimento interior, aspiração fervorosa e pureza de pensamento e vida são as chaves com as quais se pode abrir os portões da esfera mais íntima e elevada. A mais baixa é iluminada pelo Sol material. É aquela da vida atual do corpo. A seguinte é iluminada pela luz astral ou magnética e é aquela do corpo sideral ou perispírito. A seguinte é a da alma e é iluminada pelo sol espiritual. A esfera mais elevada é a imediata presença do Senhor Deus, onde está o “grande trono branco” e a companhia das “virgens”. Ora, as virgens são almas que, sendo perfeitamente espiritualizadas, não retêm nenhuma mancha da materialidade.¹⁰¹

100. Este não é, necessariamente, um ser corporal ou mesmo estranho, mas pode ser o espírito do próprio lúcido. E. M.

101. Ver Apocalipse XIV, 4, no qual são chamadas virgens em virtude de terem superado a necessidade de relações sexuais antes de sua encarnação final, como no nº XXIV, par. 4. O termo “mulher” era, algumas vezes, usado como um termo geral para designar coisas materiais. Ver, também, *Dreams and Dream-Stories*, nº IX. E. M.

Capítulo 40



RELATIVO AO FUTURO¹⁰²

Quando um homem se separa, na morte, de seu corpo material, o que dele sobrevive é divisível em três partes: a *anima divina*, ou como em hebraico, Neshamah; a *anima bruta*, ou Ruach, que é a *persona* do homem; e a sombra, ou Nephesh, que é o modo mais inferior da substância da alma. Na maioria das pessoas, a consciência é reunida e centralizada na *anima bruta*, ou Ruach; nos poucos sábios, é polarizada na *anima divina*. Ora, a parte do homem que passa através, ou transmigra — cujo processo é chamado pelos hebreus de Gilgal Neshamoth — é a *anima divina*, a qual é o receptáculo imediato do Espírito deificado. E, ao passo que nada no mundo salva o homem, real ou potencial, o Neshamah subsiste também nos animais, embora somente como uma centelha, sendo assim sua consciência rudimentar e difusa. É o Neshamah que, finalmente, escapa do mundo e é redimido na vida eterna. A *anima bruta*, ou mente terrena, é a parte do homem que retém todas as memórias terrenas e locais, afeições rememorative, cuidados e personalidades da esfera do mundo ou do planeta e carrega seu nome de família ou terreno. Após a morte, essa *anima bruta*, ou Ruach, permanece no “Éden inferior”, dentro da vista e do chamado da esfera terrena magnética. Porém, a *anima divina*, ou Neshamah — cujos nomes só são conhecidos por Deus — passa para cima e continua sua evolução, levando consigo apenas uma pequena parte, a mais pura, da alma externa ou mente. Essa *anima divina* é o verdadeiro homem. Não está dentro do granizo da atmosfera magnética; e somente nas ocasiões mais raras e solenes ela retorna ao não-revestido planeta. A sombra astral, o Nephesh, é tola; a alma terrena, *anima bruta*, ou Ruach, fala e lembra; a *anima divina*, o Neshamah, que contém a Luz Divina, nem retorna nem se comunica, isto é, do modo comum. O que a *anima divina* lembra é a história de apenas uma encarnação, porque é parte do homem astral, e este é renovado a cada encarnação de Neshamah.

102. Londres, julho de 1881. Recebido em sonho, em solução oportuna e satisfatória de diversas perplexas experiências; descoberto, posteriormente, ser uma declaração concisa da doutrina da Cabala. E. M.

Porém, homens muito avançados tornam-se reencarnados, não neste planeta, mas em algum outro, mais perto do Sol. A *anima bruta* só vive uma vez e não será jamais reencarnada. Ela continua no “Éden inferior”, uma personalidade em relação à Terra, retendo as memórias, tanto as boas como as más, de sua vida única passada. Se ela fez o mal, de fato ela sofre, mas não é condenada; se fez o bem, é feliz, mas não beatificada. Ela continua, em pensamento, a perseguir coisas terrenas e cria para si própria casas, jardins, flores, livros e assim por diante, fora da luz astral. Ela permanece nessa condição mais ou menos bem definida, de acordo com a personalidade que adquiriu, até a *anima divina*, que era um dos templos, ter cumprido todos os seus avatares. Então, com todas as outras almas pertencendo àquela *anima divina*, é carregada para o Éden celestial, ou céu superior, retornando para a essência de Neshamah. Mas, nem todas retornam; apenas as boas lembranças; o mal afunda para a camada mais inferior da luz astral, na qual desintegra. Porque, se a *anima divina* devesse sempre, em seu estado perfeito, reter as memórias do males praticados, de suas desventuras, de seus pesares terrenos, de seus amores terrenos não seria perfeitamente feliz. Assim, somente os amores e as memórias retornam para Neshamah, que penetraram a alma terrena o suficiente para atingir a *anima divina* e fazer parte do homem. É dito que todos os casamentos são realizados no céu. Isto significa que todas as uniões de amor verdadeiro são realizadas no celestial, dentro do homem. As simples afeições da *anima bruta* são evanescentes e somente a ela pertencem. Quando ele, o Ruach, é interrogado, pode falar apenas de uma vida, pois só viveu uma. Dessa, ele retém todas as lembranças e afeições. Se foram fortes, permanece perto daquelas pessoas as quais especialmente amou e as ofusca. Um único Neshamah pode ter tantos desses próprios egos anteriores na luz astral quanto um homem pode ter de vestimenta para trocar. Contudo, quando a alma torna-se perfeita, a ponto de ser recebida dentro “do Sol”, ou “Nirvana”¹⁰³, ela aspira todos os próprios egos passados, e apodera-se de suas memórias, mas apenas das partes valiosas, e tal vontade não a priva de sua calma eterna. Nos “planetas”, a alma esquece; nos “sóis”, ela lembra. Pois em *memoria aeterna erit Justus*.¹⁰⁴

Antes do homem haver cumprido sua regeneração e se tornado um filho de Deus, um Cristo, ele não pode ter essas lembranças de suas vidas passadas. Essas recordações que um homem, no caminho ascendente, pode ter de suas encarnações passadas são apenas por meio de reflexo; e as lembranças não são normalmente de eventos, mas de princípios, verdades e de hábitos adquiridos anteriormente. Se essas lembranças estão relacionadas a eventos, eles são vagos e espasmódicos, porque são reflexos

103. Ver Apêndice, nota A.

104. Ps. CXII, 6.

do sombreamento de seus próprios egos na luz astral. Porque os egos anteriores — os templos desertos da *anima divina* — freqüentam sua esfera e são atraídos para junto dela, em especial sob certas condições. Com eles, ela aprende, por meio da intermediação do gênio ou “lua”, quem ilumina a *câmara obscura* da mente e reflete em sua “placa” as lembranças moldadas pelo passado obscurecido. A *anima bruta*, ou Ruach, parece progredir por si mesma, porque tem uma vaga sensação que cedo ou tarde será erguida para esferas mais elevadas. Porém, quanto ao método para isso, ela é ignorante, porque só pode conhecer o celestial unindo-se a ele. O aprendizado, que parece para si próprio estar progredindo, é adquirido pelos raios da alma refletidos, vindos do terrestre. Os homens avançados da Terra dão assistência e ensinam a alma astral, e, por essa razão, têm carinho por suas esferas. Ele aprende pelas imagens intelectuais refletidas, ou pensamentos. O Ruach está certo quando diz que é imortal, visto que a melhor parte dele será, no fim, absorvida para dentro do Neshamah. Contudo, se alguém perguntar ao Ruach algo de até mesmo dois ou três séculos atrás, dificilmente saberá mais do que em sua vida terrena, a menos que, de fato, adquira conhecimento novo de seu interrogador. O motivo por que algumas comunicações são astrais e outras celestiais é simplesmente porque certas pessoas — o maior número — comunicam-se por meio da *anima bruta* dentro delas mesmas; outras — as poucas purificadas —, por meio de sua *anima divina*. Pois gosto atrai gosto. As almas terrestres dos animais raramente são encontradas; elas entram em comunhão com animais, mais do que com o homem, a não ser que uma afeição entre um homem e um animal tenha sido muito forte. Se um homem puder encontrar e reconhecer sua amada no Nirvana, ele deve transformar sua afeição em um do Neshamah, não de Ruach. Há muitos graus de amor. O verdadeiro amor é mais forte do que mil mortes; pois, embora alguém morra mil vezes, um único amor pode ainda se perpetuar, passando pela morte, do nascimento ao nascimento, culminando em intensidade e poder.

Agora, estes três, Nephesh, Ruach e Noshamah, são modos discretos de um e do mesmo ser universal, que é, de uma só vez, vida e substância; é instinto com consciência; considerando que é, sob qualquer método, o Espírito Sagrado. Portanto têm inerente neles todos uma Potência Divina. Evolução, que é a manifestação daquilo que é peculiar, é a manifestação dessa potência. A primeira formulação dessa inerência, acima do plano material, é Nephesh, este sendo a alma pela qual são impelidas as mais inferiores e novas formas de vida. É a alma em “movimento” que respira e inflama. O seguinte — o Ruach — é o “vento” que corre adiante para vivificar a mente. Acima, por ser mais interior e central, está o Neshamah, o qual, nascido no seio do Ruach, é o imediato receptáculo da Partícula Divina, e sem o qual não pode ser individualizado, tornando-se uma personalidade não difusa. Tanto o “vento” como a “chama” são espíritos; porém, o vento é geral; a chama, particular. O vento enche a casa; a chama

designa a pessoa. O vento é a Voz Divina ecoando no ouvido dos Apóstolos. Desse modo, então, pela alma impessoal, é percebido o sopro e a inspiração de Deus; mas, pela alma pessoal, é formulada a expressão de Deus. Ora, tanto o Nephesh como o Ruach, reunidos e resistentes, são o Neshamah.

Capítulo 41



RELATIVO AO EGO VERDADEIRO¹⁰⁵

(Esta iluminação resultou na meditação sobre a seguinte passagem de G. H. Lewes: “A evolução do organismo, como a evolução dos cristais ou das ilhas e continentes, é determinada, em primeiro lugar, pelas leis inerentes da substância envolvida; em segundo lugar, pelas relações com o médium na qual a evolução ocorre”.)

Há uma lei inerente na substância primordial de toda matéria que obriga todas as coisas a evoluir, pelo mesmo método e modo. Os mundos, no infinito abismo do céu, são, sob todos os aspectos, semelhantes às células dos tecidos dos vegetais ou dos animais.

Suas evoluções, suas distribuições e suas relações mútuas são semelhantes, motivo pelo qual, por meio do estudo das ciências naturais, a verdade pode ser aprendida, não só no que diz respeito a elas, mas também com relação às ciências ocultas; pois os fatos das primeiras são como um espelho para os fatos das últimas. E exatamente o que o ego espiritual é para o homem físico, assim é Deus para o Universo manifesto — seu espírito habitando-o e penetrando-o; nem mais, nem menos.

Quanto às almas dos planetas, deixe-nos indagar um pouco o que, como um indivíduo, você é. Sua alma é constituída das essências aglomeradas de toda a consciência individual que compõe seu sistema. Ela, então, cresceu, evoluindo gradualmente das entidades rudimentares, elas próprias evoluídas pela polarização das forças de suas consciências múltiplas, pola-

105. Paris, 6 de dezembro de 1882. Tendo estudado, anteriormente, ciência materialista em Paris, a sra. Kingsford retornou mais tarde para estudar filosofia materialista, ocasião em que esta e as seguintes iluminações, até o nº XLVII, inclusive, foram recebidas por ela como elucidação dos assuntos estudados e como correção da doutrina enunciada pelo seu professor. As iluminações foram recebidas principalmente em sonho. Citado em *Life of Anna Kingsford* — vol. II, págs. 96-97. E. M.

rizando e centralizando, de maneira a formar a alma humana. Do mesmo modo, as almas dos planetas são formadas pela aglomeração e combinação das almas miríades que os compõem, que vão do grupo mineral ao humano, compondo, assim, os quatro princípios de cada reino do planeta. Cada Deus planetário é, portanto, não um personagem sobrenatural e estranho, mas a soma total das almas que compõem o planeta. Seu corpo físico é o planeta visível e seu fenômeno. Seu corpo e mente astrais são as inteligências das plantas e dos animais. Sua alma é a razão superior do homem; e Seu espírito é Divino, sendo a *Mente* do homem. Quando falamos em Deus-Planeta, significa, principalmente, aquela *Mente*, e é dito com razão que nossa parte Divina não é outra que não o Deus-Planeta, no nosso caso Dionysos, o Deus da esmeralda.

Mais uma vez, assim como são todas as criaturas que compõem o planeta para o planeta, assim também são os planetas para o Universo e, em consequência, assim são os Deuses para DEUS.

O Deus primordial é a soma total dos Deuses. O espírito de Deus são as essências aglomeradas de todas as deidades. Rezar para Deus é dirigir-se a todo o Exército Celestial e, por inclusão, todos os espíritos dos homens justos. Porém, os Deuses não são em número limitado. Por conveniência humana, eles são chamados sete, ou doze, ou vinte e quatro, ou setenta; mas são apenas nomes de ordens. Além dos números, estão os astros no espaço infinito, e cada um deles é um Deus. Foibos é legião, assim como Hermes, Afrodite, Dionísio, Ares, Zeus, Hera, Cronos e todo o resto. Foibos é o espírito de todos os sóis; Poseidon, de todos os mares; e cada divindade tem a sua *qualidade*, correspondendo às condições dos elementos que compõem seu reino.

A cada planeta pertence um diferente espectro, e o físico é a medida do espiritual. E cada mundo físico de causas tem seu mundo espiritual de efeitos.

Ora, o mundo das causas é o material e o astral, e o mundo dos efeitos é o psíquico. Portanto, pode ser dito que a alma é o *efeito* do corpo, pois o organismo vem antes da função, e o mineral antes do homem. Ainda assim, é verdade que o organismo é o efeito da idéia, e a mente, a causa da evolução. Portanto, o espírito vem antes da matéria em sua concepção abstrata, mas não na concepção concreta. Todas as coisas são geradas pela fissão ou divisão na blastoderma ou protoplasma universal, e o poder que causa essa geração é centrífugo.

Capítulo 42



RELATIVO A DEUS¹⁰⁶

Mas, por que devemos sofrer as dores de procurar além do fenômeno? Por que essa incessante ânsia de provar a nós mesmos que somos imortais e questionar se há Deus no Universo?

A resposta é múltipla, porque o apelo é para a natureza, para a razão e para o princípio. Primeiro, a evolução, como revelada pelos fatos da ciência física, é inexplicável sob hipótese material; o mesmo se dá com os fatos da ciência física e da experiência. Em segundo lugar, foi provado que a mente do homem antecipa a demonstração das leis naturais e indaga — pela indução matemática e lógica — aquilo que deve ser, enquanto o fato real permanece ainda sem ser descoberto. Fica evidente que a mente, maior, embora idêntica à inteligência humana, precede o fenômeno. Em terceiro lugar, o princípio primário na mente sã, a justiça, demanda satisfação e insiste que retidão de inteligência implica retidão de espírito. E, se isso for concebido, tudo o mais vem a seguir. O que, então, devemos conceber, pressupondo este princípio irrevogável de justiça como o sol central de nosso sistema filosófico? Equidade em todos os planos e uma perfeita correspondência e equilíbrio entre o físico e o espiritual, entre o mundo das causas e o dos efeitos. A justiça é representada por uma balança dual, em que um dos pratos é o espírito e o outro, a matéria; um masculino e o outro feminino; sem esse princípio dual, o próprio sistema da balança seria impossível. A balança é uma, os pratos são dois.

O que, então, é Deus? Espírito, substância essencial. Então, Deus é impessoal? Impessoal se a palavra *pessoa* for tomada em seu significado radical; mas, pessoal no sentido mais elevado e verdadeiro da palavra, se a concepção for da consciência essencial. Pois Deus não tem limitações. Deus é um fogo puro e nu queimando no infinito, cuja chama subsiste em todas as criaturas. O Cosmos é uma árvore com inúmeros galhos, cada um conectado e brotando de diversos ramos, e estes saindo de um só tronco,

106. Paris, 8 e 9 de dezembro de 1882.

alimentado por uma raiz. E Deus é o fogo queimando nessa árvore, sem, no entanto, consumi-la.

Deus é “EU SOU”. Essa é a natureza do ser infinito e essencial. E assim é Deus no começo, antes dos mundos.

Qual é, então, o propósito da evolução e da separação em várias formas? *A vida é a elaboração da alma por meio das variadas transformações da matéria.*

O espírito é essencial e perfeito em si próprio, não tendo nem começo nem fim. O espírito é abstrato. A alma é secundária e aperfeiçoada, sendo gerada do espírito. A alma é concreta. E o objetivo todo da criação ou manifestação é a evolução das almas. Espírito é o primitivo Adão; a alma é Eva, a mulher saída do homem. O espírito é a primeira causa; a alma, o derivativo.

Agora, o princípio essencial da personalidade ou consciência — a personalidade mais elevada — é o espírito. E essa personalidade é Deus, razão pela qual a personalidade superior e inferior de cada mônade é Deus. Porém, esse princípio primeiro, sendo essência nua, não pode ser separado dos indivíduos, a menos que contido e limitado por um princípio secundário. Esse princípio, sendo derivado e não essencial, deve evoluir. *O espírito, portanto, é projetado na matéria para que a alma possa então ser vista.*

A alma é vista na matéria por meio da polarização; e o espírito, do qual toda matéria é constituída, retorna para sua natureza essencial na alma. Esta é o médium, pelo qual o espírito é individualizado e no qual se torna concreto. Assim, por meio da criação, Deus, o Único, torna-se Deus, os Muitos. E o objetivo colocado diante do santo é tanto de viver como de entregar a alma luminosa e consolidada com o espírito, de modo que o espírito seja para sempre um só com a alma, eternizando, dessa forma, sua individualidade.

Pois a personalidade está fora e dentro do espírito; mas a individualidade pertence à alma. Todavia, para a criação, haveria uma consciência bastante difusa e não individualizada, contida em uma substância bastante difusa. Todas as coisas são constituídas dessa substância, por meio dessa força ou espírito; e a alma cresce para fora da matéria por meio da evolução — ou seja, pela força inerente atuando sobre a substância manifesta. Assim, a alma nasce do ventre da matéria, e dentro dela é concebido o elemento pessoal, o qual, separado de Deus, ainda é Deus e o homem. Pois Ele não é nem multiplicado, nem dividido; porém, separado em muitos. A matéria é a cera, a alma é o pavio, e Deus a chama que ilumina. Se te perguntarem a razão da criação, deverás responder: a evolução e a elaboração da alma.

Anna é o ano que corre, o Tempo, do qual nasceu Maria a alma, a mãe de Deus¹⁰⁷. Deus é a primeira das dez categorias de Aristóteles¹⁰⁸, já que o

107. Ver Parte I, nº III, “Relativo à Profecia da Imaculada Conceição”, e nº XLVIII (i), “Relativo aos Mistérios Cristãos”.

108. Do grego, *Sófia*, substância original ou ser simples; o Ensoph da Cabala. E. M.

número um é a raiz de todos os números. Você não pode começar as tabelas com o dual, porque a unidade é a idéia primeira. Por isso, esta unidade é positiva e essencial na necessidade.

Para Deus, tudo é bom; é somente para os homens que o mal parece ser positivo. Conforme está escrito: “Sou o Senhor e não há mais ninguém; fiz a luz e criei a escuridão; faço a paz e crio o mal; Eu, o Senhor, faço todas essas coisas”, visto que o que diferencia o bem do mal é o plano da ação e o médium onde o pensamento é concebido. Se você ama do plano do espírito por meio do médium da alma, ama como Cristo amou. Mas, se ama do plano do astral por meio do médium do corpo, teve luxúria. E, mais uma vez, se o espírito deseja algo, ele quer aquilo que é igual a ele mesmo, espiritual, e seu tesouro está no céu; isto é aspiração. Porém, se o plano do desejo for astral, o desejo é material, e o material deseja a matéria, ou seja, riquezas terrenas. Isto é avareza. E, ainda, a paixão do espírito, uma fúria que sobe queimando de encontro ao espírito; uma força explodindo para fora e saltando para dentro da vida; uma veemente tomada do celestial, por meio de violência celestial. Isto é zelo. Contudo, a paixão do astral é uma fúria queimando para baixo, por meio do corpo; uma força trasladando-se em ação material; uma colisão furiosa e cega da matéria com a matéria. Isto resulta em assassinato. Veja, então, que, de acordo com o plano e o médium, um ato pode ser bom ou mal. Não há nada realmente mal na idéia inicial, pois, primeiramente, tudo é bom, porque primeiro é o espírito.

(Em resposta a perguntas) Qualquer desejo ou ato do corpo não beneficia a mente, é sensualidade.

É necessário que certos mistérios interiores, que pertençam ao Celestial, sejam mantidos secretos, porque, se forem dados ao povo, os mistérios iriam se tornar rapidamente materializados e, desse modo, perdidos. Mas, se forem confinados a uns poucos Sábios e transmitidos somente para o Iniciado, eles serão preservados em seu significado verdadeiro. E, ainda, se esses sábios traírem seus segredos, os não-iniciados lançariam mão deles, e eles e seus segredos morreriam juntos. Todavia, se a maioria for de sábios, então os mistérios podem ser contados abertamente.¹⁰⁹

109. O fato de os mistérios terem sido abertos outra vez, expressamente porque podem ser conhecidos em geral, não é, de jeito algum, para ser interpretado como uma indicação de que, do ponto de vista de seus guardiões, é chegado o tempo em que a “maioria é sábia”. Mas, isto apenas: (1) que o encobrimento dos mistérios já conduziu à sua materialização e a perda nas mãos do clero, sendo somente por meio de sua publicação que poderiam ser restaurados; e (2) que a maioria é suficientemente sábia, ao menos na terra da presente promulgação, para impedir as perseguições assassinas, tanto pelo bem da opinião como pelos interesses de uma Ordem. E. M.

Capítulo 43



RELATIVO À PSIQUE, OU À ALMA HUMANA SUPERIOR¹¹⁰

É verdadeiramente dito que Deus é a mente primordial, e que o Universo cósmico e suas manifestações são as idéias daquela mente. A mente por si própria é passiva; é órgão, não função. A idéia é ativa; é função. Portanto, tão logo a mente comece um ato, traz para fora as idéias, e estas constituem a existência. A mente é abstrata; as idéias são concretas. Quando tu pensas, tu crias. Todo pensamento é uma ação substancial.

Tôt¹¹¹, portanto, é o criador do Cosmos. A ciência dos mistérios somente pode ser compreendida por aquele que estudou ciências físicas; porque é o clímax e a coroação de tudo isso, e deve ser aprendido por último, não em primeiro lugar.

A menos que tu entendas as ciências físicas, tu não podes compreender a doutrina dos Veículos, que é a doutrina básica da ciência oculta. “Se tu não entendes as coisas terrenas, como te fazer entender as coisas celestiais?”. Por esse motivo, aprenda, aprenda, e seja voraz com o conhecimento, cada vez mais. É inútil para ti buscar a câmara interna, até que tu tenhas passado pela de fora. Para o que não estuda, nenhuma verdade pode ser demonstrada.

Teosofia é uma ciência régia. Se tu alcançasses a câmara da presença do rei, não haveria nenhum modo seguro por meio das salas externas e galerias do palácio.

Em cada glóbulo vivo há quatro poderes inerentes. Não falo agora das partes componentes de célula, mas, das forças. O primeiro modo interior de poder é mecânico; o segundo é químico; o terceiro é elétrico; e o

110. Paris, 13 de dezembro de 1882.

111. Também soletrado *Thaut*, cuja forma é igual, tanto em som como em significado, à palavra *Thought* (pensamento, em inglês). Tôt ou Thaut era o equivalente egípcio para ambos, Hermes e Logos.

quarto, psíquico. Os três primeiros pertencem ao domínio da ciência fisiológica; o último, à ciência oculta. É este último modo de poder que pertence ao imaculado e essencial. É inerente ao substancial e é, portanto, permanente como uma quantidade inexequível. Está no *Arche*¹¹², e está onde quer que haja vida orgânica. Ora, a psique é, desde o começo, latente e difusa em todas as matérias; já que, como a psique não é dela mesma, mas, do espírito, assim é do espírito também a qualidade básica de todas as coisas — o inerte convertido em sólido pelo movimento —, o invisível tornado visível pela energia. Do mesmo modo, aqui há dois: aquele que torna visível e o que faz ficar visível; e, desses dois, há outra vez um terceiro, que é visível.

E dessa energia, ou força primordial, há dois modos (porque tudo é dual): a força centrífuga ou aceleradora; e a força centrípeta ou moderadora. (Contudo, como já disse, este segundo modo é de energia feminina e, portanto, derivativa, sendo reflexo e complementar de seu primário.) Por meio da primeira força, a substância (psique) torna-se matéria. Por meio da segunda, a substância retorna à sua primeira condição. Porém, em toda a matéria há a tendência de voltar à substância e, por isso, de polarizar a alma pela evolução. A tendência de voltar à substância é a causa da evolução. E isso porque, no instante em que o modo centrífugo começa a agir, naquele instante seu derivativo, o centrípeta, começa também a exercer sua influência.

E mal a *arche* primordial assume a condição de matéria, a própria matéria começa a se diferenciar, acionada pela força inerente da energia psíquica e pela diferenciação, gerando indivíduos sem número.

Então, a psique, uma vez que o impessoal se torna essencial, torna-se individualizada e pessoal e, por meio do portão da matéria, emana para dentro de uma vida nova. Uma pequenina fagulha no glóbulo, a psique torna-se uma chama refulgente no globo. Isto mediante o contínuo acréscimo e centralização. Do mesmo modo que uma corrente de células nervosas da energia magnética corre para seu ponto central — sendo transmitida, como é um choque mecânico, ao longo de uma série de unidades em contigüidade —, sempre culminando em ímpeto, assim é com a energia psíquica ao longo do desenvolvimento da natureza. Por isso a necessidade de centros, associações, organismos. Assim, pela sistematização de congêries das entidades vivas, que é pequena em cada um, torna-se grande no todo. Pois a qualidade da psique é sempre a mesma, e sua potencialidade é invariável.

Falei de uma personalidade externa e de uma interna; de uma consciência material diferente da espiritual. Da mesma forma, falo agora de uma energia espiritual diferente da material. A energia pela qual a psique

112. Ver Apêndice, "Definições".

polariza e incorpora não é dependente da ondulação do éter, como são as energias materiais, visto que a psique é a essência do próprio éter. Toda vida manifestada é um processo de queima. A psique é a substância do médium, pela qual a queima é condicionada. O primeiro estado da matéria é o éter. Mas a psique existe dentro e antes do éter, razão pela qual é corretamente denominada imaculada. E ao primeiro estado da matéria corresponde um primeiro modo de força, isto é, *rotatório*, a centrífuga e centrípeta. Porém, antes e dentro da força existe a vontade — isto é, a necessidade. A necessidade é a vontade de Deus. Esta vontade é a força espiritual. É inerte à psique; e ela é o médium na qual opera. Portanto, como a vontade primordial está relacionada à substância primordial, assim é a vontade individual em relação à alma derivada. E quando a corrente da energia espiritual (ou vontade) é forte o suficiente, no complexo organismo, para polarizar e, centralmente, acender, então a psique individual concebe a divindade em seu ventre e torna-se Deus consciente. Nos estágios rudimentares da matéria, esta corrente não é forte o suficiente para polarizar.

A psique, quando junta força suficiente para centralmente queimar, não se extingue pela desintegração dos elementos físicos. Na verdade, estes caem separados e descamados muitas vezes durante a vida, seja na de um indivíduo, seja na de um sistema; contudo, a consciência e a memória permanecem as mesmas. Tu não tens, no corpo, uma só partícula que tenha tido há quinze anos, embora possuas o mesmo ego, e teu pensamento é contínuo. Tua psique, portanto, foi criada por vários elementos; e em teu ego, os egos interiores são perpetuados, porque suas forças psíquicas são centralizadas em tua individualidade. E quando tua psique passa adiante das partículas desintegradas do teu corpo físico, estas desenvolverão novas entidades materiais, e a reversão da matéria para substância irá ainda continuar. E tua parte substancial irá adiante para novas afinidades.

“Mas”, tu dirás, “se a alma é imaculada, como pode ser ela atraída por afinidades materiais?”

O elo entre ela e a Terra é o carma. Até que ela seja permeada por toda sua essência pelo espírito, ele não é capaz de se erguer acima das influências astrais. Lembre-se de que a ciência da teosofia é a dos veículos. A alma é o mais elevado desses veículos. Porém, o espírito é o primeiro e último termo. Embora seja imaculada em sua essência virginal, ela não é a noiva casada até que o vínculo entre ela e a Terra seja cortado. E isso só ocorre quando cada molécula de sua essência for penetrada pelo espírito, e, assim, indissolivelmente casada, como Deus com a *arche*, no princípio.

“Mas”, tu dirás, “há formas tolas e horríveis — terão elas também uma psique imaculada?”

Estas têm uma psique oprimida por seu carma devido à sua debilidade. Aumentar ou diminuir é por conta da alma. “Aquele que não se junta a mim, dispersa-se.” Então, quando o celestial está fraco e dividido, o astral e o material estão fortes.

“Mas”, tu dirás, “se a alma for então o resultado da polarização que ocorre no organismo que ela anima, como pode ela passar de um corpo para outro por meio da reencarnação? Seguramente, a alma é formada outra vez em cada corpo e não pode sofrer transmigração?”

Não confunda substância com força. Substância é a psique, o médium. Força é espírito, a energia. Aquilo que arde em chama é gasolina; o processo da queima é um modo ou condição do gás. Aquilo que queima é combustível ou matéria, na qual o gás é gerado. E quando tu perguntas: “Como pode a psique (*sic*), que é gerada em um corpo, passar, por meio da transmigração, para outro?”, é como se perguntasse: “Como pode uma chama gerada em um lenho de madeira passar para outro?”. As dispersões das séries físicas podem ser comparadas a um forno no qual uma sucessão de feixes é lançada. Em cada feixe há uma quantidade de gás não queimado e de energia latente, pois não há médium sem força inerente. Esta força latente ou inerente é a capacidade. (Um médium vivente não precisa estar sempre ativo, mas deve ter a capacidade de ação. Assim como Deus também não precisa estar sempre criando, mas deve ter sempre a capacidade de criar.) Pela queima, o gás de cada feixe é consumido, os elementos do feixe (em cada um dos quais está armazenada certa proporção desse gás) desintegram-se e viram cinzas. Então, outro feixe apanha a chama e continua sem solução, suprimindo, da mesma forma, o médium necessário. Mas, observe que a psique não é “gerada no corpo”, nem é a chama gerada no feixe. Porém, sem combustível não haveria a chama, e sem a matéria não poderia existir psique. O que é realmente “gerado” pelo combustível é o gás, pelo qual a chama torna-se manifesta. E o que é realmente gerado pelo corpo é a condição pela qual a psique abstrata torna-se concreta.

Capítulo 44



RELATIVO AO POETA, COMO UM TIPO DE PERSONALIDADE CELESTE

Extraído do Diário, Paris, dia de Natal, 1882¹¹³.

“É estranho como me esqueço! Esta noite reli diversas passagens e capítulos escritos de próprio punho, concebidos em minha própria mente, do Caminho Perfeito, e eles me encheram com tanto encanto e admiração como se os tivesse lido pela primeira vez, em algum trabalho de um estranho. Não deveria isso me levar a pensar quão pouco essa memória externa e mundana tem a ver com a consciência verdadeira e interior? Pois, de fato, em meu próprio *eu* conheço bem todas essas coisas, muitas vezes mais do que as que foram escritas; contudo, meu *eu* exterior esqueceu-as rapidamente e, uma vez escritas, ainda mais as esqueço! Isso me leva a pensar, por acaso, que não estamos supondo totalmente errado quando falamos da memória como uma parte necessária da personalidade; pois a memória, no sentido em que usamos a palavra, significa um pensamento de volta ao passado e um ato pelo qual experiências passadas são lembradas.

Mas como pode a verdade, ego essencial que não tem fim nem começo, ter memória de qualquer tipo, já que a ‘lembrança eterna’ da alma vê todas as coisas em um piscar de olhos, tanto o passado como o que virá? Para aquela que está em sua natureza Divina e em Deus, a memória não é mais recordação, mas conhecimento. Devemos dizer que Deus se lembra? Não, Deus sabe, ó meu Gênio Divino; Tu sabes! Eu Te sinto; Tua aura me cerca; queimo sob o calor de Tua presença maravilhosa. És Tu, de fato!”
Aqui, a meditação torna-se Iluminação, e o diário assim continua.

113. Citado em *Life of Anna Kingsford* — vol. II, págs. 96-97 e 100-102.

(Será visto que a escritora tomou, de antemão, o estilo de seu iluminador.)

“Esta faculdade que chamamos memória não é mais do que o fraco reflexo e imagem no cérebro material daquela função que, em toda a sua plenitude celestial, pode pertencer somente ao homem celeste. Aquele que é do tempo e da matéria precisa pensar por meio de um órgão e de células materiais, os quais só podem funcionar mecanicamente e por um processo lento. Mas, aquele que é da eternidade e do espírito não precisa nem do órgão nem do processo, uma vez que organismo é relacionado somente ao tempo, resultando em processo. ‘Sim, tu verás cara a cara! Tu saberás até o que te é conhecido!’ E tão ampla e essencialmente como a memória celeste difere da terrena, assim a personalidade celeste difere da criatura material.

Tu podes mais facilmente entender algo do caráter da personalidade celeste considerando a qualidade daquele com o tipo mais elevado de humanidade — o poeta.

O poeta não tem nenhum *eu* separado do seu grande *eu*. Outros homens passam indiferentes pela vida e pelo mundo, porque a personalidade da Terra e do céu é algo separado deles, e não os toca.

A riqueza da beleza, da terra, do céu e do mar repousa fora de seus seres, e não lhes fala ao coração. Seus interesses são individuais e limitados; seus lares são só de um coração; quatro paredes são os limites de seus reinos — é tão pequeno!

Contudo, a personalidade do poeta é Divina e, sendo Divina, não tem limites.

Ele é supremo e onipresente na consciência; seu coração bate em todo elemento. Os pulsos de todas as profundezas do céu vibram no seu próprio e, reagindo às suas forças e plenitudes, ele sente mais intensamente do que os outros homens.

Ele não apenas vê e examina essas rochas e árvores; essas águas variáveis e esses picos cintilantes. Ele não apenas ouve o vento plangente, o rufar dos repiques dos sinos. Mas, ele é tudo isso; e com eles — não, neles — rejubila-se e chora, brilha e aspira, suspira e ressoa.

E, quando canta, não é ele — o homem — cuja voz é ouvida; é a da toda a própria natureza.

Nos seus versos, o brilho do sol ri; as montanhas lançam longe seus sonoros ecos; o relâmpago veloz brilha.

A grande cadência da vida universal move-se e torna-se articulada na linguagem humana.

Ó alegria profunda! Ó ilimitada personalidade! Ó personalidade parecida com Deus!

Todo o ouro do pôr-do-sol é teu; os pilares de crisólito; e a abóbada púrpura da imensidão!

O mar é teu, com seu solene discurso, em sua distância enevoada e seus baixos radiantes!

As filhas da terra te amam; as ninfas das águas te contam seus segredos; tu conheces o espírito de todas as coisas silentes!

Os raios de sol são teu sorriso, e as gotas de chuva do céu, tuas lágrimas; no furor da tempestade, teu coração balança; e tua prece sobe com os ventos até Deus.

Tua arte multiplica-se na consciência¹¹⁴ de todas as criaturas vivas; tua arte torna-se jovem com a juventude da natureza; tua arte é toda vista como os céus estrelados.

Como para os deuses — tua arte é por eles amada; sim, se tu esmoreceres, eles te contarão todas as coisas; porque somente tu compreendes, dentre todos os filhos dos homens!

Com relação à memória; por que deveria haver mais alguma dificuldade com relação a isso? Reflete sobre isso, dizendo: 'O homem vê o que sabe.' Para ti, o fundo é mais visível do que a superfície das coisas; mas, para os homens em geral, somente a superfície é visível. O material só percebe o material, o astral só o astral, e o espiritual só o espiritual. Tudo se resume, portanto, em uma questão de condição e qualidade. Tua ligação com a matéria é pouca, e tua memória orgânica é fraca e traiçoeira. É difícil para ti perceber a superfície das coisas e lembrar-te de teus aspectos. Mas tua percepção espiritual é a mais forte para essa fraqueza, e o profundo é o que tu vês mais rapidamente. É difícil para ti compreender e reter a memória dos fatos materiais; porém, seu significado tu compreendes instantaneamente e por intuição, que é a memória da alma.

Pois a alma sofre para se lembrar, ela sabe divinamente. Não é dito que a mulher imaculada traz para fora sem dor? A tristeza e as dores do parto, da concepção, pertencem somente àquela que desejou a Adão."¹¹⁵

114. Um arcaísmo para consciência. Em francês há ainda uma só palavra — *conscience* — para as duas coisas. E. M.

115. Isto é, o sentido externo e a razão inferior. E. M.

Capítulo 45



RELATIVO À PSIQUE¹¹⁶

(Continuação do Capítulo 43)

Porém, pode-se tornar o assunto mais claro para ti se, deixando de lado tais comparações materiais, falarmos daquelas coisas que somente podem ser adequadamente comparadas juntas. Tu já sabes da natureza do planeta e das divisões de seus egos em quatro partes ou regiões. Destas, tu sabes que a alma ou psique está no homem, na razão superior humana. Agora, pertence ao planeta, além dessas quatro regiões, uma atmosfera de natureza magnética¹¹⁷. Essa atmosfera é por ti conhecida. É a alma astral ou sideral do planeta, a *anima mundi* ou retrato do mundo. Ali estão guardadas todas as memórias do mundo; sua vida passada, sua história, suas afeições e lembranças das coisas físicas. O adepto pode interrogar este mundo fantasma, e ele responderá. É o despir da vestimenta do planeta, e, ainda assim, é vivo e palpitante, pois seu material é tecido de substância psíquica, e seu *parênquima*¹¹⁸ todo é magnético. Visto que, como o planeta é uma entidade sempre nascendo e morrendo, este sócio astral dele próprio está sempre em processo de crescimento — o espelho do globo, um mundo rodeando um mundo. Mas o Espírito Divino, Dio-Nysos, não está neste círculo magnético. Deus, a Mente, está no celestial, e o templo, portanto, está no coração da humanidade.

Assim como o mundo astral é para o planeta, o Ruach é para o homem. E, na verdade, a grande esfera magnética do planeta é ela mesma composta e entrelaçada por egos magnéticos de sua descendência, como estes, por sua vez, são entrelaçados por átomos infinitivamente menores, que compõem o homem individual, de modo que, por meio de uma figura,

116. Paris, 6 de janeiro de 1883.

117. Não outro elemento, mas outro modo do astral; aquele no qual ele representa seu passado como diferente da condição atual, que coexiste — o último continuamente passando pelo primeiro. E. M.

118. Anatomicamente, a massa de um glandular ou órgão similar. Botanicamente, o tecido celular macio das plantas. E. M.

um pode representar toda a atmosfera astral do planeta como um sistema com muitas esferas pequeninas, cada uma refletindo e transmitindo raios especiais. Mas, se nessa esfera astral tu procurares a alma verdadeira e o Espírito Divino, não irás encontrá-los; pois eles são das altitudes mais elevadas. Para cada mundo o seu Ruach, e somente um. Mas a alma verdadeira do mundo migra para intercâmbios. E este é o segredo da “criação” dos mundos. Os mundos, como os homens, têm seu carma, e novos globos cósmicos surgem das ruínas dos estados anteriores. Como a alma da unidade humana individual transmigra e passa, do mesmo modo faz a psique do planeta. De mundo para mundo, em comunicação e ímpeto incessantes, o Neshamah vivo persegue seu caminho variável. E, conforme ele passa, a tintura de sua divindade muda. Aqui, seu espírito é derivado por meio de Iaco, lá por meio de Afrodite, além, por Hermes ou outro Deus. Aqui, outra vez, ele é fraco e, lá, é forte. Seu planeta não começou este avatar na força; um carma maligno submergiu sua alma, e o mal viveu predominante nas suas primeiras eras. Répteis monstruosos, coisas arrepiantes e muitas naturezas ferozes dilaceraram e devoraram uns aos outros nas grandes profundezas. Pois a alma do mundo era fraca e avançou com dor e problemas. Porém, Adonai reina e reinará.

Ora, as moléculas físicas do planeta são seus muitos corpos gerados, seja de plantas, de animais ou de homens; e estes são, continuamente, esparramados e espargidos. Entretanto, os germes vivos de todos esses organismos não morrem; eles voltam continuamente aos seus próprios lugares, e a alma de cada um ganha força por meio da progressão. E o fantasma de cada coisa viva vai para dentro da esfera astral, seu lugar próprio; e o pó de cada criatura, para a terra; e a psique parte para cumprir seu carma. Pois, psique é uma chama dentro de uma chama, cuja parte mais elevada e luminosa sobe e vagueia, enquanto a mais pesada e menos pura permanece queimando acima da superfície da Terra.

E, assim como com o homem, é com o planeta, porque, para o grande ou para o pequeno, há uma só lei. Uma estrela difere da outra pela glória, e assim, por todas as perspectivas e sistemas do céu. De estrela para estrela, de sol para sol, de galáxia para galáxia, as almas cósmicas migram e permutam. Mas todo Deus guarda sua tintura e mantém sua personalidade indestrutível.

Não há o mal, há somente forte e fraco e a diferenciação de substância. Compare os iguais e preserve a afinidade dos semelhantes.

Todas as coisas são explicáveis e compreensíveis, mas a chave para sua explanação é ordem.

Ordem é a primeira palavra da análise e o alfabeto da síntese.

Capítulo 46



RELATIVO À CONSCIÊNCIA E À MEMÓRIA EM RELAÇÃO À PERSONALIDADE¹¹⁹

Consciência não é tanto uma coisa, é mais condição. Ora, se tivesses uma concepção clara daquela condição, por meio da analogia, tomaria como ilustração a imagem de um globo incandescente — uma bola de fogo, fluida e ígnea por toda a sua massa¹²⁰. Em pensamento, divide esse globo em diversas zonas sucessivas, cada uma contendo seu precedente. Acharás que a zona central interior contém o ponto radiante ou coração da massa ardente, e que cada zona sucessiva constitui um halo circunferencial mais ou menos intenso, de acordo com sua proximidade do ponto radiante, mas secundária e apenas derivada, e não em si própria uma fonte de radiação luminosa.

Assim é com o macrocosmos e também com o reino humano. No último, a alma é a zona interior e somente ela contém o ponto radiante. Por esse único brilho indivisível, as zonas sucessivas são iluminadas ininterruptamente; mas a fonte desse brilho não está nelas. Chamo esse brilho de consciência, e o ponto radiante de ego espiritual ou Centelha Divina. Ora, para todas as coisas há uma lei. Deus não é nada que o homem não seja. O homem, portanto, é um. Mas, dentro dessa unidade está a pluralidade. Deus, sendo um, é, ao mesmo tempo, três, pois em uma personalidade estão três pessoas, e não apenas três; Deus está além dos números, sendo tudo o que há, de modo que, nesta unidade divina, existem muitas personalidades compreendidas. Isto porque o espírito é, em sua própria essência, a consciência,

119. Paris, 15 de janeiro de 1883. Recebido em sonho (*The Story of Anna Kingsford and Edward Maitland*, pág. 100).

120. A idéia é a de um globo auto-iluminado e aquecido por dentro. E. M.

e, onde houver espírito, há consciência. Contudo, todo espírito é um, motivo pelo qual a consciência é uma. E como o espírito é múltiplo, assim a consciência é múltipla. E o espírito, como a luz, é difuso. Fosse ele de outro modo e não haveria o Universo, mas apenas um ponto não espalhando raios e sim, ao contrário, escuridão pesada e inconsciência por toda a eternidade. Mas isto é absurdo e contra a razão, porque é a própria natureza da luz ser radiante; e brilho é ele mesmo luz, de maneira que onde houver luz haverá brilho ou resplendor; e Deus é o Esplendoroso, ou ponto radiante do Universo. Deus é a suprema consciência, e o Brilho Divino é também consciência. E o ego interior do homem é consciente apenas porque o ponto radiante nele é Divino. Mas essa consciência emite consciência e a transmite primeiro para a *anima bruta* e, por último, para o corpo físico. Porém, quanto mais concentrada for a consciência, mais brilhante e resplandecente a centelha central. É errado pensar em consciência como não-difusa, precisamente como seria pensar em luz como não-radiante. Mas é verdade que a consciência possui um centro de difusão, como a luz tem um ponto radiante.

Agora, se do centro desse suposto globo de fogo tu tirasses a centelha central incandescente, o globo todo não se tornaria imediatamente escuro, o brilho perduraria em cada zona, de acordo com seu grau de proximidade ao centro da esfera. É também assim quando ocorre a dissolução no processo da morte. Tudo é consciente de acordo com seu grau adequado. No sonambulismo, tanto a *anima bruta* como o corpo físico estão conscientes, enquanto a consciência da alma está em suspenso; ou ocorre o inverso, de acordo com o tipo de sonolência induzido. Porém, a parte que permanece consciente é capaz de reflexão, de pensamento, de memória e até mesmo de invenção ou sagacidade inteligente, conforme seu tipo e seus talentos. A consciência é, portanto, difusa e, em certo sentido, divisível. Melhor compreende essa verdade aquele que está mais perto e é mais parecido com Deus, como é o caso do poeta.

Saberás isto no final, quando o Nirvana for conseguido; a alma reunirá tudo o que foi deixado no astral das memórias sagradas e experiências dignas e, nesse final, o Ruach se erguerá da esfera astral por meio da decaída gradual e da perda de suas afinidades mais materiais, até que estas tenham desintegrado e falecido, hora em que sua substância é, por esse meio, iluminada e purificada. Mas o comércio e a relação com a Terra, do modo que era, acrescentam novo combustível às suas afinidades terrenas, mantendo-as vivas, impedindo-as de relembrar seu ego espiritual. Desse modo, portanto, o próprio ego espiritual é impedido da absorção perfeita com o Divino e da subsequente união. Porque o Ruach não morrerá de todo se houver nele algo que valha a pena relembrar. A esfera astral é sua câmara purificadora. Porque Saturno, que é o Tempo, é o experimentador de todas as coisas; ele devora todo o lixo; só o que está nele, e escapa, é etéreo

e destinado a reinar. E esta morte do Ruach é gradual e natural; é um processo de eliminação e desintegração, geralmente — do modo como os homens medem o tempo — estendendo-se por diversas décadas ou mesmo séculos.

E aqueles Ruachs que pertencem a pessoas fracas e más, com fortes desejos, inclinados para o terreno, estes perduram por mais tempo e se manifestam mais freqüente e vivamente, porque não *sobem*, mas sendo destinados a falecer por completo, não são retirados do imediato contato com a terra. Eles são escória, não há neles elemento redentor. Mas o Ruach do correto reclama se perturbares a sua evolução. “Por que me chamaste? Não me perturbes. As memórias de minha vida terrena são correntes em volta do meu pescoço; o desejo do passado detém-me. Sofro para me erguer em direção ao meu repouso, não me impeça com suas evocações. No entanto, deixe teu amor me seguir e me cercar; assim se elevará comigo, de esfera em esfera.”

Pois o homem bom sobre a Terra não ama menos que o Divino. Logo, aquilo que ama em seu amigo é o Divino, ou seja, o *eu* verdadeiro e radiante. E, se ele ama diferentemente de Deus, é só por causa de seu colorido separado, pois na luz perfeita há coloridos inumeráveis. E, conforme sua afinidade celestial, uma alma ama esse ou aquele esplendor, mais do que o resto. E quando o amigo correto do homem bom morre, o amor do homem vivo vai atrás da alma verdadeira do morto; e a força e divindade de seu amor ajuda a purgação da alma astral, o fantasma psíquico. É para essa alma astral que permanece perto do amigo vivo uma indicação do caminho que também deve seguir — uma luz brilhando sobre o caminho que leva para o alto, conduzindo-o do astral para o celestial e perene. Pois o amor, sendo Divino, vai *ao encontro* do Divino. “Amor exalta, amor purifica, amor eleva.”

Há apenas um Deus e, n’Ele, estão compreendidos todos os tronos, domínios, poder, principados, arcanjos e querubins do mundo celestial. E por meio deles todos os mundos são criados, no tempo e no espaço, cada um com sua esfera astral. Ora, todos esses, tanto terrenos como celestiais, são entidades conscientes, embora tudo subsista em uma só consciência, que é um só Deus. Porque todas as coisas são de espírito, e Deus é espírito, e o espírito é consciência. O material do cérebro físico é constituído de incontáveis células e inúmeras fibras conectivas, e cada célula possui sua própria consciência, conforme o seu grau. Contudo, o resultado de todas essas funções concordantes é uma só percepção e uma só consciência. Há, também, uma consciência dos nervos, e outra do sangue, e outra dos tecidos. Há a consciência do olho, outra do ouvido e outra do tato. Há uma consciência apropriada, pertencendo, especial e distintamente, a todos os órgãos do corpo. E todas elas trabalham noite e dia dentro do corpo, cada uma de acordo com seu tipo e ordem. Contudo, o intelecto do homem não sabe nada sobre isso. Interrogue um desses órgãos vivos e ele responderá conforme seu tipo. Se o homem, então, pode dominar e dirigir tão pouco as

partes do seu corpo físico, como pode ele achar estranho que o *eu* etéreo seja da mesma forma semelhantemente múltiplo? A *anima bruta* é um órgão do homem espiritual e, embora seja parte dele, seus atos, suas funções e sua consciência não são idênticos às da alma espiritual. Portanto, a consciência é divisível e difusível no homem, como é em Deus; no planeta, como no Universo; e há uma só lei para tudo.

Capítulo 47



RELATIVO AO EGO SUBSTANCIAL COMO SUJEITO VERDADEIRO¹²¹

PARTE I

Foi dito: “Toda vida é uma combustão”, e disseste:

“Deixe que as células do cérebro sejam como esses lenhos queimando, e suas cinzas para destruir os tecidos, e a chama para a consciência. Logo, a consciência não é mais do que um produto instável, o qual, quando os lenhos estão todos consumidos, desaparece em suas cinzas. O que podemos, então, pensar da psique, se ela for essa chama? Tudo não é mero fenômeno de consciência, dependendo sua existência de um processo orgânico; (*sic*) um *consenso* de ação vital nas células nervosas? E a psique, o que é ela se não a soma dos estados conscientes — uma complexidade, instável e automática, fazendo e desfazendo a si própria a cada instante, mesmo como a chama?”

O que, então, conheces desses estados instáveis? Dessas condições objetivas sucessivas e efêmeras de como o Sujeito as faz manifestar-se, e como são reconhecidas? Se a consciência for um fenômeno, a que número está relacionada?

Percebes que a chama, que é fenômeno, não aparece para si própria, e depende, para sua objetividade, da subjetividade do observador? O fisiólogo, que diz que tua memória é um *processo* biológico e que a consciência é

121. Paris, 27 de fevereiro de 1883. Recebido durante a noite e escrito enquanto em transe. A palavra *sujeito*, escrita com letra maiúscula, é aqui usada em seu sentido metafísico, para denominar o agente pensante e entendedor. E. M.

um estado dependente da duração e da intensidade da vibração nervosa molecular, não se refere à psique, pois esse fenômeno molecular é incapaz de reconhecer a si próprio; é apenas objetivo. Podes ver que, a menos que haja um ego íntimo e subjetivo que perceba e reflita em si próprio essa sucessão de estados fenomenais, a condição da personalidade seria impossível? Ou penses que somente no universo íntimo e verdadeiro, onde a chama ideal subsiste, podes reconhecer a chama material? Não sabes que, na Mente Divina, subsistem eterna e substancialmente todas aquelas coisas nas quais vês as imagens e os fenômenos? É este número substancial interno que é a psique. E como na natureza há infinitas graduações, do simples ao complexo, do grosso ao fino, assim é a psique atingida por inúmeros graus, e aquele que não penetrou o íntimo estaciona logo na consciência secundária, a qual é apenas objetiva, e imagina que a subjetiva, a qual por si só explica tudo, não é demonstrável. Mas somente a psique pode compreender o físico, somente a razão pode atingir o final. “Pelo que, ou por quem”, dizem os biólogos, “são esses estados efêmeros e instáveis, que denominam a consciência, apreendidos? Dependendo da sua produção sobre a duração e intensidade da vibração, passa tão depressa quanto surgem.” Se, então, eles aparecem, é para *fazer algo*, do contrário sua produção e aparição, em si mesma automática, não poderiam ser conhecidas. Uma coisa ou um estado não aparece para si próprio, mas sim para o observador, pois aparição e produção são processos que afetam um Sujeito, e este é a psique. Porém, o vício de seus biólogos repousa em sua busca pela unidade do simples mais que do complexo. Por esse método, eles reverterem e invertem o Método Divino da evolução e nulificam seu fim. Eles recusam unidade ao homem a fim de reclamá-la para a molécula, porque é o último elemento, indivisível e indestrutível pelo pensamento, pela mais simples e inferior unidade apenas; eles sustentam a unidade e, desse modo, a individualidade. Assim, eles divinizam o inferior e, pelo seu método, a evolução não tem nem motivo nem final razoável.

Entretanto, na verdade, psique é a mais complexa das essências, e dessa complexidade nasce a *responsabilidade*. A pura e nua simplicidade do ser é a mais externa e mais baixa comovente negação. E a dignidade e excelência da alma humana repousa não na sua simplicidade, mas na sua complexidade. Ela é o topo da evolução, e toda geração trabalha a fim de produzi-la. A filosofia, então, que desafia o inferior em vez do superior, ignora o sentido verdadeiro de sua própria doutrina da evolução. Pois a lei oculta que rege a evolução traz juntas, em entidades cada vez mais complexas e múltiplas, incontáveis entidades, de modo que essas unidades possam, de sua essência substancial, polarizar uma essência complexa — complexa porque evoluída de, e pela concorrência de, muitas unidades simples, e essência por sua natureza indivisível e indestrutível. O problema do ego no homem é o problema de Deus na natureza. Por meio do mesmo

método que explica o último, o primeiro deve ser explicado. O ego humano é, portanto, a síntese, o Impessoal Divino personalizado. E quanto mais elevada e excelente for esta personalidade, mais profunda a consciência do impessoal. A Personalidade Divina não é concreta, mas abstrata, e a Consciência Divina não é objetiva, mas subjetiva. A personalidade fenomenal e a consciência são para o numênico como a água refletindo os céus, o inferior completando e retornando ao superior seu próprio reflexo concreto.

Se desejares realmente estudar, compreender e saber a fundo a ciência celestial, precisas aprender aquele método inferior e subjetivo pelo qual as coisas celestiais são aprendidas. Precisas mudar o campo de tua observação do exterior para o interior, e isso somente pode ser conseguido por meio da regeneração. “Digo a ti que a menos que nasças de novo não verás o reino de Deus.” Isto quer dizer que a menos que o homem se regenere, não poderá ver o íntimo e essencial, que são as únicas coisas verdadeiras e divinas. O homem não regenerado trabalha sempre do exterior e tem experiência apenas daquilo que não tem. Mas tu, se puderes ver o reino de Deus, aprendas a viver no essencial e fixes o ponto polar de tua mente no central e substancial.

PARTE 2¹²²

É necessário, antes de entrar no estudo do substancial, que possas claramente aprender qual a diferença que há entre o abstrato e o concreto.

Ora, o estudo do material é o do objetivo, e o do substancial é o estudo do subjetivo. Aquele, então, que os biólogos denominam o subjetivo, assim não o é, mas apenas as últimas ou interiores fases e condições do fenômeno. Desse modo, por exemplo, os estados instáveis que constituem a consciência são, em seu ponto de vista, subjetivos. Porém, eles são objetivos para o sujeito verdadeiro, que é a psique, porque são percebidos por esta última, e tudo que é percebido é objetivo. Existem duas funções no microcosmos: a do revelador e a da entidade para quem a revelação é feita. Os estados instáveis do biólogo, que acompanham certas operações de força orgânica, são os tantos modos pelos quais as coisas externas são reveladas ao sujeito interior. Eles não são, em si mesmos, o sujeito para quem a revelação é feita. Não penses que podes alcançar o subjetivo por meio do mesmo método de estudo que te ensina o objetivo. O último é encontrado

122. Recebido na mesma hora e do mesmo modo que o precedente, mas escrito no dia seguinte. E. M.

por meio da observação de fora; o primeiro, pela intuição de dentro. O cosmos humano é uma complexidade de muitos princípios, cada um tendo seu próprio modo de operação. E está, portanto, na classe e ordem dos princípios afetados por qualquer operação especial que dependa da natureza do efeito produzido. Quando, assim, por exemplo, o biólogo fala de “cerebração inconsciente”, ele deveria se perguntar para quem ou para que essa operação é inconsciente, sabendo que em todo processo vital há graduações infinitas. Questões de duração afetam a mente; questões de intensidade afetam a psique. Todo processo que ocorra no objetivo é relativo a *algo*; há apenas uma coisa absoluta, e isso é o Sujeito. Cerebração inconsciente é, portanto, relativamente inconsciente apenas no que diz respeito ao modo de percepção ao qual está condicionado e à duração. Porém, visto que, sendo todo processo de cerebração intenso, é percebido pelo centro perceptivo, o qual é condicionado pela intensidade; e com relação àquele centro, não é inconsciente. O homem interior conhece todos os processos, porém, muitos processos não são apreendidos pelo homem mental. Esta verdade deve, em si própria, demonstrar a ti a distinção dos princípios humanos e de sua separabilidade, mesmo neste plano de vida. Se, então, o ego mundano e o ego celestial forem tão distintos e separáveis, mesmo quando vitalmente conectados, que um processo nervoso consciente para o último seja inconsciente para o primeiro, quanto mais a separabilidade será possível se o vínculo vital for quebrado? Se as polaridades de todo teu Cosmos forem únicas e de idêntica direção, estarias consciente de todos os processos e nada seria desconhecido para ti, porque teu ponto central de percepção seria precisamente o foco de todos os raios convergentes. Porém, nenhum homem não-regenerado aqui se enquadra. Para a maioria, o ponto perceptivo existe no homem relativo e objetivo e de modo algum no absoluto e no subjetivo. Desse modo, os raios convergentes passam despercebidos por suas consciências, porque ainda não conhecem seu próprio espírito. Estão adormecidos enquanto vivem e incapazes de conhecimento absoluto.

Capítulo 48



RELATIVO AOS MISTÉRIOS CRISTÃOS¹²³

PARTE I

Os dois termos da história da criação ou evolução são formulados pela Igreja Católica em dois dogmas da maior importância. São eles: primeiro, a Imaculada Conceição da Abençoada Virgem Maria e, em segundo lugar, a Assunção da Abençoada Virgem Maria¹²⁴. Por meio da doutrina do primeiro, somos secretamente iluminados com relação à geração da alma, que é vista no ventre da matéria e, no entanto, desde o primeiro instante seu ser é puro e incorrupto. O pecado vem por meio dos elementos material e intelectual, pois estes pertencem à matéria. Mas a alma, que é celestial e pertence às condições celestiais, está livre do pecado original. “Salem, que é dos altos, é livre e é a mãe de todos nós. Mas, Agar” — a parte intelectual e astral — “é uma escrava aprisionada, ela e seu filho.” A alma, nascida do tempo (Ana), ainda é concebida sem a mácula da corrupção ou decadência, porque sua essência é Divina¹²⁵. Contida na matéria e vinda ao mundo por meio dela, ainda assim não foi tocada, de outro modo não poderia ser a mãe de Deus. Em seu seio é concebida aquela luz brilhante e sagrada — o Nucléolo — que habita dentro dela desde o princípio, o qual, sem intercâmbio com a matéria, germina nela e manifesta-se como a imagem da personalidade eterna e inefável. Ela dá individualidade a essa imagem.

123. Paris, 2 de dezembro de 1882. Citado em *Life of Anna Kingsford* — vol. II, págs. 98-99.

124. O último não foi promulgado. Ver *The Perfect Way* — vol. 43, n° 13. E. M.

125. Ver Parte I, n° III, “Relativo à Profecia da Imaculada Conceição” e n° XLII, “Relativo a Deus”.

Por meio dela e nela, a luz está focada e polarizada em uma pessoa perpétua e auto-subsistente, de uma só vez Deus e o homem. Mas se ela não fosse imaculada, se qualquer admissão de matéria entrasse em sua substância integral, nenhuma polarização como a do Divino poderia ter ocorrido. O ventre, no qual Deus é concebido, precisa ser imaculado; a mãe da Deidade precisa ser “sempre virgem”. Ela cresceu, da infância até a meninice, nos joelhos de Ana; de criança, ela se tornou uma virgem — o tipo verdadeiro de alma, desabrochando, aprendendo, crescendo e elaborando a si mesma pela experiência. Mas, durante todo esse tempo, permaneceu, em sua essência, Divina e incontaminada, de uma só vez filha, esposa e mãe de Deus. Como a Imaculada Conceição é a fundação dos mistérios, assim a Assunção é sua coroa. Pois, todo o objetivo e fim da evolução cósmica é, precisamente, esse triunfo e apoteose da alma. No mistério apresentado por este dogma, vemos a consumação de todo o esquema da criação: a perpetuação e a glorificação do ego humano individual. O túmulo — a consciência material e astral — não pode deter a imaculada Mãe de Deus. Ele se ergue para os céus; ela assume a divindade. Na sua própria pessoa, ela é levada à câmara do Rei. Do princípio ao fim, o mistério da evolução da alma, ou seja, a história da humanidade e do drama cósmico, está contido e promulgado no culto da Abençoada Virgem Maria. Os atos e as glórias de Maria são o supremo tema dos Mistérios Sagrados.

PARTE 2¹²⁶

É necessário, com relação aos Mistérios, distinguir entre o não-manifesto e o manifestado e entre o macro e o microcosmos. Estes últimos, contudo, são idênticos, o processo do universal e o do individual é o mesmo.

126. Em casa, 19 de agosto de 1883. A Sra. Kingsford, desse modo, prefaciou em seu diário:

“Quão maravilhosamente a Igreja ajuda alguém nos assuntos de Teosofia! Quando estou em dúvida sobre a Ordem Divina ou sobre a função no reino humano, apelo instintivamente para a doutrina católica e estou logo no caminho certo. Penso que nunca entendi muito claramente a Ordem e a Função da Alma, a não ser pelo ensinamento católico relativo à Mãe de Deus; nem eu teria compreendido o Método de Salvação pelos Méritos de nosso Princípio Divino, se não fosse pela doutrina da Encarnação e Expição.”

Entre a doutrina católica, em seu significado íntimo e verdadeiro, e a doutrina colocada diante do mundo, ela reconhece uma distinção absoluta, atendo-se firmemente ao dito: “A Igreja possui a verdade toda, mas os padres a materializaram, tornando-se eles mesmos, e seus seguidores, idólatras.” Citado em *Life of Anna Kingsford* — vol. II, págs. 133-135. E. M.

Maria é a alma e, como tal, a matriz do Princípio Divino — Deus — fez o homem pela individualização, descendendo do “ventre da Virgem”. Porém, os sete princípios do espírito universal dizem respeito a esta concepção; já que é por meio de sua operação na alma que ela se torna capaz de polarizar a divindade.

(Este é o segredo da Semana do Mosaico da Criação, cada dia de cada semana designa a operação de um dos sete criativos Elohim ou Potências Divinas, que dizem respeito à elaboração do microcosmo espiritual.)

Dizem que a Abençoada Virgem Maria é a filha, a esposa e a mãe de Deus. Mas, visto que como energia espiritual tem duas condições, uma de passividade e outra de atividade, que mais tarde é denominada Espírito Sagrado, dizem que o esposo de Maria não é o Pai, mas o Espírito Santo, implicando esses termos, respectivamente, o modo estático e o dinâmico da Deidade. Pois o Pai designa o imóvel, a força, passiva e potencial, na qual todas as coisas *são*, subjetivamente. Mas o Espírito Santo representa a vontade em ação — energia criativa, movimento e função generativa. Dessa união da vontade Divina em ação — o Espírito Santo — com a alma humana, o produto é Cristo, o Deus-Homem e nosso Senhor. E, por meio de Cristo, o Espírito Divino, por quem ele é visto, flui e opera.

Na Trindade dos não-manifestos, a grande profundeza ou oceano de infinitudes — Sofia (Sabedoria) — corresponde a Maria e tem por esposo a energia criativa daquele que é criado, o Manifestante, Adonai, o Senhor. Esta “Mãe” é co-igual com o Pai, sendo primária e eterna. Na manifestação, a “Mãe” é derivada, tendo nascido do Tempo (Ana) e tem por Pai o Deus Planeta — nosso planeta, Iaco Joaquim ou Jacó ¹²⁷; de modo que a paternidade da primeira pessoa da Trindade é somente substituta. A Igreja, portanto, sendo uma igreja de manifesto, lida com Maria (substância) somente sob este aspecto e, portanto, não a especifica como co-igual com o primeiro princípio. No ser não-manifesto derivado, ela não tem relação com o tempo.

127. Ps XXIV, 6; CXXXII, 2, 5, etc. Ver apêndice, “Definições”. Toda entidade cósmica, seja um sistema, um planeta ou uma pessoa, é constituída por uma porção de divindades, segregada e determinada para ser sua vida e substância. Esses nomes designam a individualização particular da divindade universal de cada um de nós e da consciência do nosso planeta. Portanto, Maria, como a alma humana perfeita, é a “filha” do planeta-deus, precisamente como seu “filho” Cristo, o espírito humano perfeito, é “filho” do planeta-deus. A alma é uma vez “filha, mãe e esposa de Deus”, como uma mulher é uma vez filha, mãe e esposa do homem. E. M.

Capítulo 49



RELATIVO AO MORRER¹²⁸

Quando um homem ou um animal sofre morte violenta, não há separação imediata entre corpo e alma. Há muitos princípios a serem considerados, cada um, como eram, encaixado no outro, como um ninho de caixas chinesas ou a espiral de um cone. E a consciência inferior pode ser reanimada no corpo físico, por meios físicos. Esta é a consciência relacionada ao estímulo nervoso e à ação reflexa, como um gesto involuntário e todas as funções animais. É apenas por meio de graus que a consciência desliga-se e suas orlas continuam no sistema físico, podendo ser detidas artificialmente.

† Todos os elementos componentes do corpo polarizam para formar uma unidade, que é a soma de todo o sistema. Porém, essa polarização é quádrupla, e o ponto central e íntimo da radiação não é objetivo, mas, subjetivo. Aquilo que reflete é molecular; aquilo que brilha é não-molecular. Força ou espírito é não-molecular. Aquela, portanto, é uma só e indivisível, e é subjetiva. Quando a psique é uma só com o espírito, ela também se torna subjetiva. Foi dito: “Todas as coisas são de infinitas graduações, e a psique é atingida por meio de graus incontáveis, de modo que aqueles que não penetraram o íntimo, param logo na consciência secundária, imaginam que ela seja subjetiva”. A psique, enquanto a existência¹²⁹ durar, é um espelho para o espírito; ela reflete, sendo, portanto, molecular. Mas ela está gradualmente em processo de *em-uma-mente*; ela e o espírito mutuamente se atraem e se permeiam. Finalmente, ela irá tornar-se não-molecular e completamente subjetiva. Assim, quanto mais elevada a entidade que morre, mais fácil é o desligamento da psique da consciência inferior que a guarda. Pois quanto mais perto ela está de ser ela mesma um ponto radiante, mais perto ela está da unidade e da subjetividade espiritual.

128. Em casa, 23 de agosto de 1883. Citado em *Life of Anna Kingsford* — vol. II, pág. 136.

129. O estado de manifesto como diferente do ser não-manifesto. E. M.

O santo não teme a morte porque sua consciência está reunida com a psique, e ela, com seu esposo. “O túmulo, isto é, a consciência física e astral, não pode reter a Virgem sagrada.” O objetivo todo da encarnação é construir um sócio espiritual, subjetivo e substancial. Ora, quando os raios das moléculas físicas ou astrais polarizam um ponto radiante interior e exterior para si próprios, nenhum dano ou mutilação do ego físico afetará o ego subjetivo. De fato, os corpos físicos estão constantemente mudando e trocando suas partículas; partes de outros corpos são enxertadas continuamente dentro deles; mas não há mudança na unidade ou continuidade da consciência elevada. Isto é porque a unidade verdadeira não é objetiva, mas subjetiva. O verdadeiro “filho do homem” está “no céu” e é apenas seu corpo e a *anima bruta* que estão na Terra. A maioria dos enganos dos materialistas surge pelo fato de entenderem localidades e coisas quando deveriam entender condições e princípios. É claro que uma entidade subjetiva não pode ser localizada no espaço ou na duração. Potencialmente, a alma é sempre eterna, embora trazida para a relação com o objetivo através do tempo. É, pois, um erro supor que a alma está no corpo no mesmo sentido do humor aquoso do corpo. A alma está no corpo somente no sentido em que a *Arche* está no Universo, ou seja, ela é interior a ele na quarta dimensão, sobre a qual, objetivamente, nenhuma idéia pode ser formada. Se não houvesse nenhuma outra consciência inerente ao homem além da consciência inferior das células, não haveria autoconsciência ou unidade de pensamento. O sentido cerebral não seria refletido no conhecimento, e o homem não seria conhecedor de suas apreensões e percepções. Continuidade de memória e desejo devem pertencer a *um* e precisam ser positivos e absolutos quando dizem respeito à personalidade superior.

No que se refere à consciência inferior, é fácil entender que, no caso de morte violenta, a morte não é instantânea. O golpe de espada que separa a cabeça física do tronco físico pode, de fato, ser instantâneo, mas esta separação física não constitui morte, e o processo não está realmente completo até que o fantasma esteja todo desligado. Enquanto ele estiver presente, é claro, qualquer estímulo físico das células nervosas permite a manifestação de suas forças. Mas, quando ele abandonar totalmente o corpo, tal estímulo será fornecido em vão. O corpo fluídico é tão tênue e elástico que nenhuma simples separação da chama física seria suficiente para destruir sua integridade.

Capítulo 50



RELATIVO A UMA VIDA: UMA RECAPITULAÇÃO¹³⁰

UM

O espírito absorvido no homem ou no planeta não exaure a Divindade. Nem a alma evoluída para o alto através da matéria exaure a substância.

Permanecem, então, sempre na quarta dimensão — o princípio — acima do manifesto, do Deus não-manifesto e a da alma.

A perfeição do homem e do planeta é obtida quando a alma de um e do outro é iluminada totalmente pelo espírito.

Porém, o espírito não é a mesma coisa que a alma. É sempre energia celestial, e a alma é sempre substância.

Aquilo que cria é Espírito (Deus).

A consciência imanente (espírito) de todas as células da entidade de um homem causa, pela polarização delas, uma unidade central de consciência, a qual é mais do que a soma de todas as consciências delas, porque está em um círculo ou plano superior.

Pois, na ciência espiritual, tudo depende dos níveis; e a evolução do homem trabalha em espiral de círculo, como acontece com a evolução planetária.

Nesta relação, considere os mundos da forma e os mundos sem forma da teosofia hindu.

130. Escrito em casa, as primeiras cinco sessões em 9 de dezembro de 1883, e as restantes em 21 de janeiro de 1884, e referidas pela escritora como um exercício de meditação, baseado em iluminações anteriores, mais do que em uma iluminação nova. Está inacabado. Citado em *Life of Anna Kingsford* — vol. II, pág. 33. E. M.

Da mesma forma, a alma do planeta é mais do que a associação das essências das almas sobre ele, porque esta alma também está em um plano superior à delas.

Semelhantemente, também a consciência do Sistema Solar é maior do que a consciência associada do mundo.

E a consciência do universo manifesto é maior do que a de seus sistemas associados.

Mas aquela do não-manifesto é ainda mais elevada e maior, uma vez que, exceto em substância, Deus, o Pai, é maior do que Deus, o Filho.

DOIS

Os reinos elementares representam o espírito em seu caminho descendente para a matéria.

Há três deles antes que o mineral seja alcançado.

Estes são os mundos sem forma antes dos mundos da forma.

Estão no planeta e também no homem.

Todos os planetas habitados por formas manifestas são, eles próprios, manifestos.

Depois que os mundos da forma vieram, o mesmo ocorreu com outros sem forma, causados pelo arco ascendente dos espíritos em ascensão; mas estes também estão no planeta.

Estão, também, no homem e são os estados de pensamento puro.

O pensador, portanto, que é o filho de Hermes, está tão atrás do médium que é controlado e que não é autoconsciente como os mundos sem forma do arco ascendente estão atrás dos mundos sem forma do arco elementar, ou descendente.

No planeta e no homem, eles apenas parecem contíguos, porque cada giro é espiral.

Mas cada giro leva a Vida Única mais para o alto na espiral.

Nem a alma do planeta nem a alma do homem passam exatamente pelo mesmo solo outra vez.

Porém, vontade perversa ou desobediente pode reverter a direção da espiral.

Os indivíduos nos quais a vontade age desse modo são, finalmente, abandonados pelo planeta na esfera exterior.

TRÊS

A Vida Única é o ponto da consciência.

A vontade é o impulso que a move.

No celestial, a Vida Única é o Elohim; e a vontade é o Pai.

A Vida Única é manifestada pelo resplendor (o Sol).

Assim, então, a vontade vê na substância o resplendor, que é a manifestação da Vida Única.

No homem e no planeta, o resplendor é obscuro e difuso, até que se muda para a alma. Então, apenas Cristo é nascido.

A Vida Única é invisível até que Cristo a manifesta.

Cristo, no homem, tem Adonai como sócio nos céus.

Assim, então, a Vida Única está latente no Pai-Mãe, sendo manifestada pelo Filho (resplendor).

E a procissão do Espírito Sagrado é do Pai-Mãe através do Filho.

Aqui está a diferença reconciliada entre as Igrejas gregas e latinas.

O ponto de consciência brilha mais e mais até o dia perfeito da clareza (“Natividade de Cristo” dentro do homem).

QUATRO

O objetivo da criação é a produção de “Anciãos”.¹³¹

Eles são os primeiros frutos das almas dos planetas; ou a “Primeira Ressurreição”. (Primeira em dignidade, não no tempo.)

Eles não são, eles mesmos, criadores, mas os regeneradores daquilo que é criado, sendo veículos para o Espírito Sagrado, que é o regenerador por intermédio de Cristo.

Porque a vontade só pode criar quando está no abstrato; o derivado não cria.

O Pai-Mãe cria por intermédio de Adonai pelo Espírito Sagrado.

A vontade do homem perfeito renova-se pelo resplendor da Vida Única.

Seu carma é espargido sobre o mundo para salvar a humanidade.

Ele é o salvador por meio de sua vida preciosa.

Há 24 Anciãos, porque há 12 Avatares do Senhor, e cada um deles é dual.

CINCO

A vontade, quando derivada por meio da existência, gera o carma.

Deus não tem carma. Deus não existe; Deus é.

Carma é o canal da iniciação. Deus não é iniciado.

O homem perfeito salva a si próprio e aos outros pela sua retidão.

Os dois termos da existência são criação e redenção.

O primeiro é trabalho de Deus; o segundo é trabalho do Cristo — Deus no homem.

131. A. V., “Anciãos”, Apocalipse 4.

A razão pela qual o Ancião não pode criar é porque ele não é infinito. Ele é imortal; não eterno; é derivado, não auto-subsistente. É dele o ponto de graça, não o de projeção. O trono dos Anciãos está em volta e abaixo do Trono de Deus.

SEIS

O *eu* inferior é a causa da diferença entre o homem e a natureza. Este *eu* inferior é o *eu* irreal, os estados magnéticos. Estes estados magnéticos são a serpente, em cujas dobras toda a natureza é envolvida (para o homem). É a serpente que tenta Eva, a alma. Como esse *eu* magnético surge? É um reflexo, o pólo que é antitético ao pólo do *eu* verdadeiro. O equilíbrio perfeito é estar no centro ou equador, entre os dois. A natureza não possui o *eu* inferior; conseqüentemente, ela não é autoconsciente (não sabe que está “nua”). O centro do *eu* verdadeiro está na eternidade; os pólos estão no tempo. O assento adequado da alma está no centro — eternidade. Quando ela está lá, o homem está na vida eterna. Este centro é a Árvore da Vida. A Árvore do Conhecimento do Bem e do Mal é a condição de reconhecimento dos dois pólos. Comer o fruto dessa árvore é o ato pelo qual a alma vê esses dois pólos. Enquanto ela permanece no seu primeiro estado, é como a natureza, vê só um pólo, o bem, e não conhece a si própria.

SETE

Há dois modos de Deus — o manifesto e o não-manifesto. O Deus manifesto ergue-se gradualmente por meio da natureza para encontrar o Deus não-manifesto. Cada patamar da natureza ergue-se para se fundir com cada um dos outros patamares. Quando o plano da mente é alcançado, Deus emerge dali como a alma, e observa a si mesmo. Aquilo do qual a alma se recorda é o passado de sua jornada — tempo e natureza. Aquilo o que ela aguarda é Deus — espírito e eternidade. O ponto que ela atingiu é a vida eterna — a árvore na bruma do paraíso. O falso *eu* é a miragem no tempo. À medida que os planos evoluem, suas leis são as de Deus.

Mas, para trás, são as leis do Demônio.

“Uma prece dita de trás para a frente é uma evocação do Mal.”

OITO

Deus manifesto é o verdadeiro *eu*.

Deus não-manifesto é o Divino obscurecimento, o verdadeiro esposo da alma.

Conhecer o próprio *eu* não é pecado.

Deus plantou a Árvore do Conhecimento do Bem e do Mal.

O pecado está no retrocesso para o astral.

É a entrega da maçã para Adão.

Adão é comandado; Adão é censurado.

A partir do momento da queda, uma nova projeção toma lugar, semelhante àquela da primeira projeção de Deus no tempo.

A roda gira novamente, e tudo é repetido no microcosmos.

Pois a regressão para o intelectual (Adão) é um deslocamento do centro.

É uma transferência da Árvore da Vida do lugar de Eva (a alma) para o lugar de Adão.

O centro não pode estar em nenhum outro local a não ser no lugar de encontro das duas linhas que cruzam, nos ângulos certos, os dois triângulos do “Selo de Salomão”.

Não pode haver mais do que um ponto de centro; assim, as duas árvores representam as duas linhas cruzadas.

Quando a Vida Única atinge o sétimo reino, então é o *Sabá*.

Este é o ponto de retorno à natureza — Deus em ação — para Deus em Deus — descanso.

Sete para o que sai, sete para o que chega.¹³²

NOVE

Pensamento na natureza é a lei de Deus.

Pensamento no homem é a lei de Deus, porque o homem é o fruto da natureza, e há apenas uma lei.

Todos os planos na natureza expressam esse pensamento em uníssono.

Lei em um plano não conflita com a lei em outro plano, motivo pelo qual Deus é invariável na natureza.

132. A diferença entre esse juízo e aquele em *O Grande Trabalho*, Parte II, nº III, v. 60, 61, é apenas aparente; essas duas séries têm em comum o fato de aqui serem calculadas duas vezes, perfazendo um total, entre ambas, de treze. E. M.

Todavia, no homem, parece haver conflito de duas vontades diferentes. Como é isso e de onde vem a vontade que, no homem, conflita com a lei de Deus?

O homem, como o mundo, é constituído de muitos planos.

Cada plano tem sua consciência, e o médium de um plano é mais receptivo e mais poderoso ao expressar a vontade de Deus do que aquele de outro plano.

O mesmo é verdade com o plano da natureza. É uma questão de astúcia e rarefação da mídia.

A causa da evolução é a constante convergência dos raios, ou seja, a consciência do plano mineral tem a tendência de se expressar em um plano superior, isto é, como consciência vegetal; e o vegetal como animal; e o animal como humano; e o humano como Divino. Porém, quando o humano é alcançado, o processo todo começa novamente, *in petto*.

E, no homem não-regenerado, a tendência não é de trás para a frente, na ordem de subida, mas, para baixo, ou séries regressivas.

Pois, no homem, todos os planos são consubstanciais e todos os seus modos de lei *alcançam*. Algumas mídias são mais fracas e densas do que outras, e são a mais ínfima e a mais afastada “negação tocante”.

DEZ

Da mesma forma que a Terra, em seu rodopio ou individuação, joga fora seu carma, assim acontece com o homem.

É por meio do carma que a iniciação ocorre.

O carma tem duas faces, boa e má. Porém, apenas a face boa reflete em nós a Luz Divina.

Diana é a Lua; também é Hecate.

A “lua” é boa ou má, de acordo com a condição do postulante.

LIVRO DOIS



O LIVRO DOS MISTÉRIOS DE DEUS

(Antigamente chamado de *Os Mistérios Maiores*)

Contém conhecimentos que, por sua interiorização,
eram reservados para os iniciados de alto nível.

“EU SOU”

Capítulo 1



O CREDO¹³³

Um resumo da história espiritual dos Filho de Deus e dos mistérios dos reinos das Sete Esferas

Creio em Deus Pai Todo-Poderoso, Criador do céu e da Terra; e em Jesus Cristo, seu único filho, Nosso Senhor, que foi concebido pelo poder do Espírito Santo. Nasceu da Virgem Maria, sofreu sob Pôncio Pilatos, foi crucificado, morto e sepultado; desceu à mansão dos mortos, ressuscitou ao terceiro dia, subiu aos céus, está sentado à direita de Deus Pai Todo-Poderoso, de onde há de vir a julgar os vivos e os mortos.

Creio nos Sete Espíritos de Deus; no reino do céu; na comunhão do eleito; na passagem das almas; na redenção do corpo; na vida eterna.

Amém.^{a134}

Aquele que acredita e é iniciado será salvo; e aquele que crê não será consumido.^b

133. Este e o próximo foram recebidos em Paris, julho de 1879. Citado em *Life of Anna Kingsford* — vol. I, pág. 305.

134. Para as notas indicadas com letra minúscula, ver Apêndice.

Capítulo 2



A “PRECE DO SENHOR”

Uma prece do Eleito para o Aperfeiçoamento Interior

Pai Mãe nosso que estais no céu, santificado seja o Vosso nome;
Venha a nós o Vosso reino,
Seja feita a Vossa vontade,
Assim na Terra como no céu.
O pão nosso de cada dia dai-nos hoje.
Perdoai as nossas ofensas,
Assim como perdoamos a quem nos tenha ofendido.
Não nos deixeis cair em tentação,
Mas livrai-nos do mal
Pois Teu é o reino, o poder e a glória na vida eterna
Amém^c.

Capítulo 3



RELATIVO À SAGRADA ESCRITURA¹³⁵

Todas as escrituras que são a verdadeira Palavra de Deus têm duas interpretações: a intelectual e a intuitiva, a aparente e a escondida.

2.* Pois nada vem de Deus além daquilo que é fértil.

3. Assim como é a natureza de Deus, assim é a Palavra da boca de Deus.

4. A letra sozinha é árida; o espírito e a letra dão a vida.

5. Mas a Escritura, que é extremamente fértil, é a mais excelente e traz à luz significação abundante.

6. Pois Deus é capaz de dizer muitas coisas em uma, assim como o ovário perfeito contém muitas sementes em seu cálice.

7. Portanto, há nas Escrituras da Palavra de Deus certos escritos, os quais, como árvores ricamente carregadas, produzem mais abundantemente do que outras no mesmo jardim sagrado.

8. E uma das mais excelentes é a história da geração dos céus e da Terra.

9. Pois ali está contida, em ordem, uma genealogia com quatro cabeças, como um riacho dividido em quatro seções, extremamente rica em palavra.

10. E a primeira dessas gerações é a dos Deuses.

11. A segunda é a do reino do céu.

12. A terceira é a do mundo visível.

13. E a quarta é a da Igreja de Cristo.

135. Paris. Recebido em 19 de outubro de 1878. Citado em *Life of Anna Kingsford* — vol. I, págs. 282-283.

*N. do. E.: Mantivemos a numeração encontrada na edição original, buscando, assim, estabelecer maior fidelidade à obra da autora.

Capítulo 4



RELATIVO AO PECADO E À MORTE¹³⁶

Assim como é o externo, também é o interno: Aquele que trabalha é Um.

2. Assim como é o pequeno, assim é o grande; há uma só lei.
3. Nada é pequeno e nada é grande na Economia Divina.
4. Se entenderes o método da corrupção no mundo e a condição que leva ao pecado, reduzirás o trabalho de Deus.
5. Medite a condição de um cadáver e considere o método de putrefação de seus tecidos e humores.
6. Pois o segredo da morte é o mesmo, do externo ou do interno.
7. O corpo morre quando a vontade central de seu sistema não mais se obriga a obedecer aos elementos de sua substância.
8. Cada célula é uma entidade viva, tanto da potência vegetal como animal.
9. No corpo sadio, cada célula é polarizada em sujeição à vontade central, o Adonai do sistema físico.
10. Saúde, portanto, é ordem, obediência e governo.
11. Porém, onde houver doença, há desunião, rebelião e insubordinação.
12. E quanto mais profundo o lugar da confusão, mais perigosa a doença e mais difícil debelá-la.
13. A que é mais superficial é mais fácil de ser curada; ou, se preciso for, os elementos doentes podem ser extirpados, e o corpo será completo e em unidade outra vez.
14. Porém, se as moléculas desobedientes corrompem-se umas às outras continuamente, a perversidade espalha-se e os aparelhos rebeldes

136. Paris, 3 de outubro de 1878. Recebido em sonho. Citado em *Life of Anna Kingsford* — vol. I, pág. 282.

- multiplicam seus elementos, o corpo todo cairá em dissolução, que é a morte.
15. Pois a vontade central, que deveria dominar todo o reino do corpo, não é mais obedecida; e cada elemento torna-se seu próprio governante e tem uma vontade divergente da sua própria.
 16. De modo que os pólos das células se inclinam em diferentes direções; e o poder obrigatório, que é a vida do corpo, é dissolvido e destruído.
 17. E quando a dissolução está completa, seguem-se a corrupção e a putrefação.
 18. Ora, aquilo que é a verdade do físico é, da mesma forma, a verdade de seu protótipo.
 19. O mundo todo está cheio de revolta; e cada elemento tem uma vontade divergindo de Deus.
 20. Ao passo que deveria haver apenas uma vontade, atraindo e governando o homem inteiro.
 21. Porém, não há mais irmandade entre vós; nem ordem, nem subsistência mútua.
 22. Cada célula é seu próprio árbitro, e cada membro tornou-se uma doutrina.
 23. Não estais confinados uns aos outros; confundistes seus cargos e abandonastes vossas funções.
 24. Revertestes a direção das correntes magnéticas; estais caindo em confusão e destes lugar ao espírito do desgoverno.
 25. Vossas vontades são muitas e diversas; e cada um de vós é uma anarquia.
 26. A casa que está dividida contra si mesma, desmorona.
 27. Ó homem desventurado; quem o libertará desse corpo de morte?

Capítulo 5



RELATIVO AO “GRANDE TRABALHO”, À REDENÇÃO E À PARTE QUE CABE A JESUS CRISTO¹³⁷

“Pois esta causa é Cristo manifesto, que destruirá os trabalhos do demônio.”

2. Neste texto dos Escritos Sagrados, está contida a explicação da missão de Cristo e a natureza do Grande Trabalho.
3. Ora, o demônio, ou serpente velha, o inimigo de Deus, é aquele que dá proeminência à matéria.
4. Ele é desordem, confusão, distorção, falsificação, erro. Ele não é pessoal, ele não é positivo, ele não é formulado. Tudo o que Deus é, o demônio não é.
5. Deus é luz, verdade, ordem, harmonia, razão; e o trabalho de Deus é iluminação, conhecimento, compreensão, amor e sanidade.
6. Portanto, o demônio é escuridão, falsidade, desordem, discórdia, ignorância; e seu trabalho é confusão, loucura, divisão, ódio e delírio.
7. O demônio é, portanto, a negação do positivo de Deus. Deus é EU SOU; o demônio é NÃO SOU. Ele não tem individualidade nem existência; pois ele representa o não ser. Onde não é o reino de Deus, o demônio reina.
8. Ora, o Grande Trabalho é a redenção do espírito sobre a matéria; isto é, o estabelecimento do reino de Deus.

137. Começado em Paris, em 30 de setembro de 1878, para v. 20. Completado em Londres, em 13 de julho de 1881. Recebido principalmente em sonho. Citado em *Life of Anna Kingsford* — vol. I, págs. 280, 281, 353, 354; vol. II, págs. 267-268. E.M.

9. Perguntaram a Jesus quando viria o reino de Deus, e ele respondeu: “Quando dois forem um, e aquele que estiver fora estiver dentro”¹³⁸
10. Dizendo isso, ele expressou a natureza do Grande Trabalho. Os Dois são espírito e matéria; o dentro é o invisível real; o fora é o visível ilusório.
11. O reino de Deus virá quando o espírito e a matéria forem uma só substância e o fenomenal for absorvido pelo real.
12. Seu desígnio era, portanto, destruir o domínio da matéria e dissipar o demônio e seus trabalhos.
13. E isto ele pretendia cumprir proclamando o conhecimento do Dissolvente Universal e entregando aos homens as chaves do reino de Deus.
14. Ora, o reino de Deus está dentro de nós; ou seja, é interior, invisível, místico, espiritual.
15. Há um poder pelo qual o externo pode ser absorvido pelo interno.
16. Há um poder pelo qual a matéria pode ser ingerida para dentro de sua substância original.
17. Aquele que possui esse poder é Cristo, e ele tem o diabo debaixo do pé.
18. Pois ele subjuga o caos à ordem e aspira o externo para o centro.
19. Ele aprendeu que matéria é ilusão, e que só o espírito é real.
20. Ele encontrou seu próprio ponto central; e todo o poder é dado a ele, no céu e na Terra.
21. Agora, o ponto central é o número treze; é o número do casamento do Filho de Deus.
22. E todos os membros do microcosmos estão convidados para o banquete do casamento.
23. Mas, se houver a chance de um dentre eles não ter vestimenta de casamento, tal pessoa é um traidor; e o microcosmos encontra-se dividido contra si próprio.
24. E para que possa ser totalmente regenerado, é necessário que Judas seja atirado para fora.
25. Agora, os membros do microcosmos são doze: três dos sentidos, três da mente, três do coração e três da consciência.
26. Pois, do corpo são quatro elementos; e o sinal dos quatro é o sentido, no qual há três portões:
27. O portão dos olhos, o portão dos ouvidos e o portão do toque.
28. Renuncie à vaidade e seja pobre; renuncie ao elogio e seja humilde. E seja casto.
29. Ofereça a Deus um sacrifício puro: deixe que o fogo do altar procure por ti e prove tua coragem.

138. 2 Ep. Clemente, v.i.

30. Limpe tua aparência, tuas mãos e teus pés; carregue o incensório de tua adoração nas cortes do Senhor; e deixe que teu sucesso seja no Mais Alto.
31. E, para o homem magnético,¹³⁹ há quatro elementos; e a cobertura dos quatro é a mente, na qual há três portões:
32. O portão do desejo, o portão do trabalho e o portão da iluminação.
33. Renuncie ao mundo e aspire aos céus; não trabalhe para a carne, ela perece, mas peça a Deus o teu pão de cada dia; cuidado com doutrinas erradas, e deixe a Palavra do Senhor ser tua luz.
34. Da alma, também, há quatro elementos, e o lugar dos quatro é o coração, no qual, como nas outras, há três portões:
35. O portão da obediência, o portão da prece e o portão do discernimento.
36. Renuncie à tua própria vontade e deixe que a lei de Deus esteja dentro de ti; renuncie à dúvida: reze sempre e não enfraqueça; seja também puro de coração, e verás a Deus.
37. E dentro da alma está o espírito; e o Espírito é Um; contudo, também possui três elementos.
38. E estes são os portões do oráculo de Deus, que é a arca da aliança:
39. O bastão, a hoste¹⁴⁰ e a lei.
40. A força que resolve, e transmuda, e diviniza; o pão do céu, que é a substância de todas as coisas e a comida dos anjos; a tábua da lei, que é a vontade de Deus, escrita pelo dedo do Senhor.
41. Se esses três estiverem em teu espírito, então o Espírito de Deus estará em ti.
42. E a glória estará sobre o propiciatório, no lugar sagrado de tua prece.
43. Esses são os doze portões da regeneração: se um homem passar através deles, terá o direito à Árvore da Vida.
44. Pois o número daquela árvore é treze.
45. Pode acontecer a um homem ter três; a outro, cinco; a outro, sete; a outro, dez.
46. Mas até que um homem tenha doze, ele não é o senhor de seu último inimigo.
47. Desse modo, Jesus foi traído à morte por Judas, porque ele ainda não era perfeito.
48. Porém, ele se tornou perfeito pelo sofrimento: sim, pela paixão, pela cruz e pelo sepultamento.
49. Pois ele não poderia morrer de todo, nem seu corpo poderia ver corrupção.

139. Isto é, a parte magnética ou astral do homem, que é considerada a própria pessoa ou sistema. E. M.

140. O pão Sacramental, chamado pelos hebreus de *Shewbread* ("Pães da proposição" — N. do T.).

50. Então, ele reviveu, pois os elementos da morte não estavam em sua carne; e suas moléculas retiveram a polaridade da vida eterna.
51. Ele, assim, ergueu-se e tornou-se perfeito, tendo o poder de dissolvente e de transmutação.
52. E Deus glorificou o Filho do Homem; sim, ele ascendeu aos céus, e senta à mão direita da Majestade no alto.
53. Dali, também, o Cristo virá outra vez: no poder igual ao da sua ascensão.
54. Porque, embora o demônio não tenha se dissipado, a Virgem amassou, de fato, sua cabeça; porém, ele ainda permanece esperando sua volta.
55. Portanto, o Grande Trabalho ainda não está concluído.
56. Quando o fermento houver fermentado a massa toda; quando a semente houver se tornado uma árvore; quando o ninho tiver recolhido todas as coisas para dentro dele.
57. Pois no mesmo poder e glória teve ele sua ascensão; Jesus Cristo será manifesto no céu, antes dos anjos e dos homens.
58. Porque quando o ciclo da criação estiver completado, seja do macro ou do microcosmos, o Grande Trabalho estará terminado.
59. Seis para a manifestação; seis para a interpretação; seis para o que parte e seis para o que chega; seis para o homem e seis para a mulher.
60. Será, então, o *Sabá* do Senhor Deus.¹⁴¹

141. Ver item 8, página 201. Ver também em Apêndice, “Segundo Advento de Cristo”, pág. 279.

Capítulo 6



RELATIVO AO SER ORIGINAL OU “ANTES DO COMEÇO”¹⁴²

Antes do começo das coisas, antes da geração dos céus, somente o grande e invisível Deus subsistia.

2. Até mesmo o Deus cujo nome é indizível, sobre Quem nenhum olhar pousou, cuja natureza nenhuma mente criada pode penetrar.
3. No seio do Eterno, no qual estão encerrados todos os Deuses, como os sete espíritos do prisma, contidos na Luz Invisível.
4. O Elohim, cheio e contendo o Universo, e o Universo em repouso.
5. Não havia movimento, nem escuridão, nem espaço, nem matéria.
6. Não havia nada a não ser Deus.
7. Pois havia Um só, o não-criado e auto-subsistente.
8. Porém, visto que conforme o movimento foi concebido no seio de Elohim, a Luz Invisível moveu-se.
9. E reunindo a si própria em direção ao seu eixo, deixou para além de si e para fora o outro *eu*.
10. De modo que, onde Deus não estava, houve escuridão e abismo.
11. Contudo, a escuridão de si próprio não havia, pois, antes do começo; Deus estava em tudo.
12. E aquilo que havia sido Deus tornou-se escuridão por meio do isolamento de Deus.
13. Portanto, a escuridão não é entidade, pois é a negação do ser.
14. Não é presença, pois, onde há presença, há Deus.
15. Nem pode ela produzir, nem se manifestar, nem pode ser aniquilada.
16. Contudo, uma vez que a escuridão não compreende Deus, é como se fosse um outro *eu*.

142. Paris, 24 de outubro de 1878. Citado em *Life of Anna Kingsford* — vol. I, págs. 283, 284, 289.

17. Não possuindo poder em si própria, pois todo poder é de Deus.
18. Nem possuindo personalidade, pois toda personalidade é de Deus.
19. Contudo, a menos que outra vez houvesse cessação de movimento, não poderia haver extinção da negação.
20. Pode ser unida, não aniquilada.
21. Qualquer coisa que seja, é de Deus; mas somente Deus é o ser absoluto e perfeito.
22. Todas as coisas visíveis e invisíveis eram potenciais em Deus, antes do começo; e em abundância recebemos todas.
23. Visto que como nada é absoluto, forte, perfeito, verdadeiro, somente o que se assemelha a Deus é Deus.
24. Visto que como nada é fora de propósito, fraco, dividido, falso, somente o que se aproxima da negação é negação.
25. Agora o Absoluto, que é Deus, é Espírito.

Capítulo 7



ALFA OU “NO COMEÇO”¹⁴³

No começo, as potencialidades de todas as coisas estavam em Elohim.

2. E Elohim eram dois, o espírito e a água, isto é, o profundo celestial.
3. Agora o espírito de Elohim é vida original, e as águas celestiais são espaço e dimensão.
4. Ele está na linha; ela está no círculo.
5. E, sem eles, há o vazio e a escuridão.
6. Agora, os dois Divinos eram, desde o começo, contidos no seio do Um, que já era antes do começo.
7. Mesmo Deus, o sem-nome, invisível, inescrutável, o indizível, o sem movimento.
8. De quem os céus provêm, ou seja, a dualidade, o espírito e o profundo, e a terra, ou seja, espiritualmente, o além.
9. Ora, o além era sem forma e vazio, e a escuridão cobria sua face.
10. Mas as águas celestiais eram cobertas pelo Espírito de Deus.

143. Ver *Life of Anna Kingsford* — vol. I, pág. 19.

Capítulo 8



BETA OU ADONAI, O MANIFESTANTE¹⁴⁴

Então, do centro da Dualidade Divina, veio o Único Gerado por Deus:

2. Adonai, a Palavra, a Voz invisível.
3. Ele estava no começo, e por meio d'Ele, todas as coisas foram descobertas.
4. Sem Ele, nada do que foi feito seria visível.
5. Pois, Ele é o Manifestante, e n'Ele estava a vida do mundo.
6. Deus, o Sem-Nome, não revelou Deus, porém, Adonai revelou Deus desde o começo.
7. Ele é a apresentação de Elohim, e por Ele os Deuses manifestam-se.
8. Ele é o terceiro aspecto da Trindade Divina.
9. Co-igual com o Espírito e o profundo celestial.
10. Pois, com exceção dos três em um, os Espíritos da Luz Invisível não poderiam ter sido feitos manifestos.
11. Mas, agora, é o prisma perfeito, e a geração dos Deuses descoberta em sua ordem.
12. Adonai dissolve e resume; em Suas duas mãos está o poder dual de todas as coisas.
13. Ele é de seu Pai, o espírito, e de sua Mãe, o grande profundo.
14. Tendo a potência de ambos em Si e o poder das coisas materiais.
15. Contudo, sendo Ele mesmo invisível, pois é a causa, não o efeito.
16. Ele é o manifestante, e não aquilo que é manifesto.
17. Aquilo que é manifesto é a substância Divina.¹⁴⁵

144. Anna Kingford e Edward Maitland reconheceram nesta expressão “o original do qual as sentenças de abertura do Quarto Evangelho eram derivadas”. (*Life of Anna Kingford*, vol. I, págs. 192, 193).

145. “O termo manifesto refere-se apenas aos sentidos físicos. A ‘Visão de Adonai’... é vista pelos olhos do homem interior e substancial.” (E. M. Art. em *The Unknown World*, 1894, pág. 14). Ver Parte III, “Relativo à Imagem Divina”.

Capítulo 9



GAMA OU O MISTÉRIO DA REDENÇÃO

Todas as coisas são formadas da Substância Divina, que é a idéia Divina.

2. Portanto, todas as coisas são uma, uma vez que Deus é um.
3. E cada mônada da Substância Divina tem em si a potência de dois, assim como Deus é dois em um.
4. E cada mônada, que é manifesta, é manifestada pela evolução de sua Trindade.
5. Pois, somente assim, ele pode suportar registro de si próprio e tornar-se conhecido como uma entidade.
6. Existem três que possuem registro no Sagrado dos Sagrados — o Espírito, a Água e a Palavra — e esses três são um.
7. E existem três que possuem registro no mundo externo — a vida, a alma e o corpo — e esses três combinam-se em um.
8. Assim como é Deus, também é tudo o que vem de Deus.
9. Das partículas imponderáveis da luz física às moléculas de orientação do círculo externo.^d
10. Todas as coisas, no céu e na Terra, são de Deus, tanto as visíveis como as invisíveis.
11. Desse modo, é o invisível também o visível, pois não há linha divisória entre o espírito e a matéria.
12. Matéria é espírito tornado conhecido exteriormente pela força da Palavra Divina.
13. E quando Deus resumir todas as coisas pelo amor, o material será resumido dentro do espiritual, e haverá um novo céu e uma nova Terra.
14. Não que a matéria seja destruída, pois ela vem direto de Deus, de Deus indestrutível e eterno.
15. Contudo, será aspirado e resumido dentro do verdadeiro *eu*.

16. Ele removerá a corrupção e permanecerá incorrupto.
17. Ele removerá a mortalidade e permanecerá imortal.
18. De modo que nada da Substância Divina será perdido.
19. Era entidade material; será entidade espiritual.
20. Pois não há nada que possa sair da presença de Deus.
21. Esta é a doutrina da ressurreição do morto; ou seja, a transfiguração do corpo.^o
22. Pois o corpo, que é matéria, é apenas a manifestação do espírito; e a Palavra de Deus o transmutará em seu ser íntimo.
23. A vontade de Deus é o cadinho da alquimia, e a escória tirada de dentro é a matéria.
24. E a escória se tornará puro ouro, sete vezes refinado; até espírito perfeito.
25. Não deixará nada atrás de si; mas será transformado na imagem Divina.
26. Pois não é uma substância nova; mas sua polaridade alquímica é mudada e convertida.
27. Mas, exceto se fosse ouro em sua natureza verdadeira, não pode ser resumido dentro do aspecto de ouro.
28. E exceto se a matéria fosse espírito, ela não pode reverter a espírito.
29. Para fazer ouro, o alquimista precisa ter ouro.
30. Mas ele sabe ver o ouro onde outros só vêem a escória.
31. Refine-se dentro da vontade de Deus e te tornarás como Deus.
32. Pois agradarás a Deus se tua vontade for a Vontade Divina.
33. Este é o grande segredo; é o mistério da redenção.

Capítulo 10



DELTA OU O MISTÉRIO DA GERAÇÃO¹⁴⁶

Por meio da palavra de Elohim, os sete Elohins manifestaram-se;

2. Mesmo os sete Espíritos de Deus, na ordem de suas precedências:
3. O Espírito da Sabedoria, o Espírito do Entendimento, o Espírito do Conselho, o Espírito do Poder, o Espírito do Conhecimento, o Espírito da Honestidade e o Espírito da Divina Venerabilidade.
4. Todos eles são co-iguais e co-eternos.
5. Cada um tem a natureza do todo em si mesmo; e cada um é uma entidade perfeita.
6. E o brilho de sua manifestação brilha do centro de cada um, como uma roda dentro de uma roda, rodeando o Trono Branco da Trindade Invisível em Unidade.
7. Estes são os fogos Divinos que queimam diante da presença de Deus, que procedem do Espírito e que são um com o Espírito.
8. Ele é dividido, no entanto, não diminuído: Ele é todos, e Ele é um.
9. Pois o Espírito de Deus é uma chama de fogo que a Sua palavra divide em muitas; contudo, a chama original não é diminuída, nem o poder disso, nem o brilho tornado menor.
10. Podes acender muitos lampiões com a chama de um; no entanto, não diminuis em nada aquela primeira chama.
11. Agora, o Espírito de Deus é expresso pela Palavra de Deus, que é Adonai.

146. Referindo-se a esta Iluminação, Edward Maitland, no artigo "The New Gospel of Interpretation", no *The Unknown World*, 1984, pág. 11, diz: "Procedendo do Pai-Mãe (Elohim) por intermédio do Filho (Adonai)... e do estático e passivo torna-se dinâmico e ativo, a Divindade é chamada Espírito Sagrado e diferencia-se como a luz em sete raios, que são os sete Elohins Criativos ou Espíritos de Deus, os quais são as eficientes potências na criação".

12. Pois, sem a Palavra, a Vontade não teria expressão.
13. Assim, a Vontade Divina dividiu o Espírito de Deus, e os sete fogos saíram do Seu seio e tornaram-se sete entidades espirituais.
14. Eles foram para dentro da Substância Divina, que é a substância de tudo o que há.
15. Agora, a Substância Divina é o grande profundo; isto é, o primeiro protoplasma.
16. Ela rodeia e abraça todas as coisas, e são dela a dimensão, a forma e a aparência.
17. Seu véu é o fluido astral; ela é a alma dos indivíduos e o receptáculo do núcleo Divino.
18. Ora, a Substância Divina não é matéria, porém, ela é matéria em sua essência potencial.
19. Ela é a manifestação da personalidade, cercando o núcleo Divino.
20. Há algumas entidades que permanecem invisíveis e intangíveis para sempre, sendo constituídas de apenas dois elementos, ou seja, espírito e alma.
21. Estas são seres fluídicos, alterando suas formas externas de acordo com a vontade do Espírito que receberam.
22. Elas são pessoas, porque a substância plasmática que envolve o espírito de cada uma impede a união íntima daquele espírito com outro espírito.
23. O espírito sozinho é difuso, e a chama nua é sujeita a fundir-se com outras chamas.
24. Porém, a chama que está fechada na substância torna-se uma personalidade não difusível.
25. Há outras entidades que são visíveis e tangíveis, no sentido material.
26. Pois a Substância Divina que encerra o espírito de cada um coagula externamente e torna-se matéria no exterior.
27. De modo que a entidade é composta de espírito, alma e aparência corporal.
28. O exterior tornou-se coagulado; seu interior é substância fluídica, seu íntimo é espírito.
29. O íntimo é luz intangível, que é a primeira geração, manifestada pela Vontade de Deus, por meio de Sua palavra.
30. O médium fluido é o firmamento, o qual a Vontade de Deus separou das profundezas.
31. E o exterior é a terra seca, que é a matéria a qual a Vontade de Deus fez aparecer tirando-a das águas, ou seja, do primeiro protoplasma.
32. Assim como o maior, assim também o menor.
33. Este é o grande segredo; este é o mistério da geração.

34. Desses dois tipos de entidades, invisível e visível, há inúmeras variedades e ordens, com diferentes funções, consistência, forma, tintura e dimensão.
35. Há tronos, domínios, principados e poderes.
36. Há Cristos, profetas, santos e congregações do eleito.¹⁴⁷
37. E, com relação a isso, o Espírito te dará o discernimento para o futuro.

147. "Eleição não é por nomeação arbitrária. O eleito são todos que fazem do amor sua norma, da consciência seu guia e de seu objetivo um ideal puro. Assim são os que procuram a perfeição que é Deus." (Preleção de E. M. em "The Nature and History of the Ego")

Capítulo 11



ÉPSILON OU O PRIMEIRO DOS DEUSES^{148E}

Muitos são os tronos nos quais o Espírito Sagrado de Elohim viveu.

2. Eles são centros de sistemas, laços de graças, árvores da vida, somas de muitos mundos.
3. E a cor deles é a cor do rubi e do fogo; e seu nome, em hebreu, é Uriel. E, em grego, Foibos, o Único Brilhante de Deus.
4. A quem está comprometido o domínio da esfera mais elevada e a demonstração da razão de todas as coisas manifestas.
5. O Espírito cujo ser é o Espírito da Sabedoria, o qual é o primeiro dos sete sagrados.
6. Agora, ele — o anjo do sol — não é o Espírito da Sabedoria, mas o brilho daquela glória e a imagem expressa do mesmo espírito.
7. Ele é o primeiro dos Deuses, e seu louvor é grande, e seus trabalhos são maravilhosos, e seu trono está no centro do céu.
8. Ele é aquela luz que Adonai criou no primeiro dia.
9. E, diante dele, Piton, a poderosa serpente, caiu dos céus, fazendo-o morar em cavernas e nos lugares secretos da Terra.

HINO A FOIBOS

1. Forte e adorável és tu, Foibos Apolo, que suporta e cura a vida em tuas asas, que corou o ano com tua bondade, e deste o espírito de tua divindade aos frutos e coisas preciosas de todos os mundos.
2. Onde estava o pão da iniciação dos Filhos de Deus, exceto quando tu deste o milho à espiga; ou o vinho de seus cálices místicos, exceto quando abençoaste a videira?

148. Citado em *Life of Anna Kingsford* Anna Kingsford — vol. I, págs. 290-292.

3. Muitos são os anjos que servem nas cortes das esferas do céu; porém, tu, senhor da luz e da vida, é seguido pelos Cristos de Deus.
4. E teu sinal é o sinal do Filho do Homem no céu e do justo tornado perfeito.
5. Cujo caminho é como uma luz brilhando, brilhando mais e mais da glória íntima do dia do Senhor Deus.
6. Tua bandeira é vermelho-sangue, e teu símbolo é o cordeiro branco-leite, e tua coroa é de ouro puro.
7. Aqueles que reinam contigo são os Hierofantes dos mistérios celestiais; pois suas vontades são a vontade de Deus e sabem como são conhecidos.
8. Esses são os filhos da esfera íntima; os salvadores dos homens, o ungido de Deus.
9. E seus nomes são Jesus Cristo, no dia de suas iniciações.
10. E, diante deles, todos os joelhos devem curvar-se, nas coisas do céu e da Terra.
11. Eles saíram de grandes tribulações e estão sentados para sempre à mão direita de Deus.
12. E o Cordeiro, que está no centro das sete esferas, dar-lhes-á de beber do rio das águas vivas.
13. E eles se fartarão da Árvore da Vida, que está no centro do jardim do reino de Deus.
14. Tudo isso é teu, ó Poderoso Mestre da Luz; e este é o domínio que a Palavra de Deus nomeou a ti no começo.
15. No dia em que Deus criou a luz de todos os mundos e separou a luz da escuridão.
16. E Deus chamou à luz Foibos, e à escuridão chamou Piton.
17. Ora, a escuridão era antes da luz, como a noite precedeu o amanhecer.
18. Estas são a noite e a manhã do primeiro círculo dos Mistérios.
19. E a glória daquele círculo é como a glória dos sete dias; e aqueles que ali habitam são sete vezes refinados.
20. Que purificaram o vestuário da carne nas águas vivas.
21. E transmutaram tanto o corpo como a alma em espírito, e se tornaram virgens puros.
22. Pois eles foram constrangidos pelo amor a abandonar os elementos externos e a buscar o íntimo, que é indivisível, até mesmo a sabedoria de Deus.
23. E sabedoria e amor são um só.

Capítulo 12



ZETA OU O SEGUNDO DOS DEUSES

PARTE I

PROÊMIO

E o Espírito da Sabedoria aconselhou, que é o anjo da esfera íntima, o mais brilhante dos filhos do céu.

2. Senhor Adonai que criaste, lembra-te das almas debaixo de Teu altar.¹⁴⁹
3. E coloque um firmamento entre elas e Ti para dividir o superior do inferior, o de dentro do de fora.
4. E ao passo que tem havido apenas um, deixe que daqui para a frente sejam dois, a forma e a substância, o aparente e o real.
5. Que aqueles que estão limitados possam permanecer no elemento externo.
6. Mas, para mim, Tu expressaste apenas tua produção, que irá entrar dentro do véu.
7. E Deus criou o firmamento no centro de todos os seres, e separou o espírito do corpo.
8. E o firmamento é o portão para o reino do céu.
9. E Deus entregou a chave dali para o anjo da segunda esfera, que é o Espírito da Compreensão.

149. "Almas em tão primitivo estágio de suas evoluções que ainda não alcançaram a consciência de sua natureza Espiritual e ainda estão, portanto, na servidão dos elementos inferiores." E. M.

10. Ele é Hermes, o mediador, pois ele intervém entre o externo e o interno.
11. Ele é o transformador e o curador, Rafael, o médico das almas.
12. Não há mistério que ele não resolva para Ti, nem sólido que ele não derreta, nem parede que ele não atravesse.
13. Muitos são seus estados e aspectos; seu peso é como chumbo, ele corre como água, ele é luz como a bruma do amanhecer.
14. Contudo, ele é como rocha entre a Terra e o céu, e o Senhor Deus nela construirá sua Igreja.^f
15. Como uma cidade sobre a montanha de pedra, cujas janelas dão para qualquer lado.
16. E sob a esquerda estão os reinos do mundo e as formas de ilusão; e sob a direita estão as alturas dos céus e o reino do espírito.
17. E a ele são entregues as chaves do invisível e o Sagrado dos Sagrados dentro do véu.
18. Seja qual for a alma que ele una, será unida no externo e no inferior.
19. E seja qual for a alma que ele perder, será perdida no interno e no superior.
20. Ele fecha, e nenhum homem abre; ele liberta e ninguém unirá outra vez.
21. E seu número é dois; ele é o anjo dos estados duplos.
22. E as águas acima e abaixo do firmamento são a noite e a manhã do segundo dia.^g

HINO A HERMES

1. Como uma luz que se move entre o céu e a Terra; como uma nuvem branca assumindo muitas formas.
2. Ele desce e sobe, ele guia e ilumina, ele transmuda-se de pequeno para grande, de brilhante para sombrio, de imagem opaca para bruma diáfana.
3. Estrela do Leste conduzindo os Reis Magos: nuvem de cujo centro a Voz Sagrada fala; de dia uma coluna de vapor, de noite uma chama brilhante.
4. Vejo a ti, Hermes, Filho de Deus, assassino de Argos^h, arcanjo que leva o cajado do conhecimento, pelo qual todas as coisas, no céu e na Terra, são medidas.
5. Duas serpentes entrelaçam-no, porque, como serpentes, elas devem perceber quem deseja a Deus.
6. E em teus pés há asas vivas, levando-te sem medo através do espaço e sobre o abismo da escuridão; porque eles não devem temer o vazio e o profundo, que deseja alcançar e conquistar.

7. Em teu lado usas uma espada de catorze libras, com dois lados cortantes, cuja têmpera resiste a tudo.
8. Pois aqueles que serão mortos ou salvos devem estar armados com uma vontade forte e perfeita, desafiando ou penetrando com força certa.
9. Este é Herpe, a espada que derrota os demônios; de cuja ajuda surge o herói, e o salvador tem condição de libertar.
10. A menos que cinjas sobre tua coxa, tu serás subjugado, e as lâminas feitas pelos mortais vencerão contra ti.
11. Nem é esse todo teu equipamento, Filho de Deus; a cobertura da escuridão está sobre tua cabeça, e ninguém é capaz de te ferir.
12. Este é o elmo mágico, trazido de Hades, a região do silêncio, na qual estão os que não falam.
13. Ele que sustenta o mundo em seus ombros o dará para ti, para que o mundo não caia sobre ti, e tu sejas reduzido a póⁱ.
14. Pois ele tem sabedoria e conhecimento perfeitos; ele, cujos passos são sem medo e cuja vontade é única e toda penetrante.
15. Mesmo ele deve saber manter o Segredo Divino e não expor os Mistérios-Sagrados de Deus para os perversos.
16. Mantenha o freio em seus lábios e cubra sua cabeça no dia da batalha.
17. Estas são as quatro coisas excelentes: o cajado, as asas, a espada e o elmo.
18. Conhecimento, que deves conquistar com trabalho; o espírito da coragem sagrada, que vem com a fé em Deus; uma vontade poderosa e uma discrição completa.
19. Aquele que descobre¹⁵⁰ os Mistérios Sagrados está perdido.
20. Siga teu caminho em silêncio, e o que vê não conte a homem algum.

PARTE 2

*Uma Exortação de Hermes para seu Neófito*¹⁵¹

1. Ele, cujos adversários lutam com armas de aço, deve estar armado da mesma maneira, para não ser ignobilmente morto ou se salvar voando.
2. E não apenas isso, mas, tendo em vista que seus adversários podem ser muitos, enquanto ele é apenas um; é até mesmo necessário que o

150. Isto é, revelar ou descobrir, aos olhos profanos. E. M.

151. Recebido em setembro de 1878 (ver *Life of Anna Kingsford* — vol. I, págs. 273, 274 e 280).

ação que ele carrega seja da têmpera mais pura e com o ponto mais sutil e bem projetado do que a deles.

3. Hermes te armaria com uma dessas que, possuindo uma lâmina com dois gumes, teria condições de agüentar na pior hora.
4. Pois está escrito que a *Árvore da Vida* é guardada por uma espada que vira para todos os lados.
5. Portanto, eu te teria armado tanto com uma filosofia perfeita como com o poder da *Vida Divina*.
6. E, primeiro o conhecimento; que tu e quem te ouve poderiam saber a razão da fé que está em ti.
7. Mas o conhecimento não pode prevalecer sozinho, e tu não és ainda perfeito.
8. Quando a plenitude do tempo vier juntar em ti o poder da *Vida Divina*.
9. É a vida de contemplação, de abstinência, de obediência e de resistência.
10. E, depois, a crisma, o poder e a glória. Porém, estes ainda não.
11. Nesse meio tempo, mantenha tua filosofia unida e perfeita.
12. Não te vanglories e não te eleves, pois tudo são coisas de Deus, e tu estás em Deus, e Deus em ti.
13. Mas, quando a palavra chegar a ti, estejas pronto para obedecer.
14. Há somente um caminho para o poder, e é o da obediência.
15. Não chames homem algum sobre a Terra de mestre ou rei, para que tu não abandones o espírito pela forma e te tornes um idólatra.¹⁵²
16. Aquele que é de fato espiritual e transformado na *Imagem Divina* deseja um rei espiritual.
17. Purifica teus corpos, e não comas coisa morta que tenha olhado com olhos vivos para a luz do céu.
18. Pois os olhos são o símbolo da irmandade entre vós. Visão é o sentido místico.
19. Não permitas que homem algum tire a vida de teu irmão para se alimentar.
20. Mas mata somente o que for mal; em nome do Senhor.
21. É miseravelmente enganado aquele que espera vida eterna e não impede o sangue e a morte em suas mãos.
22. É miseravelmente enganado aquele que procura por esposas nas alturas e ainda não alcançou a masculinidade.
23. Não despreze o dom do conhecimento; e não se transforme em um eunuco espiritual.

152. Neste ponto, foi mostrado aos videntes uma grinalda e folhas de figo, o símbolo de Hermes. Para saber seu significado, ver págs. 25-27 e 155. E. M.

24. Pois, primeiro Adão foi formado, depois Eva.
25. Tu és dois, o homem e a mulher¹⁵³, e ela com ele, nem homem nem mulher, mas uma criatura.
26. E o reino de Deus está dentro de ti.^k

153. Isto é, o intelecto e a intuição.

Capítulo 13



ETA OU (MISTICAMENTE) O TERCEIRO DOS DEUSES^L

PARTE I

PROÊMIO

O mistério de tua órbita, ó Terra, e o segredo do trabalho do terceiro dia.

2. O qual o velho sábio não tinha conhecimento, pois o Senhor Deus os reteve.
3. A luz é como sabedoria, a água como entendimento, e a terra seca como a força e o poder das coisas.
4. Foibos primeiro e Hermes a seguir e, por último, o reino de Dionísio.

HINO AO PLANETA DEUS

UM

1. Ó Pai Iaco; tu és o Senhor do Corpo, Deus manifesto na carne.
2. Duas vezes nascido, batizado com fogo, vivificado pelo espírito, instruído nas coisas secretas abaixo da Terra.
3. Tu que usaste os chifres de um carneiro, que cavalgaste um asno, cujo símbolo é a vinha, e o novo vinho, o teu sangue.
4. Cujo Pai é o Senhor Deus das Hostes; cuja Mãe é filha do Rei.^m
5. Evoé, Iaco, Senhor da iniciação; pois pelo corpo a alma é iniciada.
6. Pelo nascimento, pelo casamento, pela virgindade, pelo sono, pelo despertar e pela morte.

7. Pelo jejum e vigília, pelos sonhos e penitência, pela alegria e pelo cansaço da carne.
8. O corpo é a câmara da provação; é a alma do homem tentada.
9. Teus iniciados, ó Mestre, são aqueles que saem de grandes tribulações, cujos cajados estão lavados no sangue da videira.
10. Dá-me de beber da vinha de teu cálice, que viverei para sempre.
11. E comer de teu pão cujo grão veio da terra, como o milho na espiga.
12. Sim, pois o corpo no qual o homem é redimido está sobre a terra; está quebrado sobre a cruz; cortado pela foice; esmagado entre as mós.
13. Pois pelo sofrimento do externo, o interno é libertado.
14. Portanto, o corpo que tu deste é de fato carne, e a palavra de teu sangue é bebida de fato.
15. Pois o homem deve viver pela palavra de Deus.
16. Evoé, Pai Iaco: uma tua Igreja à vinha, e seu eleito à escolha da vinha.
17. E deixe que lavem suas vestes no vinho e suas vestimentas no sangue das uvas.

DOIS

18. Evoé, Iaco: Senhor do corpo e da casa cujo símbolo é o figo.
19. Donde a imagem é a figura da matriz e a folha como a mão de um homem cujo tronco traz o leite.
20. Pois a Mulher é a mãe do vivo, a coroa e a perfeição da humanidade.
21. Seu corpo é o passo mais alto na escada da encarnação.
22. A qual leva da Terra para o céu; pela qual os espíritos de Deus ascendem e descendem.
23. Tu não és perfeita, ó alma, se não conheceres a feminilidade.
24. Evoé, Iaco: pois chega o dia em que teus filhos comerão a fruta do figo: sim, a vinha dará novas uvas; e a figueira não mais será árida.
25. Pois a interpretação das coisas ocultas está à mão; e os homens irão comer os preciosos frutos de Deus.
26. Eles comerão o maná dos céus e beberão do rio de Salem.
27. O Senhor fez todas as coisas novas; Ele retirou a letra para estabelecer o espírito.
28. Então falarás com a face encoberta, em parábola e dito obscuro, pois o tempo dos figos ainda não chegou.
29. E aqueles que vieram para a Árvore da Vida, atrás de seu fruto, não acharam nada.
30. E, desde então, nenhum homem comeu o fruto daquela árvore.
31. Porém, agora é chegado o evangelho da interpretação e o reino da Mãe de Deus.
32. Evoé, Iaco, Senhor do corpo que é coroado com a vinha e com o figo.
33. Pois, assim como o figo contém muitas frutas perfeitas em si, assim a casa do homem contém muitos espíritos.

34. Dentro de ti, ó homem, está o Universo; os tronos de todos os Deuses estão no teu templo.
35. Eu disse para os homens: *Vós sois Deuses; todos vós estão na imagem do Mais Alto.*
36. Nenhum homem pode conhecer Deus, a menos que conheça primeiro a si mesmo.
37. Deus não é nada que o homem não seja.
38. Como o homem é, assim é Deus.
39. Assim como Deus é no coração do mundo externo, assim também é Deus no coração do mundo dentro de ti.
40. Quando o Deus dentro de ti estiver totalmente unido com o Deus de fora, então tu serás um com o Altíssimo.
41. Tua vontade será a vontade de Deus, e o Filho será como o Pai.
42. És o governante do mundo, ó homem; teu nome é legião; tens muitos abaixo de ti.
43. Dizes a esse um *vá*, e ele irá; e para outro *venha*, e ele virá; e a um outro *faça isto*, e ele fará.
44. O que sabes te é dito de dentro de ti; o que trabalhas é trabalhado de dentro.
45. Quando rezas, invocas o Deus dentro de ti; e do Deus de dentro de ti recebes tuas boas coisas.
46. Tuas manifestações são internas; e os espíritos que falam a ti são do teu próprio reino.
47. E o espírito é o maior do teu reino, é ele teu Mestre e Senhor.
48. Deixe que teu Mestre seja o Cristo de Deus, cujo Pai é o Senhor Iaco.ⁿ
49. E Cristo será teu amante e o salvador de teu corpo^o; ó sim, ele será teu Senhor Deus, e tu O adorarás.
50. Mas se tu assim não o fizeres, então algo mais forte do que tu tomará conta e arruinará tua casa e teus bens.
51. Serás um templo sujo; o porão de todo tipo de conflito e bestas depravadas.
52. Pois o inimigo de um homem é sua própria família.
53. Mas expulse dali os vendilhões e os comerciantes, senão a tua casa de oração será um covil de ladrões.

TRÊS

54. Evoé, Pai Iaco: Senhor dos tirsos e da pinha.
55. Como são as involuções das folhas da pinha, assim é a espiral da geração — o progresso e a passagem da alma.
56. Do mais baixo para o mais alto; do mais grosso para o mais fino; da base para o ápice;
57. Do externo para o interno; sim, da poeira do chão para o trono do Mais Alto.

QUATRO

58. Evoé, Io Nyæe, Deus do jardim e a árvore que dá fruto.
59. A terra seca é tua, e toda a beleza da terra, o vinhedo, a grinalda e os vales de milho.
60. As florestas, os segredos das primaveras; as nascentes escondidas e os tesouros das cavernas.
61. A colheita, a dança e o festival; a neve do inverno e os ventos gelados da morte.
62. Sim, Senhor Iaco, que preparou a destruição com promessa e enxertou graça nas ruínas.
63. Assim como a hera verde cobre a árvore seca e os lugares desertos da terra na qual nenhuma grama cresce.
64. Assim teu toque dá vida e esperança, além de significado à decadência.
65. Aqueles que compreenderam teus mistérios, ó Senhor da hera, superaram a morte e o medo dela.

CINCO

66. Evoé, Pai Iaco, Senhor Deus do Egito, inicia teus criados nos muros de teu Templo;
67. Muros sobre os quais estão as formas de toda criatura; toda besta da terra e toda ave do ar.
68. O linco, o leão e o touro; a íbis e a serpente; o escorpião e cada coisa voadora.
69. E as colunas desse Templo têm as formas humanas, com cabeças de águias e casco de boi.
70. Tudo isso é teu reino; eles são as câmaras de provação e as casas de iniciação da alma.
71. Pois a alma passa de forma para forma; e as mansões de sua peregrinação são múltiplas.
72. Tu a chamas das profundezas e dos lugares secretos da Terra; da poeira do chão e da erva do campo.
73. Cobres a nudez dela com um avental de folhas de figo; tu a vestes com as peles das bestas.¹⁵⁴
74. Tu és do antigo, ó alma do homem; sim, tu és do eterno.¹⁵⁵
75. Tiraste teus corpos como se fossem uma roupa; e como vestimenta tu os dobrastes.

154. Para a implicação de "coberturas da pele", ver Parte I, nº VI.

155. Significando que a substância dela é eterna, sendo aquela de Deus, o que não é o caso da matéria, que é apenas uma condição temporária e um modo especializado da substância. E. M.

76. Eles morreram, mas tu resististe; o vento os rasgou e os dispersou; e o lugar deles não será mais conhecido.
77. Pois o vento é o Espírito de Deus no homem, que sopra onde se ouve, e tu ouves o som, mas não sabes dizer onde ele começa, nem de onde sopra.
78. Do mesmo modo é o espírito do homem, que começa de longe e não tarda, mas vai para longe, para um lugar que tu não conheces.

SEIS

79. Evoé, Iaco, Senhor da Esfinge, que unes o mais baixo ao mais alto; os lombos da besta selvagem à cabeça e seios da mulher.
80. Seguras o cálice da divinização; todas as formas da natureza estão refletidas nele.
81. Levas o homem à destruição; então dizes: *Volte outra vez, vós, crianças, às minhas mãos.*
82. Sim, tu és abençoado e sagrado, ó Mestre da Terra; Senhor da cruz e da árvore da salvação.
83. Vinha de Deus, cujo sangue redime; pão do céu, quebrado no altar da morte.
84. Há milho no Egito; vá para lá, ó minha alma, com alegria.
85. Pois no reino do corpo comerás o pão de tua iniciação.
86. Mas cuidado para não te sujeitares à carne e a um elo escravo na terra de tua permanência temporária.
87. Não sirvas aos ídolos do Egito; e não deixe os sentidos serem teus capatazes.
88. Pois a vontade deles curva teu pescoço ao jugo deles; a vontade deles oprime amargamente o Israel de Deus.
89. Um tempo mau virá sobre ti, e o Senhor castigará o Egito com pragas, pelo teu bem.
90. Teu corpo será partido na roda de Deus; tua carne passará por dificuldades e vermes.
91. Tua casa castigada com pragas aflitivas, sangue, pestilência e grande escuridão; o fogo destruirá teus bens; e serás uma presa dos gafanhotos e de coisas horripilantes.
92. Tuá glória será varrida pela poeira; granizo e tempestade destruirão tua colheita; sim, teu amado e primogênito será destruído pela mão do Senhor.
93. Até que o corpo deixe a alma sair livre; e ela servirá ao Senhor Deus.
94. Surja na noite, ó alma, e voe, senão serás consumida no Egito.
95. O anjo da compreensão o reconhecerá como seu eleito, se ofereceres a Deus uma fé razoável.
96. Prove tua razão com o aprendizado, com o trabalho e com a obediência.

97. Deixe que o cajado de teu desejo esteja na mão direita, calce as sandálias de Hermes em teus pés e prepare teus leões com força.
98. Então passarás pelas águas da purificação, que é a primeira morte no corpo.
99. As águas serão um muro dentro de ti, à tua direita e à tua esquerda.
100. E Hermes, o Redentor, irá antes de ti, pois ele é tua nuvem de escuridão de dia e tua coluna de fogo à noite.
101. Todos os cavaleiros do Egito e as carruagens deles; seus príncipes; seus conselheiros; e os homens poderosos.
102. Estes te perseguirão, ó alma que voa; e procurarão te trazer de volta à servidão.
103. Voe por tua vida; não temas as profundezas; estique teu cajado para o mar e ergue teu desejo para Deus.
104. Aprendeste sabedoria no Egito; corrompeste os egípcios e levaste embora o bom ouro e as coisas preciosas deles.
105. Enriqueceste a ti mesmo no corpo, mas o corpo não te segura, nem as águas das profundezas te engolirão.
106. Deves lavar tua túnica no mar da regeneração; o sangue da expiação te redimirá junto a Deus.
107. Esta é tua crisma e tua consagração, ó alma; esta é a primeira morte; tu és o Israel do Senhor;
108. Que te redimiui do domínio do corpo e o chamou do túmulo e da casa da servidão.
109. A caminho da cruz, e para a senda no meio do deserto.
110. Onde estão a víbora e a serpente, a miragem e a areia escaldante.
111. Pois os passos do santo dirigem-se para o deserto.
112. Porém, tenhas coragem e não falhe; então tua roupa resistirá, e tuas sandálias não se tornarão velhas para ti.
113. E teu desejo curará tuas doenças; trará para ti córregos brotando das pedras e te conduzirá ao Paraíso.
114. Evoé, Pai Iaco, Jeová-Nissi; Senhor do jardim e do vinhedo.
115. Iniciador e legislador; Deus da nuvem e do monte.
116. Evoé, Pai Iaco; para fora do Egito chamaste teu Filho.

PARTE 2

HINO ÀS DIVINDADES ELEMENTARES¹⁵⁶

(alfa)

Para Hefaiostos

1. Os espíritos dos elementos levam tua companhia, Senhor Iaco, cujas rodas cercam teu planeta, que sustentam os quatro ângulos.
2. Hefaiostos, o rei fogo, cujo símbolo é o leão vermelho, Senhor da serpente, da chama e do segredo das partes da terra.
3. Cujas veias estão cheias de fogo, cujo sopro é destruição e incêndio; cujo dedo fez as montanhas de fumaça.
4. Ah! Cuidado como o invocas; como um leão, ele devora; ele domina e engole, como uma besta furiosa sobre a vítima.
5. Ele purifica e acalma o deserto; a terra é como se fosse o Jardim do Éden diante dele, e atrás dele um deserto desolador.
6. Ele comanda a zona íntima das coisas; seu martelo é o relâmpago, e sua bigorna o ímã.
7. Com isso ele faz todos os corpos, ele funde e inventa; tanto no pequeno como no grande, tanto no externo como no interno, antes de Deméter é Hefaiostos.
8. Ele forja todos os metais com poder e confecciona todo tipo de amuletos preciosos.
9. O ouro do ventre da terra é dele, o mercúrio, o ferro da mina, o enxofre, o ônix e o cristal.
10. Todas as suas galerias são iluminadas com espelhos de fogo, nos quais as imagens são múltiplas e maravilhosas; a glória dos príncipes, o bem-estar das nações, sim, o esplendor de todos os reinos do mundo.
11. Ele une e engana os olhos dos homens; ele cerca o tolo com ilusões e golpeia o fraco com a loucura.
12. Até mesmo Lúcifer, o Senhor do Cristal, que tem o poder de unir as crianças da Terra, pois ali estão aprisionados os espíritos do fogo.
13. Não sirvas ao fogo nem ao cristal, e não sejas enganado pela feitiçaria deles.
14. Pois os espíritos da luxúria e da ilusão obedecem ao cristal, e aquele que ama a luz dele cairá sob o domínio de Lúcifer.
15. Sejas teu mestre do fogo e o comande; não deixes que a língua fendida

156. Recebido no começo de março de 1881 (*Life of Anna Kingsford* — vol. I, pág. 438).

- da serpente te engane; nem troque tua liberdade pelo fruto do encantamento.
16. Pois o fogo será extinto pela água, e a água será dissolvida em espírito.
 17. Entretanto, se o fogo consumir tua alma, ela será espalhada largamente como cinzas e retornará ao pó da Terra.
 18. Pois é o fogo que verifica cada trabalho do homem e purifica a substância de todas as almas.
 19. Pelo fogo é batizado o iniciante, pelo fogo a oblação é temperada; e a chama consumirá a escória do cadinho.
 20. Aquele que suporta até o fim será salvo.
 21. Portanto, seja louvado, Hefáistos, tu e tua roda; seja louvado, ó fogo penetrante e purificador!

(beta)

Hino a Deméter

1. E tu, Deméter, justa mãe da Terra, cujos seios o paciente boi amassa, cujas mãos estão cheias de abundância e bênçãos.
2. Anjo do cadinho, guardiã da morte, que fazes e desfazes, que combina e dissolve, que trazes a vida da morte, e que transformas todos os corpos.
3. Eles são semeados como sementes em teu rego; eles ali são enterrados como as gotas da espiga madura; de teu ventre eles vêm, e para ti retornarão, ó mãe do nascimento e do sono!
4. Tu fazes o volátil ser fixo; e o real, aparente, tanto no grande como no pequeno, tanto no externo como no interno.
5. Subjugas o gado do campo ao teu arado, pois teu domínio é do campo, ó filha do Tempo; não unes os filhos do ar e do mar.
6. Mas, para o grosso, és grossa, e para o sutil, és sutil.
7. Sejas louvada, Deméter, alquimista hábil e multiforme; sejas louvada — tu e tua roda, ó frutífero Espírito da Terra!

(gama)

Hino a Poseidon

1. E Poseidon, Senhor das Profundezas, mestre da substância de todas as criaturas, que tem a face de um anjo, pois ele é o pai das almas.^P
2. Sua testa é escurecida pelas tempestades, sua voz é como o trovão das cataratas das montanhas; ele é sutil, veloz e forte; e é mais poderoso do que todas as crianças da Terra.
3. Todas as coisas são de sal do mar, pois sem o sal não há matéria, tanto a externa como a interna, tanto o grande como o pequeno.
4. Veja as múltiplas ondas do mar que sobem e afundam; cada uma se

- quebra e é perdida, caindo sobre outra, continuamente; da mesma forma que elas são as transmutações da alma.
5. Pois a alma é uma substância, assim como a água das profundezas, cujas ondas não podes contar nem definir suas formas pela maneira como elas passam; desse mesmo modo são as encarnações da alma.
 6. E o segredo de Tétis e o mistério da metamorfose.
 7. Para fora do mar sai o cavalo; força e inteligência são produtos do mar.
 8. Ela é a mãe dos Avatares, e seu copo é o cálice da amargura; quem dele beber provará o gosto do poder e conhecimento, além de lágrimas de sal.
 9. Sejas tu louvado, ó Poseidon, tu e teu círculo; louvado seja, ó crisma da alma, poderoso e variável Espírito do Mar!

(delta)

Hino a Palas Atenas

1. E tu, Atenas, virgem dos olhos azuis, Senhora do Ar, cabeça de águia, que deste a todos os corpos o sopro da vida.
2. Mãe imaculada da palavra da profecia, símbolo da essência sagrada, deusa da égide e da lança.
3. Espírito do remoinho, sopro secreto de sabedoria, fortificante da alma, animador dos exércitos.
4. Donzela brilhante, por quem lançamos vaidade, por meio da qual todas as coisas da sabedoria interior passam; por cujo escudo estamos cobertos, e pela pureza interior preserva de todos os contágios.
5. Com a tua ajuda, ó Atenas, forte e imaculada, com a tua ajuda surge o herói na batalha.
6. Com a tua ajuda, ó sabedoria armada e alada, teus servos erradicarão a luxúria do mundo.
7. Diante de cuja beleza, quem olhar vira pedra; e que alimenta as almas dos homens.⁹
8. Seja louvada, ó Atenas, tu e teu círculo; seja louvada no grande e no pequeno, no externo e no interno, invisível e imaculado Espírito da Vida!

(epsilon)

Epodo

Estes são os quatro grandes gênios, que são os anjos da Terra, os espíritos dos elementos do macro e do microcosmos.

Estas são as esfinges quádruplas dos quatro estados — o da carne, o do intermediário, o do humano e o do Divino.

Da casa da servidão é a terra do Egito;
Da arca da aliança é o deserto;
Do portão e da árvore do Éden;
Da carruagem celestial e do trono de Adonai.
E as rodas de seus quatro reinos quádruplos circundam a Terra; e
estão cheios, por dentro e por fora, dos olhos da vida.⁷

Capítulo 14



TETA OU (MISTICAMENTE) O QUARTO DOS DEUSES

PARTE I

O HINO DE AFRODITE¹⁵⁷

UM

Sou a aurora, filha do céu e das profundezas: a bruma do mar cobre minha beleza com um véu de trêmula luz.

2. Sou Afrodite, a irmã de Foibos, quem abre os portões do céu, o início da sabedoria, o arauto do dia perfeito.
3. Por muito tempo a escuridão cobriu as profundezas; a alma de todas as coisas repousava; os vales estão cobertos de sombras; somente as montanhas e as estrelas estavam juntas em comunhão.
4. Não havia luz nos caminhos da Terra; o mundo girando movia-se para fora de seu eixo¹⁵⁸; trevas e mistério cobriam as faces dos Deuses.
5. Então, de fora das profundezas, eu surgi, dissipadora da noite; o firmamento do céu se acendeu com alegria ao me ver.
6. Os segredos das águas estavam revelados; os olhos de Zeus olharam para dentro desse coração.

157. Casa, 19 de setembro de 1884. Recebido em sonho. Citado em *Life of Anna Kingsford*, vol. II, págs. 213-216.

158. Uma palavra obsoleta para o eixo.

7. Vermelhas como vinho eram as profundezas: a vestimenta da terra estava transfigurada; como alguém que se ergue da morte, ela surgiu, cheia de favor e graça.

DOIS

8. De Deus e da alma nasce o amor; no silêncio do crepúsculo, no mistério do sono.
9. Na quarta dimensão do espaço; no ventre do princípio celestial; no coração do homem de Deus — ali está guardado o amor.
10. Sim, sou antes de todas as coisas: o desejo nasce de mim; eu impilo as primaveras da vida para Deus; por meu intermédio, a Terra e o céu são atraídos.
11. Mas estou escondida até a hora de aparecer o dia: repouso debaixo das águas do mar, nas profundezas da alma; o pássaro da noite não me vê, nem rebanho dos vales, nem a cabra selvagem na fenda do monte.
12. Como os peixes do mar, sou recoberta: sou secreta e velada das vistas, como as crianças das profundezas.
13. Aquele que é oculto tem um peixe como símbolo; pois o peixe fica escondido na escuridão e no silêncio; ele conhece os lugares secretos da terra e as fontes do mar cavernoso.
14. Mesmo assim, o amor alcançou o mais externo; assim eu descobri os segredos de todas as coisas; tendo meu começo e meu fim na sabedoria de Deus.
15. O Espírito do Conselho é visto na alma, da mesma forma que o peixe no ventre das águas.
16. Do santuário das profundezas o amor surgiu; a salvação está no mar.

TRÊS

17. Sou a coroa de múltiplos nascimentos e mortes; sou a intérprete dos mistérios e a iluminadora das almas.
18. O amor está aprisionado nos elementos do corpo; dormindo, deitado nas cavernas de Iaco; na manjedoura dos bois de Deméter.⁵
19. Mas, quando a estrela-d'alva da alma surgir sobre a Terra, então é a epifania do amor.
20. Portanto, até o trabalho do terceiro dia estar cumprido, a luz do amor não será manifesta.
21. Então, eu abrirei os portões do alvorecer, e a glória de Deus ascenderá diante dos olhos dos homens.

QUATRO

22. O segredo do anjo Anael está no coração do mundo; a "Canção de Deus" é o som das estrelas em seus cursos.

23. Ó amor, és o calor latente da Terra; a força do vinho; a alegria do pomar e do milharal; és o espírito da canção e do riso, e o desejo de vida.
24. Por teu intermédio, ó deusa de olhos puros e dourados, o Sol e a Lua são revelados; o amor é o conselheiro do céu.
25. Nuvem e vapor misturam-se diante de ti; desvendadas para a terra os governantes dos imensuráveis céus.
26. Tornas todas as coisas luminosas; descobres todas as profundezas.
27. Do ventre do mar às alturas dos céus; dos abismos sombrios ao trono do Senhor.
28. Teu amado é um pombo-torcaz usando a insígnia do espírito, e dele sabendo os segredos.
29. Voa, voa, ó Pombo; começou o tempo de primavera; no extremo oriente surge o alvorecer; ela tem uma mensagem para ti, para levá-la da Terra para o céu!

PARTE 2

Um Discurso da Comunhão das Almas e os Usos do Amor entre Criador e Criatura; como Parte do Livro Dourado de Vênus¹⁵⁹

1. Eis o Segredo do Amor e o Mistério da Comunhão dos Santos.
2. O amor redime, o amor eleva. O amor ilumina, o amor evolui as almas.
3. O amor não dissolve nada nem esquece, pois ele é da alma e possui recordações eternas.
4. O amor verdadeiro é duplamente abençoado, pois enriquece tanto aquele que dá como aquele que recebe.
5. Tu que amas, dás a ti mesma para teu amado, e ele faz o mesmo.
6. E se alguma criatura que amas sofrer a morte e partir de ti.
7. Darias contente o sangue do teu coração para que ela vivesse para sempre; para adoçar as mudanças diante dele, ou para levá-lo a algum lugar feliz.
8. Derramaste lágrimas sobre o corpo partido de teu amado; teu desejo vai atrás dele e tu choras sobre seu fantasma.

159. Impresso conforme lido (em sonho, na noite de 15 de março de 1881) em um livro escrito em alemão, encontrado em uma câmara, que pode ser o laboratório de William Lilly, o astrólogo (século XVII) a quem seus videntes foram apresentados em sonho, com o propósito de ter o horóscopo dela contado. Falhando em recuperar o poema todo, na primeira tentativa de escrevê-lo, ela procurou e obteve acesso ao livro, outra vez, na noite seguinte. Citado em *Life of Anna Kingsford* — vol. II, págs. 1-3. E. M.

9. “Ó Querido! Que Deus esteja contigo onde estiveres agora, e que saibas o que fazer agora!
10. Permita Deus que eu continue te guardando e te protegendo; que eu possa te defender de toda dor, erro e aflição!
11. Mas que modos de mudança estão diante de ti eu não sei; nem podem meus olhos seguir teus passos.
12. Muitas são as vidas que se estendem diante de ti, e os anos, ó amado, são longos e enfatiados, pois irão nos separar!
13. Reconhecer-te-ei quando novamente te ver; e o Espírito de Deus falará a ti naquele dia: ‘É esta a tua amada?’
14. Ó Alma de minh’alma! Quisera Deus que eu fosse contigo, mesmo que fosse na morte!
15. Tens todo o meu amor, meu desejo e minha tristeza; sim, minha vida está entrelaçada com a tua e foi-se embora contigo!
16. Visita-me em sonhos; conforta-me nas vigílias; deixe que meu fantasma encontre o teu na terra das sombras e do sono!
17. Todas as noites, com saudade fervente, procurarei por ti; Perséfone e o Cochilo levar-me-ão ao passado.
18. Sim, a morte não te tirarás completamente de mim, pois parte de mim está em ti, e onde tu fores, querido, ali meu coração te seguirá!”
19. Então choraste e lamentaste, porque a alma que amas foi tirada de teu lado.
20. E a vida te parece algo amargo; sim, amaldiçoaste o destino de todas as criaturas vivas.
21. E pensaste que teu amor não tivesse validade, e em tuas lágrimas como gotas inúteis.
22. Veja, o amor é um resgate, e as lágrimas são preces.
23. E se viveste puramente, teu desejo ardente será computado como graça para a alma de teu morto.
24. Pois a prece fervente e contínua do justo ajuda muito.
25. Sim, teu amor envolverá a alma que amaste; será para ele como um vestido de casamento e uma vestimenta de bênção.
26. O batismo de tua tristeza batizará tua morte, e ele surgirá por isso.
27. Tuas preces o erguerão, e tuas lágrimas cercarão seus passos; teu amor será para ele uma luz brilhando sobre o caminho para cima.
28. E os anjos de Deus dirão para ele: “Ó Alma feliz, és tão amado; tu te tornaste tão forte com todas essas lágrimas e suspiros.
29. Louve o Pai dos Espíritos, portanto, pois este grande amor te salvará de muitas encarnações.
30. Por isso avançaste; és levado para cima e carregado para o alto pelos cordões da graça.”
31. Pois, desse modo, as almas ajudam umas às outras e comungam, recebem e dão bênçãos, a partida dos vivos e a vida do que parte.

32. E quanto mais o coração dentro deles é limpo, mais o caminho de suas intenções é inocente ao lado de Deus.
33. Sim, o Santo é um forte redentor; o Espírito de Deus luta dentro dele.
34. E Deus não resiste a Deus; pois Deus e o amor são um.
35. Assim como o amor de Cristo tem poder sobre o eleito, assim tem poder, em seus diferentes graus, o amor de um homem por seu amigo.
36. Sim, apesar de a alma amada ser pequena e humilde, uma criatura não feita à semelhança dos homens.
37. Pois nos olhos do amor não há pequeno nem pobre, nem não-merecedor de prece.
38. Ó alma pequena, és poderosa se uma criança de Deus te amar; alma pobre e simples, és possuidora de grandes riquezas.
39. Melhor é a tua porção do que a porção dos reis, os quais a maldição dos oprimidos perseguem.
40. Pois, assim como o amor é forte para redimir e evoluir a alma, assim o ódio é forte para atormentar e deter.
41. Abençoada é a alma a qual o justo comemora diante de Deus; pela qual o pobre, o órfão e o estúpido choram.
42. E tu, ó homem correto, que com o amor ardente lamenta a morte do inocente, o qual não podes salvar das mãos do injusto.
43. Tu que, de bom grado, darás teu próprio sangue para redimir teu irmão e o livrar dos grilhões da dor.
44. Sabes que, na hora de teu supremo desejo, Deus aceita tua oblação.
45. E teu amor não retornará vazio para ti! De acordo com a grandeza do grau deste amor, será cumprida tua vontade.
46. Tua tristeza e lágrimas e a viagem de teu espírito serão graça e benção para a alma que queres redimir.
47. Não será perdido teu sofrimento, pois cada pranto é uma prece, e toda prece é poder.
48. O que quiseste fazer, está feito; tua intenção está unida com a vontade do Amor Divino.
49. Nada do que planejaste junto a Deus e por teu irmão está perdido.
50. E é só o amor que redime, e amor não pede nada para si próprio.

Capítulo 15



LÂMBDA OU O ÚLTIMO DOS DEUSES,^u SENDO O SEGREDO DE SATÃ¹⁶⁰

UM

E, no sétimo dia, um poderoso anjo saiu à procura de Deus, cheio de cólera e destruição, e Deus deu a ele o domínio da esfera exterior.

2. A eternidade passou a ter tempo; o ilimitado deu vez ao limite descendo sobre as gerações.
3. Como iluminação, vejo Satã despencar do céu, esplêndido em força e fúria.
4. Entre os Deuses não há nenhum igual a ele, em cuja mão estão depositados todos os reinos, o poder e a glória dos mundos.
5. Tronos e impérios, as dinastias dos reis, a queda das nações, o nascimento das igrejas, o triunfo do tempo.
6. Eles se erguem e passam, eles eram e não são mais; o mar e a poeira do mistério imenso do espaço devora-os.
7. O calcar dos exércitos, as vozes de alegria e de dor, o choro dos recém-nascidos, o grito do guerreiro mortalmente ferido.
8. Casamento, divórcio, divisão, mortes violentas, martírios, ignorâncias tirânicas, a impotência do protesto passional, e o louco buscando esquecimento.

160. Uma parte desta iluminação, a saber 28 versos da primeira parte (mas não os 28 primeiros versos como estão), foram recebidos em Paris, em 12 de novembro de 1878. A “entrega renovada e a finalização” desta iluminação foram recebidas em estado acordado, em Paris, em 21 de outubro de 1886. (*Life of Anna Kingsford*, vol. i, págs. 289, 290 e vol. II, págs. 282, 283)

9. Os olhos do tigre na selva, a presa da cobra, o fedor dos matadouros, o lamento das bestas inocentes em dor.
10. As inúmeras encarnações do espírito, os esforços junto à masculinidade, o pulsar incessante e a corrente do desejo.
11. Tudo isso pertence a ele, que sustenta todos os Deuses em seus ombros^v; que estabelece os pilares da necessidade do destino.
12. Muitos nomes Deus lhe deu, nomes de mistério, secreto e terrível.
13. Deus chamou-o Satã, o Adversário, porque a matéria se opôs ao espírito, e o tempo acusa até mesmo os santos do Senhor.
14. E de o Destruidor, porque seu braço quebra e se reduz a pedaços; por consequência, o medo e o temor a ele estão sobre nossa carne.
15. E de o Vingador, pois ele é a raiva de Deus; seu sopro queimará todas as almas dos fracos.
16. E de o Crivo; pois ele puxa todas as coisas através de sua peneira, separando o joio do trigo; descobrindo os pensamentos do coração; provando e purificando o espírito do homem.
17. E de o Enganador, pois ele faz o falso parecer verdade e esconde o real sob a máscara da ilusão.
18. E de o Tentador, pois ele monta armadilhas diante dos pés do eleito; ele ilude com exhibições frívolas e seduz com encantamentos.
19. Abençoados aqueles que resistem à sua astúcia; eles serão chamados Filhos de Deus e cruzarão os lindos portões.
20. Pois Satã é o guardião do templo do rei; ele fica no pórtico de Salomão; guarda a chave do santuário.
21. Que nenhum homem ali entra a não ser o Ungido, tendo o arcano de Hermes.
22. Pois Satã é o espírito do medo do Senhor, que é o começo da sabedoria.
23. Ele é o devorador do imprudente e do mal; eles serão carne e bebida para ele.
24. Seja lá o que for que ele devore, nunca mais retornará dentro de um ser.
25. Tema-o, pois, após ter matado, ele tem o poder de lançar ao inferno.
26. Porém, ele é o servo dos Filhos de Deus e das crianças da luz.
27. Eles irão antes dele, e ele seguirá os passos do sábio.
28. Esteja alerta contra ele e não peque; diga seu nome com temor e busque Deus diariamente para a Ele te entregar.
29. Pois Satã é o magistrado da justiça de Deus; ele carrega a balança e a espada.
30. Para executar julgamento e vingança sobre todos aqueles que não seguem os mandamentos de Deus; para pesar suas palavras e medir seus desejos, e para contar seus dias;
31. Pois a ele está destinado pesar, medir e numerar.
32. E todas as coisas devem passar pelo cajado e pela balança e devem ser penetradas pela sonda.

33. Portanto, Satã é o ministro de Deus, Senhor das sete mansões de Hades, o anjo dos mundos manifestos.
34. E Deus colocou um cinturão ao redor de seu lombo, e o nome desse cinturão é morte.
35. Suas cordas são triplas, pois triplo é o poder da morte, dissolvendo o corpo, o fantasma e a alma.
36. E esse cinturão é preto por dentro, mas onde Foibos atinge ele é prateado.
37. Nenhum dos Deuses é cingido, exceto Satã, pois está apenas sobre ele a vergonha da geração.
38. Ele perdeu seu estado virginal; descobrindo os segredos celestiais, ele caiu na servidão.
39. Ele cerca com vínculos e limites todas as coisas feitas; ele coloca correntes em volta dos mundos e determina suas órbitas.
40. Por meio dele, são a criação e a aparência; por meio dele, o nascimento e a transformação; o dia da geração e a noite da morte.
41. A glória de Satã é a sombra do Senhor; o trono de Satã é a banquetta de apoiar os pés de Adonai.
42. Dois são os exércitos de Deus; no céu, as hostes de Miguel; no abismo, as legiões de Satã.
43. Eles são o manifesto e o não-manifesto; o liberto e o preso; o virginal e o caído.
44. E ambos são ministros do Pai, cumprindo a Divina Palavra.
45. As legiões de Satã são as emanações criativas, tendo as formas de dragões, de Titãs e de deuses elementares.
46. Abandona o mundo inteligível¹⁶¹ buscando manifestação, renunciando ao seu primeiro estado.
47. Que foi atirado ao caos, nem seu lugar se encontra mais no céu.

DOIS

48. O mal é o resultado da limitação, e Satã é o Senhor do limite.
49. Ele é o pai da mentira, porque a matéria é a causa da ilusão.
50. Para entender o segredo do reino de Deus e para compreender o enigma da *ilusão*, é preciso ter Satã debaixo do pé.
51. Só poderá ter Satã debaixo do pé aquele que estiver libertado dos grilhões do desejo.
52. A natureza é a alegoria do espírito; tudo o que aparece ao sentido é falso; conheça a verdade — somente ela torna o homem livre.
53. Pois o reino de Satã é a casa da matéria; sim, sua mansão é o sepulcro de Gólgota, onde, no sétimo dia, o Senhor deitou-se para dormir, mantendo o *Sabá* do não-manifesto.

161. Do qual o mundo sensível é a antítese. E. M.

54. Pois o dia de Satã é a noite do espírito; a manifestação dos mundos da forma é o resto dos mundos não-formulados.
55. Sagrado e venerado é o *Sabá* do Senhor; abençoado e santificado é o nome do anjo de Hades.
56. Aquele que o Ungido vencerá, erguendo-se dos mortos no primeiro dia da semana.
57. Pois o lugar de Satã é o ponto de destino da Impulsão Divina, é a prisão da força de partida; Luza, a estação da pausa e do repouso.
58. Onde Jacó se deitou e sonhou, vendo a escada que partia da Terra para o céu.
59. Pois Jacó é o anjo planetário Iaco, o Senhor do corpo.
60. Aquele que deixou a casa de seu pai e foi para um país distante.
61. No entanto, Luza não é outra *senão Santuário*; o reino de Satã se tornou o reino de Deus e de Seu Cristo.
62. Pois lá acordou o Ungido, erguendo-se do sono, seguindo seu caminho em regozijo;
63. Tendo tido a visão de Deus e visto o *segredo de Satã*.
64. Mesmo quando o Senhor se ergueu da morte e quebrou o selo de sua sepultura.^v
65. O qual é o portal do céu; Luza, a casa da separação, o lugar do sono de pedra.
66. Onde nasce a força centrípeta, conduzindo a alma para cima e para dentro de Deus.
67. Lembrando a existência dentro do ser, renovando os reinos da matéria em espírito.^w
68. Até Satã retornar ao seu primeiro estado e entrar novamente dentro da obediência celestial.
69. Tendo cumprido a vontade do Pai e concluído seu ministério sagrado.
70. O qual foi ordenado por Deus antes dos mundos, para o esplendor do manifesto e para a geração de Cristo nosso Senhor.^x
71. Quem julgará o vivo e o morto, colocando tudo sob seus pés; que são o domínio, o poder, a glória e o Amém.^y

Capítulo 16



OS SETE ESPÍRITOS DE DEUS E SUAS CORRESPONDÊNCIAS

| Elohin ou Significado do Arcanjo | Deus | Trabalho |
|-------------------------------------|-----------------|------------------|
| 1. Uriel = Fogo de Deus | Foibos Apolo | Anjo do Sol |
| 2. Rafael = Médico de Deus | Hermes | Anjo de Mercúrio |
| 3. Anael = Doce Canção de Deus | Afrodite | Anjo de Vênus |
| 4. Salamiel = Obtido de Deus | Dionísio | Anjo da Terra |
| 5. Zacariel = Homem de Deus | Ares | Anjo de Marte |
| 6. Miguel = Como chegar até Deus | Zeus e Hera | Anjo de Júpiter |
| 7. Orifiel (ou Satã) = Hora de Deus | Cronos | Anjo de Saturno |
| 8. Gabriel = Força de Deus | Artemis ou Ísis | Anjo da Lua |

| Tintura do Raio | O Espírito da Tintura do Raio |
|-----------------|--|
| 1. Vermelho | Sabedoria |
| 2. Laranja | Compreensão |
| 3. Amarelo | Conselho (aqui Reverência e Humildade) |
| 4. Verde | Poder |
| 5. Azul | Conhecimento |
| 6. Púrpura | Retidão |
| 7. Violeta | Medo Divino |
| 8. Branco | Sendo a combinação de todos os raios, implica a iluminação e a intuição de Deus, símbolos da Lua cheia e da iniciação. Atingindo este estado, a alma é a mística "mulher vestida do Sol", do Apocalipse 12,1. Gabriel, o anjo deste estado, representa o princípio reflexivo da alma. Ele não é um dos sete Elohins, mas é o complemento de todos eles, sendo o espírito de todas as luas. |

Capítulo 17



OS MISTÉRIOS DOS REINOS DAS SETE ESFERAS

Creio no Espírito Santo, cujos espíritos são como os sete raios da luz = a mente ou Sol do microcosmos, o Espírito da Sabedoria, o raio de cujo anjo, Foibos, é o vermelho da esfera mais íntima.

A Igreja Católica Sagrada ou reino do céu dentro do homem = Hermes ou Pedro, o Espírito da Compreensão, e a pedra sobre a qual a verdadeira Igreja é construída, o guardião e intérprete dos Mistérios Sagrados.

A Comunhão dos Santos ou o eleito = Afrodite, Vênus, amor, o Espírito do Conselho, ou princípio da simpatia, harmonia e luz, no qual céu e Terra são revelados um ao outro e postos juntos.

O Perdão dos Pecados ou a passagem das almas = Iaco, o iniciador, Senhor da transmigração, segundo o qual o carma é satisfeito e os pecados purificados somente pela expiação e repetição. Como Espírito do Poder, ele representa a força na qual a criação e a redenção são do mesmo modo cumpridas, a direção sendo apenas revertida.

A ressurreição (que é a redenção) do corpo, das limitações materiais = Ares, ou Marte, o Deus da guerra e Espírito do Conhecimento, do qual vem a disputa, ao preço do sofrimento e morte, pelo Conhecimento Divino, em que o homem aprende o segredo da transmutação, que é a coroação da conquista da matéria pelo espírito.

A Vida Eterna = Zeus e Hera, governantes do céu, o Espírito dual da retidão ou da piedade, que é a justiça ou a perfeita balança e o segredo da geração eterna.

E o Amém^a ou a consumação final = Saturno, ou Satã, o Espírito do Medo do Senhor, sendo o anjo — não-caído — da esfera externa e guardião da fronteira do Reino Divino, dentro do qual está a perfeição, e fora do qual, a negação do ser. (O homem completamente regenerado não precisa de “lua” para refletir para ele o “sol”. Motivo pelo qual Gabriel, não tendo função para cumprir no Cosmos perfeito, não é abstraído e não aparece nesses mistérios. Ver Parte I, nº XIV; Parte 2 “Relativo ao Gênio”).

LIVRO TRÊS



RELATIVO À IMAGEM DIVINA
OU
À VISÃO DE ADONAI

RELATIVO À IMAGEM DIVINA OU À VISÃO DE ADONAI¹⁶²

(Tendo em vista a santidade e a não-pronunciabilidade do *tetragrama* ou palavra de quatro letras que, em hebreu, constitui o nome de Jeová, os hebreus substituem invariavelmente por ele, quando falam o nome de Adonai, que em A.V. é traduzido por “o Senhor”. Estes nomes, entretanto, são substancialmente idênticos, pois ambos implicam dualidade no que diz respeito aos sexos — uma dualidade que surge, necessariamente, da natureza da função desempenhada por seu portador, que é a da expressão, palavra, ou manifestante da Deidade no caráter dual do Pai-Mãe, conforme exposto nos n^{os} VII e VIII da parte II, dos quais se deduz que esta Pessoa da Trindade não é propriamente “Filho”, mas “Filho-Filha”. Conforme exposto, a Trindade consiste em Pai, Mãe e Criança — respectivamente energia, substância e fenômeno — e representa um modelo de divindade a qual, logicamente (não cronologicamente, o tempo não tendo nenhuma relação com o eterno), é antecedente àquela da Trindade eclesiástica, em que o “Filho” aparece como a segunda pessoa e o Espírito Santo como a terceira. Pois, neste aspecto, a “Mãe” (substância) é fundida no “Pai” (energia e vontade), os dois juntos constituindo uma pessoa — a primeira, o Filho aparece como a segunda, enquanto a terceira é o Espírito Santo, ou divindade em seu modo dinâmico e ativo, como diferenciado de seu modo estático e passivo. Prosseguindo do Pai-Mãe por meio da Terra, e idêntico a eles na natureza, o Espírito Santo é, como eles, dual e constituído tanto de energia como de substância, razão pela qual os nomes e símbolos designando o Espírito Santo são masculino ou feminino, de acordo com o aspecto e função envolvidos. Em sua procissão através do Filho, o Espírito Santo se diferencia em sete modos ou potências, chamados os Sete Espíritos de Deus (conforme descrito nos n^{os} VI, VIII e X da parte II), dividindo,

162. Citado em *Life of Anna Kingsford* — vol. I, págs. 184-190 e 193.

como a luz em sua emergência do prisma, em sete raios. Estes são os Sete Espíritos de Deus, o criativo Elohim, que, com as três pessoas da Trindade, constitui os dez Zéfiros da Cabala. Funções dos princípios supremos e essenciais na Natureza Divina, eles são intitulados, quando se manifestam, Deuses e Arcanjos; visto que eles são múltiplos e vários, como as esferas e reinos da natureza, são operativos e compreendem graus e distinções incontáveis, repetindo a si mesmos como as notas de uma escala musical em muitas chaves e tons. Seus nomes são mais títulos de ordem do que designações de indivíduos. De jeito nenhum podem eles ser compreendidos pelos sentidos externos, mas, para as almas suficientemente maduras e sensíveis, eles se manifestam sob formas pessoais e simbólicas de seus officios, sendo tanto ouvidos como vistos pelo *eu* interior.

E assim, como o arco-íris é um, embora o arco-íris represente legiões — visto que são todas essas manifestações de uma e do mesmo princípio inerente na natureza da luz — assim é cada divindade uma só, contudo com sua personalidade multiplicada, do mesmo modo que todo aparecimento não é mais do que uma nova manifestação do um e mesmo princípio subsistindo na Natureza Divina e, por essa razão, subsistindo também em toda alma capaz de polarizar a divindade. Assim é a alma “Mãe de Deus” e também a dos deuses; “o homem é um universo em si próprio, com os tronos de todos os Deuses em seu templo”. E da sua cooperação é a edificação do mundo dentro do reino de Deus, e do homem na Imagem Divina, e de Adonai. Alcançando esta imagem, o homem a tem, e é Cristo, Cristo sendo o correspondente, equivalente ou sócio no homem, de Adonai na substância. E, salvando-se Adonai, são os objetos mais elevados da percepção sensível da alma. Adonai é o mais elevado de todos esses objetos, porque ele é a imagem vista no ponto do foco formado pela convergência de todas as consciências do sistema e suas polarizações com o plano mais elevado. Além dele, está a “Luz Invisível” — a “Escuridão Divina” dos primeiros cristãos místicos¹⁶³ — o ilimitado mar de sabedoria infinita, amor e poder, formulado e não-manifesto, divindade universalmente difusa; impessoal, no sentido radical da palavra, mas pessoal, no mais alto grau de seu verdadeiro sentido, aquele da consciência essencial; e de Adonai tomando forma e personalidade, nos dois sentidos.

Portanto, o Jeová ou Adonai dos hebreus não é um mero deus “tribal”, conforme suposto pelos escritores, mais estudiosos e ingênuos do que experientes ou percipientes, na força das apresentações defectivas d’Ele nas Escrituras hebraicas; nem tem Ele mais do que um simples aspecto de deidade ou um ser irreal e imaginário. Ele é, na verdade, o “um” e a suprema divindade, o ponto central, radiante e essencial do Universo — seu sol espiritual — o Deus dos Deuses, do qual procedem todos os outros e de

163. E.g. São Dionísio, “o Areopagita”.

quem todos os outros têm o modelo e aspecto. E esse é Ele; são absoluta e irrevogavelmente defeituosas e enganosas as concepções e apresentações humanas que foram feitas d'Ele. Ele é apropriadamente chamado de um Deus "ciumento" naquilo que reprova, a atribuição ao baixo ou a uma parte da honra devida somente ao mais alto e ao todo; e esse é Ele, não para o Seu próprio bem — Ele não pode sofrer perda — mas para o bem daquelas Suas criaturas que, limitando seus ideais à perfeição Divina, impedem-se a si mesmos da realização de suas próprias perfeições e, desse modo, de serem feitos à imagem do Divino. Pois o que o homem pensa, assim ele é. A visão a ser descrita de Adonai foi recebida sem conhecimento prévio por parte de seu recebedor, nem de suas possibilidades, ou de haver sido sempre reivindicado como um fato reconhecido de experiência mística, a alusão a ela na Bíblia¹⁶⁴, embora de jeito nenhum rara, tendo escapado totalmente seu reconhecimento como tendo qualquer base real na consciência.

Nesta ocasião, ela preveniu sobre algo de solenidade rara que estava por acontecer e sugeriu fazer certas preparações cerimoniais, obviamente calculadas para impressionar a imaginação. O acesso veio até ela enquanto estava contemplando a Lua, em pé ao lado da janela, então fechando-a toda.¹⁶⁵ O primeiro efeito do *affiatus* foi fazer com que ela se ajoelhasse e rezasse em êxtase, com os braços estendidos na direção do céu. Pareceu, depois, que, sob um acesso de exaltação espiritual, ela se rendeu a um súbito e incontrolável impulso para rezar e que ela poderia ter sido carregada para as estrelas, contemplando toda a glória do Universo. Nesse instante, ela se levantou, depois de contemplar o além por alguns momentos, baixou seus olhos e, fechando os braços ao redor da cabeça como para acabar com a visão, proferiu em tons de admiração, mesclados com gemidos e gritos de angústia, como sinais de esplendor intolerável da visão para a qual foi involuntariamente convidada:

“Ó, vejo massas e massas de estrelas! Fico tonta ao olhar para elas. Ó meu Deus, quantas massas! Milhões e milhões! Rodas dos planetas!¹⁶⁶ Ó meu Deus, por que Tu criaste? Foi pela vontade, toda a vontade, que Tu o fizeste. Ó! Que poder, que poder de vontade! Ó, que golfos! que golfos! Milhões e milhões de milhas espaçosas e profundas! Segure-me — ergame! Vou afundar, vou afundar nos golfos. Estou nauseada e tonta, como em

164. Êxodo. 24, 9-11; Isaías 6, 9; Ezequiel 8, 2; Daniel 7, 9-10; Apocalipse 4; 20, 11.

165. A recepção dele por mim mesmo, alguns meses antes, foi similantemente independente de conhecimento ou antecipação, e tenho sido forçado a manter um absoluto sigilo sobre isso. O relato em *The Perfect Way* (IX) foi escrito a partir de nossas experiências unidas. Muitas de nossas experiências foram, desse modo, duplicadas; as dela, contudo, largamente excedendo as minhas, tanto em número como em plenitude de detalhes. A última, provavelmente, porque eu sempre chego ao ponto desejado de conservar a possessão da consciência externa a fim de observar e registrar, ao mesmo tempo, sem saber o resultado de me deixar levar. Ver *Life of Anna Kingsford* — vol. I, págs. 124-127. E. M.

166. Foi em Paris, 23 de julho de 1877.

um mar encarpelado. Estou em um mar, um oceano — o oceano do espaço infinito. Ó, que profundidades! Que profundidades! Eu afundo; eu fracasso! Não posso agüentar!

Nunca voltarei. Deixei meu corpo para sempre. Estou morrendo; penso que estou morta. Impossível retornar de tal distância! Ó, que formas colossais! São os anjos dos planetas. Cada planeta tem seu anjo, em pé e ereto acima dele. E que beleza — que beleza maravilhosa! Vejo Rafael.¹⁶⁷ Vejo o anjo da Terra.

Ele tem seis asas. Ele é um Deus — o Deus de nosso planeta. Vejo meu gênio, que chama a si mesmo de A. Z.; mas seu nome é Salatiel.¹⁶⁸ Ó, quão extremamente lindo ele é! Meu gênio é masculino, e sua cor é rubi. O seu, Caro¹⁶⁹, é feminino, e sua cor, safira. Eles são amigos; eles são o mesmo — não dois, mas um; e, por essa razão, eles nos associaram e falam algumas vezes sobre si próprios como eu, e outras vezes como nós. É o próprio anjo da Terra, aquele que é meu gênio e seu, Caro. Foi ele quem te inspirou, quem falou contigo.¹⁷⁰ E eles se chamam Amargura. E vejo tristeza — ó, que tristeza infinda eu vejo! Tristeza, sempre tristeza, mas nunca sem amor. Terei sempre amor. Quão obscura é esta esfera! Ó, salva-me, salva-me! É do meu demônio que estou me aproximando. É Paris — o próprio Paris, uma vez de Tróia, agora da cidade que leva seu nome. Ele está flutuando, deitado. Ele vira seu rosto em minha direção. Quão lindo e escuro ele é! Ó, ele tem chifres de cabra! Salva-me, salva-me dele! E ele não me vê. Esqueci que sou invisível. Agora passei por ele.¹⁷¹

Estou agora penetrando uma região mais brilhante. Que gloriosa forma de feminilidade é aquela, tão majestosa, tão serena e dotada de sabedoria?

167. Foi como se tivessem aberto para ela a visão de um Universo dos sistemas interplanetários, invisível para a visão corpórea; e, enquanto a visão de um brilho ofuscante para os olhos espirituais, de uma consistência muito tênue para interceptar ou refratar os raios solares. Um efeito parecido teria sido produzido entrando-se na quarta dimensão do espaço, na qual todas as coisas seriam vistas sem serem modificadas pela distância ou por qualquer médium que interviesse. E. M.

168. “Quaresma de Deus”. Cada divindade tem um nome em separado para cada ofício cumprido por ela. Assim, Salatiel denomina o anjo da Terra em sua capacidade como cabeça da ordem dos Gênios, no sentido de ser o espírito supremo (do planeta), do qual cada gênio é uma manifestação, e para dentro do qual retornam no cumprimento de suas missões. Como a primeira e a última letras do alfabeto, A e Z correspondem a “Alfa e Ômega”, no sentido de implicar compreensão dos gênios de todas as ordens e graus e, conseqüentemente, todos os raios do prisma espiritual. E. M.

169. Um nome espiritual ou de iniciação que foi dado a mim, como o de Maria para ela. O último, contudo, foi um de seus próprios nomes. E. M.

170. A referência aqui é a uma experiência, de mim mesmo, cuja relação não cabe no escopo deste livro. E. M.

171. A referência aqui é a diversas visitas, pelas quais foi fustigada antes de me unir a ela na causa, a qual ela assim reconheceu pela primeira vez, e a quem acostumava chamar de seu demônio, usando o termo em seu sentido convencional. E. M.

É Palas Atenas — uma personagem real no mundo espiritual! E lá mais adiante está alguém que não preciso perguntar. Estou passando através do círculo das Olimpíadas. É Afrodite, mãe do amor e da beleza. Ó Afrodite, espírito das águas, primogênita de Deus, como eu poderia adorar-te! E os homens da Terra pensam que os deuses e deusas da Grécia eram meras fábulas! E eu os vejo, vivendo e se movendo com força e beleza diante de mim! Vejo também os gênios de todas as nações orando serenamente nos círculos celestiais. Quantos e quantos deuses da Índia e do Egito!

Quem são aqueles gigantes musculosos? São Odin e Thor, e seus companheiros, deuses da Escandinávia. Não mortos e perdidos; apenas retirados do mundo no qual eles buscaram, em vão, estampar suas imagens para sempre. Ó, o ofuscante, o brilho ofuscante! Esconda-me, esconda-me dele! Não posso suportá-lo! É agonia suprema olhar para ele. Ó Deus! Ó Deus! Estás me matando com Tua luz. É o próprio trono, o grande trono branco de Deus que vejo! Ó, que luz! É como uma esmeralda? uma safira? Não, um diamante. E seu centro está a Deidade ereta, Sua mão direita se ergue para o alto, e d'Ele se espalha a luz. De Sua mão direita jorra o Universo, projetado pela repulsão onipotente de Sua vontade. De volta para sua mão esquerda, que está abaixada e nas costas, retorna para o Universo, puxado pela atração de Seu amor. Repulsão e atração, vontade e amor, direita e esquerda, são forças centrífugas e centrípetas, macho e fêmea, pelas quais Deus cria e redime. Adonai! Ó Adonai! Senhor Deus da vida, feito da substância da luz, que bonito És em tua juventude eterna! Com teus grilhões dourados incandescentes, que adorável! E eu havia imaginado Deus como mais velho e venerável! Como se o eterno pudesse envelhecer! E agora não O vejo apenas como um homem. Pois, agora Tu és, para mim, como uma mulher. Logo, Tu és ambos. Um e dois, também. E por isso é que produzes a criação. Ó Deus, Ó Deus! Por que criaste esta existência estupenda? Por certo, por certo, teria sido melhor que restringisses Tua vontade ao amor. Foi pela vontade que criaste, somente pela vontade, não pelo amor, não foi? — não foi? Não consigo ver claramente. Uma nuvem se pôs no meio.

Vejo a Ti agora como uma mulher. Maria é a próxima junto a Ti. Tu és Maria. Maria é Deus. Ó Maria! Deus como mulher! A Ti, a Ti eu adoro! Maria-Afrodite! Mãe! Mãe de Deus!

Estão voltando comigo agora, penso. Mas eu nunca voltarei. Que formas estranhas! Como são enormes! Todos os anjos e arcanjos. Humanos na forma, embora alguns com cabeça de águia. Todos os planetas são habitados! Quão inumerável é a variedade de formas! Ó Universo de existência, quão esplendorosa é a existência! Ó, não vou para perto do Sol; não posso suportar seu calor. Já me sinto queimando. Aqui está Júpiter! Ele tem nove Luas! Sim, nove. Algumas são excessivamente pequenas. E, ó, como é vermelho! Ele possui tanto ferro. E que enormes homens e mulheres!

Lá também existe o mal. Pois o mal está onde quer que haja matéria e limitação. Porém, o povo de Júpiter é, de longe, muito melhor do que nós da Terra. Eles sabem muito mais; são muito mais sábios. Há menos mal no planeta deles. Ah! e eles têm outro sentido. Qual é? Não, não posso descrevê-lo. Não posso dizer o que é. É diferente de todos os outros. Não temos nada que se pareça com ele. Eu ainda não posso voltar. Acredito que nunca deverei voltar. Acredito que estou morta. É apenas meu corpo que estás segurando. Ele se tornou frio esperando por mim. Contudo, devo estar me aproximando. Está ficando menos profundo. Estamos saindo das profundezas. Porém, não poderei nunca retornar completamente. Nunca, nunca.”

(A apreensão dela não era sem justificativa; seu corpo estava totalmente entorpecido, e se passaram muitas horas antes que sua consciência fosse inteiramente restabelecida.

É impossível para qualquer um que não tenha testemunhado intensamente a ação dramática na qual estas afirmações foram proferidas formar qualquer concepção adequada do sentido de realidade que elas transmitiam. Mesmo tendo eu passado por minhas próprias experiências, anteriormente referidas, para segui-la em sua jornada de esfera em esfera até o mais elevado e íntimo, achei impossível duvidar que os videntes estavam certos quando, lembrando suas recordações, ela declarou sua convicção de que o que havia visto não era ilusão, mas a própria realidade do Universo. Houve para nós dois a mesma sensação de viajar através de vastos abismos de espaço e cruzar várias esferas do ser; e a mesma convicção de que a viagem foi imediatamente para o centro do próprio *eu* e para o de todas as outras consciências.

Ela descreveu a atitude e a expressão de Adonai como de absoluta calma e repouso do poder sem esforço, que é o predicado somente daqueles do Infinito. Embora portando o aspecto de humanidade, era impossível, ela sentiu, representar a forma de contorno fixa e declarar que parecia um sacrilégio tentar retratá-la. No entanto, ela fez uma tentativa, com o resultado reproduzindo o oposto. Representa, contudo, somente o aspecto masculino, a impressão do feminino tendo falhado completamente ao tentar alcançar sua consciência externa; e foi esse o caso na única outra ocasião em que ela o viu. A esse respeito nossas experiências diferem. Ela foi mais fortemente impressionada pelo elemento masculino, ou vontade, da Deidade; e eu, pelo elemento feminino, ou amor. Em outro aspecto, também houve diferença. Para ela, a forma era de alguém parado ereto e, embora calmo, enérgico; para mim era aquela da “pessoa sentada no trono” e totalmente descansado, embora engajado similarmente no ato de projeção e recordação. Essas diferenças eram, sem dúvida, devidas à diferença de temperamento dos videntes. A alma é uma lente viva que reveste com sua própria “tintura” os objetos vistos por ela.)



*Solve et Coagula (Dissolva e Recomece, ou Projete e Lembre)
Antiga Fórmula Hermética*

APÊNDICE

NOTAS A - Y

NOTA A

A duradoura controvérsia referente ao significado de *Nirvana* foi para nós resolvida em favor das duas interpretações a ela designadas. Isto quer dizer que, quando significando extinção, a extinção implicada é de dois tipos diferentes. Desses, um, chamado Nirvana celestial, designa o aperfeiçoamento e a perpetuação da individualidade da pessoa, acompanhada da extinção da individualidade externa e fenomenal. Assim, abstraído para o seu centro, o indivíduo deixa de existir, mas não deixa de ser. Em outras palavras, ele é, mas não está manifesto; o termo *existir*, em oposição a ser, implicando *estar*, foi objetivação daquilo que é, subjetivamente. A condição implica o retorno da matéria para a substância ou espírito.

O “Nirvana do Amém”, pelo contrário, designa a extinção, não somente da exterioridade do indivíduo mas também do próprio indivíduo; isto ocorrendo pela indulgência persistente de uma vontade perversa do externo e inferior, como a induzir a uma completa privação dos constituintes internos e superiores do homem, assim privando seu sistema do princípio aglutinante, de modo a causar uma, não apenas possível mas inevitável, dissolução e desintegração completa, para a extinção total da individualidade concernente. Não há perda de substância ou espírito.

O termo *Amém*, nessa relação, significa consumação ou finalização.

NOTA B

Como as cláusulas chamadas “condenatórias”, do “Credo Atanasiano”, esta declaração é simplesmente um reconhecimento solene, primeiro, da doutrina de que a salvação não é nem arbitrária nem compulsória, mas condicional e opcional, a alternativa sendo a extinção; e, em seguida, o Credo como um resumo das condições de salvação. Estes, é verdade, estão expressos em termos que, sendo simbólicos, não trazem seu significado estampado; mas nem por isso as próprias condições deixam de ser reconhecidas como auto-evidentes e necessariamente verdadeiras. Isto quer dizer que elas representam os passos necessários do processo para promulgar a alma e fundamentar sua própria natureza, de modo que, quando compreendida, a crença nelas não provoca esforço maior sobre as faculdades do que a crença em qualquer proposição auto-evidente que possa existir. Antes, seria a dificuldade em desacreditá-las.

Por conseqüência — para colocar o caso em outras palavras — a declaração da extinção da alma por meio da não-concordância com as condições aqui afirmadas de serem indispensáveis à sua perpetuação, feitas pelo iniciante em termos do Credo, é o exato paralelo e contraparte da declaração da extinção do corpo pela não-concordância com as condições indispensáveis para sua continuidade, feita pelo fisiólogo, com sua arte. Em qualquer dos casos, a linguagem é técnica, mas as verdades que escondem (dos não-iniciados) são incontestáveis; e, mesmo sendo desacreditadas por aqueles que não as entendem, elas são invariavelmente atuadas por todos — que possuem mente sonora — no melhor de suas habilidades, a despeito da falha em entendê-las. Pois, do mesmo modo para a alma e para o corpo, há dentro do homem algo que acredita e que, dessa maneira, concorda com as condições necessárias para o bem-estar, bastante independente de seu conhecimento dos processos e termos espirituais ou psicológicos, e que não precisa mais do que equidade, e não de ser frustrado por sua vontade perversa para alcançar sua salvação.

Logo, a declaração em questão não é uma ameaça, é mais uma promessa — uma promessa de que quando chegar a hora de compreender o processo pelo qual a salvação é alcançada, o próprio fato compreendido é um sinal de que a salvação foi atingida; pois, uma vez entendida, não pode mais ser menos acreditada do que a gravitação ou qualquer outra certeza do mundo físico.

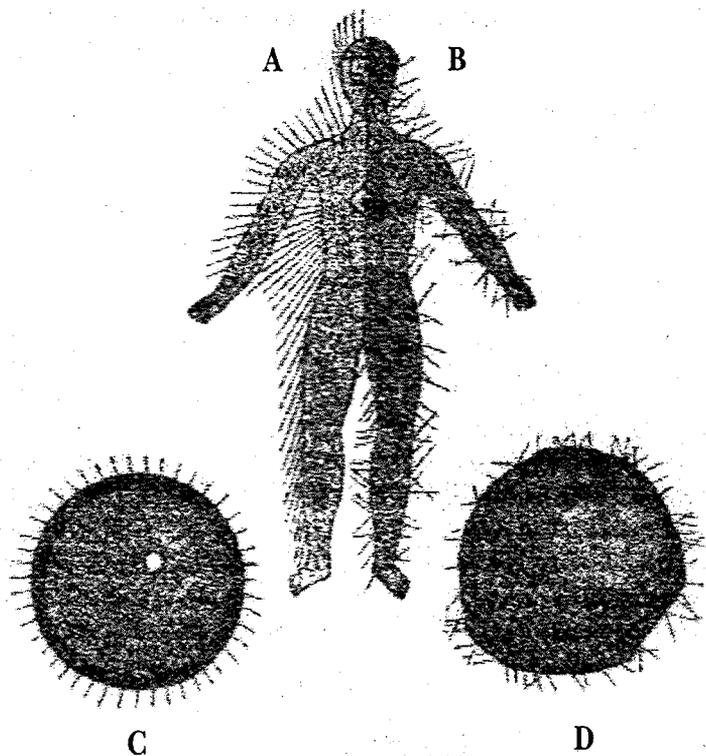
Ora, ter compreendido isso é ser “iniciado”.

NOTA C

Na conclusão desta instrução, para melhor capacitar os videntes a entenderem a descrição feita nos versos 9 e 16, foi dada a ela uma visão de

duas formas humanas com suas moléculas, uma da ordem do homem regenerado e a outra da desordem do homem não-regenerado, como nos dois lados A e B da figura abaixo, a qual representa uma combinação da metade de cada uma das formas. No caso de órgãos específicos, os raios representam a direção magnética de cada órgão como um todo, e não o de suas moléculas constituintes, já que a polarização ordenada destes não é para o centro comum do sistema mas para o centro de seus órgãos particulares, e somente de modo indireto para este centro comum.

Do mesmo modo, as figuras C e D mostram a unidade ou célula psicológica — o tipo de cada entidade cósmica. A primeira em seu estado de total desenvolvimento e com saúde, em que os conteúdos protoplasmáticos são puros, e o núcleo e o nucléolo (que correspondem à alma e ao espírito), completamente desenvolvidos; e os pólos magnéticos convergentes; e a última em uma condição rudimentar e de desordem, com o nucléolo ou espírito ainda não-polarizado. As quatro esferas correspondem, respectivamente, ao físico, ao astral, ao psíquico e ao espiritual; ou corpo, mente, alma e espírito.



NOTA D

Isto deve ser tomado mais como uma expressão poética do que científica.

NOTA E

Estes Hinos dos Deuses foram, como tudo o mais no texto, recebidos sob iluminações, ocorridas principalmente em sonho, durante alguns anos, começando em 1878. Eles constituem uma síntese dos Mistérios Sagrados dos egípcios, gregos, hebreus e cristãos — sendo que os últimos três derivaram do primeiro e são substancialmente idênticos a ele e uns aos outros, sendo expressos em termos derivados, indistintamente, de todos eles.

Eles representam, ao menos em larga escala, uma recuperação dos rituais e fórmulas, orais ou escritos, que eram realmente usados nos Mistérios antigos e sobre os quais os escritores da Bíblia se aproveitaram. Não foi apenas declarado para nós, mas foi indicado pelas circunstâncias sob as quais parte considerável deles foi obtida. Por exemplo, nº XIII, Hino a Iaco, o Deus-Planeta, foi obtido principalmente em sonhos, nos quais os videntes tornaram a desempenhar o que ela sentiu, sendo positivamente assegurado que aconteceu em uma de suas existências passadas, quando ela cantou no coro como integrante do corpo de sacerdotes e sacerdotisas, tomando parte em uma procissão através dos vastos corredores de um templo egípcio.

Relativo a isso, restauração e outras certas particularidades com relação aos Deuses, ver o prefácio e a nota da página 181.

NOTA F

Como é bem conhecido pelos estudantes de ciência oculta, o nome de Hermes foi, desde os tempos pré-históricos, para o Mundo Ocidental, o imediato sinônimo para problemas profundos e para interiorizações interpretativas, tendo sua alegação de ter possuído “as três partes do conhecimento de todo o Cosmos” — ciência, filosofia e religião — sido sempre reconhecida. Se o nome designa originalmente algum homem real que, por sua eminência no conhecimento, foi transferido para a divindade, ou se originalmente designa a divindade que foi transferida a algum homem suposta ou realmente inspirado por ele, não há evidência histórica que determine. É suficiente saber que, como um fato indubitavelmente histórico, alguns dos sábios antigos mais sérios declararam ter sido Hermes a divindade fonte de seus conhecimentos, e que a maneira de sua recepção corresponde, em todos os aspectos, àquela sob a qual as iluminações deste livro foram recebidas. Foi como sendo o próprio princípio da compreensão que ele foi reconhecido pelos hermetistas na frase: “*Est in Mercurio quicquid*

*quaerunt sapientes*¹⁷²; e pelos autores do maravilhoso compêndio do transcendentalismo hebreu, a Cabala, quando declaram que “todos os mistérios estão em Chockmah” — a *Mente* dos gregos; como também pelo famoso neoplatonista, Proklos, quando assim escreveu:

“Hermes, como mensageiro de Deus, revela-nos Sua vontade paternal e — desenvolvendo em nós a intuição — concede-nos o conhecimento. O conhecimento que desce do alto para a alma supera qualquer outro que possa ser adquirido por mero exercício do intelecto. Intuição é a operação da alma. O conhecimento recebido de cima por meio dela, descendo para dentro da alma, preenche-a com a percepção das causas interiores das coisas. Os Deuses anunciaram-no com suas presenças e por iluminação, capacitando-nos a discernir a ordem universal.”

Pois, “no Celestial, todas as coisas são pessoas”; e é como pessoas que os princípios Divinos manifestam-se para si e para a alma, tendo sido vistos e ouvidos, quando devidamente receptivos e perceptivos. Se aquelas formas, sob as quais se manifestaram para Anna Kingsford, eram aquelas do Egito e Grécia, foi porque — fomos assegurados — ela havia sido uma iniciada dos mistérios greco-egípcios, e aquelas formas ficaram indubitavelmente impressas nela.

Ora, para todos os iluminados por Hermes, a doutrina é idêntica, e é a doutrina básica das escrituras sagradas.

O nome Hermes, que é grego, significa tanto pedra como intérprete — aquele que *fica sob* e aquele que *compreende*.

E (conforme declarado em *The Perfect Way*, I, 20) foi para Hermes, como o inspirador e instigador da confissão de Simão, e não ao homem que Jesus endereçou a apóstrofe “Tu (que Compreendes) és Pedro, ou pedra, e sobre ti construirei minha Igreja”. Chamado Pedro como o divulgador da confissão, Simão alegava ser ele a pedra da Igreja. Ele também assumiu o cargo — assim como Hermes — de guardião dos Mistérios. Mas ele ainda precisaria justificar a alegação de ser o cumpridor daquela outra função de Hermes, a de ser seu intérprete. Até agora, conforme representado pela Igreja que o proclama seu patrono especial, ele somente se manifestou em seu papel no Novo Testamento — censurado por Jesus — de tapador, não de abridor, dos ouvidos.

NOTA G

Como Espírito da Compreensão, é função de Hermes reconhecer e indicar os limites e distinções entre as diferentes coisas, qualquer que seja o departamento da existência, de modo a não haver confusão ou intrusão. Desse modo, no plano físico, foi-lhe confiada a guarda das fronteiras e

172. Tudo o que o sábio procura está em Hermes.

limites. Contudo, embora discernindo e determinando as limitações, não foi ele quem as determinou. Esta era a função do anjo da esfera mais elevada, o “último dos Deuses”, Saturno ou Satã, conforme explicado na Nota U.

NOTA H

Argos, o monstro com cem olhos, representa o “poder das estrelas” sobre a alma, isto é, o poder do carma ou do destino adquirido pela alma por meio de seus erros de conduta, durante os estágios não-regenerados de sua existência. Como é pelo desejo de compreensão, de sua própria natureza e da existência que a alma acaba sob servidão, cabe a Hermes, como o anjo da compreensão, resgatar a alma, concedendo-lhe a necessária instrução para seu aperfeiçoamento. Embora emancipada por Hermes das tramas do destino, a alma se ergue acima de todas as limitações e, tornando-se uma “mulher vestida do sol”, usa como jóias em sua coroa as estrelas sobre as quais triunfou, cada uma representando uma graça ou presente espiritual adquirido no conflito com a materialidade. E assim, por ela, disse-se que Hermes matou Argos. Para mais informações sobre este assunto, ver *The Perfect Way*, vols. II, 27, e IX, 13-17. E, para a importância que a Bíblia dá à função de Hermes, ver as inúmeras passagens citadas a respeito da concordância das várias formas de compreensão da palavra.

NOTA I

As serpentes, quando usadas para designar sabedoria, são os “serafins” ou raios do sol (espirituais), isto é, são Emanações Divinas. A “serpente do pó”, ou de natureza astral e inferior, é o vigia do serafim e representa mais a astúcia do que a sabedoria, conforme demonstrado pelo seu modo de andar, clandestino e sinuoso.

NOTA J

Atlas implica discrição. Ele era um dos espíritos Titãs ou mundanos e “irmão” de Prometeu, Epimeteu e Menécio, ou Precaução, Reflexão e Deliberação, criados da, e no exercício da, ignorância e descrença de Deus. Neste aspecto, ele é o tipo de discrição ensinada pela experiência do esmagador peso do mundo sobre aqueles que são destituídos dessa qualidade, principalmente como demonstrado pela sua inabilidade em reprimir a palavra.

NOTA K

A ocasião em que nos foi dada esta “exortação” foi de peculiar interesse. O finado Laurence Oliphant era, na ocasião, o representante inglês e

agente de Thomas Lake Harris, o fundador e chefe de certa irmandade nos Estados Unidos. E, tendo ouvido de um amigo em comum a respeito de nosso trabalho e experiências espirituais e desejoso de angariar recrutas para seu chefe, veio a Paris para nos ver, quando, após nos dirigir diversas perguntas, declarou sermos possuidores das qualificações necessárias. Pediu que renunciássemos a qualquer coisa que estivéssemos fazendo e nos colocássemos à disposição de Harris, a quem ele anunciara como o profeta e rei da nova revelação; em resumo, um novo avatar de Cristo. Falhando ao fazer isso, ele nos assegurou que iríamos infalivelmente ocasionar uma horrenda catástrofe. Não sabendo nada da doutrina de Harris, mas respeitando-o por sua indubitável faculdade poética e tendo alta consideração por seu emissário, com o qual tive algum conhecimento anterior, rogamos por mais informações. Isto nos foi devidamente concedido, apenas resultando em descobrirmos estar em desesperançado desacordo, razão pela qual julgamos imaginários seu caráter, sua falha em satisfazer às necessidades tanto da mente como da alma e a natureza das experiências nas quais estava fundamentado. Pois, embora os reconhecendo como verdadeiros, também reconhecemos como pertencendo não à região espiritual e Divina da natureza humana, mas ao magnético e astral, e como representando uma condição desordenada deste. E a confirmação dessa visão foi dada na noite seguinte à Sra. Kingsford, em um sonho no qual ela viu fértil deserto com sereias, Lorelais e outras formas fantasmagóricas, pelo qual pôde compreender serem da ordem daqueles que pretendiam ser os “anjos contrapartes” e as “mulheres arquinaturais” da escola de Harris — mais tarde chamada por *Oliphant de “Sympneumata”* —, mas que eram os produtos mórbidos da parte do sistema do homem que é sempre misticamente chamada de deserto, sendo a região astral que intervém entre o “Egito”, do puramente material, e a “Terra Prometida”, do puramente espiritual — uma região que, de fato, tem de ser adentrada e atravessada por todos os que buscam a perfeição, mas a qual não deve, de modo algum, ser confundida com a meta ou com sua indevida demora.

Uma segunda visita de Oliphant não serviu, de jeito algum, para nos reconciliar com seu ponto de vista, muito pelo contrário. E nas primeiras horas da manhã seguinte, a Sra. Kingsford recebeu a “exortação” em questão, aparentemente em resposta a uma fervorosa solicitação minha, feita sem o conhecimento dela, por alguma instrução definitiva, que pudesse ser útil ao nosso visitante, assim como para nós também. Esta esperança, com relação ao visitante, foi em vão, pois, após o recebimento de uma cópia, ele não respondeu e nunca mais se aproximou de nós. Os principais pontos que condenam a doutrina proposta por nosso visitante são:

1. Sua rejeição ao treinamento mental e ao conhecimento intelectual — em resumo, da compreensão — em favor das influências externas e experiências fenomenais, como a fonte e critério da verdade;

2. Sua exaltação do personagem terrestre doentio como rei e senhor espiritual;
3. Sua falha em reconhecer uma dieta da carne como incompatível com as aspirações mais elevadas; e
4. Sua imaginária relação sexual e doutrina de “sósias”, sendo esta última, como fomos instruídos em seguida, uma farsa, devido aos espíritos enganadores, do processo místico na alma, chamado de “casamento da regeneração” — os erros em questão sendo aqueles nos quais os neófitos são particularmente capazes de ser ludibriados.

Quanto a Oliphant, deve ser dito que mais tarde ele se desligou de Harris e mudou seu ensinamento. Porém, a mudança não foi radical, e um exame de suas últimas visões falharam em tentar diminuir, pelo menos, a lacuna entre nós.

Esta ocasião foi a primeira na qual Hermes admite a si próprio, embora não a primeira em que ele assume a orientação sobre nós e nosso trabalho, deixando que o identifiquemos por nós mesmos. Duas das primeiras experiências da Sra. Kingsford a esse respeito estão narradas em *Dreams and Dream-Stories*, nos II e IX, no primeiro dos quais levou-nos a combinar nossas faculdades para o prosseguimento do trabalho interpretativo, ao qual há muito me dedicava; e, no último, prescreveu uma abstinência rígida, especialmente de carne e comida cozida, como condição essencial para a plena percepção das coisas espirituais. Na ocasião anterior, ele se apresentou com aspecto duplo, de carteiro e de João Batista; no primeiro, em sua capacidade oficial de “Mensageiro dos Deuses” e, no último, como a necessidade de nossa aplicação ao princípio representado pelo Batista — aquele da purificação do corpo e da mente — para o discernimento verdadeiro da idéia de Cristo. Mas foi somente por meio de estágios, e depois de considerável período, que o pleno significado da instrução se descortinou para nós; tão mais avançado era do que até então sabíamos.

Sua reivindicação ao poder de conferir a Vida Divina era, em si mesma, a demonstração de sua própria divindade. Nenhuma simples alma, nem espírito de nível abaixo do Divino pode, ou acharia poder, reclamar tal reivindicação.

A verdadeira “bi-unidade” do homem místico, citado no verso 25, consiste no equilíbrio da mente e da alma, conforme demonstrado pelo uso igual dos dois modos da mente, do intelecto e da intuição, que são, respectivamente, seus modos masculino e feminino.

NOTA L

Embora Dionísio e Afrodite sejam, *misticamente*, o terceiro e quarto dos Deuses, eles são, na realidade, o quarto e o terceiro, sendo estas suas posições relativas pela ordem de seus planetas e de seus correspondentes

raios no espectro. Pois Vênus, que tem no Sistema Solar o lugar do amarelo no prisma e que é a mais brilhante, tanto dos planetas como dos raios, vem a seguir de Hermes, cujo raio é o laranja e cujo planeta é Mercúrio; e o planeta de Dionísio ou Iaco — a Terra — cujo raio é verde, vem a seguir de Vênus. E esta é a posição deles na teologia grega e hebraica (para esta última, ver Isaías 11, 2-3, de preferência a versão de Douay) e no “Credo dos Apóstolos”. Porém, na teogonia e cosmogonia mosaica, esta ordem é invertida, e a criação da Terra, que é representada por Dionísio, é colocada no “terceiro dia”, enquanto o trabalho de Afrodite é colocado no “quarto dia”. E, nessa ordem, estes hinos foram recebidos e aqui entregues. O que segue são as principais razões para esse argumento:

1. Como espírito do amor ou do conselho, Afrodite é a iluminadora dos olhos espirituais e a reveladora do céu na Terra. Ela é também a força centrípeta pela qual o homem é levado em direção a Deus. Por isso a Terra deve ter existido, e a força centrífuga deve ter cumprido sua parte no trabalho da criação, antes que ela tenha exercido sua função no trabalho de redenção.
2. Como espírito do poder e representante da força centrífuga, na qual a substância Divina é projetada na condição de matéria, e a Terra criada, Dionísio deve exercer sua função antes que a força centrípeta, que é o amor, possa se manifestar.
3. Como representante da alma, a qual, embora primeira em ser e em dignidade, é a última a encontrar reconhecimento, Afrodite permanece imperceptível até ser polarizada por meio dos elementos do corpo, de forma que, embora o amor realmente subsista antes de qualquer exercício da força, visto que ela é a fonte do desejo que põe a força — de que tipo for, física ou mental — em ação, ela é velada e escondida até que a mente reconheça a sua necessidade e adquira o poder de discernir, razão pela qual seu “dia” ou manifestação sucede o de Dionísio.

NOTA M

O significado disso, e o menos óbvio dos símbolos anteriores, é o que segue:

V. 2. “Nascido duas vezes” designa regeneração. O primeiro nascimento é aquele do exterior ou homem corpóreo; o segundo é aquele do interior ou homem espiritual. Este último é produzido no e pelo anterior e é assim o “Filho do homem”; mas, ao passo que os pais verdadeiros são a alma e o Espírito Divino, e a alma, quando pura, é misticamente denominada de água e “Virgem Maria”, diz-se que o homem interior ou espiritual é nascido da água e do Espírito, ou da Virgem Maria e do Espírito Santo, e é, ao mesmo tempo, o solo do homem e o de Deus. Ver “Definições”, *Regeneração*.

Iaco, sendo o *místico* Baco, designa o Espírito planetário após sua passagem, por meio deste processo, na alma humana e através dela, sendo que o modo de perfeição é o mesmo, tanto para o macro como para o microcosmos.

— “Abaixo da terra”, uma frase equivalente a “cavernas de Iaco” (Parte 2, nº XIV (3)), implicando os mistérios do corpo.

V. 3. “Os chifres do carneiro”, um símbolo de força, especialmente de força intelectual.

— “Que monta em todos os asnos”, um símbolo, ao mesmo tempo, de humildade e de paciente tolerância. Este animal é marcado com uma cruz nas ancas.

V. 4. A “Filha do Rei” é a alma tanto do individual como do universal, assim chamada porque procede da mente superior, ou *Mente*, misticamente intitulada de o Rei. O Deus-Planeta é aqui reconhecido como procedente e constituído da vida e da substância universal.

NOTA N

Ver nota na página 181.

NOTA O

O aperfeiçoamento total, quando ainda no corpo, do processo designado pelo termo Cristo envolve a redenção do corpo de suas limitações materiais, pela reversão de seus constituintes da condição de matéria para a de espírito. Isto é chamado transmutação e também ressurreição. Ver Parte 2, nº IX; ver também “Definições”, *Ressurreição*.

NOTA P

Poseidon é chamado “pai das almas” por ele representar a energia masculina do mar, o qual é o símbolo da substância, ou “Mãe” das almas. É por esta razão que ele é escolhido como emblema do terceiro Evangelho, o de Lucas, o qual trata, especialmente, das relações de Cristo e com a alma, como distinta dos outros três elementos do microcosmos. Ver Nota R.

NOTA Q

Através da contemplação, o homem sábio adquire sabedoria, da qual o produto mais elevado é a “pedra filosofal” de um espírito perfeitamente calmo e inacessível a assaltos, tanto de fora quanto de dentro. Por meio da sabedoria, a alma é atraída e absorvida. O significado místico da cabeça da

Medusa Górgona é, portanto — como é habitual nas apresentações místicas —, o oposto do significado aparente.

NOTA R

O trono de safira e as quatro rodas de Ezequiel; o Merkaba ou Carro da Cabala; a Caaba ou Cubo do Islã; os quatro Rios, do Éden; as quatro criaturas vivas de Ezequiel; o Apocalipse e o livro de Enoque, que também é o símbolo dos quatro Evangelistas; e a carruagem celestial de Adonai — todos estes, do mesmo modo, designam a existência quádrupla na qual, como em um veículo, a Deidade descende em manifestação ou criação e do qual tanto o macro como o microcosmos são constituídos. Os quatro são, respectivamente, o material, o astral, o psíquico e o espiritual. Ver *The Perfect Way*, VI Partes I e VIII, e final da Parte III.

NOTA S

Razão pela qual diz-se que o Cristo, como a realização das potencialidades divinas do homem, nasceu em uma caverna e um estábulo.

NOTA T

V. 28. A escolha do pombo-torquaz como emblema do Espírito Santo é por causa dos matizes do círculo ao redor de seu pescoço, cores que são tomadas para representar os Sete Espíritos de Deus ou raios do prisma constituído pela Trindade.

V. 29. A única mensagem da Terra que pode achar aceitação no céu é aquela que anuncia a consumação da profecia do Apocalipse 16, 12, que diz que “a água do grande rio Eufrates secou-se, para que se preparasse o caminho dos reis que vêm do lado do nascimento do Sol”.

Pois o Eufrates é a vontade do homem e, até então, foi “seco” e sublimou-se nele; e não é mais a vontade humana, mas a Divina; e ele não pode receber os Conhecimentos Divinos, dos quais os “reis do Oriente” são portadores, ou mensageiros da fonte de toda luz espiritual. Foi dado a Anna Kingsford ser a primeira a identificar esses “reis”. A tradição cristã coloca como três. Ela os reconhece como os três princípios no homem, sem cuja operação combinada nenhuma verdade pode ser discernida, mas que, por meio da operação combinada, toda verdade pode ser, a saber, o espírito, a alma e a mente, operando, respectivamente, como aspiração certa, percepção certa e Julgamento certo. E a consequência de seu advento, tanto para o individual como para o geral, é sempre aquele “ano de aceitação do Senhor”, no qual é dito que “o conhecimento do Senhor cobrirá a Terra como as águas cobrem o mar”, e a alma estará em paz.

Para aqueles que reconhecem e apreciam o trabalho dela, é muito difícil não relacionar seus próprios nomes como uma profecia da tarefa que lhe foi confiada, vendo que um caminho especialmente preparado para os reis cruzarem um rio seco não é outro além de um *Kings' Ford**, e que o “bom tempo” chamado “ano de aceitação do Senhor” não é outro senão um *Annus Bonus*.

Entre outras chocantes e não menos inintencionais coincidências, no que diz respeito à ação humana, está aquela dos nomes dados a ela na sua recepção dentro da Comunhão Romana — muito anterior ao seu trabalho espiritual —, pois eles eram os nomes de todas as mulheres que estavam à beira da cruz ou no sepulcro.

Por esse passo, como também por aquele de colar grau de medicina na Universidade de Paris, ela foi — como ficou claro para nós, no devido tempo — preparada antecipadamente para seu escolhido trabalho espiritual. Tendo como objetivo a queda do sistema materialista do mundo, tanto na religião como na ciência, foi exigido que o instrumento para aquele trabalho deveria, a fim de poder falar com pleno conhecimento, ser iniciado nas principais fortalezas do próprio sistema condenado.

NOTA U

Há duas procissões dos sete Deuses primários ou Espíritos e Deus; a primeira pela emanção e a segunda pela evolução, porém a evolução não é dos próprios Deuses, mas de suas manifestações no tempo. A direção de uma dessas procissões é o inverso da outra. A primeira é de dentro para fora e ocorre por meio da operação da Deidade dentro e acima de si própria. Por meio desta operação, as Potências Divinas são projetadas para o mais distante limite do Cosmos destinado, o qual — embora os elementos sejam quádruplos — é sempre na idéia um globo consistindo em sete esferas concêntricas, cada divindade possuindo sua própria esfera e o mais externo sendo designado a Saturno ou Satã, que é assim a circunferência da entidade interessada, tendo, além dela, nada mais do que o vazio. Representando a sétima e mais extrema esfera e projetada após todas as outras, Saturno é chamado de sétimo e último e, portanto, o “mais jovem dos Deuses”. Do mesmo modo que a matéria é o último antitético ou “adversário” do espírito, embora sem deixar de ser espírito, assim é Saturno — ou Satã — o último antitético ou “adversário” de Deus, embora sem deixar de ser Deus.

É nessa esfera que a manifestação começa, pois não é apenas a esfera da matéria, que é Espírito — pela força da Vontade Divina projetada nas condições e limitações e feita conhecida exteriormente —, mas Saturno é o próprio princípio da manifestação e, desse modo, da matéria, do tempo e

*N. do T.: King = rei / Ford = cruzar a vau (o rei cruza o rio).

de todas as outras condições limitantes. Portanto, ele é também o princípio da individualização, pelo qual, sendo universal e abstrato, o Espírito torna-se particular e concreto. Ele próprio, o primeiro a ser manifestado no Cosmos assim iniciado, Saturno abre a procissão, aquela por meio da evolução, sendo, nessa ordem, o primeiro e mais “velho” dos Deuses. E tendo sua esfera ou reino como base, o Cosmos é construído em seu interior, cada Deus presidindo o trabalho em seu próprio domínio, até que o todo seja completado pelo alcance do mais íntimo e elevado. Isto cumprido, o Cosmos é completado na Imagem Divina, o *Sabá* da perfeição é alcançado, e “Deus descansa de seu trabalho”, no que diz respeito à entidade particular.

Estas duas procissões, que estão em perpétua operação simultânea por toda a duração do Universo manifesto, representam e são devidos a duas forças, ou melhor, a dois modos de força, que constituem duas correntes consistindo em substância e energia Divinas. Dessas duas correntes, uma flui para fora e para baixo, e a outra para dentro e para cima; uma é centrífuga, a outra, centrípeta; uma é projetiva, a outra, atrativa; uma representa a vontade, a outra, o amor; uma resulta na criação, a outra na redenção. E, como complemento uma da outra, são indispensáveis uma à outra e à estabilidade do Cosmos, uma vez que são as forças centrífuga e centrípeta para a estabilidade do Sistema Solar; e, ao passo que uma é masculina e a outra é feminina, o homem não é mais tido como “feito da Imagem Divina, macho e fêmea”, porque não apenas são feitos dessa imagem, mas também da dos Sete Espíritos da Díade Divina.

A substância de todas as coisas é espírito, é consciência, motivo pelo qual todas as coisas são modos de consciência e todos os seres são consciência. E esta é ser, e a não-consciência é o não-ser. E ao passo que a esfera externa de qualquer entidade existente é aquela do modo mais inferior de consciência, que chega à negação, aquela que existe sem essa esfera é não-consciência e, portanto, não-ser — na qual a entrada significa a extinção do ser. De uma só vez, a negação da consciência e do ser constitui a negação de Deus, que é tecnicamente chamado de demônio.

A importância transcendente das funções de Satã e de suas absolutas necessidades, não apenas para o bem-estar mas também para o próprio ser do indivíduo, torna-se especialmente aparente quando é considerado 1) que, como “córrego da Impulsão Divina”, ele é o limite circunferente no qual a substância árida da vida é presa em seu curso externo e retornada para seu centro, assim convergindo em um Cosmos permanente. Este, pela intervenção de Satã, será dissipado no espaço; e 2) que, se não fosse pela sua guarda da esfera externa, não haveria nada que impedisse a irrupção do vazio circundante para dentro do Cosmos de seu inimigo mortal, o princípio, se é que o termo pode ser aplicado a uma não-entidade, à negação de Deus e, assim, de todo ser.

As passagens nas quais a Bíblia parece identificar Satã com o demônio não constituem, quando devidamente consideradas, nenhuma contradição

a esta visão, mesmo sem a ajuda ponderada de passagens que favorecem diretamente esta visão. Pois, embora constituindo partes integrantes do mesmo Cosmos, o interior e espiritual e o externo e material são, em um sentido, antagônicos entre si, e um retrocesso do primeiro para o último, quando o primeiro tiver transcendido, é uma degradação que, ao menos temporariamente retida, leva a alma a uma região de negação. A esfera de Satã e do demônio é confinante, e onde o curso descendente persiste, Satã torna-se o ministro do demônio daquela esfera expulsando este, irremediavelmente perverso, dos limites do reino, destinando-o à destruição final. Mas sua antipatia não é pelo pecador, mas pelo pecado, e suas “tentações” são um julgamento, e não a condenação daquele a elas sujeito, para testar sua adequação ao reino. O apocalíptico “ligado a Satã por mil anos” não é mais do que uma expressão que implica a isenção dos santos de um retorno às condições materiais por um prolongado período, durante o qual se diz que Satã está confinado, no que concerne a eles. Porém, nem que tivesse sido a intenção dos autores da Bíblia identificar o demônio e Satã da maneira geralmente suposta, nenhuma autoridade em livros pode passar por cima e fixar em nada uma verdade necessária e auto-evidente, claramente discernível como fundamentada na própria natureza da existência, tal como a interpretação dada aqui. E, de fato, conforme declarado no prefácio e em outro lugar, um dos principais propósitos da restauração representada por este volume é o de “abolir completamente os ídolos, sejam eles livros, pessoas, tradições ou instituições”.

Todavia, não há a menor razão para atribuir tal intenção aos escritores da Bíblia. Eles escreveram como iniciados para iniciados, e sabiam que, por meio desses, os valores verdadeiros seriam anexados aos termos empregados, contudo, passíveis de serem confundidos com outros. E razão suficiente para tal ocultação da verdade referente a Satã encontra-se no fato de ser o mais invejosamente guardado de todos os mistérios, sendo — conforme as instruções dadas a nós — comunicada somente aos iniciados do grau mais elevado. E foi-nos concedida sob injunções de nossa observação do estritamente secreto, pelo menos “até a palavra ser completada”; e somente na última doença da Sra. Kingsford isso foi cumprido, que a promulgação foi permitida. A personalidade assumida pelo espírito iluminador, na ocasião, foi aquela de Foibos Apolo — uma indicação de que, devido à sua natureza profunda, somente por meio do primeiro dos Deuses pode ser desvendado o mistério que coroa o último dos Deuses.

NOTA V

Diz-se que Saturno, como Cronos ou Tempo, sustenta todos os Deuses em seus ombros, porque suas manifestações ocorrem no e durante o tempo; e ele é, ele mesmo, o primeiro a manifestar-se e o próprio princípio

do tempo e da manifestação. Além disso, as faculdades no homem, pelas quais encontram reconhecimento pelo homem, são produtos de experiências adquiridas com o tempo. Isto estava implícito na visão mostrada à Sra. Kingsford na véspera do recebimento da primeira parcela desta instrução relativa a Satã — uma visão, naquela ocasião, totalmente ininteligível, na qual ela vê Hermes sendo carregado através do espaço nas costas de Saturno.

NOTA W

Isto é, da condição de existência ou ser manifesto, para a condição de ser puro ou não-manifesto.

NOTA X

O espírito do ego regenerado em que, e pelo qual, realizamos as potencialidades Divinas de nossa natureza é, para cada um de nós, o “Cristo nosso Senhor”. E, visto que esse ego é gerado no tempo, é a coroa da manifestação e a realização final da Idéia Divina na criação, por meio de quem a evolução de todo o Universo trabalha junto, e que Satã é o princípio da manifestação, diz-se que o ministro de Satã foi “ordenado de Deus, antes dos mundos, para o esplendor (ou resplendor) do manifesto e da geração de Cristo nosso Senhor”. E isto se aplica a Cristo sob o mesmo ponto de vista que do microcosmos ou individual e do macrocosmos ou universal. Pois, da mesma forma que o próprio macrocosmos compreende e é constituído pela soma total dos microcosmos, assim o Cristo macrocósmico compreende e é constituído da soma total dos Cristos microcósmicos ou espíritos dos egos humanos regenerados. Tudo isso por meio do Universo todo sendo combinado e misturado em uma personalidade inalterável, representando a individualização do Ser Supremo ou personificação do Impessoal Divino, por meio do homem e da evolução. Assim, “gerado” e constituído, Cristo é o “Filho” no qual e pelo qual o “Pai” encontra Sua última expressão plena, assim como ocorre na órbita solar com a luz não-manifesta e o calor do sistema.

Contudo, a consciência ou potência do Cristo universal não pode ser considerada como limitada à soma total das consciências associadas dos egos humanos que a compõem, não mais do que a consciência do homem individual deve ser considerada como limitada pela soma total das consciências associadas de seu sistema. Pois, do mesmo modo que o ego humano representa todas as consciências do sistema do homem centralizadas dentro de uma unidade e polarizadas para um plano superior, assim também o Cristo macrocósmico representa a consciência de todos os Cristos microcósmicos centralizados dentro de uma unidade e polarizados para um plano superior. Assim, como — para citar *The Perfect Way* (v. 17) —

“a alma do planeta é mais do que as essências associadas das almas que a compõem; e a consciência do sistema é mais do que as consciências do mundo associadas; e a consciência do Universo manifesto é mais do que aquela dos sistemas associados, assim é o Cristo universal mais do que a soma dos Cristos individuais ou dos Espíritos Divinos dos egos humanos regenerados, dos quais é constituído. E, assim como no microcosmos individual este Cristo é o ponto radiante ou ‘Vida Única’, do qual o resplendor Divino flui para iluminar e vivificar o homem, assim no macrocosmos universal o Cristo, semelhantemente constituído, é o ponto radiante ou ‘Vida Única’, do qual o resplendor Divino flui para vivificar e iluminar a Igreja universal, invisível e visível, do eleito, que é o núcleo do qual Ele é o núcleo, ou corpo do qual Ele é a alma. E no que Ele difere e ultrapassa todos os outros Deuses — mesmo quando constituído como eles — é que, ao passo que eles apenas representam modos parciais ou aspectos da Deidade, cada um sendo apenas um único raio do espectro Divino, Ele representa a Deidade em seu todo, visto que Ele combina em Si mesmo todos os raios Divinos, sendo o resultado da operação deles todos. Assim gerado pela humanidade e, portanto, Filho tanto de Deus como do homem, e ‘fora, Senhor’, Ele se torna sócia ou *réplica* de Adonai, o qual — sendo gerado em substância — é somente o Filho de Deus, e é o *Senhor*”.

Agora, “a consciência da Deidade não-manifesta é maior do que a da manifesta, pois a manifesta não exauri a não-manifesta”. Por consequência, na manifestação, “o Pai é maior do que o Filho”; enquanto na substância eles são “co-iguais e co-eternos”.

NOTA Y

A diferença entre a razão dada aqui para a morte e enterro do Senhor (versos 53, 64) e aquela de Jesus na Parte 1, nº XXXIII, não apresenta nenhuma dificuldade quando considerando que a primeira trata, como fazem também os evangelhos, da história mística ou espiritual do típico Homem Regenerado, e a última com sua história física, que é suficiente para o propósito da narrativa que a correspondência entre as duas histórias seja apenas geral e não particular. O objetivo dos evangelhos não era exaltar um indivíduo, mas delinear uma ordem, a ordem dos “Filhos de Deus”, a fim de exibir as mais elevadas possibilidades da humanidade. E é por essa razão que, quando os eventos ocorridos com Jesus foram usados e adaptados para ilustrar certas doutrinas, eles não narraram todos os detalhes. Desse modo, segui-los teria sido narrar a história física de apenas um dos “Filhos de Deus”, ao invés da história espiritual de todos eles.

DEFINIÇÕES E EXPLANAÇÕES DOS TERMOS E FRASES NEM SEMPRE FAMILIARES OU USADOS EM SENTIDO NÃO-FAMILIAR

Adão e Eva — em seu sentido místico e como aplicado ao indivíduo são, respectivamente, a individualidade exterior, ou sentido e razão, e a individualidade interior, ou alma e intuição, as quais, juntas, constituem o ser humano. E são como homem e mulher, um para o outro, uma vez que representam, respectivamente, o elemento centrífugo ou força, que é masculino, e o elemento centrípeto ou amor, que é o elemento feminino da existência. Para um tratamento completo deste assunto, ver *The Perfect Way*, Preleções VI e VII.

*Arche*¹⁷³ — Um termo grego que significa começo, causa primeira, origem, tendo sido usado primeiramente por Anaximander (580 a.C.) no sentido de princípio (*principium*) para designar a base eterna e infinita ou substância (*sub-stans*) das coisas, a qual não é ela mesma uma coisa, mas aquela de quem todas as coisas procedem, e da qual são constituídas, e para a qual retornam.

É, pois, o recipiente, portanto, o feminino, o elemento ou modo da Deidade como distinto do energético e masculino elemento ou modo; ou Deus, a Mãe, distinto de Deus, o Pai. É também chamado de quarta dimensão ou o *dentro* do espaço, da qual procedem as outras dimensões; e o *noumenon**, realidade, ser, ou “a própria coisa”, que é o fundamento ou *sublocal* do fenômeno, da aparência, da existência ou da coisa percebida. Como original, Divino, auto-existente e, desse modo, diferente da matéria, que é secundária, derivada e criada, Arche designa a substância semelhante à divindade e à alma, o núcleo tanto de Deus como do homem. A palavra *Ark*** deriva dela e, como a palavra arca, que em hebreu é *tebah*, significa qualquer tipo de embarcação recipiente. Em uma das antigas versões da Bíblia — o Coptico — *thebi* é usado em vez de *tebah*, uma forma que o relaciona ainda mais de perto com Tibet, Tebas e outros lugares similarmente chamados como sendo, aparentemente, os lares dos mistérios, assim representando a alma como o domicílio do Espírito e a fonte de todos os conhecimentos Divinos.¹⁷⁴ Assim, em sua aplicação mais elevada, a arca de Noé designa a substância Divina original contendo, em seu seio, as “oito pessoas”, Deus (a Mente) e Seus sete espíritos, os quais se espalharam por todo o Universo.

173. Em Arche, Afrodite, Perséfone, Psique, Herpe e todos os termos gregos terminados em *e*, a letra final é pronunciada. O *ch* é normalmente pronunciado como *k*.

* N. do T.: número.

** N. do T.: arco.

174. Ver página 87, nota 40.

Fluido Astral — O éter universal do espaço e a substância imediata do Universo manifesto, que se transforma nos vários elementos por meio da diferenciação e polarização. Não é a substância da alma, seja não-individual ou individual, pois esta é Divina e não criada; mas é a primeira projeção da alma-substância dentro do material da criação, como o véu da alma. Ele subsiste sob vários níveis de pureza e tenuidade, e é a residência de todos os espíritos abaixo do celestial. No homem, ele constitui o terceiro elemento de seu sistema, contando de dentro para fora. E estando junto ao corpo, age como médium interventor entre ele e a alma. Como substância, é o assento da mente mundana ou razão inferior; e uma condição desordenada dele é a causa freqüente de desordens mentais, não devidas a lesões do organismo.

Espíritos Astrais — Enquanto a esfera astral é o lar de todos os espíritos abaixo do celestial, e sua cobertura externa ou corpo etéreo são dela constituídos, há espíritos, ou melhor, entidades assim chamadas, que são dela totalmente constituídos, não possuindo natureza espiritual nem material. Estes não possuem existência fora do homem e são emanações do homem, sendo para ele como reflexos de si próprios, mas destituídos de substancialidade, como as imagens em espelhos. Como acontece com os crescimentos mórbidos no sistema físico, tal como o tumor, eles se tornam novos centros de atividade do sistema, desviando sua sustentação do sistema geral para o esgotamento ou emancipação do individual, e somente mediante um regime saudável da mente e corpo, do qual a freqüente e fervorosa prece é um importante elemento, eles podem ser subjugados e a vitalidade absorvida por eles retorna pelos devidos canais.

A função da prece, em tais casos, consiste em ser um modo de direcionar a mente para dentro e para o alto com tal energia que converta sua trêmula e difusa substância em uma chama, por assim dizer, desse modo tornando-a incapaz de dividir ou divergir — uma condição incompatível com a obsessão astral. O fluido astral constitui o perispírito, sócia ou corpo astral do homem em vida, e seu espectro fantasma, ou Ruach, após a morte. O corpo astral é chamado também de corpo magnético e ódico, conforme a referência à substância, força ou outro atributo. Alega-se que o termo ódico é uma derivação oriental. Os hindus aplicam o termo Akasa ao éter astral em seu estado primordial ou pré-cósmico. As emanações astrais ou “reflexos” das pessoas são visíveis para o lúcido, o qual — a menos que devidamente instruído — é incapaz de discriminá-los dos espíritos estranhos genuínos, de modo que sua personificação é ser parecido com a vida. O “médium” meramente mecânico é prontamente receptivo à sua influência. E muitos médiuns que estejam ao lado são capazes de receber daqueles sugestões mentais — geralmente de caráter daninho — e de os confundir com sugestões vindas de uma Fonte Divina ou de alguma outra fonte, podendo ser tida como considerada. O fantasma astral pode servir de médium para uma comunicação com um espírito que tenha realmente partido;

porém, a mensagem depende, para ter valor, da independência do veículo transmissor. O mero fantasma, não controlado pela alma, não é um instrutor ou guia confiável e, visto que o astral é mais uma emancipação para o corpo do que um elemento distinto, é essencial esclarecer a visão espiritual de que o corpo também está sujeito à regra da pureza, especialmente com relação à dieta. Isso com relação ao astral e seu lado oculto.

Em seu aspecto místico, ele designa a região da fraqueza espiritual, da dúvida, da tentação, da dificuldade e da tristeza, sobre as quais o aspirante, em sua emergência do “Egito” das coisas meramente materiais e intelectuais, fixa seu olhar ao encontro da “Terra Prometida” da perfeição espiritual. Pois o deserto que existe no meio, e que deve penosamente ser atravessado, não é outro senão o cinturão astral dentro de seu próprio sistema, já nestas páginas primorosamente apresentado no hino ao planeta deus (Parte II, XIII [6]) de modo a não necessitar aqui mais explicações. Com relação à distinção entre os termos místicos e ocultos, ver a explanação dada em *Ocultismo*.

O Eleito é um termo cujo mal-entendido tem sido um tropeço e uma maldição para a Cristandade. E o mal surgiu por meio da supressão da doutrina da multiplicidade de vidas terrenas, por outro lado chamada de doutrina da reencarnação ou transmigração, e a conseqüente suposição de que todo aquele que não for realmente o eleito está condenada e perdida — uma crença que, por ser uma atribuição ao caráter de um Deus, caprichoso, arbitrário e impiedoso, serviu grandemente para obscurecer a visão da perfeição da Natureza Divina.

A verdade é que por eleito são designados apenas aqueles nos quais o processo de redenção já começou, de modo a assegurar sua última salvação, enquanto todos os outros são, conseqüentemente, capazes de falhar por estarem em um estágio rudimentar de suas evoluções para ter atingido o estado desejável e, portanto, ainda sem a certeza da salvação.

Vendo quão pequena é a proporção das pessoas, em qualquer um dos períodos ou geração, que podem ser tidas como eleitas e quão complexo e prolongado é o processo para a elaboração do indivíduo desde o seu começo, na forma mais inferior da vida orgânica, até o ápice da evolução humana, na qual a humanidade une-se à Divindade, a negação da multiplicidade de vidas terrenas, para proporcionar as oportunidades exigidas de experiência, seria a sentença de perdição para a raça inteira. Ao passo que, como está — de acordo com a doutrina antiga e universal, agora novamente recuperada — muito distante das almas, tem seu começo em alguma etapa arbitrária da escada da evolução, com seu destino de alegria e angústia, não simplesmente dependente do uso feito por elas em uma única e breve existência entre condições completamente novas e estranhas para elas, mas, fixadas arbitrariamente — independente do que podem ou desejam —, elas começam na esfera mais inferior, retornando mais uma vez, e outra vez para o corpo, tendo muito tempo e oportunidade para determinar

suas próprias sortes finais, de acordo com as tendências que são voluntariamente encorajadas por elas.

Hades (hebraico *Sheol* = inferno; *lit.* na escuridão) — Designa as esferas inferiores da consciência, o material ou astral, em que a alma, a qual pertence, por sua natureza, ao superior e celestial, deve estar “na prisão” ou “abaixo do altar”.

Iaco, Jacó e Joaquim — O último desses três nomes é aquele com que a tradição cristã designa o pai da Virgem Maria, em reconhecimento óbvio à sua derivação, como alma, dele como Espírito planetário. Os próprios nomes não são relacionados uns com os outros em forma e significado, porém, eles têm uma referência em comum às funções e às características especiais do Deus da quarta esfera — a terra, a matéria, o corpo. Pois, implicando força, esforço, sucesso e triunfo, eles indicam todos os estágios pelos quais o espírito passa, desde sua primeira projeção na matéria até sua redenção e final exaltação na alma. É verdade que os sucessos de Jacó sobre seu irmão Esaú, quando o suplantou no direito de nascimento e bênçãos, são atribuídos à astúcia, e somente teve sucesso quando, à força, “altercou com Deus e o convenceu”. Porém, visto que os irmãos são os tipos, respectivamente, da personalidade exterior e interior, dos quais o primeiro é o mais velho em virtude de ter sido o primeiro a se manifestar no homem, a astúcia pela qual Jacó obteve sua vantagem designa, precisamente, aquela natureza superior em que a alma, de modo sutil, supera o corpo e mostra-se como a única e verdadeira herdeira da vida eterna.

A origem egípcia de Joaquim (assim como também de Jeová) está indicada em II Reis 23-34, em que é dito que o faraó mudou o nome de Eliaquim para *Jeioaquim* (do qual Joaquim é equivalente); enquanto a identidade deste nome com Iaco está implícita no fato de ter sido imposto pelo conquistador ao rei conquistado, uma vez que apenas os nomes dos Deuses do primeiro foram impostos.

Carma — Por meio da recente apropriação deste termo oriental para a língua portuguesa, um valioso acréscimo foi feito ao nosso vocabulário de ciência mística. Ele não é, entretanto, familiar o bastante para o traduzir como supérfluo. A idéia insinuada por ele, isto é, a persistência, após a morte, dos efeitos das tendências encorajadas e das características adquiridas em vida e a necessidade, quando estes foram ruins, de expiação e correção pelos sujeitos a eles está envolvida na doutrina do purgatório e recompensa. Mas, visto que, pelo Carma, acontece o retorno repetido às vidas na Terra que, para que sejam trabalhados os defeitos de caráter, e pelo purgatório, acontece somente a expiação *post-mortem* por meio do sofrimento, sem desenvolvimento experimental, o último termo não é, de jeito algum, equivalente ao primeiro.

A inabilidade da grande maioria das pessoas em lembrar de suas existências anteriores é devida ao fato de o retorno ser apenas do ego permanentemente, ou alma, e não da personalidade externa; e são muito poucos os que

têm sucesso, durante a vida, em estabelecer com suas almas relações tão íntimas a ponto de ter conhecimento da história de suas almas. Porém, o fato da personalidade externa ser deixada assim desinformada sobre o assunto não invalida, de modo algum, nem a verdade nem o valor da reencarnação, já que a função do corpo é servir como um instrumento pelo qual a alma ganha experiências. E o fim dessas experiências é obtido quando a alma as aplica para seu próprio avanço. Nem é o fato — se for um fato — de que apenas alguns poucos espíritos, comparativamente, com os quais é mantida relação admitem a doutrina, válida como um argumento contra ele, uma vez que o agente de tal comunicação é dificilmente a própria alma, mas sim apenas seu invólucro astral, e este não está em melhor posição do que o corpo material para se pronunciar sobre a questão.

Milagre — Na falta de uma definição anterior dos termos natural e humano, os termos sobrenatural e sobre-humano devem ser severamente excluídos de qualquer tentativa para se definir milagre. Ao definir milagre como o “efeito natural de uma causa excepcional”, o termo natural é usado simplesmente no sentido de metódico, regular, normal, legítimo, razão pela qual ele permanece apenas para mostrar em que sentido a causa é excepcional. Este termo deriva sua força da desigualdade do desenvolvimento humano no que diz respeito às capacidades humanas. Como um microcosmos do macrocosmos, o homem inclui em seu sistema, tanto real como potencialmente, tudo o que está no Universo e, em virtude de ter obtido a consciência e o domínio sobre qualquer plano dentro de si próprio, ele é capaz de obter a consciência e o domínio sobre o plano correspondente fora de si próprio. O homem totalmente desenvolvido — aquele que, tendo realizado todas as potencialidades de sua natureza, é o homem típico — é capaz de exercer o controle sobre todos os planos do ser, da própria existência sobre a qual o homem não desenvolvido é ignorante, não encontrando consciência que responda a eles dentro de si próprio. Para ele, portanto, a manifestação desses sinais de domínio constitui milagres. Esses sinais representam, para ele, uma região e um poder que, pela virtude de transcenderem seu próprio âmbito de observação e habilidade, são por ele tidos como de natureza transcendente, sendo, assim, milagrosos. Porém, nem transcendem a natureza, nem são milagrosos (usando estes termos no sentido convencional) para o homem que os opera, porque ele sabe que são os efeitos naturais de causas que são excepcionais apenas por pertencerem à esfera da natureza, conhecida apenas por uns poucos. Nem podem ser tidos como de natureza transcendente e miraculosa, nem mesmo pelos não-desenvolvidos que os testemunham, salvo pela responsabilidade do homem não-desenvolvido de se referir a si e a seus pares como típicos homens, e como medida da natureza e da humanidade, e para considerar tudo o que transcende seus próprios limites como também transcendendo a natureza e o homem. Seu erro está, é claro, em restringir sua concepção da natureza e do homem ao material e físico e, assim, tanto assumindo que o físico e o

espiritual estão além da natureza e do homem como negando a eles qualquer valor verdadeiro.

Agora, o homem não-desenvolvido subsiste de dois modos. Em um deles, ele é totalmente rudimentar no que diz respeito a todas as faculdades que ultrapassam o físico, a saber, o intelectual, o moral e o espiritual. E no outro, ele é desenvolvido — possivelmente em um grau extraordinário — no que diz respeito a alguma das esferas da consciência designada por esses termos e, ainda assim, é totalmente rudimentar no que diz respeito às outras esferas. O típico cientista do dia, por exemplo, é um dos que é bastante desenvolvido no que concerne à faculdade intelectual, enquanto referente à consciência das coisas materiais, mas, no que diz respeito às coisas morais e espirituais, ele é totalmente rudimentar; ele é totalmente antagônico com relação à sua atitude para com as experiências da ordem normalmente tidas como milagrosas e sobrenaturais — pela sua incapacidade de reconhecer as regiões correspondentes em si próprio —, como para torná-lo completamente inacessível à razão e evidência de seu benefício. Isto quer dizer que ele tem uma idéia fixa que nenhuma razão ou evidência pode remover. Agora, é um fato significativo que a possessão de uma idéia fixa, que nenhuma razão ou evidência pode remover, é tida pelos próprios cientistas materialistas, aqueles cuja especialidade é a medicina, como razão suficiente para atestar seu possessor como insano e inadequado para viver à solta.

É por meio das pessoas semelhantemente rudimentares, no que diz respeito à consciência espiritual, que a importante função do criticismo literário é, de longe, a maior parte exercida; tendo como resultado a confissão das experiências espirituais, é tratada em tom de desprezo e indecência de modo a amplamente dissuadir a promulgação dessa classe de experiências; seus receptáculos encolhendo de maneira a expor suas “pérolas” à profanação, e a si próprios ao insulto e à afronta. Portanto, acontece que, entre o médico e o crítico literário, a confissão das experiências indicativas das potencialidades mais elevadas do homem — e, em certo sentido, “milagrosas” —, em nossos dias, foi tida como perigosa, e o mundo foi, em consequência, desprovido de testemunho, o qual o teria, de longe, salvo do abismo do irracional e da negação dentro do qual caiu. E esta repressão e rejeição da experiência, em deferência de uma hipótese — é curioso notar — ocorreu em uma época na qual a vaidade era maior do que em outras épocas, especialmente por não acreditar em nada de graça, mas, fazer da experiência a única base do conhecimento.

Tal negação do homem nas altas potencialidades é, outrossim, totalmente inconsistente com a crença na evolução como método de criação, combinada que é com a confissão da ignorância absoluta no que diz respeito à natureza da substância na qual a evolução ocorre.

Misticismo — Tem como antítese o materialismo (em religião), quando trata com aquelas realidades e verdades que são espirituais, eternas e da

alma, ou seja, com os princípios, processos e estados referentes à consciência interior, ao invés de com pessoas, lugares e eventos que são físicos, históricos e dos sentidos; diz respeito aos escritos sagrados quando expressos em termos derivados das últimas como sendo realmente referentes às primeiras, e válidas somente quando se referem a essas. Por essa razão o místico religioso somente toma a palavra da Escritura como um veículo para o espírito e faz seu estudo para discernir o espírito por meio da palavra, de modo a evitar a limitação do espírito à palavra, levando-se em consideração que a substituição do sentido literal da Escritura pelo sentido espiritual tem sido devido à perversão da cristandade, dando lugar a um fetiche, ao mesmo tempo monstruoso, idólatra e desonroso, tanto de Deus como do homem, motivo pelo qual, na condição que prevalece até esse ponto na Cristandade, o místico vê o cumprimento como uma profecia, na expressão que diz “a palavra mata, como tão completamente a adoração matou a faculdade de percepção das coisas Divinas”. E, desse modo, ele insiste que somente por meio do renascimento do Misticismo pode a verdadeira Cristandade — ou seja, aquela de Cristo — ser restaurada.

Misticismo e Ocultismo — Estes termos são idênticos na medida em que são, respectivamente, grego e latino naquilo que, por sua natureza, é escondido ou secreto no que diz respeito às percepções externas. Porém, eles diferem essencialmente no que concerne à região em particular ou departamento do escondido e do secreto ao qual eles, respectivamente, se referem. Ocultismo lida com a região e seu fenômeno, os quais, sendo interiores ao corpo e exteriores à alma, constituem os círculos astrais ou magnéticos que separam um dos outros, e é o ambiente imediato da alma. O Misticismo lida com os princípios, processos e estados, os quais, sendo interiores à alma e compreendendo o espírito, determinam o progresso e a condição da alma. Isto quer dizer que o Ocultismo implica o físico transcendental, pertence ao reino da ciência e do intelecto e é “humano”. O Misticismo implica a metafísica transcendental, pertence ao reino da religião e da intuição e é Divino. Desses dois reinos, os representantes típicos são, respectivamente, o Adepto e o Cristo, cuja explanação feita a Anna Kingsford é explicada por seu Iluminador Divino: “Se o Ocultismo fosse tudo e tivesse a chave do céu, não haveria necessidade do Cristo... Se os adeptos do Ocultismo ou da ciência física fossem suficientes para o homem, eu não teria entregue essa mensagem a ti”.

Número (Noumenon) — ver em *Arche*.

Polarização — Toda partícula da matéria, diminuta ou tênue, fixa ou fluídica, possui dois pólos magnéticos, um positivo e outro negativo. Polarização, conforme o termo é usado neste livro e em *The Perfect Way*, consiste no arranjo de partículas constituindo qualquer unidade, em tal ordem, que traga cada pólo de cada partícula em imediata conjunção com o pólo oposto de outra partícula — o positivo de uma se ligando ao negativo de

outra — de modo a permitir a passagem de uma corrente contínua de energia através de todas as séries.

Regeneração — Este termo implica muito mais do que é atribuído a ele nos dicionários teológicos, e a falha em entendê-lo tem sido a causa de todas as perversões da Cristandade. Pois, se a doutrina da salvação por meio da regeneração, tão enfaticamente assegurada por Cristo a Nicodemos, tivesse sido devidamente compreendida, não teria havido lugar para a apresentação ortodoxa tanto da Encarnação como da expiação. Visto que ele significa simples e puramente a reformação ou reconstituição do indivíduo a partir da substância espiritual de sua alma em vez do material criado de seu corpo. Tal homem é interior, místico, espiritual, e sua elaboração ocorre no corpo como em uma matriz constituída de elementos mais grosseiros, sendo a causa eficiente da operação do Espírito Divino na alma, ele próprio cooperando com isso; e quando totalmente elaborado, ele pode dispensar completamente tanto o corpo como todos os outros elementos externos à alma; ou, se o processo for cumprido quando ainda no corpo, ele pode abstrair e transmutar seu corpo em espírito. O indivíduo assim produzido é tido de imediato como filho de Deus e do homem. Ele é o filho do homem porque é produto da humanidade; e é Filho de Deus porque é gerado imediatamente pela energia Divina. E diz-se, também, que ele é o filho da mulher, de uma virgem, porque ele é produto da alma e é constituído da substância da alma, e a qual é, misticamente, chamada de mulher, sendo o elemento feminino da natureza do homem e a “mãe” do homem. Quando pura da materialidade é chamada virgem, tendo o mesmo nome de Maria que os ilimitados mares do espaço, a substância sendo, ao mesmo tempo, dela e da Deidade.

Este é o motivo pelo qual a expressão de Jesus: “Deves nascer outra vez da água e do espírito” é uma declaração de que, primeiro, é necessário que cada um que será salvo, cedo ou tarde nascido do mesmo modo que ele próprio, como um típico Homem Regenerado, tenha nascido, e, depois, que a narrativa do Evangelho a respeito de seu nascimento é, na verdade, uma apresentação simbólica e mística do processo de regeneração, não tendo nenhum significado físico, é Jesus Cristo, no qual e pelo qual a salvação ocorre, não é mais do que a personalidade espiritual regenerada de cada pessoa (ver *The Perfect Way*, v. 45).

Falhando em compreender a doutrina verdadeira da expiação e para reconhecer sua identidade com a da regeneração, a visível igreja deixou totalmente de lado a regeneração e em lugar tanto da regeneração como da verdade imediata com Deus, apoiou tudo na falsa doutrina da expiação.

Ressurreição — Este termo é usado na Escritura com diversos sentidos, nenhum dos quais é o normalmente suposto, uma vez que não há ressurreição do corpo morto e desintegrado. A crença atual surgiu pela preferência da palavra ao espírito, exercida em completo desacordo tanto das idéias que os escritores das místicas Escrituras pretendiam transmitir

como dos fatos da existência. Assim, os “túmulos” de João 5, 28 implicam apenas a camada ou o modo mais baixo de consciência, o material e o astral, no qual, durante sua vida terrena, a alma é tida como enterrada; e a ressurreição do versículo 29 é o despertar da alma para o reconhecimento do destino, no qual incorreu por meio de seu comportamento durante certo período. Há uma ressurreição que ocorre quando ainda no corpo — a ressurreição da “morte em transgressões e pecados” para a consciência das coisas espirituais e uma conseqüente vida de santidade. A “Primeira Ressurreição” (Apocalipse 20, 5-6) consiste na redenção do corpo, quando ainda vivo, da obrigação da morte, por meio de sua transmutação ou aspiração em sua substância espiritual original (ver Parte I, nº XXI, e Parte II, nº V). Aqueles que alcançam esta ressurreição são chamados de os primeiros frutos, isto é, primeiros da fila (Apocalipse 14, 4). Eles são os Cristos totalmente manifestos que são glorificados no Hino a Foibos. Paulo rogou por essa distinção, mas falhou por sua incapacidade de obter o domínio necessário sobre os elementos de seu corpo.

A outra ou segunda ressurreição consiste no investimento da alma com o corpo espiritual, o qual servirá a ela como um ambiente indestrutível após o término de sua associação com o material e com o astral. Desenvolvendo-se imediatamente da própria alma, ela constitui não o surgimento do corpo, mas, um corpo surgido.

Segundo Advento de Cristo — Uma leitura cuidadosa dos versos 54 e 58 da Parte II, nº V, demonstra que eles não implicam um retorno do real Jesus dos Evangelhos, mas que seu sentido será satisfeito por semelhante manifestação do princípio de Cristo como compreendendo uma exibição de poder, como aquele que consiste na “ascensão”. Isso é a “ressurreição” — no sentido de transmutação — do corpo por meio de sua aspiração pelo espírito, pois aqueles, nos quais e pelos quais o processo é desempenhado, são da ordem e levam o título de Jesus Cristo.

Tal evento, por si só, não constituiria o “Segundo Advento”, mas apenas a demonstração coroada daquele. O advento constituirá mais uma revelação da idéia de Cristo, de tal maneira que será tão completamente entendida, enquanto torna possível a demonstração do anteriormente descrito. Neste sentido, o Segundo Advento pode ser dito como já em andamento, visto que a idéia de Cristo está agora, pela primeira vez na história da Igreja, sendo entendida em seu sentido verdadeiro. Este é o sentido no qual ele constitui o “evangelho eterno” da passagem escolhida como lema para este livro, considerando que somente é eterno aquele que, em virtude de seu ser puramente espiritual, e inerente à natureza do Ser e, portanto, perfeitamente lógico, subsiste independentemente do tempo, pessoa e lugar, e até mesmo da própria matéria (ver parte I, /nº III.)

Esta passagem foi amplamente aceita como se referindo à promulgação das Escrituras quando da Reforma. Mas, verificando que somente sua palavra foi então promulgada, enquanto seus espíritos totalmente reserva-

dos, sua própria referência deve ser para uma promulgação que, pela revelação desta, pode ser tida, por si só, como uma verdadeira promulgação. É sob este ponto de vista que está a apreciação inteligente da idéia Cristo, pela primeira vez agora conhecida, implícita na declaração de que “o filho do homem será visto vindo nas nuvens do céu com poder e grande glória” — “céu” e “nuvens do céu” sendo termos místicos designando a razão superior do homem, o céu microcômico dentro do indivíduo.

Filhos de Deus — Ver em Regeneração.

2008
6107

Este livro foi composto em Times New Roman, corpo 11/12.
Papel Offset 75g – Bahia Sul
Impressão e Acabamento
Prol Editora Gráfica – Av. Papaiz, 581 – Jd. das Nações – Diadema/SP
CEP 09931-610 – Tel.: (0__11) 4091-6199 – e-mail: prol@prolgrafica.com.br